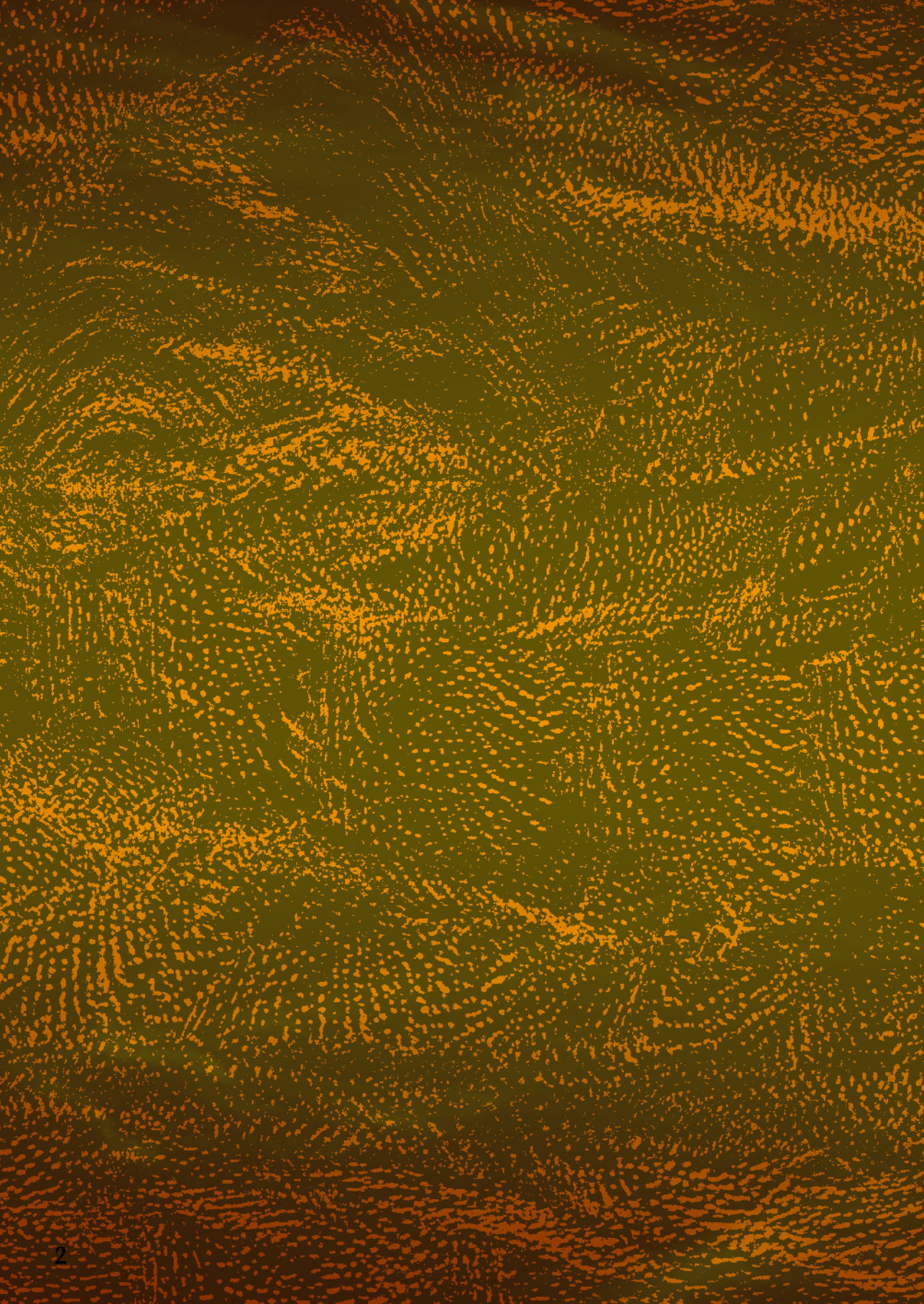
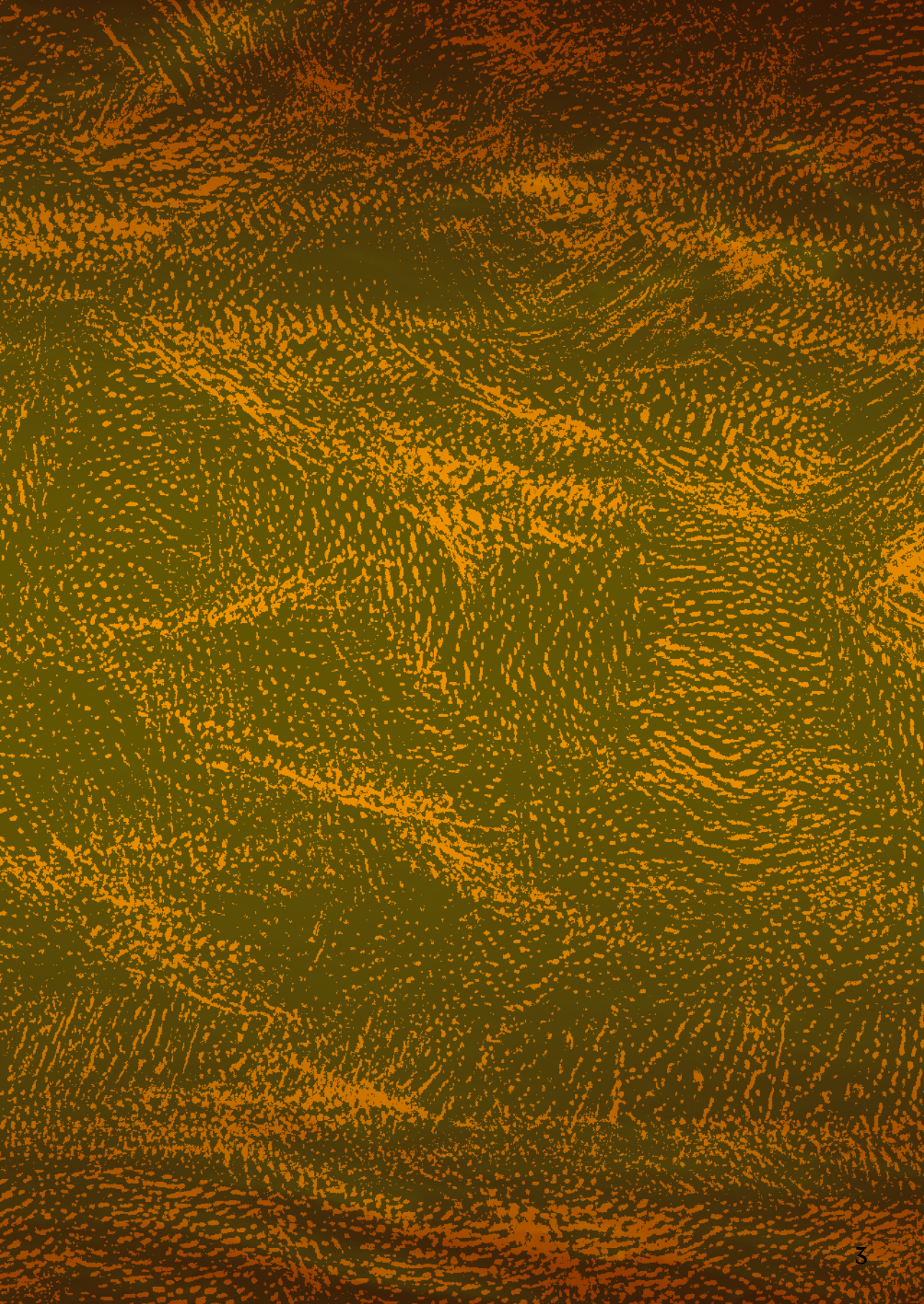


ATOS

The image features a landscape with rolling hills and a forest, overlaid with a green and yellow textured pattern. The word "ATOS" is written in a large, white, serif font across the upper portion of the image.





ATOS

arte

participação

território

coordenação editorial Paula Varanda



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

D.M^{II}

TEATRO
NACIONAL
D. MARIA II

ATOS

Arte, participação e território

Uma parceria entre a Fundação Calouste Gulbenkian
e o Teatro Nacional D. Maria II

Coordenação editorial

Paula Varanda

Produção editorial

Clara Vilar e Narcisa Costa (FCG), Léa Prisca López,
Maria Abrantes Alves, Maria João Santos, Patrícia
Romão e Patrícia Silva Santos (TNDM II)

Autores

Léa Prisca López, Luís Sousa Ferreira, Luís Jerónimo,
Maria Abrantes Alves, Maria João Santos, Maria
Vlachou, Martin Essayan, Narcisa Costa, Patrícia Silva
Santos, Paula Varanda, Pedro Penim, Rui Catarino,
Sofia Campos, Sónia Teixeira

Seleção fotográfica e edição de testemunhos

Paula Varanda

Fotógrafos

Álvaro Miranda, Filipe Ferreira, Hugo Andrade,
João Vaz, João Versos Roldão, Lais Pereira,
Miguel Gregório, Rafael Farias

Revisão de texto

Vera de Vilhena

Conceção gráfica

Joana & Mariana

Impressão Norprint – A Casa do Livro

Tiragem 1000 exemplares

© Fundação Calouste Gulbenkian
e Teatro Nacional D. Maria II, 2024

ISBN 978-989-8807-58-8

Depósito legal 536973/24

Fundação Calouste Gulbenkian

Av. de Berna, 45 A

1067-001 Lisboa

gulbenkian.pt

Teatro Nacional D. Maria II

Praça Dom Pedro IV

1100-201 Lisboa

tndm.pt

Lisboa, outubro de 2024

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste
livro pode ser reproduzida sob qualquer forma
(eletrónica, mecânica, fotocópia, etc.) sem a prévia
autorização por escrito da Fundação Calouste
Gulbenkian e do Teatro Nacional D. Maria II

ATOS

arte
participação
território

ÍNDICE

- 11 Nota de abertura Fundação Calouste Gulbenkian
MARTIN ESSAYAN
- 13 Nota de abertura Teatro Nacional D. Maria II
RUI CATARINO, SOFIA CAMPOS, SÓNIA TEIXEIRA
- 16 X ATOS
PEDRO PENIM
- 18 Paisagem humanizada
LUÍS SOUSA FERREIRA
- 27 Pelos caminhos da participação – o contributo do programa
ATOS para a promoção da democracia cultural
LUÍS JERÓNIMO e NARCISA COSTA
- 35 Funcionamento do ATOS, uma gestão criativa e participada
MARIA JOÃO SANTOS
- 41 O trajeto da mediação: articulando os rizomas
LÉA PRISCA LÓPEZ e MARIA ABRANTES ALVES
- 51 Uma viagem das artes pela democracia em Portugal
PAULA VARANDA
- 67 Vamos aos ATOS. Reflexões sobre projetos
artísticos habitados por lugares e pessoas
PATRÍCIA SILVA SANTOS
- 91 Confiar, amar, cuidar. Democracia cultural,
políticas culturais e participação
MARIA VLACHOU
- 100 Viajando pelo ATOS – uma narrativa de imagens
e testemunhos que falam por si
- 186 43 projetos ATOS
Resumos, números, equipas, participantes
e biografias das estruturas artísticas
- 281 Créditos fotográficos
- 282 Notas biográficas autores









NOTAS DE ABERTURA

MARTIN ESSAYAN

Administrador executivo da Fundação Calouste Gulbenkian

A Fundação Calouste Gulbenkian tem vindo a desenvolver, nos últimos anos, uma agenda de trabalho focada na promoção do papel cívico das artes. Esta agenda é norteada pelo princípio da participação cultural como um direito, cabendo a instituições como a Fundação contribuir para que esse direito seja exercido por todos.

Este compromisso de trabalho foi renovado no atual ciclo estratégico da Fundação para o período 2023–2027. Com efeito, na área de *grantmaking* da Fundação Calouste Gulbenkian, foi reforçado o apoio a esta área, tanto em Portugal como no Reino Unido e em França, procurando não só responder às necessidades específicas de cada país onde atua, mas também estimulando um maior trabalho em rede em termos internacionais. Por outro lado, a Fundação tem procurado incorporar estes princípios de trabalho no seu posicionamento enquanto organização cultural, como aponta a nova estratégia do Centro de Arte Moderna ou o trabalho de curadoria participativa, desenvolvido pelo Museu Calouste Gulbenkian. Por último, a Fundação tem estabelecido parcerias com outras entidades culturais que partilham a mesma visão.

É este o caso do trabalho desenvolvido com o Teatro Nacional D. Maria II (TNDM II), com quem tem sido um privilégio colaborar no âmbito do programa ATOS, inserido na sua iniciativa Odisseia Nacional. O livro que agora se publica procura dar testemunho do percurso de promoção da democracia cultural – grande desígnio do ATOS – realizado, por todo o país, ao longo de 2023 e até março de 2024. Com este percurso procurou-se dar voz ao território

e incentivar maior participação nas localidades onde o ATOS decorreu. Foi uma jornada entusiasmante, que envolveu as equipas do TNDM II e da Fundação, os coletivos artísticos responsáveis pelos projetos, as equipas municipais e uma rede vasta de parceiros locais. A todos agradecemos, pelo seu empenho e compromisso na concretização do programa ATOS.

Este livro celebra o primeiro ano do ATOS, reunindo diferentes perspetivas sobre o caminho percorrido até ao momento: apresentam-se os principais objetivos e princípios e a visão sobre este programa, através das vozes do TNDM II e da Fundação Calouste Gulbenkian; detalha-se o trabalho de mediação desenvolvido no terreno; partilha-se o olhar dos responsáveis pela monitorização do programa; enquadra-se o ATOS no movimento de construção da democracia cultural. O livro inclui também testemunhos dos participantes envolvidos, um registo fotográfico e informações sobre cada um dos projetos realizados – uma narrativa que se foi construindo ao longo dos muitos quilómetros percorridos.

Este percurso mostrou-nos a diversidade do território português, ainda marcado por grandes assimetrias e desigualdades, mas onde nos foi possível encontrar alguns traços comuns, nomeadamente no que diz respeito à vontade de contribuir para uma sociedade mais justa e coesa, onde a cultura é fator decisivo de conhecimento e compreensão.

Como se lê no testemunho de uma das participantes nas atividades do ATOS, “Sentimos muitas vezes a falta de consciência do poder que cada um de nós tem no lugar onde vive. (...) As pessoas e as comunidades têm muito a dizer sobre o que acontece no seu território.” Despertar esta consciência, gerar confiança e promover transformação foram as traves-mestras do programa ATOS. Na verdade, são os pilares da democracia que a cada dia devemos construir.

RUI CATARINO, SOFIA CAMPOS, SÓNIA TEIXEIRA

Conselho de Administração do Teatro Nacional D. Maria II

Sejam bem-vindas todas as pessoas ao Teatro Nacional D. Maria II.

Este teatro manifesta-se de formas cada vez mais diversas, e esta publicação é disso matéria e testemunho. A Odisseia Nacional, programa de coesão territorial pela cultura iniciado pelo TNDM II em 2023, marca, mais do que poderíamos antever, uma ampliação dos papéis desempenhados por este teatro e, portanto, das formas que o mesmo assume.

A Odisseia Nacional percorre todo o território português, tendo abrangido cerca de 90 municípios em 2023 e tocando mais de 50 em 2024, num programa estruturado em cinco eixos: Peças (espetáculos), Frutos (escolas), Nexos (formação), Cenários (pensamento) e este ATOS, dedicado aos projetos participativos. Em paralelo, uma exposição itinerante sobre 100 anos de história do teatro em Portugal, *Quem és tu? – um teatro nacional a olhar para o país*, circula por dez cidades.

Este programa multiforme foi desenhado em colaboração com um conjunto alargado de parceiros, que partilham a nossa visão de construção de uma realidade na qual o exercício do direito fundamental da participação cultural das populações encontra menos barreiras. O desígnio do aprofundamento da democracia cultural é, por natureza, coletivo. E assim agradecemos à Fundação Calouste Gulbenkian a profunda cumplicidade nestes atos que vão criando comunidade, partilha e empatia nos locais onde ocorrem.

Passaram apenas duas gerações desde que emergimos de meio século de uma ditadura repressiva e obscurantista, que manteve Portugal pobre e analfabeto, tentando anacronicamente manter

colónias subjugadas e exploradas através de guerras mortíferas. Uma ditadura que nos isolou do mundo. A democracia, cujos 50 anos de juventude comemoramos este ano (comemoraremos sempre!), trouxe-nos liberdade, progresso e desenvolvimento humano, mas, sempre incompleta, não foi ainda capaz de ultrapassar todas as barreiras a uma cidadania plena. Apesar do salto quântico entre o Portugal de hoje e o de antes, a elevação dos índices de participação cultural das nossas populações e a correção das suas assimetrias geográficas e sociais são ainda desafios que exigem o empenho constante de instituições públicas e privadas, terceiro sector, profissionais e agentes culturais, educativos e sociais. Porque sabemos que uma maior participação cultural é uma cidadania mais plena e informada, empática e reflexiva, queremos contribuir para que todo o país se reveja no espelho da pluralidade de vozes e histórias que o compõem.

E é assim que estes ATOS, que vos damos a conhecer nesta publicação, fazem parte de um compromisso do Teatro Nacional D. Maria II em assumir, também, o seu papel político de agente de coesão territorial pela cultura e de elevação do capital cultural do nosso país, no seu todo. Para isso, continuaremos a congregar alianças virtuosas para a mudança, fundadas na inclusão, diversidade, empatia e generosidade, em muitos atos presentes e futuros.





X ATOS

PEDRO PENIM

Diretor artístico do Teatro Nacional D. Maria II

As artes participativas têm como premissa o envolvimento direto das comunidades, dos públicos, no processo criativo, rompendo a barreira tradicional entre artistas e espectadores, e criando um espaço dinâmico de interação e cocriação. Quando bem-sucedidas, são ferramentas ideais no sentido de democratizar o acesso à arte, tornando-a mais inclusiva e representativa das diversas vozes e histórias que compõem o território português. O Teatro Nacional D. Maria II cedo incluiu esta abordagem – que naturalmente se estende à arte teatral – na sua agenda para 2023, um ano verdadeiramente revolucionário na sua já longa história, de quase 180 anos: o ano da Odisseia Nacional.

A esta narrativa, verdadeiramente épica, juntou-se a generosidade da Fundação Calouste Gulbenkian, que com grande entusiasmo se tornou um parceiro primordial, e 40 destemidas autarquias, o que permitiu criar uma profusão de ações a que chamámos ATOS. Estes objetos artísticos, verdadeiros “produtos da terra”, proporcionaram a abordagem de questões territoriais, sociais e políticas relevantes, promovendo um diálogo aberto sobre temas como identidade, migração e sustentabilidade, por exemplo, não apenas enriquecendo o tecido cultural do território português, mas também fomentando maior consciência e reflexão crítica entre instituições, autarquias, artistas, participantes e público em geral.

Estes muitos atos, que proporcionam outros tantos atos, e que semearam ainda mais atos, são uma façanha merecedora de uma reflexão cuidada, como poderão ler e verificar nas páginas seguintes.

Paisagem humanizada

LUÍS SOUSA FERREIRA

Adjunto da direção artística do Teatro Nacional D. Maria II

A grande premissa subjacente à Odisseia Nacional foi pensar o território português através da arte teatral. O programa ATOS surgiu com este objetivo, convocando as comunidades, as estruturas artísticas e as instituições locais e nacionais a criarem projetos que partiam dos lugares, os ativavam e os colocavam em relação.

O território português é habitado há milénios. Ao longo dos tempos foi sendo esculpido, trabalhado, ocupado e vivido. Muito do que tomamos como natural foi edificado e domesticado pelo ser humano, num dado ponto no tempo. Diverso, tanto na sua geografia como no clima, Portugal depara-se com um dos seus maiores desafios: a coesão territorial. Muitas vezes indissociáveis estão também outros desafios contemporâneos, como a desertificação; o envelhecimento populacional; as alterações climáticas; os incêndios florestais; as monoculturas intensivas; a baixa densidade demográfica, presente numa grande parte da extensão do território; as migrações; a perda de bio e agrobiodiversidade; o recrudescer de ecossistemas culturais e ambientais; o crescimento exponencial das áreas periurbanas; o centralismo; a mobilidade; os novos e os velhos recursos energéticos e a extração de minério, só para citar uma parte. Estes são alguns dos desafios para os quais urge a criação de um pensamento crítico, a partir de várias ações à dimensão local, que beneficiem das vivências e apropriações das comunidades, e também das visões externas que as tornam mais inteligíveis e bem enquadradas. Os territórios não são estanques, resultam de uma série de fatores culturais, económicos e sociais, que os transformam e ressignificam. O ATOS pretendeu pôr

em prática diferentes processos e ferramentas, artísticos e culturais, a fim de promover diálogos e encontros cívicos.

Dentro do arco de ações da Odisseia Nacional, o TNDM II desafiou a Fundação Calouste Gulbenkian para ser parceira do programa ATOS, que teve por base objetivos tão ambiciosos como, por exemplo, o mapeamento das realidades culturais dos vários territórios e a reflexão sobre a diversidade do país, a partir das escalas locais. Pretendeu-se esbater a ideia abstrata, e por vezes folclórica, que existe de Portugal. Quando se pensa na diversidade do território, utilizam-se binómios que já nada têm que ver com a realidade (como a cidade e o campo), sendo também comum o uso de referências tipificadas em meados do século passado, as quais engavetam o país a partir de um olhar confortável e não muito curioso. Um território pode ser tudo ao mesmo tempo. As fronteiras são administrativas e a simplificação identitária deixa muito e muitos de fora. No ATOS, a ideia de encontro era central e, para isso, perspetivaram-se projetos intergeracionais, inclusivos e o mais representativos possível. Simultaneamente, pretendeu-se alinhar um programa artístico, para relacionar o pensamento contemporâneo com as identidades locais, além de aproximar as comunidades das linguagens artísticas. O objetivo foi utilizar ferramentas artísticas partindo do local para pensar desafios globais, aproximando-nos, ao mesmo tempo, de outras leituras do próprio lugar. O aqui e agora! Afinal, ser contemporâneo é viver o Hoje.

Outro requisito fundamental foi trabalhar com quem vive nos locais de destino dos projetos ATOS. O contacto e a partilha, invariavelmente, provocam mudanças na forma como nos relacionamos com os outros. De um modo informal, havia o objetivo de compor equipas locais para as práticas da mediação cultural; isto é, pretendeu-se despertar para a necessidade dos processos participativos, distinguindo-os de outras práticas menos permeáveis. Por isso, envolver artistas e associações culturais locais tornou-se outra das premissas do programa.

Um programa em três atos

O programa ATOS viabilizou 43 projetos, de curta duração, distribuídos por 40 concelhos e dinamizados por 16 estruturas artísticas. O território foi dividido em três eixos temáticos: Paisagem, Património e Pessoas. Uma identificação fluida, uma vez que os três se encontram interligados. Contudo, este desenho tornou possível conjugar os interesses dos municípios com os perfis e experiências das estruturas artísticas, bem como garantir maior diversidade temática e o envolvimento de organismos locais distintos.

Paisagem: neste eixo foram desenvolvidos 16 projetos que tiveram em vista promover o maior conhecimento da paisagem e dos ecossistemas locais, a consciência para os desafios da manutenção desses ecossistemas e, ainda, a promoção de hábitos mais sustentáveis. Os projetos cruzaram olhares artísticos com conhecimentos científicos e costumes locais, e integraram as pessoas na Natureza. Projetos: *Observatório dos Rios*, coordenado pela Guarda Rios; *O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)*, coordenado pela Formiga Atómica; *Penélope*, coordenado pela Umcoletivo; *O caminho alado dos cânticos sussurrados*, coordenado pela Marina Palácio; *Folha Volante*, coordenado pela À Escuta.

Património: neste eixo foram desenvolvidos 14 projetos que partiram do património, tanto edificado como imaterial, colocando-o em relação com o pensamento contemporâneo. Tendo por base os centros históricos, monumentos e arquivos, foram desenhados projetos que habitaram, ativaram e interligaram este património com as pessoas. Os projetos promoveram a recolha e a partilha de lendas, tradições e memórias dos lugares, como pontos de partida para a criação artística e valorização local. Projetos: *Assembleia*, coordenado pela Amarelo Silvestre; *Estórias com Memória*, coordenado pela Limite Zero; *Mapas para uma Feli(z)cidade, Cidade Adentro e Ossónoba*, coordenados pela Gira Sol Azul; *Porvir e Boca pr'a que te quero*, coordenados pela Burilar; *Canta Conto Conta*, coordenado pela Discos de Platão; *Solo*, coordenado pelo Colectivo Espaço Invisível.

Pessoas: neste eixo foram desenvolvidos 13 projetos focados nas pessoas, na sua ativação e valorização, tendo por base a diversidade das comunidades locais. Estes projetos priorizaram o combate a estereótipos, na promoção da igualdade de género e na integração de imigrantes. Os projetos fomentaram novas práticas comunitárias para a resolução de problemas, investindo na criação de modelos de cidadania mais proativos. Projetos: *Cartografia dos Desejos*, coordenado pela Pele; *Mil e uma Noites*, coordenado pela Umcoletivo; *Parlapatório*, coordenado pela Cassandra; *Ato de Arrebanhar e Outras Transumâncias*, coordenado pela Talkie-Walkie; *Vida Real, Nós, Quem Somos?* e *Ouvidos ao Vento*, coordenados pela Ondamarela; *Pe_SOA: o dia em que os Ansiões celebram o Futuro*, *Pe_SOA: Esta Linha que nos Une!* e *Pe_SOA: a que estado é que queremos chegar?*, coordenados pela Lugar Específico.

Outros centros

No primeiro trimestre de 2022, desencadearam-se as primeiras visitas aos municípios, pela direção artística e Conselho de Administração do TNDM II onde, de uma forma exploratória, foram

Distribuição de projetos por eixo,
por distrito e 16 equipas artísticas envolvidas

● PAISAGEM (16 projetos)

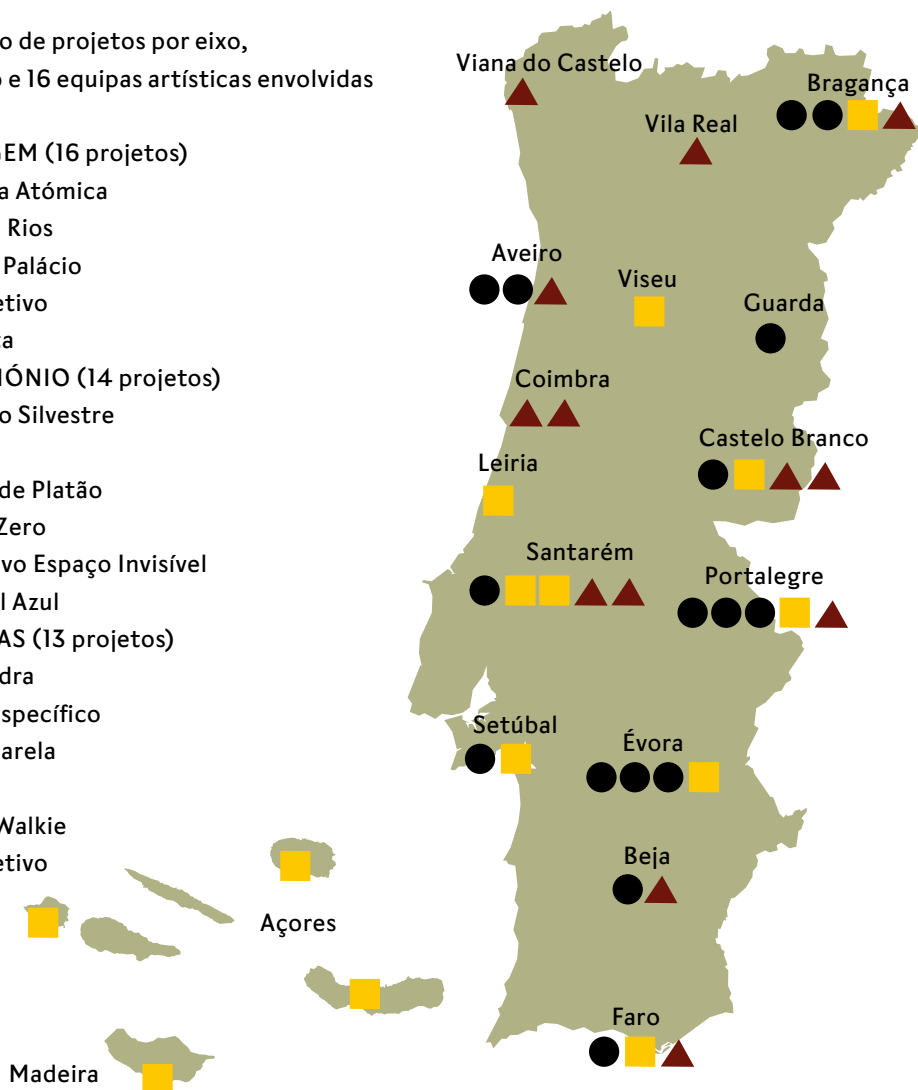
Formiga Atómica
Guarda Rios
Marina Palácio
Umcoletivo
À Escuta

■ PATRIMÓNIO (14 projetos)

Amarelo Silvestre
Burilar
Discos de Platão
Limite Zero
Colectivo Espaço Invisível
Gira Sol Azul

▲ PESSOAS (13 projetos)

Cassandra
Lugar Específico
Ondamarela
Pele
Talkie-Walkie
Umcoletivo



levantados os interesses e as necessidades dos executivos, bem como das equipas que formam os equipamentos municipais de cultura.

O ATOS propôs-se como um catalisador ou promotor de outros ou de novos centros, e comunidades artísticas enraizadas um pouco por todo o país, e de um território mais coeso, a partir da sua diversidade. Para cumprir este desígnio, foram convocados municípios com escalas e geografias muito distintas, mas onde as práticas participativas eram um lugar de desejo – ainda por cumprir ou já uma característica de distinção.

Todos os parceiros assinaram uma carta em branco, na qual pouco se sabia sobre o que iria acontecer. Acordaram-se metodologias de cooperação, datas de partilha pública e pouco mais.

Os equipamentos municipais da cultura revelaram-se os parceiros primordiais da ação, mas sempre como agentes de mediação do território e não como lugares de chegada. Ao programa subjaz uma visão policêntrica do país, que se pretendeu disseminar, e onde se favoreceu o “entre-espaços” e o trabalho em rede. Esta premissa contribuiu para a diversidade de abordagens ao território, criando verdadeiros projetos *site specific*, potencializando as suas especificidades. Criaram-se, deste modo, projetos únicos e feitos à medida, esbatendo os conceitos de centro e de periferia, assentes num binómio que também é falacioso.

Novos tempos

A escolha das estruturas artísticas foi feita segundo dois critérios distintos: estruturas com experiência consolidada e interesse em processos partilhados e participativos; e estruturas que pretendiam abrir os seus processos de pesquisa à auscultação e envolvimento das comunidades. Estas duas tipologias marcariam abordagens muito diferenciadas. No primeiro grupo, as estruturas artísticas coordenaram projetos criados de raiz, a partir do local e com os próprios participantes – com uma perspetiva de democracia cultural. No segundo grupo, foram criados lugares de acesso, partilhando referências, sempre com origem em processos já estruturados, onde a voz dos participantes foi essencial – na perspetiva da democratização da cultura.

No ATOS, programar e mediar foram ações indistintas do início ao fim. A direção artística assumiu o papel do desafiador e, muitas vezes, de *agent provocateur*, por meio de propostas abertas, balizadas pelo campo de ação dos restantes programas da Odisseia Nacional. Valorizaram-se os processos, sem forçar demasiado as atenções para a criação de um espetáculo. Em projetos curtos, que nunca permaneceram mais do que um mês no território, a pressão do espetáculo final iria obrigar as estruturas artísticas a recorrer a receitas e a aplicar modelos mais fechados, que encurtariam os lugares de debate, propondo desafios aparentemente mais eficientes, mas talvez inócuos. Porém, a total ausência de uma partilha pública iria isolar os processos na invisibilidade e diminuir o compromisso dos participantes, tornando a experiência incompleta. Neste sentido, perspetivaram-se modelos de partilha à comunidade, os quais deveriam ser definidos durante o processo no terreno, entre estruturas artísticas e participantes. De realçar que a festa, impressa no carácter celebratório de muitos projetos, foi também um modo de manifesto, produtor de esperança e de sentimento de pertença. Como defende Eduardo Galeano, “O corpo não é uma máquina como nos

diz a ciência. Nem uma culpa como nos fez crer a religião. O corpo é uma festa” (1993, p. 138). As apresentações públicas contaram com formatos tão distintos como: percursos e instalações artísticas, apresentações informais, assembleias, residências abertas, convívios, entre outros.

O programa ATOS foi também imaginado sob a convicção de que é urgente devolver às pessoas o campo do sensível e a curiosidade sobre o Outro. Contudo, observou-se que a hiper-institucionalização dos processos culturais tem gerado uma crescente uniformização dos discursos, esbatendo a diversidade inerente às sociedades do presente. A precariedade laboral, as equipas subdimensionadas e os programas frenéticos condicionam a ação das estruturas culturais, diminuindo o seu impacto territorial. Com o ATOS pretendeu-se contornar esse paradigma, reforçando o trabalho da mediação e apoiando a equipa local a diversificar modelos de convite à participação. O programa tentou ir além dos participantes habituais, chamando outros agentes, outros grupos e indivíduos, para maior representatividade e reflexão sobre o território.

Dentro de uma vasta diversidade de processos e estéticas, as estruturas artísticas conseguiram desenhar ações que ofereceram aos participantes o conforto necessário, no sentido de estes ficarem disponíveis para o inevitável desconforto da arte. Sem nunca fugir dos temas e ideias mais controversos, os dispositivos criados foram a porta de entrada para uma partilha mais honesta.

Na superfície do território

Habitua-mos a valorizar os processos mais profundos e a considerar os modelos mais superficiais como menos sérios. Na programação cultural, uma das tensões mais presentes está no equilíbrio entre a ideia de unidade, com as vantagens do aprofundamento temático, *versus* a ideia de multiplicidade, onde a visão aglutinadora de ideias e temas prevalece. Contudo, em 2023, o ATOS comportou-se como uma pele, uma superfície com múltiplas possibilidades. Tratou-se, pois, de um modelo de maior dispersão, que permitiu uma experimentação intensa de ferramentas, com perspetivas múltiplas e atuações diversas, cruciais para o conhecimento do território nacional. Mais tempo de trabalho, uma das solicitações mais transversais das equipas, não é, necessariamente, garantia de um maior compromisso e as questões importantes, neste modelo de curta duração, também ficaram à flor da pele. Uma pele com vários sentidos, como definiu Michel Marder:

A pele tem muitas das propriedades da folha, por exemplo, não só respiramos pelos pulmões mas também com a pele, a fotossensibilidade da pele, ou mesmo o ouvir. Ouvimos com os ouvidos, mas também recebemos vibrações, que passam pelo ar na pele. Ao falarmos de invisibilidade, tornamo-la visível com as nossas palavras. (Marder & Tondeur, 2021)

No desenho de intenções do programa ATOS propôs-se, às estruturas artísticas e equipas municipais, uma reflexão sobre o legado que ficaria nos territórios após a realização do programa. Os projetos participativos acarretam um peso enorme: desenvolvem a consciência do potencial destes processos e criam vivências próximas e intensas com os territórios, que podem gerar muito sentido nas equipas, mas também frustração. O que fica de tudo isto? Existem estratégias mais eficientes do que outras para a gestão da “ressaca”, mas, sem a promoção efetiva da democracia da cultura – que invariavelmente proporcionará um contexto contínuo, mais diverso e múltiplo de oportunidades e desafios –, existirá sempre um sabor agridoce. Estes projetos, sem esse contexto, serão entendidos como um oásis e podem reforçar um sentimento de abstinência nos participantes. Contudo, não devemos temer estas boas vivências, mas sim fazer com que estas sejam gatilhos de mudança. Em cada experiência estaremos mais perto desse lugar.

O impacto do programa, verificado ao longo da sua execução, foi inequivocamente importante pela:

- sinergia pioneira entre autarquias, entidades parceiras, artistas, comunidades e os diversos públicos;
- participação diversificada das comunidades e adesão às propostas de programação;
- repercussão na comunicação social, pares e sociedade em geral;
- maior valorização para autarquias, TNDM II e espaços culturais destes processos;
- dimensão histórica e inédita desta iniciativa.

Estamos conscientes de que há ainda muito por fazer. No entanto, os impactos percecionados apelam à necessidade de pensar, no imediato, a continuidade do programa, bem como a sua implementação estrutural na atividade deste Teatro Nacional. O ATOS, que começou como um programa eventual, inscreve-se agora nas linhas de ação transversais à programação do TNDM II.

Referências bibliográficas

Galeano, E.H. (1993). *Las palabras andantes*. Siglo Veintiuno. España Editores.
Marder, M. e Tondeur, A. (2021). *Chernóbil Herbarium*. NED Ediciones, cit. por

Culturgest (s.d) – Energia do invisível.
<https://www.culturgest.pt/pt/media/energia-invisivel/> (acedido a 30.5.2024).





Pelos caminhos da participação – o contributo do programa ATOS para a promoção da democracia cultural

LUÍS JERÓNIMO e NARCISA COSTA

Diretor e gestora de projetos do Programa Equidade da Fundação Calouste Gulbenkian

Esta é uma conversa entre Luís Jerónimo e Narcisa Costa acerca do que representou, para a Fundação Calouste Gulbenkian, o primeiro ano de implementação do programa ATOS, bem como a relação de parceria estabelecida com o Teatro Nacional D. Maria II.

Qual o posicionamento e a visão da Fundação Calouste Gulbenkian, para a área da participação e do acesso à cultura?

Luís Jerónimo A Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) tem vindo a desenvolver, há mais de uma década, uma agenda de trabalho focada na relação entre arte, comunidade e participação; uma agenda norteada pelo princípio de que a participação cultural é um direito, e que temos de salvaguardar o exercício desse direito para todos. Nesse sentido, a Fundação tem apoiado projetos de diferentes organizações, nomeadamente através da iniciativa PARTIS – e mais recentemente por meio da iniciativa PARTIS & Art for Change¹, em parceria com a Fundação “la Caixa”.

A intervenção da Fundação Gulbenkian, nesta área, estende-se também ao trabalho desenvolvido pela sua Delegação no Reino Unido, onde se tem focado na promoção do papel cívico das artes. No ciclo estratégico 2023–2027 da Fundação, a área do acesso à cultura ganhou ainda maior protagonismo, sendo um dos campos de atuação do Programa Equidade. Neste sentido, importa destacar três

1. Mais informação em: <https://gulbenkian.pt/partisartforchange/>

prioridades desta área de trabalho no atual ciclo estratégico: em primeiro lugar, fortalecer as parcerias com outras instituições culturais de alcance nacional – como é o caso do TNDM II –, no sentido de dar maior relevância ao papel das comunidades na estratégia e programação dessas instituições; em segundo lugar, promover uma maior troca de conhecimento e boas-práticas, em termos internacionais, em colaboração com outras fundações e instituições europeias; por último, continuar a incorporar estes princípios de trabalho na estratégia da Fundação Calouste Gulbenkian, fomentando maiores sinergias entre a área de *grantmaking* da Fundação e a área de programação cultural: CAM, Museu, Música e Biblioteca de Arte.

Narcisa Costa A agenda da Fundação, no que se refere ao acesso à cultura, sublinha a importância da participação cívica na sociedade, para a manutenção e o fortalecimento das democracias. Existe também a compreensão de que a arte é um território único para que encontros, entre diferentes visões e experiências, possam existir; um espaço privilegiado para conhecer o Outro e reconhecer a diferença. Acreditamos que a arte abre espaço para que esses encontros sejam feitos de um modo mais livre, com menos ruído ou interferências, tornando possível uma partilha mais frutífera. O reconhecimento da importância da participação, para a saúde das nossas sociedades, tem-nos guiado num percurso que começou focado no desenvolvimento de alguns projetos de arte participativa e que, neste momento, corresponde a uma visão mais alargada de incentivo à incorporação de metodologias participativas, na estratégia de quem as pode promover e implementar, sejam instituições culturais, municípios ou outras entidades.

Como surgiu a parceria com o Teatro Nacional D. Maria II e o que nos levou a aceitar o desafio de desenvolver, em conjunto, o programa ATOS?

L. J. Lembramo-nos bem do dia em que reunimos, pela primeira vez – na altura com a Cláudia Belchior e o Luís Sousa Ferreira² –, com o TNDM II a este propósito. Nessa reunião, apresentaram a proposta de programação do teatro para o ano de 2023 – Odisseia Nacional – e a vontade que tinham de incluir uma vertente de trabalho ambiciosa, inédita em termos de percurso pelo país, focada nas questões da participação – o ATOS. Esta parceria entusiasmou-nos

2. À data, Cláudia Belchior era presidente do Conselho de Administração do TNDM II e Luís Sousa Ferreira adjunto da direção artística de Pedro Penim.

desde a primeira hora, porque não tinha apenas que ver com partilha de custos e recursos para viabilizar o projeto, mas também com a possibilidade de partilha de experiência e aprendizagens. Esse primeiro encontro foi um momento muito feliz para nós também, pelo reconhecimento do trabalho da Fundação na área da participação por parte de uma entidade de referência, como é o caso do TNDM II. Acreditamos também que o envolvimento e o trabalho em parceria, de instituições como a Fundação e o D. Maria II, podem desempenhar um papel importante na sinalização da pertinência desta agenda, não só porque permite abrir novos caminhos e assumir riscos, mas também criar confiança e contribuir para a credibilização do trabalho, na área da participação e de novas formas de exercício de cidadania.

N. C. Este desafio era muito entusiasmante, porque nos permitia alargar o alcance do nosso trabalho na agenda da participação e, de certo modo, chegar a territórios onde não temos estado tão presentes. Tem sido um exercício de mapeamento e conhecimento do território realizado de maneira muito próxima e, por isso, muito rico. Sabíamos que esta experiência iria tornar possível identificar ou confirmar necessidades específicas do território nacional, que irão contribuir para orientar as linhas futuras de atuação e investimento da Fundação, nesta área da participação e do acesso à cultura. Por outro lado, o facto de irmos desenvolver este programa com uma estrutura como o Teatro Nacional, que tem uma experiência bastante distinta da Fundação Gulbenkian, no que respeita aos projetos artísticos participativos, foi também aliciante. Iria permitir-nos abordar e discutir diferentes visões, e formas de pensar e implementar projetos de participação cultural.

Como se desenvolveu o trabalho entre as duas instituições?

L. J. As conversas iniciais com o TNDM II foram muito interessantes, no sentido de alinhar expectativas, procurando antecipar não apenas o que seria alcançável, mas também o que não seria possível realizar, tendo em conta o tempo de trabalho em cada um dos municípios. Estas conversas ajudaram a estabilizar metodologias e rotinas de trabalho, reconhecendo o papel essencial da mediação, para o sucesso destes projetos, e antecipando que nem todos teriam de resultar num momento formal de apresentação. Nalguns casos, o que é mais efetivo nos processos de participação é o que acontece de modo mais invisível.

N. C. Quando o ATOS nos foi apresentado, com a direção do Luís Sousa Ferreira, havia já um plano bastante bem definido e com o qual concordámos. Houve, de qualquer modo, espaço para sugerirmos a participação de algumas estruturas artísticas. O D. Maria II lançou-nos o desafio de desenvolvermos um processo de acompanhamento e avaliação do programa, abrindo-nos a possibilidade de envolver pessoas com experiência, nesta área, e que pudessem ter um olhar crítico sobre o percurso do ATOS.

Creio que o nosso maior contributo não foi tanto no desenho de raiz do projeto, mas no processo de operacionalização do mesmo. Os projetos ATOS têm uma duração muita curta (cerca de um mês, em média), e aconteciam em série, com muito pouco tempo entre eles. Nós contribuimos na reflexão sobre as metodologias que estavam a ser aplicadas. Questões muito práticas, como não chamar “ensaios” às sessões de trabalho com as comunidades; ou não usar a expressão *open call* como referência a momentos de convite à participação, quando queremos chegar a pessoas que não estão habituadas a este tipo de dinâmicas, nem familiarizadas com esta linguagem. Podem parecer pormenores, mas sabemos que fazem toda a diferença no envolvimento das comunidades.

O que nos trouxe esta experiência?

N. C. Esta experiência foi muito enriquecedora, por tudo aquilo que nos permitiu testemunhar, questionar, confirmar, avançar no nosso percurso, no âmbito da participação e do acesso à cultura. Nós partíamos, desde logo, de uma experiência muito distinta daquela que era a proposta deste programa ATOS. Na Fundação Gulbenkian, temos trabalhado com projetos artísticos de participação, que possuem uma duração longa, nomeadamente os projetos da iniciativa PARTIS, apoiados em ciclos de dois a três anos. Os projetos que iríamos desenvolver no ATOS tinham a duração média de três a quatro semanas em cada território e isso, à partida, era algo que nos fazia questionar e debater sobre o que poderiam estes projetos proporcionar às pessoas e aos territórios, num tão curto espaço de tempo.

Foi muito interessante ver reafirmada a importância de alguns princípios, que sabemos serem essenciais para o sucesso dos projetos de participação, independentemente da sua duração, mas que são mais cruciais ainda quando falamos de projetos de curta duração. O exercício de alinhar expectativas entre todos os envolvidos nos projetos – que no caso do ATOS eram as estruturas artísticas, as pessoas participantes, os municípios, o TNDM II e a FCG –, e de

definir essas expectativas partindo da realidade que está à nossa frente. Se temos um projeto com a duração de uma semana, compreender o que esse projeto pode proporcionar a quem nele participa. Para mim, foi entusiasmante perceber a relevância destes projetos, embora muito curtos, no que respeita à sensibilização e ao despertar do desejo para a participação cívica. Não iriam promover mudanças profundas, mas tinham o poder de deixar em mais pessoas a vontade de participar, e de contribuir ativamente para pensar e atuar nas suas comunidades e nos seus territórios.

Outro aspeto muito relevante, nesta experiência, foi o facto de colaborarmos com 16 estruturas artísticas bastante distintas entre si, que utilizam diferentes metodologias para desenvolver o trabalho de participação. Sabemos que não há uma metodologia única para estes processos, embora existam princípios essenciais no trabalho de participação e de relação com as comunidades. Termos podido observar, e acompanhar, uma diversidade de metodologias que espelham a identidade de cada estrutura artística, de cada artista, sem deixarem de responder às exigências do trabalho de participação, foi particularmente gratificante.

Por último, importa aqui falar do território; de como pudemos conhecer a realidade diversa do território de uma forma muito próxima. Não que tenhamos tido imensas surpresas e encontrado um país com uma realidade que não imaginávamos, mas a proximidade trouxe-nos uma camada extra de realidade sobre: Como se posicionam as comunidades em relação aos movimentos culturais, aos movimentos cívicos nos seus territórios? Como se veem os municípios a si próprios, e ao seu papel, nesta relação entre território, arte e comunidades?

A nossa presença em cada município permitiu-nos observar realidades específicas, perceber o que já faz cada um deles, como se posiciona cada entidade e como pode a própria Gulbenkian posicionar-se, face a estas realidades que encontramos nos diferentes territórios. Um dos resultados desta relação, e deste contacto direto e de proximidade com os municípios, é aquilo que estamos já a desenvolver neste ano de 2024, numa segunda etapa do programa ATOS: convidámos alguns municípios que desejam tornar a prática da participação mais consistente, na sua maneira de atuar, para desenvolver projetos um pouco mais prolongados, com maior sustentabilidade, que permitam um maior enraizamento desta prática nos seus territórios.

L. J. O que vou dizer são apenas notas de rodapé, face ao que a Narcisa já referiu. O ATOS permitiu-nos testemunhar que vivemos num país de grandes assimetrias. Essas assimetrias também se fazem sentir no interesse e/ou capacidade de envolvimento dos diferentes municípios, em práticas desta natureza. Há municípios que têm já um grande histórico de trabalho neste campo. Para esses municípios, o ATOS foi mais uma etapa de um percurso maior que já desenvolviam e a que irão dar seguimento. Para outros municípios, o ATOS foi um dos primeiros passos na agenda da participação e foi, queremos acreditar, importante no incentivo à sua continuidade.

É interessante referir, igualmente, o impacto deste trabalho não só nos municípios e territórios, mas também nas estruturas artísticas envolvidas. Essas estruturas tinham níveis diferentes de experiência, na área da participação, e sentimos que o seu envolvimento no ATOS foi, ainda, um momento transformador e de crescimento para estas estruturas.

Qual o contributo que a Fundação poderá ter para o desenvolvimento desta agenda no futuro?

N. C. Há todo um caminho a fazer no sentido de promover uma democracia cultural, isto é, perceber que há diferentes formas de olhar a arte, que há diferentes modelos de contribuir para a cultura, e não apenas uma visão muito particular das instituições culturais com a sua programação definida *para* pessoas e não *com* as pessoas. Tal não significa substituir um modelo por outro, mas antes mostrar que diferentes abordagens e formas de fazer arte e cultura podem coexistir, e que todas são legítimas. O caminho passa por assegurar que as instituições culturais sejam mais permeáveis e que promovam um exercício de escuta regular e consequente, percebendo de que modo as pessoas querem participar e o que desejam construir, culturalmente, com as suas comunidades. No caso do ATOS, houve muitas pessoas (nas entidades artísticas, nos municípios e nas populações) que responderam a este exercício de escuta, bem como à proposta da iniciativa. E é extraordinário testemunhar a alegria de quem participou neste tipo de projetos pela primeira vez, percebendo como podem construir algo em conjunto. Promover essa vontade, despertar esse desejo de construir em conjunto foi, a meu ver, o grande ganho do ATOS.

L. J. A promoção de uma agenda de trabalho na área da participação não acontece por decreto, ou da noite para o dia; antes corresponde a um espectro de diferentes opções e, acima de tudo, à possibilidade de fazer um caminho. É esse caminho que estamos a tentar fazer internamente, incentivando, também, outras instituições a fazê-lo. Creio que os desafios futuros desta agenda passam por pensar outras possibilidades de participação, não só em termos do processo de criação, mas de modelos de governança e processos de tomada de decisão nas organizações culturais. Nesse sentido, é muito interessante acompanhar o movimento que está a acontecer no Reino Unido, e que a Fundação tem também acompanhado e apoiado.

Muitas vezes continuamos a falar dos fracos índices de participação e dos fracos índices de cidadania, apontando o dedo, apenas. Mais do que apontar o dedo, devemos perguntar: Por que razão isso acontece? E o que podemos nós fazer de diferente, para que esses índices de participação e esses índices de cidadania cresçam? Continuamos a utilizar esta noção de públicos e de formação de novos públicos numa lógica ainda muito passiva, de uma organização cultural que decide, unilateralmente, o que quer programar e que depois tenta trazer até si públicos. Porventura essa dinâmica tem de ser alterada. Se forem dadas oportunidades de participação, o envolvimento da comunidade será mais efetivo e diversificado. Para que tenhamos mais e novos públicos, é preciso que as instituições desçam das suas torres de marfim, no nosso caso situadas na Avenida de Berna ou no Rossio, indo ao encontro das pessoas, estando mais próximas, onde a vida efetivamente acontece. É muito importante medir o pulso à realidade, para melhor orientar o nosso trabalho futuro. Acredito que a relevância das instituições culturais passará, em larga medida, pela centralidade que derem à agenda da participação.



Funcionamento do ATOS, uma gestão criativa e participada

MARIA JOÃO SANTOS

Mediação e projetos de continuidade do Teatro Nacional D. Maria II

O ATOS foi um programa embrionário e multifacetado. Pô-lo em prática foi um exercício de criatividade. O seu carácter dinâmico e o contexto imprevisível onde atuou, desenrolando-se em várias frentes e com várias pessoas, levou as equipas envolvidas na sua operacionalização a ativarem todos os sentidos e reinventarem-se, constantemente. Um desafio irresistível que exigiu empatia e aprendizagem.

A descrição que se segue procura contar a história do ponto de vista da gestão do programa ATOS – da responsabilidade do Teatro Nacional D. Maria II –, sabendo que dirigir um projeto artístico envolve muitas ações, por vezes impercetíveis e imensuráveis, sendo ainda mais complexo transformá-las em palavras.

Começar por conhecer

Em novembro de 2022, quando o programa ATOS foi apresentado, sabíamos quem eram as equipas artísticas e da sua distribuição por eixos temáticos, regiões e municípios, bem como as datas de apresentação dos projetos, de janeiro de 2023 a março de 2024. Tudo o mais estava em aberto, dadas as características do programa, a flexibilidade face ao modo como os processos podiam ser desenvolvidos, a diversidade de práticas artísticas e, sobretudo, a interação com território e comunidades. Apesar de caminhar para um terreno desconhecido e indefinido, o ponto de partida e o ponto de chegada estavam marcados e delimitavam a nossa atuação, juntamente com os objetivos operacionais. A estratégia para implementar o ATOS passou, em grande parte, por auscultar equipas artísticas e parceiros

a fim de pensar, em conjunto, no caminho mais adequado a cada projeto.

O primeiro passo foi conhecer todas as estruturas artísticas. Desta partilha saíram pistas importantes, por exemplo, o que perspectivavam para o ATOS e quando visitariam o território – começámos lentamente a construir um tronco de ação comum. Em simultâneo, conhecer as equipas municipais e convocá-las para a primeira reunião com todos os envolvidos – estruturas artísticas, Fundação Calouste Gulbenkian e equipa do TNDM II –, seguindo a ordem cronológica da programação ou a urgência em agendar uma primeira visita.

Enquanto estas aproximações aconteciam a grande velocidade, conhecer o lugar do ATOS dentro e fora do TNDM II, demorou algum tempo. Do ponto de vista operacional, o programa estava sob a tutela da Direção de Relações Externas e Frente de Casa, na qual foi criado um núcleo, uma equipa ATOS formada por funções de coordenação, mediação e monitorização-avaliação, trabalhando em permanência com a Direção Artística. As três frentes respondiam à necessidade de apoiar a criação dos projetos e compreender o seu funcionamento no terreno, construir um pensamento sobre o todo e ter uma visão panorâmica dos modos de fazer e de agir. A equipa ATOS agiu, sobretudo, como um agente desbloqueador de informação e ativador de diálogos entre artistas, participantes e municípios, orbitando em torno de um objetivo comum – a fluidez dos processos artísticos e da relação entre os envolvidos.

A coordenação foi o ponto focal do ATOS, nutrindo a parceria com os municípios e a Fundação Calouste Gulbenkian. Funcionava como um centro de operações, que recebia e fazia circular entre todos a informação, monitorizando os processos numa perspetiva macro (regional) e micro (local).

O ATOS atravessou várias camadas, dentro do TNDM II, e envolveu outras Direções na sua ação. Houve uma ação concertada e simbiótica com a Direção de Produção, para adaptar o protocolo com os municípios e os contratos com as estruturas artísticas às especificidades do programa, acrescida da monitorização das parcerias. Outros exemplos desta convocatória incluem a Direção de Cena, que acompanhou alguns projetos no terreno, ou a Direção de Comunicação e Imagem, que desenvolveu materiais de promoção como um postal ou um formulário *online*, para a participação nos projetos desenvolvidos nas Ilhas e região Sul, sem contar com os muitos momentos de reuniões e conversas em torno do ATOS.

Construir um novo caminho

O ATOS era um programa novo que trazia uma linguagem nova. Os primeiros documentos internos incluíam palavras vindas da prática do teatro, o que, pontualmente, causava interpretações erradas sobre o que se estava a fazer e a exigência do que se estava a pedir. Foi necessário inscrever uma nova linguagem, mais adaptada à Arte Participativa, onde palavras como “espetáculos”, “ensaios” e “público” davam lugar a projetos, encontros e participantes.

Gerir o ATOS era também muito diferente de produzir uma peça de teatro. O seu carácter experimental e laboratorial impunha processos partilhados e construídos *in loco*, deixando em aberto o plano de trabalho, o local e formato da apresentação pública, o perfil dos participantes, os temas, os métodos.

As equipas artísticas desenhavam os planos de trabalho à medida que as visitas, residências e outras ações decorriam. No entanto, receber esta informação a conta-gotas criava um quebra-cabeças na formalização da parceria com os municípios, responsáveis por assegurar os custos com a estadia, a alimentação e as deslocações das equipas, bem como de outras áreas, nomeadamente a divulgação, os espaços, a técnica e as licenças para todas as ações. O plano de trabalho é o fio condutor da gestão de projetos, indicando quem está presente, durante quanto tempo e o que vai ser feito, permitindo calcular a logística necessária à permanência das equipas no território, bem como prever as condições de trabalho. Para mitigar este problema e chegar a um valor médio das despesas com logística, estabeleceu-se que cada equipa poderia ter até cinco elementos, permanecer 75 noites, no máximo, e realizar 20 viagens, calculadas a partir do custo do bilhete em transportes públicos.

O TNDM II e a Fundação Calouste Gulbenkian asseguravam o pagamento dos honorários das estruturas artísticas, ficando a cargo do primeiro ativar a relação com os parceiros municipais, através da coordenação e mediação. Por sua vez, a Fundação Calouste Gulbenkian tinha também um papel ativo no terreno, acompanhando os processos ou as apresentações e as reuniões de balanço. O diálogo entre as duas instituições foi constante e imprimiu uma dinâmica estável e informada ao programa. Por outro lado, o triângulo TNDM II/Fundação Calouste Gulbenkian/Municípios causou, no início, alguma entropia na fluidez da informação entre municípios e equipas artísticas. Sem perder de vista o alinhamento de expectativas entre ambos, abrimos espaço para que este diálogo fosse mais horizontal e menos dirigido.

Os primeiros meses ficaram marcados pelo arranque da Odisseia Nacional e por ações em catadupa, que multiplicavam as pessoas ligadas ao programa – equipa ATOS, equipas de comunicação, fotografia, vídeo, documentário, além da equipa de monitorização e acompanhamento da Fundação Calouste Gulbenkian. Compreender quem era quem foi desafiante. Os compromissos institucionais foram sendo ajustados aos processos e à disponibilidade dos municípios, e passámos a enquadrar, na primeira reunião, todas as ações externas à atuação das equipas artísticas, em particular a presença das equipas de vídeo e fotografia, para evitar confranger os participantes.

Planear, tentar e falhar

O primeiro trimestre do ATOS foi frenético. Se, por um lado, estávamos a descobrir como pôr em prática o programa, ao mesmo tempo ele ganhava vida própria e impunha o seu ritmo.

O arranque foi comum a todos: estruturas artísticas e municípios apresentaram-se numa primeira reunião, onde eram partilhadas ideias e metodologias e organizados os passos seguintes. As 40 reuniões foram realizadas até maio de 2023, o que permitiu antecipar dificuldades, sentir a disponibilidade dos agentes municipais e ter um panorama do que nos esperava nos meses seguintes. Este encontro determinou a forma como atuariam no território as estruturas artísticas, na sua maioria, e conseqüentemente como deveríamos agir.

As visitas aos municípios da região Norte aconteceram ao mesmo tempo que as primeiras residências e convocatórias às comunidades. A simultaneidade de ações foi por vezes desafiante de gerir embora essencial para, através da tentativa e do erro, definir melhor o nosso papel. Enquanto em Lamego, acompanhávamos o município no processo de seleção dos sete embaixadores para o projeto *Assembleia* – que resultou numa aprendizagem importante para as sessões seguintes do mesmo projeto –, em Vila Real focámo-nos em resolver questões logísticas e técnicas.

Uma relação de confiança requer uma partilha clara, sincera e antecipada acerca do que se espera e do tempo para o fazer. Os territórios eram lugares férteis para a experimentação; inventar maneiras de convocar as pessoas e partilhar práticas entraram no nosso dia a dia. A atividade “Teatro Fora do Formato”, da Formiga Atómica (pequenos espetáculos de teatro, de curta duração, que acontecem no espaço público, de surpresa), foi explicada aos lojistas numa visita prévia a Vinhais, a fim de prevenir uma estranheza que esta ação poderia causar. Em Carraceda de Ansiães, a Lugar Específico encontrou os participantes certos nos técnicos da biblioteca municipal.

O ATOS operava a partir dos lugares e fora dos palcos; as partilhas públicas – de oito projetos no primeiro trimestre – foram assumidamente criativas, o que exigiu um exercício de imaginação, sobre como se organizavam e quais os requisitos. Esta lógica *site-specific* tornava impossível acautelar, com antecedência, equipas ou material técnico. A versatilidade técnica dos projetos estava circunscrita ao material que os municípios podiam disponibilizar ou, caso fosse possível, ao equipamento dos espaços de apresentação. As apresentações eram gratuitas e foram poucos os casos em que houve limite de público.

Se os primeiros meses mostraram o fosso entre o tempo ideal e o real para concretizar os projetos, o segundo trimestre provou ser ainda mais desafiante e complexo. De abril a junho, apresentaram-se 14 projetos com formatos, dimensões e metodologias pluridisciplinares. A esta complexidade juntou-se o tamanho da região Centro, a sobreposição de planos de trabalho e apresentações e, ainda, a diversidade dos municípios. Para dar resposta aos vários projetos em simultâneo, optámos por acompanhar os artistas que começavam a sua experiência no ATOS, bem como os municípios onde houvesse menos condições para impulsionar os projetos. A prioridade passou a ser estar presente no primeiro dia de trabalho das estruturas artísticas. Como a articulação entre parceiros e estruturas artísticas tinha sido antecipada, houve mais tempo para trabalhar os processos de mapeamento e diálogo com o território. Foi mais fácil compreender, neste segundo trimestre, como se desenrolavam os diferentes projetos e ter uma visão do todo.

No terceiro trimestre, a intensidade da programação cultural que existe nos Açores, e na Madeira, apanhou-nos de surpresa. As equipas municipais desdobravam-se entre várias atividades, as associações locais e os habitantes estavam absorvidos por festas, romarias e grandes eventos, ou de férias fora das ilhas. Trabalhámos em estreita colaboração com a Discos de Platão e o Colectivo Espaço Invisível, para ativar a participação e a divulgação local. No fim, estes projetos ganharam o seu espaço nos municípios, uma valorização interna e maior noção do que este tipo de projetos precisam: mais proximidade com as pessoas e as equipas, comunicação ativa e acompanhamento durante todo o processo. A estratégia para os últimos dois meses do ATOS pôde ser desenhada com mais tempo, alicerçada numa relação próxima e contínua com os municípios. Pela primeira vez foi possível visitar, atempadamente, cada território, a fim de conhecer as equipas responsáveis e os espaços de trabalho e de apresentação, bem como recolher outras informações essenciais para o desenvolvimento dos projetos artísticos, semanas antes de

começarem. Foi possível antecipar o arranque dos projetos e o primeiro encontro com a comunidade.

Paralelamente, fomos elaborando um registo detalhado sobre o que era feito e com quem. A nossa atuação terminava com uma reunião de balanço, um momento de partilha fundamental para pensar o projeto à distância dos acontecimentos, compreender o seu impacto e o que podia ser melhorado, em particular, na nossa atuação.

O mais importante são as pessoas

Implementar o programa ATOS implicou uma curiosidade permanente e tomadas de decisão céleres. Assumir, *a priori*, esta tarefa monumental como altamente criativa, aberta ao erro e à falha, foi essencial para atenuar a tensão e a ansiedade.

Não foi preciso chegar ao final para aprender as lições mais importantes. Este é um programa *de, para e com* pessoas e, à medida que fomos avançando, as pessoas tiveram sempre o papel principal: “Esta pessoa fez toda a diferença”, “Esta pessoa não está presente”, “Esta pessoa não acompanha”, “Esta pessoa é essencial”, “Onde estão as pessoas”, foram as frases mais ouvidas no ATOS. A nossa atuação passava por ouvi-las e pô-las em relação. A segunda aprendizagem foi que o tempo marca a forma como os projetos são desenvolvidos: importa estar muito atento ao tempo que existe para fazer o que é necessário; apoiar as equipas no encontro com o Outro e ajustar a nossa presença aos tempos de que ambos precisam, reconhecendo os condicionalismos que a falta de conhecimento do território acarreta, equilibrando as expectativas de todos. Por fim, encarar cada projeto como único. A estratégia pressupôs pensar como construir as fundações, erguer os pilares e colocar os tijolos um a um. Porém, no ATOS as regras não foram transversais nem herméticas. Foi essencial escutar, olhar, sentir, estar disponível para corrigir a direção, numa ação contínua e em permanente diálogo com equipas artísticas, parceiros e comunidades.

O trajeto da mediação: articulando os rizomas

LÉA PRISCA LÓPEZ e MARIA ABRANTES ALVES

Mediação e projetos de continuidade do Teatro Nacional D. Maria II

No programa ATOS existiram vários intervenientes na área da mediação: Teatro Nacional D. Maria II, como interlocutor entre todas as partes envolvidas, desde a sua organização até à ida ao terreno; as estruturas artísticas na sua relação com os participantes; os municípios na função de parceiros na organização, mediação e acolhimento no território.

Para visualizar as dimensões de mediação no ATOS, elaborámos um esquema visual, (p. 43), desenhado a partir do sistema cultural de Claude Mollard (1999), onde se interligam quatro partes envolvidas: os criadores e os seus participantes (sistema artístico), os mediadores e os decisores.

O presente texto descreve os passos da mediação desenvolvida pela equipa do TNDM II¹, durante o ATOS, em plena prática no terreno. A principal preocupação, desta equipa, foi manter informadas e comprometidas todas as partes envolvidas com os projetos artísticos. Após um processo de mapeamento do território, o planeamento da mediação concretizada foi dividido em três fases: visita preparatória, residência artística e partilha pública, seguindo os tempos de cada projeto.

Preparação: auscultar e mapear o território

Nos trabalhos de pré-visita e/ou na visita preparatória, realizou-se uma breve caracterização dos municípios, apoiada nos dados

1. Léa Prisca López (Norte, Centro e Açores) e Maria Abrantes Alves (Alentejo e Algarve) da Direção de Relações Externas e Frente de Casa (DREFC), com reforço pontual para acompanhar as estruturas artísticas, por André Pato e Carlos Dias da Direção de Cena, e Carolina Rosado, Maria João Santos, Mariana Gomes e Patrícia Silva Santos da DREFC.

partilhados pelos mesmos, como método para preparar e desenvolver a auscultação de necessidades e interesses, o mapeamento de recursos e comunidades e o calendário de acompanhamento. As questões apresentadas aos técnicos dos municípios foram primordiais para compreender as identidades do lugar e as respetivas comunidades, os seus níveis de participação e as suas práticas culturais: Existem projetos colaborativos ou comunitários? De que forma o município mobiliza participantes? Existem grupos informais e formais, profissionais ou amadores de teatro? Os participantes tendem a ser os mesmos na adesão a projetos artísticos e culturais? Existem parcerias interassociativas? Existem projetos culturais transversais às várias divisões dos municípios?

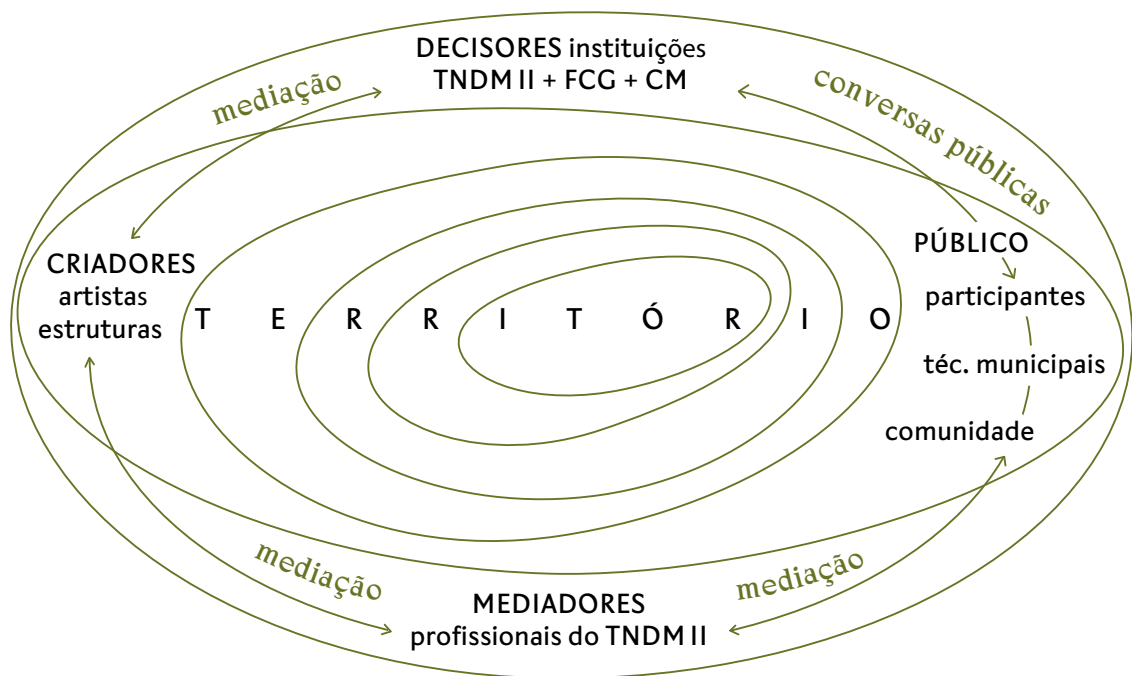
Em Montemor-o-Novo, por exemplo, a visita realizada em conjunto com a equipa da estrutura Umcoletivo, para o projeto *Penélope*, permitiu entender que a equipa do município conhecia muito bem a sua realidade e propôs direcionar o projeto de acordo com desejos e lacunas já identificados no seu mapeamento. No entanto, o mesmo é um processo em permanente construção, carece de manutenção e de ser atualizado, através de um dispositivo de escuta estreitamente ligado à mediação.

Como foi o processo durante as residências artísticas?

O arranque das residências artísticas foi o momento ideal para juntar as pessoas, contar histórias, falar das identidades e discutir o estado da cultura. Para nós, surgiu frequentemente a questão: Como podemos mediar eficazmente relações, quando os projetos artísticos são desenhados totalmente a partir do território? Enquanto mediadoras culturais, este foi o grande “charme” do ATOS; foi preciso confiar no processo, gerir as expectativas e antecipar qualquer situação imprevisível que pudesse surgir.

O convite à participação, lançado aos residentes, e a realização de uma sessão de esclarecimento sobre o que se pretendia fazer e como, variaram de acordo com as equipas artísticas e municipais, adaptando-se às necessidades de cada projeto e características do território. Para tal, foram produzidos materiais de comunicação digitais, para as redes sociais dos organismos municipais e do TNDM II, e implementadas ações de divulgação em espaços não convencionais, para tentar chegar a mais pessoas.

No período de residência as reuniões, entre a equipa de mediação do TNDM II e as equipas de técnicos municipais, foram determinantes para acertar um funcionamento colaborativo e que correspondesse às diretrizes do programa. O acompanhamento presencial



Sistema cultural de mediação do ATOS

permitiu fazer pontos de situação regulares, que informassem sobre a evolução e necessidades dos projetos.

A equipa de mediação do TNDM II acompanhou o processo dos artistas convidados e, paralelamente, partilhou, com as equipas técnicas dos municípios, ferramentas digitais e métodos de trabalho coletivo que permitiram um intercâmbio de conhecimento, de modo direto e informal.

No Teatro Municipal de Vila Real, por exemplo, com o intuito de fortalecer a compreensão das diversas facetas do trabalho de mediação, realizámos uma sessão de auscultação a toda a equipa de frente de casa e bilheteira. Esta auscultação foi partilhada com a restante equipa do teatro, por forma a conhecerem-se melhor. Foi um momento rico e sincero, num ambiente de confiança. Esta partilha aconteceu também em Lamego, onde se desenvolveu o projeto *Assembleia* da Amarelo Silvestre, em janeiro. Em conjunto com a equipa do Teatro Ribeiro da Conceição, aperfeiçoou-se o *modus operandi* de abordar o território, tendo em conta os métodos próprios e não muito comuns deste projeto, para envolver a população numa reflexão coletiva sobre o território, a partir de fotografias capturadas em visitas conduzidas por embaixadores locais.

Durante os processos, as equipas artísticas, mediação do TNDM II e equipas municipais estabeleceram, com um fim comum, uma relação de colaboração. Embora tenhamos responsabilidades e papéis distintos, somos temporariamente colegas uns dos outros.

Enquanto pessoas mediadoras, aprendemos a não impor em demasia a nossa voz e a dar opinião sobre o que devia, ou não, ser feito e como. A pessoa mediadora participa no projeto, sim, mas de outra maneira: deve ser discreta e observar, para poder agir ou questionar quando necessário. As pessoas com cargos relevantes na sociedade local são também mediadoras, quer sejam técnicos superiores dos municípios ou dirigentes de coletivos e projetos, que trazem consigo participantes e os envolvem no processo. São desafiadas a ceder um espaço de comunicação direta entre artistas e participantes. Pode ser um exercício difícil para quem é ativo e determinado, e se sente responsável pelas pessoas que trouxe ao projeto.

Na relação com as equipas municipais, a mediação do TNDM II teve ainda de medir, caso a caso, a necessidade da sua intervenção. Enquanto, por um lado, tinha de partilhar métodos e ferramentas, por outro impunha-se dar o espaço necessário para que as equipas municipais e artísticas encontrassem, em conjunto, soluções para os desafios.

Quem participou?

Nas localidades onde já existem hábitos de participação, é frequente encontrar pessoas bastante experientes, a quem chamamos “profissionais da participação”, ou seja, as pessoas da comunidade que quase sempre participam nas atividades deste género, promovidas a nível local. No ATOS, porém, estes participantes não foram os mais recorrentes. Aliás havia, subjacente às orientações do programa, uma ambição de alcançar novas pessoas locais, além das que já estão ligadas às coletividades, ou têm hábitos de fruição ou participação criativa.

No seu empenho de trazer pessoas aos projetos ATOS, os municípios recorreram a amigos e familiares, dos trabalhadores dos equipamentos culturais e da Câmara, às associações com quem tinham uma ligação ou que, normalmente, mostram mais interesse em fazer parte de projetos participativos e de comunidade. Além disso, participaram pessoas motivadas pela curiosidade, diante de uma proposta lançada pelo TNDM II (e em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian) e, em muitos casos, porque os artistas as conheceram durante as suas próprias pesquisas, no terreno, e as convidaram diretamente.

Em Miranda do Corvo, o projeto *Parlapatório*, da estrutura Cassandra, propôs a constituição de assembleias com pessoas

nascidas antes do 25 de Abril de 1974, e jovens entre os 14 e os 18 anos de idade. Aqui, e à semelhança do projeto da Lugar Específico, em Carrazeda de Ansiães e, mais tarde em Borba, no projeto desenvolvido pela À Escuta, a dificuldade residiu em mobilizar os jovens. Na tentativa de ultrapassar este problema, entrámos em contacto com os diretores de escola, a fim de explicar as premissas dos projetos e, no caso de Miranda do Corvo, também entregámos folhetos impressos para distribuir pelos alunos. Porém, nenhuma destas ações deu frutos, só participaram os jovens com transporte particular, ou aqueles com apoio das instituições, como escolas profissionais ou lares de acolhimento, localizados perto dos espaços de desenvolvimento dos projetos. Como indicado pelos representantes de municípios ou participantes, o problema decorre das limitações dos sistemas de transportes públicos e mobilidade – muitas vezes insuficientes ou inexistentes. Verificámos que este é um problema generalizado no território, do interior ao litoral.

Com o apelo a diferentes sectores da população, procurou-se uma representatividade e diversidade maior de pessoas, em termos de idades, características físicas ou experiências e origens culturais, profissões e missões de vida variadas, já integradas em grupos organizados, ou participantes a título individual.

Em Castelo Branco a Ondamarela apontou, como um dos seus objetivos do projeto, reunir pessoas com origens e culturas diversas, para responder à questão que se tornou título do seu projeto: *Nós, Quem Somos?*. A estrutura dinamizou sessões em várias associações. Parecia uma bola de neve! Pessoas de todas as idades, músicos do *punk* e do fado, artistas de rua, um ator que tinha vivido em Paris, alunos portugueses e são-tomenses do Conservatório de Música e crianças e adultos do Brasil, Peru, Cazaquistão e Cabo Verde. É de realçar a diferença que faz quando uma equipa artística tem competências de mediação, como foi o caso neste projeto; isso facilitou todas as relações, a proximidade com os participantes intensificou-se, permitindo concretizar o objetivo.

Além das ações no terreno e das subtilezas no equilíbrio das relações, no nosso papel de mediação pretendíamos transmitir alguns conceitos ligados à cultura da participação, nomeadamente a relevância da pluralidade e a capacidade de estimular a democracia cultural. Foram notáveis os esforços da equipa da Casa da Criatividade de São João da Madeira, que acompanhou todos os passos da Lugar Específico, na sua intenção de criar um “grupo de ativação criativo”, para sedimentar a participação dos residentes nos projetos e programa da Casa. Neste território como em muitos outros, por meio do mapeamento

dos projetos sociais de migrantes, tentou-se também juntar pessoas de horizontes e culturas distintas. Contudo, não foi possível manter a mobilização destas pessoas sem o acompanhamento permanente dos técnicos da área social. Percebemos que, em vários municípios, a figura de mediador existia agregada às áreas da educação ambiental e da ação social, e que poderia ter sido útil juntar ao acompanhamento do ATOS – a fim de ampliar o alcance do convite à população – a diversidade dos grupos e a sua permanência nos projetos.

Onde aconteceram os projetos?

Tanto no período de residência como nos momentos de partilha pública, os espaços físicos, que acolheram os projetos ATOS, foram edifícios municipais ou entidades privadas, tendo-se igualmente realizado atividades em espaços públicos urbanos, como percursos, instalações e caminhadas.

Encontrar espaços informais, adequados às propostas artísticas e com condições de acessibilidade física, foi uma tarefa recorrente em todo o programa ATOS; tarefa essa, na realidade, mais inesperada do que tínhamos imaginado – umas vezes porque os projetos assim o exigiam, outras por indisponibilidade dos equipamentos habitualmente usados para atividades culturais.

Em Tomar, cidade histórica dos templários, foi realmente desafiador conseguir encontrar um espaço livre e capaz de acolher o projeto *Porvir*, da Burilar. A cidade, com uma programação intensa de atividades de cariz cultural e turístico, tinha poucos espaços disponíveis; em simultâneo acontecia o programa Peças da Odisseia Nacional, que ocupava o teatro, e decorriam múltiplos trabalhos de preparação do evento tradicional e comunitário da Festa dos Tabuleiros. Após dois dias de procura afincada, motivados pela persistência da mediação do TNDM II e da chefe de gabinete da Cultura, encontrou-se a sala da Casa Manuel Guimarães, capaz de cumprir todos os requisitos. Os participantes e a equipa artística gostaram do espaço encontrado: adequava-se bem, ao trabalho intimista pretendido, e respondeu à necessidade de acesso a cadeira de rodas, que se verificou por parte de uma pessoa do público.

Os momentos de partilha pública constituem uma possibilidade de partilhar o objeto artístico, construído a partir do seu território. À mediação do TNDM II coube cuidar das relações, entre equipas artísticas e participantes, e dos participantes entre si; gerir as ansiedades decorrentes de inseguranças e expectativas e, também, disponibilizar meios para resolver situações inesperadas, fossem estas ao nível das relações interpessoais ou problemas logísticos, apoiando

todos os momentos decisivos e fazendo parte da tomada de decisão, em situações de indefinição.

Como convocamos e incluímos o público?

Outra função não menos importante foi entender como era concretizado o acolhimento do público, o transporte e o acesso ao espaço, as entradas, a distribuição das folhas de sala e o acompanhamento durante a apresentação.

O nosso trabalho de mediação implicou, muitas vezes, apoiar as equipas municipais, alertando para a sobreposição de atividades no concelho, salientando a importância de uma divulgação mais ativa, sugerindo convites via telefone e *email* a agentes da comunidade, antecipando necessidades de recursos humanos para o acolhimento do público, entre outras ações que pudessem ajudar na fluidez do momento.

O público dos projetos participativos é frequentemente composto por pessoas chegadas aos participantes, nomeadamente amigos e familiares. Contudo, tal como se desejou a pluralidade de participantes, também no âmbito do público se pretendia abrir o leque de envolvidos.

Em Torre de Moncorvo, não havendo hábito de programar atividades culturais no domingo à tarde, a autarquia propôs que não se realizasse a segunda sessão do espetáculo da Limite Zero, prevista no Celeiro, sede do Grupo de Teatro Alma de Ferro. Após o reconhecimento do território, tornou-se claro que também seria possível mobilizar os utentes dos lares e centro de dia, para assistirem ao espetáculo; isso permitiu diversificar o público e garantir uma segunda sessão esgotada, para a satisfação de todos os envolvidos.

Na maioria dos projetos, promoveram-se conversas associadas ao momento de partilha pública após apresentações, mais ou menos estruturadas, do resultado dos processos participativos desenvolvidos. Em Portimão, foi organizada uma conversa em roda, com todas as partes envolvidas no projeto. A Pele, estrutura artística coordenadora, falou sobre o processo e objeto final, enquanto os participantes e os parceiros falaram da sua experiência, de descobertas, de dúvidas e ganhos ou mais-valias. Os responsáveis da autarquia presentes ouviram o grupo e devolveram o seu agrado pela realização do projeto, com um reforço muito positivo, e manifestando interesse na continuidade do mesmo.

Estas conversas foram, sem dúvida, ocasiões marcantes desta viagem. Nestes momentos, o papel de mediação teve, por vezes, um carácter moderador, estimulando a interação entre artistas, participantes e municípios, contribuindo para um espaço único de partilha

e cumplicidade. Sentimos também a importância deste espaço para ouvir o público e torná-lo, de certo modo, participante. Pensamos em Rancière (2012) e na sua concepção de que o espectador, ao interpretar aquilo a que assiste, tem um papel gerador de sentido sobre o que aconteceu. No ATOS, esse sentido pôde entrar em diálogo com quem produziu e permitiu, assim, abandonar o papel de espectador passivo.

E por fim... porquê mediar?

No regresso à estrada, e no caminho para o destino seguinte, o balanço acontecia. Relembra-se a coragem dos participantes, os desafios com que os municípios haviam lidado, os riscos assumidos pelas estruturas artísticas e, ainda, as palavras de apreço que recebemos e agradecemos. Como mediadoras do TNDM II, lidámos permanentemente com a gestão do inesperado; a nossa função atravessou muitas áreas, conforme as necessidades dos processos.

Consideramos que esta experiência, de mediação, cumpre um papel de aliar as múltiplas raízes de uma mesma planta, todas elas com a sua própria importância, num processo comum que deriva da conexão de múltiplos e da heterogeneidade, tal como expressaram os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, na sua formulação do conceito de “rizoma” (1995, p. 14).

Neste trabalho conjugam-se, antecipam-se e propõem-se direcções, sensibiliza-se e apoia-se o encontro de soluções. Lado a lado com os envolvidos, ouvimos desabafos sigilosos e abraçamos desejos. Esperando assim contribuir para o crescimento de comunidades mais ativas e envolvidas, e para um território mais recetivo às práticas culturais participativas.

Referências bibliográficas

- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs: Capitalismo & esquizofrenia* (Vol. 1). Editora 34.
- Mollard, C. (1999). *Le Cinquième Pouvoir: La culture et l'état de Malraux à Lang*. Edição Armand Colin.
- Rancière, J. (2022) [2012]. *O Espectador Emancipado*. Orfeu Negro. 2.^a Edição.



Nós semeámos este canteiro e... esperamos que
germinem...



Uma viagem das artes pela democracia em Portugal

PAULA VARANDA

Professora e investigadora da Universidade Nova de Lisboa

Entre janeiro de 2023 e março 2024, o programa ATOS realizou-se numa escala nacional atravessando o país no continente e nos seus dois arquipélagos. Nesta viagem, pela mão de 16 entidades artísticas profissionais convidadas pelas instituições promotoras, foram implementados 43 projetos em cidades, vilas ou aldeias de 40 municípios. Citando a apresentação deste programa, dedicado à temática da participação, e que integrou a Odisseia Nacional do Teatro Nacional D. Maria II, o ATOS “pretende colocar em prática diferentes processos e ferramentas artísticas e culturais para a promoção de diálogos e encontros cívicos”¹.

Enquanto instituição parceira do ATOS, a Fundação Calouste Gulbenkian coordenou uma equipa externa de quatro especialistas para observar e avaliar o âmbito e os efeitos das interações entre artistas e populações. A análise transversal que aqui se apresenta resulta desse acompanhamento e aborda os processos, os espaços, os acontecimentos públicos e os impactos observados nas comunidades. Para fechar, transmitem-se desejos que nasceram para o futuro e posiciona-se o ATOS na paisagem da arte participativa em Portugal.

A metodologia de acompanhamento incluiu 80 visitas no total, para abranger duas fases distintas de cada projeto ou localidade: a de processo – mantendo proximidade com o trabalho das equipas no terreno e conhecendo as suas intenções, perceções e métodos;

1. No documento de apresentação do projeto artístico e cultural do TNDM II para 2023 – Odisseia Nacional

e a de partilha – quando os processos culminam e se expõem publicamente. Fátima Alçada viajou pelas regiões Norte e Centro entre janeiro e junho; Rita Serra e Silva seguiu o ATOS nos Açores em julho; Catarina Claro esteve na Madeira em setembro; e eu, Paula Varanda, acompanhei o Sul, nas regiões do Alentejo e Algarve, entre setembro e novembro.

Para reportar cada projeto foram produzidas fichas individuais com uma identificação geral do título, entidade artística, parceiro municipal, locais, datas e horários de sessões e indicadores de público; uma caracterização de participantes; e uma análise considerando o contexto territorial, a entidade artística e os parceiros locais, com apreciação das metodologias aplicadas, avaliação dos resultados partilhados e uma reflexão sobre impactos e legados. As especialistas fizeram também uma leitura e reflexão geral sobre o curso do programa em cada região, tendo em conta as práticas para a participação, características do território e a realização do ATOS face aos seus objetivos.

A arte participativa é um conceito interpretado de múltiplas formas, referente a um conjunto diversificado de práticas artísticas, cujo compromisso primordial é o da participação da sociedade na construção cultural, contribuindo assim para o espectro do que se entende como cultura (e para a sua representatividade), e facilitando, em consequência, o confronto de diferentes realidades e perspetivas sobre elas.

No livro *A Restless Art: How participation won, and why it matters* (2019), François Matarasso propõe clarificar este conceito com uma análise teórica da história e das práticas, a fim de melhor se entenderem as intenções e os produtos e ser feita uma apreciação justa da sua distinção e pertinência. Para o autor, em última instância, a arte participativa é “a criação de arte por artistas profissionais e não-profissionais” (p. 48).

Além de Matarasso, convoquei outros autores cujo pensamento contribui para analisar as práticas instauradas no ATOS, tendo em conta diferentes agendas da chamada à participação (Bishop, 2006), valorizando a negociação cultural inerente às suas metodologias (Ribeiro, 2019) e refletindo sobre a dimensão política dos caminhos abertos para a mudança social (Kershaw, 1992).

As referências diretas que aqui fazemos às equipas artísticas, participantes, municípios e projetos têm, como propósito, temperar esta análise com um “cheirinho” da azáfama inventiva e afetiva que sentimos no ATOS. Adiante no livro, a secção narrativa de imagens e testemunhos, bem como a secção informativa sobre os 43 projetos, dão cor a este retrato mais analítico.

O sentido dos processos

A definição de Matarasso é intencionalmente larga para incluir várias disciplinas artísticas, espaços de ocorrência, componentes de educação ou mediação e objetivos intersectoriais como a saúde, o ativismo ou a mudança social.

No ATOS, os processos de trabalho variaram conforme os seus condutores, eixos temáticos e realidades locais. A estrutura ou temática dos projetos constituiu, em si, uma fonte de diversidade positiva, mas depende do encontro das condições existentes e da resposta das populações. Se os não-profissionais têm um papel criativo, adverte Matarasso, o processo é da maior importância pelo que, embora a qualidade artística dos resultados possa constituir um fator de valorização, para o autor “uma avaliação fundamentada da qualidade da arte participativa requer a compreensão das suas intenções e processos” (p. 95).

O domínio de práticas participativas e a agilidade da equipa artística foram decisivos para ler o contexto e perceber o potencial e necessidades dos participantes. Questões relacionadas com a familiaridade e a disponibilidade das pessoas e dos interlocutores municipais – em tempo efetivo e disposição – também foram determinantes. A clareza de intenções e a energia motriz das equipas são fulcrais para conduzir eficazmente “atos” consequentes; mas a receptividade também é essencial e, por isso, alguns processos completamente abertos à exploração e descoberta foram tão ou mais convincentes quanto outros processos com maior estruturação prévia.

Em panorâmica, prevaleceu um empenho genuíno das equipas artísticas para fazer o ATOS, para resolver dificuldades que surgiram e também proporcionar uma experiência nova e marcante aos participantes. Com processos no terreno, de uma a quatro semanas, o tempo foi sempre curto. Esta característica do programa foi muito debatida pelas equipas e apontada como uma limitação, tanto mais se associada à mediação assimétrica dos parceiros locais. Rita Serra e Silva salienta a atmosfera de bem-estar e confiança, no projeto *Canta Conto Conta*, nos Açores, em que os participantes geraram conteúdos a partir de histórias, memórias e interrogações. Porém, a muito curta permanência do ATOS, em cada ilha, terá condicionado a permeabilidade da arquitetura do projeto, que foi assegurada pela Discos de Platão.

Sabemos que os projetos artísticos junto de comunidades, ou projetos participativos, dependem muito do tempo neles investido; no entanto, foi inevitável assimilar, contornar e dirigir o olhar para “o que é possível fazer em tão pouco tempo?”, como referiu Fátima Alçada.

Também não é certo que os participantes pudessem investir em processos mais longos e Catarina Claro, refletindo sobre o impacto desta questão no projeto *Solo*, realizado no Funchal pelo Colectivo Espaço Invisível, lançou uma pergunta que é válida para outros projetos: “Poderão as intensas relações estabelecidas entre a comunidade, o grupo de participantes e a equipa artística estar diretamente relacionadas com a curta duração do projeto?”.

A prospeção antecipada, os contactos estratégicos, encontros e conversas informais, oficinas de expressões – plásticas, de movimento, musicais, dramáticas ou literárias –, a partilha de memórias e histórias pessoais, encontros com a Natureza e as tradições, e o debate de questões sociais e políticas coletivas, foram os ingredientes mais usados por uns ou por outros para conseguir “chegar a”, “mobilizar para”, “ganhar a confiança de”, e estimular a criatividade e emancipação. Fátima Alçada salientou a eficácia da pesquisa de campo e entrevistas realizada pela Gira Sol Azul no Fundão, para obter informações diretas dos interlocutores locais: “Essa abordagem foi valiosa, pois permitiu compreender as necessidades, desejos e perspectiva das pessoas que vivem no território”.

A maioria dos elementos das entidades artísticas detinha sólida experiência, no desenvolvimento de práticas abertas à participação e empenhadas na concretização de bens artísticos e culturais. Grupos como a Pele, a Ondamarela, a Gira Sol Azul e o Colectivo Espaço Invisível são exemplos, como diz Fátima Alçada, em que “a fluidez e a organicidade dos processos é admirável”. No ATOS essa experiência foi desafiada e oleada e, daqui, resultou também um enriquecimento valioso no testar e afinar, ou descobrir, métodos e estratégias.

Além de uma atitude de interesse e afeto, porque o fim do trabalho deve ser, prioritariamente, *para* e *das* comunidades, confirmou-se o valor de competências como a comunicação e o relacionamento interpessoal; a perceção de sensibilidades e a resolução de problemas; a capacidade de produzir com meios instáveis ou incertos (humanos, técnicos, logísticos e até de conteúdo) e, sempre em jogo, a mediação social no que toca a saber como chegar ao Outro. Em Beja, para o projeto *Ouvidos ao Vento*, a Ondamarela foi a fundo na escuta do território e insistiu em pesquisar grupos não representados, para assegurar a diversidade do novo “nós” que se criou. No processo de *Cidade Adentro*, pela Gira Sol Azul em Grândola, enquanto se propunham exercícios para perceber o que as pessoas sabem e gostam de fazer, fazia-se experimentação artística e criativa e eram também lançadas perguntas: o que caracteriza esta comunidade? O que preocupa as pessoas e tem de mudar no presente? Catarina Claro

observou no período de ensaios de *Solo* que “a equipa artística promoveu várias dinâmicas de trabalho eminentemente participativas, que colocaram as pessoas e os seus relatos e reflexões no centro do processo de criação”.

As equipas, tipicamente, compuseram-se de criadores e intérpretes com competências de mediação, outras valências de produção e técnica e, em alguns projetos, científica, tal como na área da sociologia (Formiga Atómica) ou do ambiente (Umcoletivo e Guarda Rios). À exceção dos grupos Talkie-Walkie, Colectivo Espaço Invisível e Marina Palácio, todos trabalharam em dois ou mais municípios. Esta acumulação permitiu assimilar aprendizagens, ensaiar o modelo do ATOS e refinar métodos ao longo do ano, o que foi visivelmente benéfico para os processos e para os acontecimentos gerados por eles.

Descobrir espaços

A diversidade dos espaços de trabalho e apresentação relacionou-se com questões de acessibilidade, disponibilidade e funcionalidade técnica, o seu simbolismo histórico, a identidade como equipamento cultural ou educativo, e outras razões justificadas pelos projetos, nomeadamente a paisagem natural ou urbana, o comércio local, o convívio social, entre outros. Deram-se novas funções e sentidos aos espaços das localidades, deslocações a zonas periféricas – desconhecidas ou marginais –, e despertaram-se memórias pessoais ou sociais, ligadas a lugares desaparecidos ou transformados.

Em Castelo de Vide, o município sugeriu a Casa da Cidadania Salgueiro Maia, para a dinamizar e valorizar junto dos habitantes, o que fez sentido para a equipa do *Pe_SOA: A que estado é que queremos chegar?* A Lugar Específico viu aqui uma oportunidade de recolher vivências da revolução na voz dos habitantes (com gravações depois reproduzidas na exposição da Casa), e intuiu o potencial de reflexão intergeracional sobre a democracia, que depois concretizou. No Funchal, os participantes de *Solo* ajudaram a encontrar uma sala com as condições necessárias para os ensaios, o que levou ao Bairro da Nazaré onde o projeto foi apresentado.

A Formiga Atómica, com o projeto *O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)*, queria despertar o debate sobre alterações climáticas e o modelo de sociedade moderna. Ao atuarem em vários centros históricos com pequenas peças de uma intriga familiar, levaram-nos a reviver o comércio local e facilitaram curiosas interações com os lojistas: estes, instantaneamente, protagonizavam uma ficção que transforma a realidade do quotidiano, testemunhada por público ou clientes.

A relação entre espaços e vivência das comunidades foi muito importante para auscultar e garantir a qualidade dos processos, no que respeita às expectativas da população e à relevância da sua participação, como aconteceu no projeto *Mapas para uma Feli(z)cidade* no Fundão, desenvolvido pela Gira Sol Azul: “Ao identificar que a falta de momentos de encontro e necessidade de manifestações culturais em espaço público eram preocupações comuns das pessoas entrevistadas, a equipa artística criou oportunidades para interações sociais e atividades comunitárias ao ar livre” (Fátima Alçada).

Acontecimentos públicos

Sem prescrever um formato, o ATOS previu sempre um momento público de partilha a assinalar a conclusão de cada projeto, ou seja, o fim da residência dos artistas no seio das comunidades. Os acontecimentos resultantes tomaram forma como exposições, espetáculos, percursos, caminhadas, debates, conversas ou oficinas, programas de rádio etc. Surgiram diálogos muito interessantes entre a cultura do lugar, ao nível do património e práticas, e uma abordagem crítica e inventiva, mais típica da arte experimental.

A proposta da Burilar em Tomar, com o projeto *Porvir*, explica Fátima Alçada, levou os participantes a repensar a tradicional Festa dos Tabuleiros e “a olhar a cidade sobre outra perspetiva, ampliando-a”. Já em Reguengos de Monsaraz, na Casa do Barro, pudemos cheirar, ouvir, saborear e imaginar histórias da população que retratam o concelho – o jardim, a olaria, o cante, a gastronomia, o Alqueva... Esta, e outras apresentações de partilha, criaram expressões de uma identidade cultural regional que vai além dos estereótipos de cultura tradicional que, regularmente, confinam as práticas locais. Em *Estórias com Memória*, a Limite Zero teve o cuidado de trabalhar o património imaterial de Torre de Moncorvo, o que, reportou Fátima Alçada, “facilitou uma identificação imediata com o projeto, tanto por parte dos participantes, como por parte do público, e foi importante para a sua boa execução em tão pouco tempo”. A relação com as tradições é particularmente valorizada pelos mais velhos, preocupados com o seu desaparecimento.

Regressando à pergunta sobre o que se pode fazer em pouco tempo, “as respostas encontradas são no mínimo surpreendentes (...) foi possível observar pessoas a escutar, a confiar, a fazerem as suas descobertas, a experimentar e até a criar” (Fátima Alçada). Voltamos também a Matarasso, para quem a arte participativa deve ter por finalidade a criação artística, pois aí reside um potencial de transformação distinto: “Ao criar arte, trazemos algo à existência e, ao fazê-lo, mudamos o mundo” (p. 49).

A flexibilidade dos formatos de partilha foi fundamental para acomodar a diversidade de características, interesses e competências das comunidades, bem como o perfil de projeto sugerido. Entre formatos mais convencionais, surgiram novos formatos mais híbridos, que contribuem para um melhor entendimento das variantes e da liberdade da arte participativa.

Em *Participatory Art* (2006), Claire Bishop traça uma útil panorâmica para compreender as diferentes maneiras como os artistas profissionais no ATOS se envolveram com as populações, estimularam a participação, integraram a autoria das pessoas e lhes deram visibilidade nas comunidades. Bishop regressa aos anos 1960, a fim de lembrar o modo de os artistas procurarem trazer a arte para mais perto da vida quotidiana, apropriando-se de formas sociais – como bailes, convívios e debates, por exemplo (p. 10). No século XXI, o que motiva a participação? Em três palavras: ativação, coautoria e comunidade.

Não foram poucos os projetos que interpelaram profundamente as pessoas envolvidas. Em muitos deles, a participação de novas vozes moldou a estética dos projetos, indo na direção que Matarasso defende ou, como expõe Bishop, partilhar ou ceder a autoria, para fomentar um processo de criação mais igualitário e democrático, dando lugar a uma estética resultante do imprevisível, e instaurando um modelo social menos hierarquizado (p. 12). Para tal, nos projetos ATOS, o ajuste de um formato idealizado ao que se conseguiu concretizar relevou, para melhor representar a experiência e respeitar o equilíbrio entre o grau de risco e o conforto dos participantes.

Como sabemos, nos momentos de partilha, que na maioria das vezes finalizam um processo ou uma criação, podem consumir-se epifanias nem sempre fáceis de exteriorizar. “Uma felicidade contagiante” em Castelo Branco, como escreveu Fátima Alçada sobre *Nós, Quem Somos?*, projeto conduzido pela Ondamarela. Um silêncio poético e interação tocante do público presente nas sementeiras de *Penélope*, como observei em Mértola e em Montemor-o-Novo, no projeto da Umcoletivo.

Efeitos imediatos

O trabalho sistemático realizado em 40 municípios, de diferentes projetos com tipologias semelhantes (duração, objetivos, artistas, meios básicos e enquadramento), permitiu aferir sobre a receptividade do território a práticas artísticas abertas à participação. Constatou-se que a população portuguesa não está acostumada à participação, mas também se verificou que a deseja. É preciso descobri-la.

A chamada à participação nem sempre teve os resultados pretendidos. Como é normal – tanto mais quando não se tem hábito de processos artísticos –, houve dúvidas e desistências no caminho. Rita Serra e Silva aponta que os participantes “chegaram a um entendimento do que era realmente proposto depois de o experimentar”, o que atribui “à abstração para muitas pessoas, no arquipélago do Açores, nomeadamente para agentes profissionais ou não-profissionais, do que são projetos participados”.

Aqueles que afinal participaram no ATOS, individualmente ou em coletivos², fizeram-no com interesse, disposição e avaliação surpreendentes. Os encontros intra-comunidade, improváveis ou inéditos, foram um dos aspetos mais ricos e salientados por vários participantes, nas conversas tidas nesses momentos de partilha. Pessoas que não se conheciam, outras que evitavam cruzar-se, grupos vocacionalmente opostos, áreas de trabalho apartadas, pessoas isoladas... Pessoas e grupos que agora querem voltar a reunir-se, em projetos ou em convívios.

Nestas práticas artísticas, como argumenta António Pinto Ribeiro (2015), são exigidas metodologias de trabalho sofisticadas e arriscadas, de negociação cultural; uma comunidade não é homogénea, constitui-se a partir de multiplicidades internas, de identidades e valores que podem estar em conflito, com passado e expectativas de futuro diferentes. Porque “partem da diversidade do capital simbólico e cultural de cada participante e das suas diversas biografias” (p. 7), Ribeiro reforça a importância de modos alternativos de produção, e de receção, e sublinha, como elemento inovador e qualificado destas práticas, o “sentido de cidadania e convivialidade” (*idem*), sendo este um denominador comum nos efeitos destas experiências coletivas³.

De facto, os projetos desenvolvidos no ATOS reuniram pessoas e entidades locais, com realidades ou ambições diferentes, em grupos heterogéneos onde se proporcionaram cruzamentos de experiências, idades, profissões e origens, que foram elogiados pelos participantes. O sentido de genuína satisfação foi frequentemente elevado – pela descoberta do Outro, a emancipação individual, ou de grupo, e a superação de constrangimentos culturais e barreiras à convivência social. Os governantes municipais, que acompanharam o ATOS, também louvaram o movimento cívico e desfecho criativo conseguido pela comunidade e com os artistas. Tudo indica que o contributo dos projetos para a coesão social é uma dimensão importante.

2. Ver o número total de participantes e a sua distribuição no texto “Vamos aos Atos (...)”, que apresenta algumas estatísticas.

3. Ribeiro refere-se ao conjunto de práticas reportadas no livro *Arte e Comunidade* (Cruz, 2015).

No espetáculo *Ouvidos ao Vento*, testemunhámos em Beja um verdadeiro manifesto festivo performativo de descobertas, sobre estar junto e reflexões sobre a realidade em que estamos a viver, como por exemplo “ouvir o racismo”. Regressando a Bishop, nestes casos a agenda da participação é restaurar a coesão social, através de uma construção coletiva de sentido e significado o que, por sua vez, traduz “a perceção de uma crise na responsabilidade coletiva e de comunidade” (p. 12).

É também nesta linha que *Cartografia dos Desejos*, dirigida pela Pele em três municípios, estimulou um pensamento sobre o ato de desejar e de pensar a partir do desejo individual, de si, para fora, para o coletivo, e como isso se pode fazer. Na exposição final em Portimão, os desejos de crianças e jovens das escolas, das senhoras do centro comunitário e de participantes isolados, encontraram-se e mostraram-se em fotografias, vídeos, desenhos, esculturas e colagens, e distribuiu-se um guia feito na escola para transformar desejos em manifestação. Neste, como noutros projetos, a escuta e voz dos cidadãos – organizada num “objeto” participado e coletivo – proporciona uma valiosa oportunidade de auscultação para os governantes e serviços públicos.

No coro das vozes elevadas no ATOS reside um pedido de responsabilidade governativa, bem como de compromisso político face ao bem-estar das populações. Como inquietações destacaram-se a exploração dos recursos naturais (*Folha Volante* pela À Escuta e *Observatório dos Rios* pela Guarda Rios), a gentrificação e desertificação dos lugares (*Cidade Adentro*), as desigualdades e desagregação social (*Ouvidos ao Vento*) – estas mensagens, dos cidadãos em sociedade, são um alerta para as políticas públicas locais e nacionais. Alguns projetos estimularam assim, e como explicita Bishop, “sujeitos ativos”, legitimando a participação enquanto experiência artística (física ou simbólica), que promove a ação, na esperança de que os sujeitos “se sintam habilitados a determinar a sua própria realidade social e política” (p. 12).

O destaque dos projetos na esfera pública, e o seu reconhecimento na comunidade, nem sempre foi o desejado; esta questão decorre de uma problemática mais complexa, que resulta de fracas políticas culturais à escala local, salvo raras exceções. E foi uma pena, porque muitos projetos foram verdadeiramente empolgantes e importantes. Na *Assembleia* proporcionada pela Amarelo Silvestre (em Lamego, Sardoal e Ponte de Sor), como observou Fátima Alçada, “a ideia de fazer perguntas e responder com outras perguntas foi um exercício muito exigente para todos e também uma descoberta. Pensar é um

ato demorado, reflexivo e exigente para os dias que todos vivemos”. Se a experiência que a arte participativa oferece tem um valor intrínseco para quem a fez, a mudança social só poderá ocorrer se houver uma fruição coletiva mais à escala do lugar, com mais público do lugar, afetando o imaginário coletivo, abrindo portas e janelas, levantando questões e mostrando a relevância de agir e criar sobre elas.

Como salienta Catarina Claro, a adesão e envolvimento dos municípios ao ATOS é um sinal importantíssimo de investimento na cultura e na cidadania. Mas houve grandes diferenças que revelam as assimetrias do território. Para um sucesso mais substantivo destes atos “fulminantes”, é essencial maior preparação entre instituições e responsáveis municipais. Quando há equipas técnicas dedicadas, e várias houve exemplares, elas estão também sobrecarregadas, o que dificulta o seu apoio e gestão de prioridades. Mais rara ainda é a compreensão ou valorização política destes projetos, o que afeta a sua valorização social e o impacto da experiência num espectro mais alargado das comunidades.

Intervenção cultural

Na avaliação do programa ATOS as especialistas, que fizeram o respetivo acompanhamento, manifestaram dificuldade em vincular-se a uma premonição do impacto dos projetos no futuro. Ancoraram por isso as suas conclusões na vivência das experiências, expressas em emoções ou palavras, salientando as qualidades dos processos, medidas pelas intenções, metodologias e competências verificadas com o seu acompanhamento. Todavia, propunha-se também uma reflexão sobre o seu legado. A este propósito, é oportuno trazer aqui uma questão que subjaz à arte participativa: qual o seu impacto na estrutura social? Como discute Kershaw em *The Politics of Performance...* (1992), os projetos em comunidade são uma forma de “intervenção cultural” (p. 7), que tem uma dimensão política. Por um lado, segundo o autor, porque os artistas trabalham com materiais que representam realidades, e refletem questões de importância maior para os públicos-alvo das comunidades envolvidas. Por outro lado, porque podem estimular vozes de oposição ou questionar ideologias dominantes. Os artistas procuram provocar mudanças “não só na ação futura dos seus públicos, mas também na estrutura da comunidade desses públicos e na natureza da sua cultura” (p. 1). Importa, por isso, avaliar a eficácia da *performance* que resulta dos processos, em termos da sua capacidade de influenciar a evolução de realidades sociais e políticas. É um exercício complexo, reconhece Kershaw, que explica o tímido envolvimento dos estudos teóricos nesta missão.

A reação do público, após uma apresentação, dá-nos uma ideia imediata de efeitos – o que no ATOS vimos acontecer nos aplausos, sorrisos e abraços e nas conversas associadas à partilha final. Mas quando o público dispersa, quando o projeto acaba, como medir a sua influência? Kershaw propõe analisar: “Quais são as condições da *performance* que têm mais possibilidade de produzir um resultado eficaz?” (p. 3). O estudo do contexto em que acontecem as relações de produção/fruição, segundo o autor, tornará mais fácil compreender como estas ações podem ser lidas por estes públicos e consumir uma intervenção cultural.

Desejos para o futuro

A concretização do ATOS foi uma experiência rica ao nível da cartografia social e cultural do território, e um valioso campo de teste de metodologias e fonte de levantamento de ambições, características e necessidades das populações. Contribuiu evidentemente para a “aprendizagem do sentido de pertença”, que Ribeiro destaca como potencial destas práticas artísticas, e que Catarina Claro confirmou no Funchal: “Em três semanas, mais de sessenta pessoas deram voz a memórias e futuros de um lugar que se viu e se fez menos isolado. Geraram-se sentidos de pertença e de camaradagem entre grupos que, embora coexistam na mesma cidade, nunca tinham estado juntos”. Ora, como foi dito acima, a disposição para participar, uma vez entendido o seu potencial, tornou-se para muitos um desejo de continuar. Na hipótese de retomar no futuro programas de figurino e objetivos semelhantes, resumimos algumas considerações:

Para Fátima Alçada há reflexões e ajustes “que podem representar uma enorme diferença na experiência oferecida às pessoas e partilhada com os artistas”. Uma auscultação do território, mais consistente e prolongada, antes de os processos artísticos começarem, com um reforço dos períodos de trabalho e mediação cultural com os municípios, e de ações de capacitação dos técnicos que operam no terreno, trará grandes benefícios para compreender as premissas da participação, para concretizar projetos em tempo compactado e, ainda, para a sua visibilidade junto das populações.

Rita Serra e Silva assinala os poucos cruzamentos “entre quem dinamiza a cultura tradicional e quem trabalha a contemporaneidade”. É preciso envolver os líderes comunitários e organismos mais próximos das pessoas, de modo a refletir sobre esta divisão e melhorar a comunicação entre partes. A participação da comunidade nas festas religiosas, e em orquestras filarmónicas, é intensa e muito comum, mas não tem representação nas práticas dos profissionais das artes:

“Da cultura tradicional, vibram nas gentes dos açorianos os ingredientes certos para projetos participados, mas falta-lhes a confiança para integrar processos novos, que lhes parecem desconhecidos”.

Ainda que na Madeira se tenha conseguido juntar um grupo muito diverso, Catarina Claro refere que os participantes se compuseram maioritariamente de pessoas ligadas ao universo das artes, pelo que é necessário “descobrir fórmulas para ir ao encontro de outras franjas da população, a fim de que o convite (...) chegue também àqueles que pensam nada ter a ver com o meio das artes e da cultura”.

Pessoalmente, sinto que a melhor recompensa das instituições para com os artistas e as populações, que se entregaram tão bem, é lançarem novas oportunidades – de tempo mais alargado, como foi pedido, e mais sustentadas. Com muitos projetos a decorrer em simultâneo, é difícil provir as condições exigidas e, para corrigir assimetrias, há que assumir locais e regiões prioritárias, em detrimento de um número, e distribuição de projetos, correspondentes à densidade populacional do território e número de municípios. Os novos planos devem fundamentar-se na apreciação das práticas mais eficazes para a intervenção cultural em contexto (como recomenda Kershaw), no encontro de parceiros empenhados em investir e na perceção do interesse e necessidade das populações. Além de um período de criação mais substancial que poderá, sim, deixar um legado, também a circulação em rede, entre os locais onde nasce cada projeto, foi referida por artistas profissionais, não-profissionais, especialistas e técnicos no terreno. Assim se corresponderá ao desejo expresso de relacionar as populações entre si – com cooperação e partilha inter-ilhas, inter-regionais, e intra-districtais – e cumprir uma política de democracia na cultura.

O ATOS na paisagem da arte participativa em Portugal

Em Portugal, a participação como impulso para uma sociedade mais criativa, consciente e comunicante, tem um caminho percorrido no século XXI com diferentes missões e modelos que já deixaram um legado inspirador e transformador, em vários sentidos: das pessoas – profissionais e não-profissionais; das organizações – da sociedade civil e nas instituições públicas e privadas; e das comunidades – através da experiência e construção simbólica coletiva.

Em 2003, a associação Comédias do Minho juntou cinco municípios da região Norte, a fim de criar um projeto cultural em rede, desde aí exemplar, de companhia de teatro e de ação comunitária e pedagógica, focado na realidade socioeconómica do território e com propostas de “efetivo valor participativo e simbólico para as comunidades

a que se dirigem”⁴. Em 2005, foi criada a Artemrede⁵, hoje com 17 municípios das regiões Centro e de Lisboa e Vale do Tejo, para garantir uma oferta cultural regular e continuada, que investiu na coprodução de obras de arte participativa, com enorme sucesso, assinadas por criadores profissionais; desde 2017 este trabalho tem apoios do programa Creative Europe, em projetos que apelam à colaboração internacional e a um pensamento muito necessário sobre políticas culturais. No Sudoeste litoral, a cooperativa Lavar o Mar dedica-se, desde 2014, às dinâmicas culturais em zona rural, aglutinando parcerias municipais, na intenção de agir a longo prazo com as artes performativas e criar encontros entre a paisagem, a cultura local e as suas pessoas e visitantes, que facilitam uma reflexão coletiva e crítica sobre assuntos da atualidade e oferecem “propostas para enfrentarmos os desafios do presente e do futuro, de Portugal e do mundo”⁶. Comédias do Minho, Artemrede e Lavar o Mar são três sólidos referenciais, para conhecer modelos de escala regional e colaboração municipal, que preconizam práticas pilotadas pela criação artística e genuinamente preocupadas com a realidade e o bem-estar das populações.

Em 2013 a Fundação Calouste Gulbenkian criou a emblemática iniciativa PARTIS (Práticas ARTísticas de Inclusão Social), renomeada em 2020 de PARTIS & Art For Change, devido à parceria com a Fundação “La Caixa” (Espanha), com o objetivo de “fomentar e difundir o papel cívico da arte e da cultura participativas, enquanto impulsoras de mudança e de transformação social”⁷. Com financiamento a três anos de projetos muito diversos e participados em todo o país, e facultando o acompanhamento de técnicos profissionais ao longo da sua execução, este programa privilegia práticas estruturadas cuja qualidade artística resulta da inclusão e visibilidade de pessoas, de grupos e situações de vida marginais ao *mainstream* artístico e social. A ação da PARTIS comporta ainda uma vertente de edição (Cruz, 2019, 2023), e outra de encontro e reflexão⁸, que fomentam o reconhecimento entre pares do trabalho desenvolvido, e enquadram as práticas no pensamento produzido nos estudos artísticos e sociais da academia, ou disseminado pelas instituições que determinam políticas culturais⁹.

4. Em <https://www.comediasdominho.com/apresentacao/> (acedido a 28-04-2024).

5. Consultar https://www.artemrede.pt/pt_pt/ para todo o histórico e missão desta entidade (acedido a 28-04-2024).

6. Em <https://www.lavaromar.pt/sobre/> (acedido a 28-04-2024).

7. Em <https://gulbenkian.pt/partisartforchange/partis-art-for-change/> (acedido a 28-04-2024).

8. Anualmente a Fundação Calouste Gulbenkian organiza o encontro Isto é PARTIS & Art for Change, com mostra de trabalhos, debates e conferências <https://gulbenkian.pt/isto-e-partis-art-for-change/> (acedido a 28-04-2024).

9. No texto de Maria Vlachou, mais adiante, são citados vários exemplos destes contributos para a política cultural.

Não cabendo aqui uma resenha da arte participativa no país, com destaque a outras tipologias, os programas e projetos acima descritos contribuíram seguramente para afinar a vocação e metodologias de várias equipas artísticas, reconhecidamente fundamentais, para responder ao enorme desafio do ATOS abarcado por algumas delas.

A escala geográfica e temporal, o número de projetos de curta duração, as entidades artísticas e pessoas convocadas por localidade, bem como a mobilização de instituições locais e nacionais, numa medida de política cultural com responsabilidades e objetivos partilhados, caracterizam o ATOS como programa e conferem-lhe um estatuto singular e inovador. Conseguiu-se uma presença e interação territorial, emotivamente aclamada, que antes se imaginaria impossível num período tão estreito. Através do seu périplo ousado, o programa ATOS deu-nos um importante retrato para o estado da participação pela arte em Portugal.

Referências bibliográficas

- Bishop, C. (Ed.). (2006). *Participation* (readings 23-25). Whitechapel & MIT Press.
- Cruz, H. (2015). *Arte e Comunidade*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cruz, H. (Ed.). (2019). *Arte e Esperança. Percursos da Iniciativa PARTIS 2014-2018*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cruz, H. (Ed.). (2023). *Arte, Reinvenção e Futuros. Práticas Artísticas na Comunidade PARTIS 2019-2022*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kershaw, B. (1992). *The Politics of Performance-Radical Theatre as Cultural Intervention* (Routledge).
- Matarasso, F. (2019). *A Restless Art: How participation won, and why it matters*. Calouste Gulbenkian Foundation.
- Ribeiro, A. P. (2019). Prefácio-Práticas artísticas e comunidades heterogêneas. In Cruz, H. (Ed.), *Arte e Comunidade* (pp. 6-7). Fundação Calouste Gulbenkian.





Vamos aos ATOS.

Reflexões sobre projetos artísticos habitados por lugares e pessoas

PATRÍCIA SILVA SANTOS

Avaliação e monitorização do Teatro Nacional D. Maria II

O programa ATOS teve como elemento distintivo o envolvimento da comunidade e das pessoas, numa utilização ainda não convencional da arte e do espaço. Um programa ambicioso, consubstanciado em projetos e abordagens múltiplas que, partindo de um denominador comum – a arte participativa –, pretendiam ser habitados por lugares e pessoas.

Viveu no primeiro ano como um programa que às vezes provocou e, outras vezes, foi provocado; que gerou hesitações e impulsos. Foi ponto de partida e de chegada para as reflexões das páginas seguintes, que travam uma análise em torno do visto, ouvido e realizado, num vaivém de aproximação ao detalhe e à riqueza das histórias, e de distância para encontrar e referenciar tendências, disparidades, conquistas e desafios.

A análise efetuada tem por base uma metodologia de avaliação-investigação, pensada para refletir o melhor possível a multidimensionalidade destes projetos, e resultou numa triangulação de instrumentos mobilizados e numa análise desafiante. Mais concretamente, são convocados indicadores quantitativos caracterizadores da atividade, recolhidos e sistematizados ao longo do ano, e cujos resultados se ilustram nas infografias aqui apresentadas. Foram também utilizados os dados recolhidos através de visitas aos projetos e respetivos diários de bordo; de conversas desenvolvidas entre participantes, artistas e público, após as apresentações; de balanços com as equipas artísticas ao fim de cada projeto e em momentos conjuntos; de balanços com parceiros municipais e de entrevistas a participantes.

66 narrativas inestimavelmente ricas em entendimentos, percepções e emoções das muitas pessoas que compõem o programa, e que foram transcritas, categorizadas e analisadas. Fragmentos destas conversas irão sendo aqui encontrados, como janela para o vivido, e complementam-se com a secção “Viajando pelo ATOS”, mais adiante.

O retrato que aqui e agora se apresenta celebra a energia avistada nestes processos e valoriza a sua memória, trabalho, resultados e ativações. Encontra-se organizado a partir dos elementos interrelacionados que estruturam o programa ATOS: as parcerias, os lugares, as pessoas, o processo, a participação, a criação artística. Não é estático, dialoga e revigora-se continuamente através de novas histórias, concretizações, dados e perspetivas.

“Vamos aos Atos”, como dizia Mininha Quintela, participante no projeto *Assembleia* da Amarelo Silvestre, em Lamego.

As parcerias – “Uma espécie de coisa nova”

O ATOS envolveu a ação direta entre uma proliferação de pessoas e instituições, tendo por base uma relação quádrupla¹ – Teatro Nacional D. Maria II, Fundação Calouste Gulbenkian, municípios e estruturas artísticas – em detrimento do formato bilateral mais comum. O efetivo desenvolvimento deste programa trazia desafios que exigiam uma colaboração estreita com os agentes municipais. Entre janeiro de 2023 e março de 2024, foram envolvidas no programa cerca de 97 instituições cuja tutela era municipal. Em grande medida centros culturais, teatros e cineteatros, mas também escolas, museus e bibliotecas, centros de dia e lares, entre outras instituições. Foi interessante constatar que na região Norte as escolas assumiram um papel primordial nos projetos, sendo um dos importantes mediadores da participação dos jovens – uma relação que, revestindo-se de ambiguidade, no sentido em que geralmente não se centra na responsabilidade e interesse individuais, atenuou a sua relevância ao longo do ano. Na região Centro os museus ganharam um papel mais destacado; no Alentejo a importância desviou-se para equipamentos como as bibliotecas e ludotecas, enquanto nas ilhas os centros culturais foram a âncora dos projetos.

Em certas localidades, os municípios parceiros assumiram um papel ativo, informando as pessoas sobre o que estava a acontecer e convidando-as a participar, identificando possíveis locais de trabalho, áreas e grupos de interesse. Começavam “logo a surgir caminhos possíveis”, afirmava a associação Gira Sol Azul, a propósito dos primeiros contactos. No entanto, a capacidade de acompanhamento

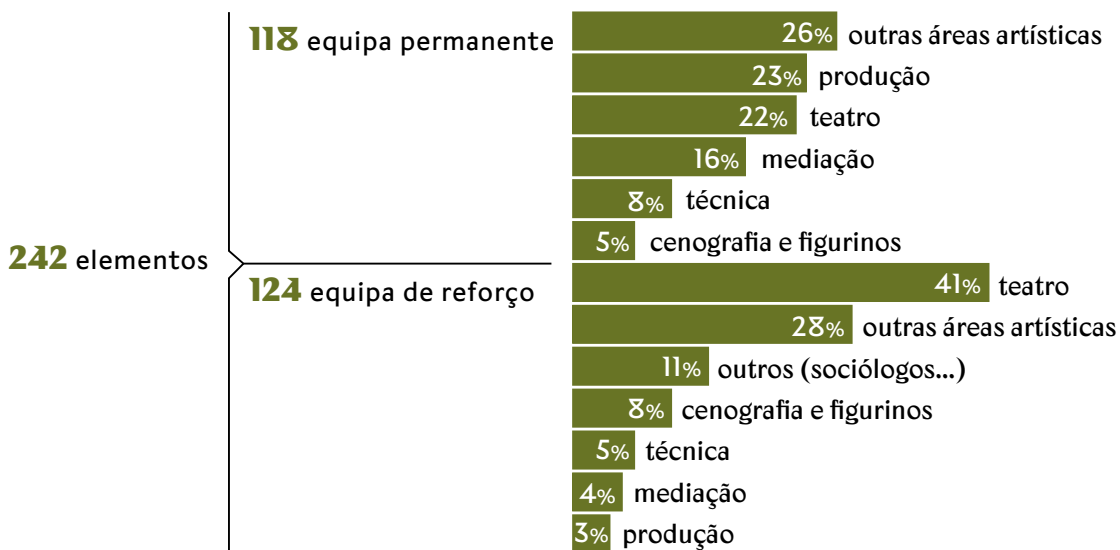
1. Descrita nos textos de Santos, López e Alves, neste volume.



Instituições municipais envolvidas

por parte de uma porção considerável de técnicos ou executivos municipais foi diminuta. A escassez de recursos humanos afectos à atividade cultural dos territórios, e o leque amplo de atividades programadas, foram fatores identificados pelos próprios parceiros como obstáculos ao seu envolvimento. Também a incompreensão sobre as características de projetos artísticos com modelos mais abertos, ou o facto de lhes dar um figurino de espetáculo, causou desalinhamentos. “Não era fácil entender o que se vai passar, o que vai acontecer”, confirmou um parceiro municipal, numa reunião de balanço.

Em geral, é possível falar de um padrão em que a experiência, ou a falta dela, tem repercussões a nível da resposta dada aos projetos, no envolvimento das pessoas e dos grupos e ainda na valorização destes processos. Sublinha-se, a este respeito, o valor do contacto e da construção cara a cara que permitiu, muitas vezes, desbloquear relações, atuações e entendimentos. As reuniões prévias com os técnicos municipais, realizadas em cada localidade pela equipa do TNDM II, só passíveis de inclusão no último trimestre, foram um exemplo dos benefícios da comunicação clara, no sentido de construir relações mais empáticas, resolver antecipadamente os problemas e encontrar estratégias conjuntas.



Composição dos elementos das equipas artísticas

As 16 equipas artísticas, mobilizadas para este programa, foram outro eixo na constelação de parcerias. Para o desafiante trabalho de articulação das componentes artística, de participação e de diálogo com o lugar, foram convocados 242 profissionais que assumiram uma pluralidade de papéis, durante os processos desencadeados. A configuração média de uma equipa artística ATOS foi de três pessoas – uma da área artística e duas de produção e/ou mediação. Notou-se um movimento na sua composição interna, decorrente da especificidade dos territórios e dos interesses dos grupos, adaptando-se às possibilidades e às fragilidades do contexto. Excetuando em dois casos, à equipa permanente juntou-se uma outra de reforço, composta por cerca de três elementos – sobretudo artistas, mas também técnicos, sociólogos, produtores e mediadores. Assinala-se ainda a este respeito a possibilidade de esta configuração impulsionar processos formativos *in loco* para jovens artistas integrados na equipa dinamizadora, como aconteceu com o projeto *Vida Real* da Ondamarela, na cidade de Vila Real: “Sou uma pessoa relativamente nova, ainda não fiz muitas coisas e, portanto, é bom poder passar por isto”.

No início do programa, em especial nos seus primeiros três meses, a constelação de relações gerou angústias quanto ao alinhamento de expectativas e à definição de papéis. Tais relacionamentos foram, ainda, dificultados pelo choque de agendas institucionais e locais que, em alguns contextos, limitaram a participação mais alargada e um acompanhamento mais profícuo de todas as partes. Também o

tempo foi um desafio comumente notado, e que se materializou na tentativa (e na ansiedade) de desenvolver o projeto certo para um tempo que era certo, combinar recursos com ideias e ambição.

A esta conjuntura juntou-se a gestão de indefinições de projetos em constante transformação. “O preparatório dói bastante, não sabíamos com o que contar”, reconhecia o Colectivo Espaço Invisível, no balanço face ao projeto *Solo*, no Funchal. Com repercussões ao nível dos modelos e lógicas de trabalho, o ATOS foi alvo de adaptação e redefinição ao longo de todo o ano, pela equipa do TNDM II, num esforço para tornar o seu enquadramento institucional mais maleável – ao invés de sufocar a orgânica dos processos artísticos participativos – e de se manter a par dos seus avanços. Também alguns dos municípios deram espaço para os projetos encontrarem a sua própria direção, facilitando condições e agilizando os recursos disponíveis.

Nós atuamos como um agente facilitador (...), para que também não seja tudo muito congregado dentro daquilo que é programação da Câmara e também não esteja tudo excessivamente municipalizado. (...) Foi uma coisa que cresceu; implantou-se, desenvolveu-se de uma forma muito natural e orgânica, em função daquilo que o território pode dar como resposta.
(Rosinda Pimenta, Município de Mértola)

A coexistência de agendas, linguagens, visões, práticas e ritmos, nesta constelação, não se pode subestimar na caracterização do programa. Foi sempre vital estabelecer relações mutuamente respeitadas e equilibradas entre todos, sobretudo com os representantes locais – com a intenção explícita de recusar ser “profeta de agosto”, ou seja, alguém que vem de fora cheio de certezas, como sugeriam os artistas da Discos de Platão, promotores do projeto *Canta Conto Conta* na Região Autónoma dos Açores. “Estas coisas, às vezes, são desenhadas de igual modo para municípios grandes como são para municípios pequenos e (...), às vezes, tenho receio de que as coisas não corram bem”, partilhava o presidente da Câmara Municipal do Sardoal, António Borges.

“Como é que garantimos condições justas para a participação de todos?”, questionava a associação Pele. “Como é que nos encontramos?”, perguntava o coletivo Burilar. Aqui e agora parecem claras as estratégias que podem ser ativadas para criar tais condições de colaboração e de trabalho conjunto. Exemplo disso é encontrar, no futuro, um maior espaço de encontro e de diálogo entre parceiros, estipulado em calendário, para a construção do projeto e a definição de estratégias. Aliás, o valor do pensamento cruzado ficou nítido em 2023, nos momentos de balanço após cada projeto e no acompanhamento

pela Fundação Calouste Gulbenkian, materializado numa espécie de “amigo crítico”, que desempenhou um papel relevante na persistência da ambição do programa, bem como na discussão das suas concretizações. Concluindo, tal como sugerido pela Umcoletivo: “Estamos aqui todos a fazer uma espécie de coisa nova nesta relação e nesta fricção (...). Portanto, acho que é uma aprendizagem conjunta”.

Os lugares - “É muita coisa em jogo”

Tudo começou no “lugar”, entendido aqui nas suas dimensões física, social, política, económica, cultural, artística. Esta complexa teia foi crucial para garantir que os projetos ATOS fossem envolventes e relevantes. “É muita coisa em jogo”, dizia a associação Gira Sol Azul, reforçando a pluridimensionalidade destes projetos.

O modo como as equipas artísticas, em colaboração com a equipa do TNDM II, conheceram, viram e ouviram os lugares foi variada. Antes da primeira visita, fizeram-se pesquisas que forneceram dados contextuais úteis na compreensão de potenciais temas e interlocutores. Foram realizadas visitas à localidade para observação direta das condições, das interações, dos interesses, e experienciada a participação em iniciativas organizadas localmente, as quais permitiam mergulhar nos elementos subtis que formam os contextos. A presença física também ajudou, nesta fase, a estabelecer relações com membros da comunidade local e “sugar conversas”, obtendo informações valiosas, como referido pelo Colectivo Espaço Invisível.

Este procurar nos lugares, as pessoas, os sítios, as histórias, as maiores e as mais pequenas, é uma fase que nós privilegiamos muito na nossa metodologia de trabalho (...), porque ela permite descobrir coisas (...) por exemplo, se levamos já uma fórmula, um projeto que queremos fazer (...), não conseguimos descobrir outras potencialidades de criação que esta liberdade de ir à procura e de conversar e de escuta (...) permite. (Burilar)

As várias estratégias de ligação ao território e às pessoas, algumas vezes apoiadas pelos parceiros locais, foram sendo fortalecidas ao longo do ano e promoveram uma compreensão mais holística do contexto local. Ainda assim, os lugares foram materializados nos projetos de diferentes formas: tanto moldaram o seu desenvolvimento, como serviram de pano de fundo para a intervenção. Obviamente, nem todos os aspetos locais podiam ser cobertos; porém, tornou-se imprescindível levar em conta as especificidades e particularidades de cada território, como revela Zacarias Gomes, participante no projeto *Solo* no Funchal, até para as intenções serem apropriadas, uma vez que havia pouca margem para mudanças totais de rumo.

Nós aqui também temos projetos e às vezes parece que os projetos que vêm de fora, por virem de fora, ganham um estatuto. E o facto de ter sido um projeto de um coletivo de fora (...), mas muito mais direcionado para a própria ilha do que (...) para mostrar um processo do Continente (...), será sempre um caminho (...) mais valorativo para todos. (Zacarias Gomes, participante, Funchal)

Os lugares materializaram-se, ainda, em espaços múltiplos onde foram realizadas as atividades e apresentações. O programa ATOS marcou presença em cerca de 86 locais. Para os parceiros municipais, foi importante os equipamentos culturais – como teatros e cine-teatros – adaptarem-se a novas dinâmicas e a outras relações entre criadores e públicos. No que respeita à equipa artística, a ideia era torná-los acolhedores, em especial quando se tratava de espaços culturalmente codificados, que traziam barreiras simbólicas de acesso e onde, por vezes, “o chazinho com as bolachas” facilitava a sensação de familiaridade.

Foram ainda explorados (e em algumas situações “reenergizados”) outros espaços, levando as pessoas para sítios que elas não conheciam, com os quais tinham pouca relação ou que pensavam encontrar-se estagnados no tempo. Em certos casos, o ATOS dispôs a arte em locais do quotidiano e o espaço público foi convocado e transformado num lugar de atividade criativa. Jardins e praças – enquanto espaços de baixo risco pela proximidade às pessoas – tornaram-se parte da programação cultural, indo ao encontro de um processo comum na arte participativa, como anteriormente descreveu Zukin (1995). Ao serem utilizados em sessões iniciais ou sessões de apresentação, todos estes espaços trouxeram uma vitalidade cultural acrescida e apreciada.

No caminho, o programa promoveu um melhor conhecimento do território português, em termos demográficos, ambientais, sociais, culturais e artísticos, e realçou as assimetrias de recursos. Além disso, permanecer um tempo em cada um dos 40 municípios permitiu contrariar, através da experiência, a ideia de que as regiões – Norte, Centro, Alentejo, Algarve e Açores e Madeira – e as localidades são algo fixo e bem definido. Compostas por pessoas, ambientes, culturas, tradições, episódios, práticas e certamente orçamentos eram, portanto, múltiplas. A estrutura Umcoletivo, que trabalhou em diferentes municípios, refletiu sobre essa diversidade na última reunião de balanço:

Aprendemos muito acerca de endemismos, acerca de práticas agrícolas e, acima de tudo, aprendemos uma coisa que é este Alentejo de que se fala como uma só região, (...) muito diferente. (...). É uma região muito rica e que muitas vezes nos é vendida como uma região única, como um único espaço. (Umcoletivo)

Alguns projetos promoveram um debate sobre o passado, o presente e o futuro de um lugar, encorajando as pessoas a refletirem sobre o território onde vivem; a partirem de outras e refrescadas perspetivas; a considerar novas significâncias. Tal é ilustrado por António Silva, participante no projeto da Amarelo Silvestre em Lamego: “Uma semana de trabalhos à volta do território, como é que nós sentimos o território, como é que experienciamos, como o conhecemos, como o podemos melhorar também”. Em última instância, foram uma espécie de arte desejante, composta por novas aspirações sobre o território, uma sensação de possibilidade.

As pessoas – “A sorte para conhecer as pessoas certas dá muito trabalho”

Durante as primeiras semanas de permanência em cada município, as equipas artísticas e a equipa do TNDM II desenvolveram uma panóplia de atividades para desafiar as pessoas a participar. “A sorte para conhecer as pessoas certas dá muito trabalho”, dizia a equipa do Lugar Específico, ao descrever esse processo. As estratégias dependeram do contexto, dos municípios, dos potenciais participantes, da disponibilidade da equipa do TNDM II e, claro, das ferramentas das próprias equipas artísticas.

É andar na rua e falar com as pessoas sem as conhecer, meter conversa e fazer perguntas e explicar que estamos ali, que ainda não sabemos muito bem o que vamos fazer, qual é a natureza do projeto (...). Acredito neste convite personalizado, olhos nos olhos (...), nesse privilégio de explicar que não sabemos o que vamos fazer, mas queremos que façam parte. (Gira Sol Azul)

O envolvimento da população assumiu desde formatos de experimentação, como oficinas, a apresentações discursivas sobre o projeto e moldes da participação. A chamada à participação (ou *open call*) em alguns projetos foi o primeiro momento; em outros, foi o culminar de uma série de encontros prévios e ponto de encontro das pessoas e grupos mobilizados. Algumas equipas entenderam estes momentos como uma construção do apetite pelo projeto; outras a sua degustação, ao experimentar um pouco do que iria ser feito. Se, por um lado, não existiu um modelo único de envolvimento das pessoas, é ponto assente que a clareza dos objetivos e do que se esperava da participação foi especialmente importante nesta fase. “Mas vamos onde e fazer o quê?”, questionava sempre alguém, vincando a necessidade humana de compreender o que se pretende numa participação que, segundo afirmou Matarasso (2013), deve ser decidida. Os participantes articularam essa clareza nas intenções com o tipo de linguagem

utilizada, que tanto criava fissuras como era agregadora de interesses. A empatia e o carisma da equipa artística foram também decisivos para os participantes voltarem no dia seguinte.

Este trabalho “de arqueologia”, de “fazer pesca à linha”, de “quase um namoro”, expressões usadas pelas equipas artísticas, provou ser um desafio e uma dificuldade comumente referida, nas conversas analisadas, e refletida no discurso de Manuel Tur, colaborador no projeto *Ato de Arrebanhar*, desenvolvido pela Talkie-Walkie na Covilhã. Tal dificuldade no envolvimento das pessoas encontra-se relacionada com expectativas sobre o “número suficiente” de participantes em projetos desta natureza, tendo por base uma tradição de julgar o sucesso apenas através dos números. Prende-se também com a intenção de encontrar uma diversidade representativa do lugar nas pessoas envolvidas – aspeto central do programa ATOS –, e aproximar os improváveis nas práticas culturais e artísticas.

Parece que há uma expectativa muito, muito grande de que se tenha um número enorme de pessoas (...). Do nosso lado, há uma falsa sensação de que não estamos a cumprir com o proposto (...). O que depois acabamos por perceber é que, para o trabalho que estávamos a construir (...), 16 pessoas é um número brutal (...), porque se queremos ouvir cada uma destas pessoas, se queremos trabalhar e construir a partir das histórias, das vivências e do que cada uma destas pessoas pode aportar, o número excede. (Manuel Tur)

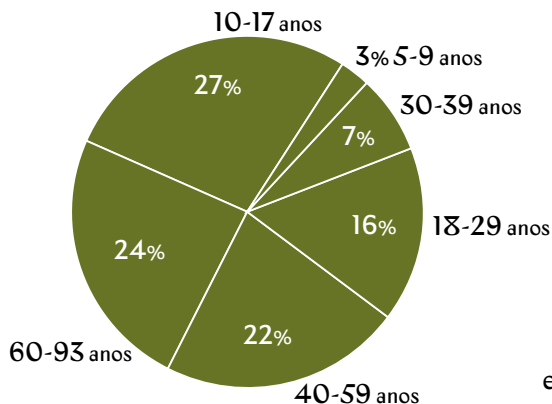
Esta dificuldade parece, ainda, surgir como reflexo de um entendimento da participação como elemento estável e intrínseco – as pessoas não aderem, não se mobilizam, não participam, não se comprometem – em detrimento de um maior questionamento sobre a eficácia dos modelos tradicionais de envolvimento e de comunicação (distribuir panfletos e afixar cartazes); ou do emergir da “presunção de deseabilidade”, apontada por Costa (2004), de quem faz cultura sobre quem a recebe, que o Colectivo Espaço Invisível destaca:

Quem vai de um rancho quer dançar rancho, não quer fazer teatro (...) e não vamos ser visionários a pensar que “isto é do que eles precisam”. Eu acho é que podem, nesse rancho, melhorar com as aulas de teatro e a partir daqui está ganho. (Colectivo Espaço Invisível)

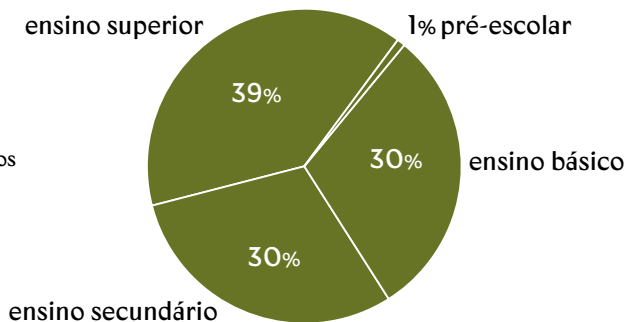
No final, 1.594 pessoas experimentaram participar num processo criativo, sendo 31% provenientes de profissões não relacionadas com o sector cultural ou artístico². Na maioria dos casos, os projetos

2. A percentagem é proveniente da amostra de participantes, que resulta da análise dos formulários de participação, e que equivale a 49% da totalidade dos envolvidos no programa ATOS.

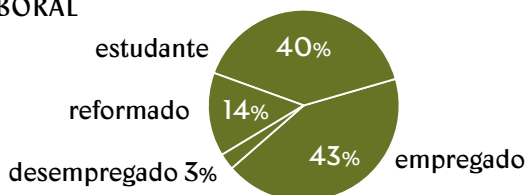
FAIXA ETÁRIA



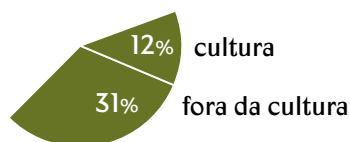
ESCOLARIDADE



SITUAÇÃO LABORAL



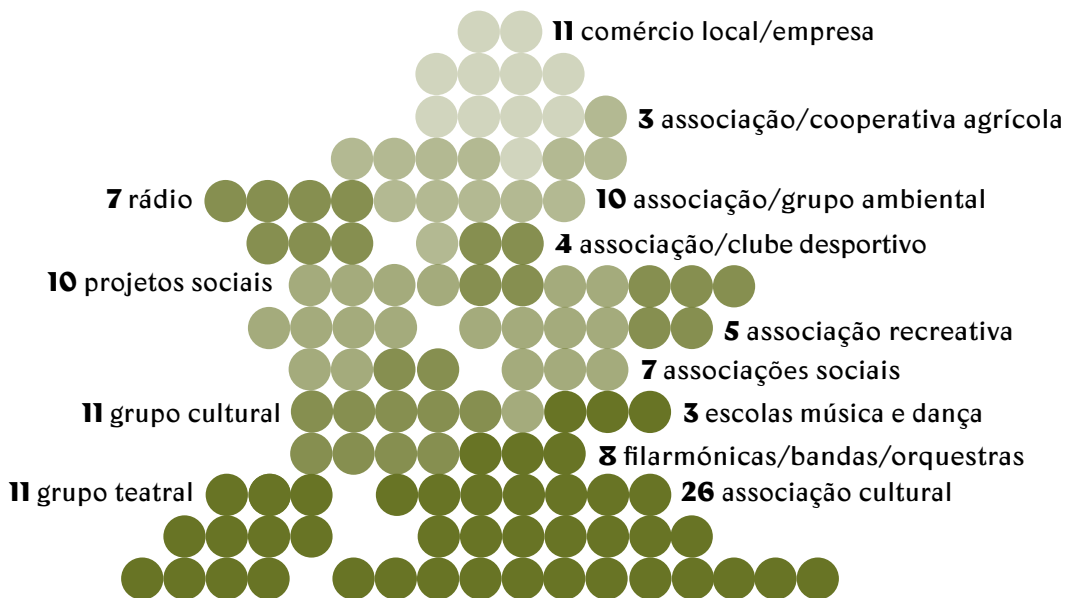
PROFISSÃO



Caracterização de participantes: 1.594 total, 777 amostra

consubstanciaram-se em espaços de encontro para pessoas diversas. Foi notável a intergeracionalidade inerente aos grupos (dos cinco aos 93 anos de idade) e, portanto, não é de estranhar que a partilha intergeracional fosse referida como ponto forte pelos participantes. “Admiro muito se darem [sic] e aceitarem qualquer pessoa para colaborar, porque dá muito trabalho, não é fácil. De um pequenino até a 84 anos que eu tenho, cada um tem a sua maneira de agir (...). Nunca vi essa abertura e é uma coisa bonita”, comentava Antónia Carvalho, participante do projeto *Nós, Quem Somos?* da Ondamarela, em Castelo Branco. Também o envolvimento de jovens – um grupo demográfico normalmente difícil de mobilizar para a participação em atividades culturais institucionais – suscitou interesse de equipas artísticas e municípios. A população mais jovem acabou por constituir 27% da amostra de participantes do programa ATOS.

O movimento intercultural gerado foi particularmente relevante. Ao criar um ambiente propício ao encontro e ao diálogo, que não partia necessariamente dos mesmos valores, culturas e experiências, a maioria dos projetos fomentou relações positivas e enriquecedoras, deu espaço para a curiosidade sobre o Outro e uma abertura empática maior.



Caracterização de grupos coletivos e associativos: 13 tipos.

Eu achava que a minha nacionalidade podia ter um *pouquinho* de adversidade (...). Mas foi bem tranquilo, *pessoal* muito, muito simpático, muita gente boa e *me deixaram* bem à vontade (...) e esse receio que eu tinha não aconteceu. (Rafael Tolomini, participante, Tomar)

A análise sobre o “bom motivo” para participar revelou a importância da curiosidade, “uma coisa diferente na rotina”, sobretudo para pessoas fora do meio artístico. Tal como a ligação à proposta artística, também a possibilidade de encontro e convívio foram fatores relevantes. Nas regiões autónomas, a lacuna de oportunidades neste âmbito foi mais salientada. “É sempre na terra dos outros”, dizia Ana Oliveira, participante do projeto *Canta Conto Conta* na Ribeira Grande.

Desde o início, a identificação de associações, coletividades e grupos informais já ativos, e enraizados na vida quotidiana, foi um elemento reconhecido como vital para a concretização destes projetos, e a sua maioria articulou-se diretamente com estes grupos. O ATOS, ao todo, envolveu 132 atores coletivos locais, especialmente do sector cultural e artístico, mas também dos sectores social, ambiental, desportivo e recreativo. A sua configuração relaciona-se com o eixo em que os projetos se inseriam – pessoas, património ou paisagem.

Tal permitiu beneficiar das relações estabelecidas e da confiança já existente, firmar um compromisso conjunto para a participação (por vezes, de famílias inteiras), ancorar tradições e expressões culturais locais e garantir maior continuidade do trabalho.

O ATOS revelou-se, em muitos casos, um programa multiplicador de aproximações e de incentivo a desafios conjuntos entre coletividades, associações e grupos frequentemente desarticulados. Tal aspeto é salientado por Rui Fraguito, participante no projeto da Ondamarela em Vila Real: “Essa rede (...) voltou a juntar-se no fim de semana passado (...). Aproveitámos estes contactos (...) e elevámos um bocadinho esse trabalho”. Um aspeto valorizado, também, pelos parceiros municipais, foi o reforço dos caminhos destes atores coletivos a partir de instrumentos, técnicas e metodologias – artísticas ou de mediação – promovidas nos projetos.

O processo – “No território a coisa move-se”

A carta branca sobre o que deveria acontecer no terreno, dada pelos parceiros institucionais, levou cada equipa a conceber e desenvolver as atividades artísticas que via como pertinentes, no sentido de criar pontes entre os objetivos do programa, os seus interesses artísticos, o contexto de cada localidade e os interesses do grupo de participantes. Um complexo jogo de equilíbrios.

“No território a coisa move-se”, dizia a Burilar, realçando o facto de se tratar de um programa inserido num contexto de ação humana e que por isso, como observa Pais (2001), é não-determinístico e dinâmico. Por vezes, os pressupostos do desenho de projeto não se verificaram na prática e levaram à reorganização do trabalho. Outras vezes, a implementação gerava novas oportunidades, permitia explorar outros caminhos, encontrar novos limites, redefinindo os projetos. A base fundamental do processo girou, então, em torno da sua responsividade, flexibilidade e adaptação.

A curadoria das equipas garantiu que as linguagens, materiais, ferramentas, práticas e formas artísticas de fazer fossem incorporadas. Exploraram-se diversas metodologias e instrumentos e é difícil fazer justiça ao volume de atividades que estes projetos geraram: entre outras, oficinas de teatro, dança, filmes *stop motion*; espaços de conversa e de debate e sessões de *brainstorming* criativo; assembleias e jogos teatrais, enquanto formas de cidadania participativa através da arte. Metodologias e ferramentas singulares que, usualmente, permitiram familiarizar os participantes com determinadas linguagens artísticas, de maneira mais ou menos respeitosa para com as suas disposições, ou promover uma multiplicação de

sentidos e articulações com linguagens já conhecidas: “Gostei muito também da interação com os músicos”, destacava um ator amador, a propósito da sua participação no projeto da Limite Zero em Pombal.

Em todos os casos, o intercâmbio direto com as equipas e a aproximação à sua identidade, tal como a troca de experiências artísticas, foram gratificantes para os que participaram com e sem percurso artístico, sobretudo quando houve tempo e espaço destinado à experimentação, com os seus triunfos e desastres, como diria Daněš (2020). “Nas duas últimas semanas fizemos algumas experiências, estivemos a experimentar muitos sons e a ideia foi surgindo”, explicava Daniela Antunes, participante no projeto *Observatório dos Rios*, promovido pela Guarda Rios em Ourém. Algum nível de autorrevelação dos próprios artistas profissionais no processo ajudou, igualmente, a desconstruir a figura de “artista” e construir a base invisível da confiança de que estes projetos necessitavam.

Uma abordagem adotada recorrentemente foi introduzir camadas artísticas num ambiente confortável e seguro. A diversão, associada ao prazer, parecendo um elemento simples foi, do ponto de vista dos participantes, uma das chaves para o seu comprometimento; algumas equipas artísticas tiraram partido desse elemento desde o início. “Foi divertido e conseguimos divertir-nos e ao mesmo tempo estar focados”, partilhava uma participante na sessão final do projeto da Cassandra, em Miranda do Corvo.

As formas de relacionamento não hierarquizadas foram outra componente destacada pelo conjunto de participantes. Aqui o envolvimento com os interesses das pessoas e grupos foi essencial, para atenuar a sensação provável de que eram necessárias características especiais para participar. Algumas equipas começaram por explorar pensamentos e sentimentos dos participantes, sobre a sua localidade ou vida, através de fotografias, livros ou perguntas: O que é a felicidade? O que faz falta numa cidade? Que desejos têm? O que é um rio? Quem somos nós? Como referiu o participante Tiago Correia, no projeto desenvolvido pela Discos de Platão, na Ribeira Grande: “No primeiro dia, por acaso, também foi muito bom o que eles fizeram. Quiseram conversar connosco e perguntaram-nos o que sentimos no contexto, o que era viver numa ilha no contexto artístico”. Outras equipas valorizaram o conhecimento empírico, para aprofundar e problematizar temáticas de interesse local, como o coletivo À Escuta:

As pessoas na maior parte das vezes dizem (...) “Não sei nada sobre isso” (...). E claro que depois, passados cinco minutos, percebemos sempre que sabem imenso. Ou seja, essa dimensão do conhecimento que não é valorizada, para nós, é super importante. (À Escuta)

Pode-se falar de relacionamentos próximos construídos a partir de um objetivo comum concreto; de atividades criativas partilhadas, que criaram oportunidades de conhecimento mútuo e de conexão (Gauntlett, 2018). Serve como exemplo habitantes do mesmo município que se cruzavam pela primeira vez e, após algumas semanas, partilhavam experiências intimamente. Estes projetos potenciaram, ainda, momentos de cidadania aberta, promovendo o diálogo crítico sobre questões relevantes, garantindo a liberdade de expressão – como sugerido por Sara Vital, participante no projeto *Assembleia* em Ponte de Sor – e reforçando a capacidade de participar, incluindo para pessoas pertencentes a grupos socialmente marginalizados.

Isto fez-me lembrar os ambientes das aulas de filosofia e psicologia no Secundário, que não eram assim. (...). Na altura, lembro-me de que me senti desconfortável, senti que estavam a olhar para mim com um olhar questionador, mas no mau sentido, que me estavam a julgar. E aqui não, foi exatamente o oposto. (Sara Vital, participante, Ponte de Sor)

Sempre que os projetos envolveram a copresença de múltiplas subjetividades e assimetrias – profissionais e não-profissionais, artistas e não artistas, os “de dentro” e “de fora”, a nível social – originaram, inevitavelmente, espaços em que a tensão, a turbulência e o desconforto estiveram presentes. Uma ambivalência de sentires – da diversão à inquietação, do conforto à desconstrução, do prazer ao desconforto – foi mencionada pelos participantes, e nem sempre foi possível trabalhar esses momentos como material de resignificação de contextos e de relações – ora por questões de tempo, ora por dificuldade de mobilizar instrumentos para o fazer.

Ao longo do ano, foi-se tornando mais clara a dificuldade em reunir todos os participantes em todos os encontros e a volatilidade inerente a envolver a pessoa no seu contexto e, por extensão, no seu quotidiano. “Era sempre um trabalho consoante com as agendas profissionais e familiares”, partilhava Manuel Tur. Na maioria dos casos, a resposta foi a concomitância de níveis de envolvimento. Os grupos de participantes eram compostos por um “grupo-coração” e grupos de pessoas que gravitaram, em algum momento, em torno do projeto. Em outros casos, promovia-se um modelo de combinação de atividades que, em paralelo, convocavam grupos específicos – focos múltiplos que nem sempre se cruzaram. Não haver apenas uma forma de participar, e contribuir, foi um aspeto apreciado por todos os intervenientes, e está relacionado com o que Matarasso (2019, p. 88) afirma ser a possibilidade de as pessoas participarem “nos seus próprios termos”.

Importa dizer que os projetos ATOS exigiram muito das equipas artísticas e que, em geral, foram sentidos como simultaneamente desgastantes e gratificantes. Não se pode subestimar os diferentes desafios: manter a visão artística do projeto; gerir as necessidades do grupo; incentivar o que está a ser dito; clarificar o que está a acontecer; manter o foco e negociar; desmistificar o processo artístico; facilitar espaços e processos, para as pessoas se sentirem ouvidas, e considerar com subtilidade as diferentes margens de liberdade para intervir. “Cada uma daquelas pessoas tinha um mundo consigo”, dizia a Talkie-Walkie. Até por isso, os efeitos são mais bilaterais do que se possa pensar à partida. É notória a evolução do pensamento das equipas, acerca do seu projeto, e o aprimoramento metodológico a partir das experiências e aprendizagens anteriores, com efeitos, por exemplo, nos modelos de participação provocados ou na valorização dos processos de mediação. A Formiga Atómica, no seu último balanço, ressaltava este movimento em torno do projeto *O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)*:

O projeto, de facto, está bastante distante. A nível de qualidade e de capacidade de gestão dos projetos e de gestão das equipas, das pessoas, dos lugares, é muito diferente, pela experiência, do que era no arranque. (Formiga Atómica)

A participação – “Tudo vale, mas não quer dizer que vale tudo”

Retirar os participantes do papel de recetores de um produto artístico acabado, como entendido por Brown (2004), foi ponto assente nos projetos criados no ATOS. Também a expressão “folha branca” foi recorrentemente utilizada pelas equipas artísticas, a fim de caracterizar os processos que desencadeavam: “Vamos com aquela ideia de folha em branco”, diziam. Porém a participação, em vez de ser entendida com uma única referência, foi nesta comunidade de práticas concretizada em diversas direções; nem todos os projetos tiveram o mesmo nível de entrosamento e de participação de pessoas e grupos, no processo e na criação.

Na maioria dos casos, os projetos tinham um ponto de partida definido e um ponto de chegada indefinido. Ou seja, havia uma ideia de partida, mas que naqueles dias, com aquelas pessoas, naquela localidade levava a determinados percursos criativos. Um dos artistas da Discos de Platão destacava, a este respeito, o “não ir com uma carga colonial, no sentido de chegar com uma ideia feita e pôr as pessoas a trabalhar sobre as nossas próprias ideias”. Estes projetos começavam com sessões mais dirigidas e, aos poucos, promoviam mais e melhores oportunidades para contribuições criativas, da parte

dos participantes. Normalmente havia um trabalho artístico em que o conteúdo, e os caminhos possíveis, foram concebidos em conjunto pela equipa e pelos participantes.

O enquadramento do projeto pela equipa artística, o cruzamento com experiências e conhecimentos dos participantes e uma proposta aberta e orgânica, que recebe esses contributos, foram alguns dos elementos tendencialmente comuns e salientados pelo conjunto das pessoas auscultadas. “Tem muito a ver com a forma clara com que nós dissemos a estas pessoas ‘Tudo vale, mas não quer dizer que vale tudo’”, esclarecia o coletivo Talkie-Walkie. Em geral, os participantes ficaram com o sentimento de ter contribuído com um par de mãos e conhecimento, para a concretização de um objetivo comum, a nível artístico. “Há uma interação que se cria, há uma energia que se gera (...) as pessoas também ficam realmente interessadas em saber, porque de repente podem contribuir de alguma forma”, declarava Mafalda Pereira, participante no projeto *Observatório dos Rios*, em Ourém. Em todos os casos, a participação das pessoas permitiu encontrar caminhos para projetos mais ressonantes a nível local.

Sempre fiz teatro, o tradicional, (...), texto na mão, o encenador decidindo tudo. Assim, nunca fiz. (...). Deixaram a *gente* sempre muito à vontade para (...) dar sugestões, ideias. Nós ficámos com muita vontade em relação ao como gostaríamos que fosse a apresentação, o que a *gente* gostaria de passar. Eu sei que teve um pedacinho de cada um dentro da apresentação. Não foi algo que foi imposto. (Rafael Tolomini, participante, Tomar)

O enquadramento e direcionamento da proposta, e consequente abertura à participação, assumiu fronteiras mais ou menos amplas, num *continuum* entre uma participação artística estática e uma outra fluida. Num extremo, encontram-se propostas baseadas num pressuposto de construção de tudo com todos – desde a pergunta de raiz, até às linguagens artísticas utilizadas, passando pela criação propriamente dita. Tendo em conta o contexto e ritmos do programa, este entendimento acabou por ser difícil de concretizar. O facto de não haver um conceito, ou uma questão de partida, comprometeu a clareza quanto ao que se pretendia fazer, além de ceder terreno à abstração e dispersão de atividades e grupos paralelos. No outro extremo, encontram-se projetos com aberturas estruturadas para a participação. Uma espécie de “guião poroso”, como dizia um artista do coletivo Guarda Rios, que podia ser adaptado em tempos, conteúdos e momentos, mas que estreitava a participação. Houve, ainda, um número reduzido de projetos que se materializaram em atividades e oficinas participadas, não envolvendo as pessoas diretamente

na criação artística. Os participantes contribuíram nestas situações para a concretização de um livro, documentário ou espetáculo futuro, influenciando o seu conteúdo, mas não a direção do processo.

As palavras escolhidas pelos participantes, no sentido de descrever o processo e o seu papel, revelam as diferenças inerentes a este *continuum*: “Ver como era a obra que eles estavam a fazer”, “projeto para espreitar uma criação artística”, “não estamos acostumados a lidar com essa liberdade”, “ficámos entusiasmados de estar juntos nessa criação”, “foi um sítio de criador”, são algumas das expressões utilizadas no decurso das entrevistas.

O equilíbrio entre a participação e a direção artística, de cada projeto, não foi um aspeto ligeiro. Envolveu aceitar as ideias de pessoas e de grupos e, de algum modo, encontrar espaço para elas, como enfatiza a associação Gira Sol Azul: “Uma responsabilidade mesmo muito grande nas escolhas, um equilíbrio difícil, (...), porque, por um lado, (...) em termos artísticos tem de funcionar, (...), depois, (...) é um projeto com a comunidade, então, isto também tem de lhes servir. Não podemos só ter lá a comunidade como figurantes e fazer um projeto muito bonito”. As questões da qualidade artística e do reconhecimento dos pares, ou do reconhecimento institucional – sobretudo inerentes aos momentos de apresentação –, tal como o tempo e a volatilidade da participação, em alguns casos, desconectou as equipas da ideia de uma participação mais vasta, impelindo um envolvimento dos participantes que se coadunava menos com a cocriação.

A participação efetiva nas atividades criativas e artísticas, ao dignificar as pessoas como agentes ativos, pareceu desencadear um conjunto de “microtransformações” – “lastros mínimos”, “quase invisíveis”, “que ficam numa pessoa”. Os participantes falam em revigoração da autoestima, e da confiança e desenvolvimento de potenciais, e das capacidades criativas, que no caso de participantes-artistas fortaleceram a sua voz artística. Este último caso transparece no discurso de uma participante, após a apresentação do projeto *Estórias com Memória*, desenvolvido pela Limite Zero em Pombal: “Para mim também foi novo explorar a questão das sombras, a questão da música e do texto. A figura já era algo muito meu, mas colocar isso de forma diferente (...) foi muito fixe e acrescentou-me bastante”. Alguns testemunhos assinalam, ainda, ligeiras mudanças no relacionamento com as artes e as práticas culturais. Nesses casos, o fazer artístico traduz-se numa espécie de convite a olhar e considerar a amplitude de possibilidades criativas, bem como a valorizar a diversificação da oferta cultural, na sua localidade. Tal pode significar, em última instância, que mais pessoas escolhem participar em experiências

artísticas nos lugares que habitam. Consideração que merece um estudo mais aprofundado.

A criação – “Um lugar que não é de nenhum, mas é o nosso”

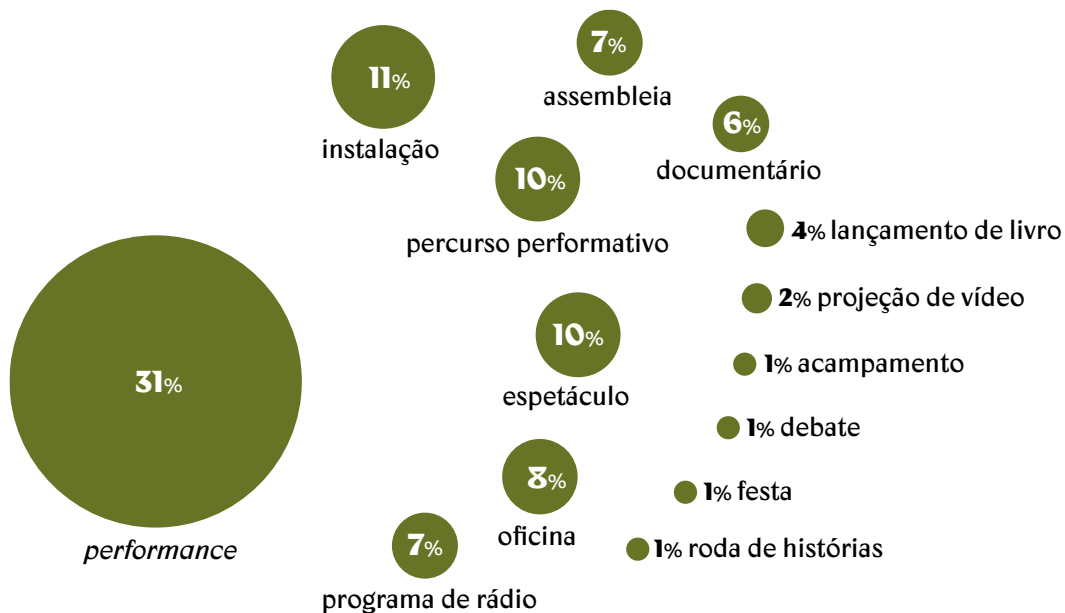
Ao proporcionar uma gama vasta de possibilidades de envolvimento e de relacionamentos com a arte, cada projeto foi transformado num produto artístico singular que, numa espécie de metáfora para o percurso, refletia o nível de participação das pessoas e da localidade.

Em maior ou menor escala, as pessoas e grupos participantes encontravam-se espelhados na criação. Coletividades e associações moldaram, por vezes, o experimento artístico, dando origem a uma abordagem localmente significativa, e atenuando fronteiras impostas pela conceptualização teórica do que a arte deve ser. Cante e cantares, ranchos e filarmónicas, tricotadeiras, adufeiras e oleiros foram mobilizados nestas criações e realçaram o carácter distintivo dos territórios e o potencial de cultura de cada localidade. Sem diluir os artistas no processo, a Pele fala numa “porosidade” autoral, “um lugar que não é de nenhum, mas é o nosso”.

Os lugares foram também reconhecidos e condicionaram temas e conteúdos, desencadeados pelas partilhas e experiências das pessoas e pelas referências do território. Foram trabalhados elementos adormecidos do território, como os animais estigmatizados que a Marina Palácio, em Ponte de Sor, identificou e valorizou. Em alguns projetos, o diálogo com a herança e a memória da região foi um fator surpreendente, para a população local e para os parceiros municipais que assistiram às apresentações. Nesse caminho celebraram-se e reviveram-se tradições em diálogo com a contemporaneidade. Contaminações mútuas que produziram formas, expressões e confluências. Rui Fraguito, participante no projeto *Vida Real*, afirmava a este propósito: “O que dá sabor a estes projetos é termos pessoas diversificadas, que nos trazem coisas diferentes, e nos fazem chegar a muitos lados de forma diferente daquilo que é o tradicional”.

O objeto artístico expandiu-se e ganhou amplitude em alguns casos. As criações permitiram o cruzamento entre as dimensões local, nacional e global. Projetos que foram do particular para o global, a partir de temas da vida local, trazendo questões contemporâneas centrais, como a desigualdade social, a igualdade de género, o envelhecimento, a sustentabilidade, as migrações, a gentrificação, o desflorescimento e as monoculturas.

A história e a memória, individual ou coletiva, foi um recurso utilizado recorrentemente nas criações. De uma maneira ou de outra, os projetos ancoraram-se nas histórias das pessoas e, em consequência,



Partilha pública: 13 tipos de apresentação.

nas suas emoções e imaginações, como forma de entrar na profundidade multifacetada do lugar (Okri, 1997). Mais uma responsabilidade para as equipas, como aconteceu na Ribeira Grande, Horta e Angra do Heroísmo, em que os artistas da Discos de Platão foram responsáveis por garantir que a história das pessoas, partilhada a partir de objetos significativos, estivesse no momento e no lugar certos e num contexto relacional que fizesse sentido.

Ao todo foram promovidos cerca de 13 tipos de apresentação. *Performances*, instalações, mas também percursos performativos, espetáculos, oficinas, assembleias, programas de rádio, documentários, debates, inclusive um acampamento. Fotografia e teatro, *performance* e vídeo, marionetas e música, um “desformato” de *performance*-assembleia-instalação, criado pelo coletivo À Escuta, foram algumas das transdisciplinaridades concretizadas. É interessante perceber que na região Norte as apresentações foram, de certo modo, mais tradicionais – *performances* e espetáculos, especialmente devido a condições climatéricas e também ao tempo menos prolongado destinado a todo o ciclo de projeto, dando origem à necessidade de reduzir os imprevistos. Já os percursos performativos ganharam peso no Alentejo, em pleno outono soalheiro.

Um dos elementos mais ambiciosos e controversos deste programa foi a apresentação ou a partilha pública. A necessidade de

chegar a um momento público que assinalasse a finalização do projeto com um resultado, numa corrida contra o tempo, trazia uma carga adicional – acima de tudo para as equipas artísticas, mas também para os parceiros municipais. Nas reuniões de balanço, as equipas destacaram neste processo as intenções de apresentar “algo com qualidade”, “de que ninguém se envergonhe” e que garantisse a presença confortável de participantes que estavam “completamente fora da zona de conforto”, como confessava um dos participantes, após a apresentação do projeto *Mapas para uma Feli(z)cidade* da Gira Sol Azul, no Fundão.

Embora os dois momentos de partilha pública (fixados como parte dos projetos ATOS) exercessem pressão a um processo entendido como orgânico, esta discussão é contrabalançada pelo orgulho dos participantes e pela felicidade que descrevem. Também a valorização dos projetos de arte participativa, a seguir aos momentos de partilha, leva a pôr em causa o argumento binário que situa a discussão entre o valor do processo e o valor do produto. Pode-se afirmar que, sobretudo no momento de apresentação, o ATOS polinizou a importância destes processos em municípios que se cruzavam com eles pela primeira vez, possivelmente abrindo a porta a uma valorização política maior. Mais concretamente, 59% dos parceiros municipais auscultados integravam, nos seus desejos, a ideia de arte participativa para o futuro da cultura no município.

Eu acho que foi mágico, por ver que as pessoas descobriam os outros; davam-se e faziam parte de uma comunidade. (...). Também a satisfação, sem dúvida nenhuma, (...), a minha satisfação, a satisfação conjunta com a missão cumprida, (...). É aquela alegria de fazer e de ser capaz de fazer. (Klemente Tsamba, participante, Beja)

Queremos trabalhar com comunidades (...) e estamos a fazer alguns trabalhos, porque também percebemos essa necessidade a partir do *Parlapatório*, e queremos realmente fazer esse trabalho mais continuado. (André de Jesus Conceição, Cineteatro de Alcanena)

Ao todo, 3.949 pessoas estiveram presentes nas 72 apresentações públicas. Os participantes foram muitas vezes os grandes promotores destes momentos, trazendo o seu próprio público. Os municípios, por seu lado, valorizaram a presença de públicos que tradicionalmente não vão aos espaços culturais, como referia a representante do executivo de Mértola: “Foi muito interessante porque depois (...), num domingo à tarde, estava muito público que normalmente não ia”. Foram, acima de tudo, momentos de celebração da comunidade para a comunidade, servindo até como catalisadores

da vontade de participar em algo semelhante. “Se algum dia houver a possibilidade de vocês repetirem isto durante o verão, os próximos a participar somos nós”, dizia um espectador, depois da apresentação do projeto da Limite Zero em Pombal.

Concluindo, “como é que se continua a partir daqui?”

A história inicial do programa ATOS criou, sem dúvida, oportunidades, meios, espaço e tempos de participação multifacetada com a arte, contrariando uma tendência de oferta escassa de possibilidades em pequenas, médias e grandes localidades. Reforçando o seu desígnio, o ATOS induziu um movimento impulsionador do direito de passagem da participação, como paradigma relevante na programação artística e cultural.

Não me lembro de haver um projeto deste tipo, mas acho que é importante, mesmo, que haja e que chamem as pessoas à conversa, à cultura, a pensar e saírem do seu dia a dia sempre igual. (Vina Marques, município e participante, Castelo de Vide)

A abordagem sob medida do ATOS aproximou a arte às pessoas, e cruzou-se de forma intersectorial com o quotidiano, além de permitir mapear abordagens diversas, para responder ao equilíbrio entre identidades artísticas e culturas locais. Ao inspirar a experimentação artística, embora com níveis de envolvimento diferenciados, agitou modos de relação das pessoas com as esferas institucionais, de arte e de cultura, mas também a sua relação direta com as práticas culturais e artísticas. O ATOS, composto por deambulações e avizinhamentos, estimulou a ligação de conhecidos e estranhos, individuais e coletivos, profissionais e amadores, a partir de projetos e fazeres comuns. Promoveu, ainda, parcerias de grande escala institucional, como a originada entre o TNDM II e a Fundação Calouste Gulbenkian. No caminho movimentou muros sociais, artísticos e institucionais. “Ganhámos aqui um bocadinho mais de mundo”, afirmavam os artistas da Guarda Rios na última reunião de balanço, ilustrando as reverberações do programa.

Obviamente, o ATOS não esteve livre de questionamentos, diferentes visões e até denominações, erros e fracassos, tão-pouco de uma imensidão de desafios situados em diferentes escalas – pessoal, institucional, local, regional, nacional. Além dos desafios já discutidos ao longo do texto, salienta-se um outro, transversal aos projetos e aos intervenientes: O que fica quando o projeto acaba? Como equilibramos o tempo curto destes projetos com o desejo de sustentabilidade? Como garantir a sustentabilidade destes processos artísticos participativos, a nível local?

Depois do considerável investimento e energia despendidos, o dia seguinte não é fácil para ninguém. “Agora não sei o que vou fazer depois do jantar”, afirmava um dos participantes do projeto da Amarelo Silvestre em Lamego, na conversa com o público. As aprendizagens sugerem ações que garantam organicidade nos projetos de arte participativa e que não os esgotem em memórias afetuosas. Com a experiência e a sua análise, verificámos que neste campo de atuação é imprescindível a existência de um interlocutor efetivo por parte do município, um rosto familiar com autonomia e capacidade de mobilização; o envolvimento de artistas locais; um espaço de encontro pensado estrategicamente; a garantia de que o processo não acaba no momento da apresentação; e a formação destinada ao conjunto de agentes culturais do território.

Faz-nos sempre pensar como é que a coisa continua, como é que se pode dar uma certa continuidade aos projetos e permitir que eles, no fundo, não morram; que as relações que se criam com as pessoas, nos lugares (...), podem de alguma forma manter-se e reativar-se (...). Um pensamento também importante para todos: como é que se continua a partir daqui? (Formiga Atómica)

“Não consigo deixar de pensar que este projeto pode ativar processos de participação e democratização cultural”, refletiu a associação Pele sobre a razão de ser do programa ATOS. E assim, a título de conclusão, reafirma-se o desejo: que prossiga na promoção do espaço de debate público, estimulando a participação da oferta cultural na vida, na construção e implementação das políticas públicas, do nível local ao nacional. Que continue a contribuir para afirmar a cultura como direito universal e constitutivo da própria democracia. Longa vida ao ATOS!

Referências bibliográficas

- Brown, A. (2004). *The Values Study: Rediscovering the Meaning and Value of Arts Participation*. Connecticut Commission on Culture and Tourism. Disponível em: <https://www.giarts.org/sites/default/files/values-study-rediscovering-the-meaning-and-value-of-arts-participation.pdf> (acedido a 16-05-2024).
- Costa, A. (2004). *Dos públicos da cultura aos modos de relação com a cultura: algumas questões teóricas para uma agenda de investigação*. Em Santos, M. L. (Ed.), *Públicos da Cultura* (pp. 121-140). Observatório das Atividades Culturais.
- Danek, C. (2020). *Revealing All: From novice to amateur in the community printmaking workshop*. Performance Research, 25, 48-51.
- Gauntlett, D. (2018). *Making is Connecting. The social power of creativity, From Craft and knitting to digital everything*. Polity Press.
- Matarasso, F. (2013). *'All In This Together': The depoliticization of community art in Britain, 1970-2011*. Em van Erven, E. (Ed.), *Community, Art, Power*. ICAF: Rotterdam.
- Matarasso, F. (2019). *Uma Arte Irrequieta: Reflexões sobre o triunfo e importância da prática participativa*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Okri, B. (1997). *A Way of Being Free*. Weidenfeld & Nicolson/Phoenix House.
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, trabalho e futuro*. Ambar.
- Zukin, S. (1995). *The Cultures of Cities*. Blackwell Publisher.

não se esqueçam
de regar
com água e
Amor





Confiar, amar, cuidar. Democracia cultural, políticas culturais e participação

MARIA VLACHOU

Gestora cultural e diretora executiva da Acesso Cultura

O que importa?

Em 2020, a artista Joana Villaverde escreveu um artigo no jornal *Público* intitulado “As vidas do interior importam”. Sendo o pretexto para a escrita deste artigo a anulação da última carreira de autocarro que fazia a ligação Avis – Lisboa, Joana comentava que aquilo que lhe parecia ser uma forma bruta de marginalizar as pessoas não preocupava a maioria dos habitantes do concelho, que há muito já andava desligada da capital. Nesse contexto, em que o mais importante era ter comida na mesa e conseguir pagar as contas, Joana sentia que, dada a negligência a que foram sujeitas, estas pessoas acreditavam na impossibilidade de mudança: no direito à mobilidade, à educação, à saúde, à liberdade de pensamento, à igualdade de oportunidades. E acrescentava:

É preciso devolver a dignidade aos que vivem no interior e acabar com esta assimetria vergonhosa dentro de um território geograficamente minúsculo. O ‘interior’ e as pessoas do ‘interior’ têm que entrar lado a lado nos debates sobre questões raciais, de género, de classe e combate às desigualdades. O interior foi segregado e silenciado, as pessoas do interior não têm voz. O que é que realmente delimita e denomina essa interioridade? Não será a distância até ao mar com certeza, porque essa é curta. O que delimita e denomina o interior são as políticas implementadas há séculos, e há séculos sem grandes mudanças. Este país não tem interior. Este país tem pessoas interiorizadas e empurradas para o esquecimento¹.

Este relato é o nosso ponto de partida.

1. Villaverde, 2020.

Da democracia, política e cultural

O que distingue a democracia de outros sistemas políticos? O seu pluralismo, igualdade, liberdade. E nesta negociação diária da vida em sociedade, que é a política, existe também o dissenso e o confronto. São estes atributos que idealizamos também num sistema de democracia cultural. É ir além da democratização da cultura – um sistema, na verdade, pouco democrático, bastante paternalista e hierárquico, controlado por “quem sabe” e que define uma “cultura de mérito” – e construir um espaço onde qualquer pessoa possa participar para criar, usufruir e decidir sobre que cultura fazer e que cultura apoiar².

É precisamente esta a visão e o desejo formulados pelo recente manifesto do grupo Periferias Centrais³. Nele, o grupo afirma que a qualidade da democracia política está intimamente ligada à qualidade da democracia cultural – e, conseqüentemente, a uma participação cidadã, plural e equitativa. Neste sentido, não apela apenas à colaboração entre profissionais da cultura e poder político, mas espera que ambas as partes valorizem e zelem pela criação de condições para uma participação efetiva dos cidadãos, promovendo e apoiando a liberdade de escolher que cultura fazer e que cultura apreciar⁴. Esta associação não é algo novo e é interessante ver como a participação cultural tem sido associada, nos últimos tempos, a grandes desafios políticos.

Em 2017, pouco depois da eleição de Donald Trump em novembro de 2016, Deborah Cullinan, na altura CEO do Yerba Buena Center for the Arts, escrevia: “A matéria-prima da nossa democracia é a criatividade individual e a imaginação coletiva. Numa altura de imensa atomização, a cultura do nosso país precisa de voltar aos seus ideais básicos – e as nossas instituições culturais devem liderar o caminho”⁵. No mesmo ano, e no rescaldo do referendo do Brexit, era publicado o relatório do King’s College London “Towards Cultural Democracy: promoting cultural capabilities for everyone” que afirmava:

No contexto da profunda e generalizada divisão política expressa através da campanha e do voto do referendo da UE de 2016, é cada vez mais claro que novas abordagens para muitos dos processos políticos do Reino Unido exigem uma atenção urgente e radical. Isto inclui o como funciona a política cultural

2. Vlachou, 2018, pp. 147-148.

3. Grupo informal de trabalho que reúne diversas estruturas culturais e que tem como objetivo refletir e desmistificar os conceitos de “centro” e “periferia”, evidenciar a massa crítica que existe em cada lugar, partilhar ideias e métodos de trabalho, criar uma base de apoio entre colegas. <http://periferiascentrais.net>

4. Periferias Centrais, 2024.

5. Cullinan, 2017.

– e para quem é e para que serve a política cultural. Perguntas sobre como a cultura é feita e por quem e quais atividades criativas são reconhecidas e apoiadas, são assuntos nos quais todos temos um profundo e cada vez mais urgente interesse⁶.

Este mesmo relatório defendia “uma liberdade social substantiva para fazer versões de cultura” (p. 3), “liberdades reais e concretas para escolher que cultura criar, bem como que cultura apreciar” (p. 5). O desenvolvimento do que chamam “capacidades culturais de cada pessoa” devia ser, precisamente, o objetivo de políticas culturais concretas. Mais recentemente, o nosso colega Hugo Cruz, num artigo intitulado “A democracia precisa da cultura e a cultura precisa de democracia”, afirmava também que:

As democracias vivem momentos de uma enorme fragilidade e necessitam com urgência da ativação de dispositivos e processos que reinventem sistemas e instituições que permitam a integração das propostas da democracia representativa e participativa. (...) Para esta missão a prosseguir, é igualmente convocada a participação cultural enquanto direito fundamental, que concretiza a cidadania e a vida democrática, assente no envolvimento de todos na vida cultural das comunidades⁷.

O relato de Joana Villaverde permite-nos refletir sobre a qualidade da nossa democracia política, por meio da construção de uma cultura democrática. Estamos perante uma realidade assimétrica e injusta, que divide as pessoas entre cidadãos de primeira e de segunda, e que não proporciona a todas elas oportunidades para se reunirem e debaterem, treinarem o seu pensamento crítico, sonharem e proporem ideias e alternativas, participando com autoestima e confiança, sabendo que serão ouvidas e valorizadas. Neste mesmo contexto, temos agentes culturais que procuram o conforto da “democratização da cultura”; que contribuem para a promoção de uma monocultura “que faz bem”, pouco dispostos a pôr em causa as suas certezas e a reconsiderar o seu lugar no sistema, mais preocupados em manter o poder que advém dos seus conhecimentos e integração no meio. Este é um país que não reconhece a sua própria diversidade cultural, nem dá liberdade para a celebrar. Quando um país exclui desta maneira, torna-se mais pobre e, para algumas pessoas, mais violento, também.

Perante este cenário, de que modo podemos começar a construir uma democracia cultural que saiba apoiar, e valorizar, a imaginação e criatividade de qualquer pessoa que habita este país e que permita sonhar? E o que podemos nós ambicionar de uma política cultural?

6. Wilson, Gross and Bull, 2017, p. 6

7. Cruz, 2022.

ATOS – alguns ingredientes

O encontro com as estruturas artísticas que participaram no programa ATOS realizou-se na Fundação Calouste Gulbenkian, um dia depois das eleições legislativas de 10 de março de 2024, que resultaram numa subida significativa da representação da extrema-direita no Parlamento. Nesse mesmo dia, o investigador em Estudos Urbanos e ativista António Brito Guterres publicava, no *Diário de Notícias*, um artigo intitulado “Ressentimentos”. Lia-se no último parágrafo: “Querem verdadeiramente combater o Chega? Saiam dos gabinetes, criem saber político instalado, deixem a população participar verdadeiramente, e filiem as pessoas como comandantes de uma mudança social⁸”. Estas palavras fazem pensar muito concretamente no papel dos profissionais da cultura na construção de cidadania e de uma democracia, política e cultural, mais participativa, de melhor qualidade. Com elas em mente, comecei a ouvir os colegas que se reuniram no encontro, a falar da experiência, aprendizagens e preocupações que o programa lhes trouxe.

O programa ATOS ambicionou valorizar o tecido cultural nacional e promover práticas cívicas junto das comunidades. O reforço da qualidade da nossa democracia política, através de práticas de democracia cultural, é um plano a longo prazo mas que, tal como todos os planos, precisa de começar por algures. Nas partilhas das equipas artísticas, identifiquei três pontos que me parecem essenciais no início desta caminhada: o tempo, a participação e a imaginação e criatividade.

Num programa como o ATOS, “o tempo”, como alguém referiu no encontro, pode ser um desafio criativo. É preciso planear em função do tempo que se tem, de forma realista e respeitosa para todos; convencer pessoas diversas a participar e criar algo em conjunto. No entanto, a participação não é algo imediato ou garantido. E há outros fatores a considerar ainda. Referiu-se, várias vezes, que as pessoas na localidade onde se desenvolveu o trabalho não se conheciam entre elas; que havia realidades mesmo ao lado que essas pessoas desconheciam. E referiu-se também o quão importante foi os participantes, nos projetos, poderem verificar o impacto das sugestões que tinham feito.

Estes fatores são relevantes quando queremos pensar a democracia cultural e estão todos relacionados com o tempo. Mas qual é a noção de *tempo* aqui? É aquela de que muitos entre nós ganhámos consciência na altura da pandemia, quando percebemos e quisemos que o ritmo fosse outro, para podermos fazer não mais, mas melhor;

8. Brito Guterres, 2024.

um tempo mais profundo e prazeroso, com mais sentido e relevância, e não apenas dominado pelo fim de cumprir uma agenda. É preciso tempo para nos conhecermos melhor – a nós próprios e aos outros; é preciso tempo para construir confiança e, com ela, comunidade; é preciso tempo para se criar o sentimento de que o nosso investimento – em tempo, relações e sentimentos, na participação e na criação – vale a pena.

Sobre “a participação”, ficou clara, no encontro, a noção de que há diferentes formas de participar, quanto a tempos e intensidade, e que deve haver liberdade para cada pessoa se envolver da maneira como se sente mais confortável. Ficou igualmente claro que não há participação com ideias fechadas. A participação requer abertura para ouvir; disponibilidade para abdicar do lugar de “autoridade” e partilhar o poder; capacidade para lidar com o imprevisível e com o desconforto de não ter o controlo; curiosidade em descobrir o que o Outro tem a propor. Nas palavras de um colega, é preciso “dar aos participantes novatos uma amplitude de experiências criativas, em vez de tentar extrair deles uma maior profundidade de envolvimento”, fora dos espaços culturais convencionais e institucionalizados, com preocupação pelo que será relevante para as pessoas, com todos os envolvidos dispostos a discutir, arriscar, errar, recuar, estabelecer consenso.

Finalmente, alimentar “a imaginação e a criatividade”. Talvez seja através desta amplitude de experiências, da consciência do tanto que pode existir por aí, que se desperte a curiosidade e se crie o desejo e a capacidade de imaginar. No encontro, foi referido que não estamos habituados a formular desejos e que, desde crianças, em casa ou na escola, aprendemos a dar as respostas que os adultos querem ouvir: a fim de evitarmos reprovar, não arriscamos. Assim, só avançamos com base em certezas. Os projetos participativos podem despertar o desejo e ajudar a desenvolver as capacidades de imaginação e criatividade, gerando autoestima e originando uma zona de confiança mútua, para que, segundo referiu um colega no encontro, “pessoas de fora e de dentro do meio artístico possam envolver-se em processos de criação a partir da curiosidade e do ‘desconhecido’”. Apostar no desenvolvimento destas capacidades é essencial para podermos participar na projeção do futuro.

Construindo uma política de democracia cultural

Em muitos países, programas políticos e políticas culturais não passam de uma listagem de medidas. Sem propósito formulado, sem visão de futuro – que inclua também a Cultura. É, por isso,

refrescante ler na estratégia do Arts Council England, *Let's Create*, que o que se imagina é um país transformado pela cultura; que aproxima e inspira as pessoas; que lhes traz prazer, felicidade e bem-estar; que enriquece as suas vidas. Lê-se no documento:

Até 2030, queremos que Inglaterra seja um país em que a criatividade de cada um de nós seja valorizada e lhe seja dada a oportunidade de florescer, e onde cada um de nós tenha acesso a uma gama notável de experiências culturais de alta qualidade. (...) Até 2030, vislumbramos um país transformado pela sua cultura e, ao mesmo tempo, transformando-a constantemente: uma nação verdadeiramente criativa, na qual cada um de nós possa desempenhar um papel⁹.

A atual estratégia do Arts Council England não é o produto de um momento, ou apenas de uma ocasião política, mas um dos resultados de um longo caminho feito nesse país nos últimos quase 80 anos. Para construir esta visão de futuro, podemos verificar a importância dos três ingredientes anteriormente referidos: tempo, participação, imaginação/criatividade. Lembremo-nos de Raymond Williams que, desde os anos 1950, defendia que o apoio à cultura não deve servir apenas para dar suporte às grandes instituições nacionais, “pois a cultura é comum, uma pessoa não deveria ter de ir a Londres para a encontrar”¹⁰. Também no já referido relatório “Towards Cultural Democracy” defendia-se que todas as pessoas no país devem ter “(...) oportunidades para ver e ouvir coisas; coisas novas, coisas velhas, coisas estranhas, coisas bonitas, coisas divertidas e coisas ferozes; coisas que mobilizam, confundem e movem; coisas que confortam e coisas que inspiram”¹¹. E antes de chegar a formulação da estratégia para a Cultura, apresentada em 2020, o Arts Council England tinha apoiado e avaliado uma série de projetos participativos, testando ideias e construindo sobre os resultados¹².

É aqui que nasce o desejo; é aqui que surge a possibilidade de sonhar sobre o que nos dizem – e acreditamos – não ser possível. Para construirmos uma democracia cultural, teremos de lhe dedicar tempo, acolher as pessoas que desejam participar verdadeiramente, criar condições para despertar a imaginação e alimentar a capacidade criativa de cada uma delas. Como profissionais da cultura, como políticos e como cidadãos, temos de nos questionar: possuímos, realmente, esta vontade e capacidade? Sabemos quem somos e que futuro ambicionamos construir? Entendemos o que isso tem a ver

9. Arts Council England, 2020.

10. Williams, 1989, p. 16

11. Wilson, Gross and Bull, 2017, p. 3

12. Podemos indicar, a título de exemplo, o Creative People and Places: <https://www.artscouncil.org.uk/creative-people-and-places-0>

com a Cultura e que será algo mais do que “as artes” e a “alta cultura”? Assumimos verdadeiramente um compromisso com a democracia cultural?

Qual a nossa ambição?

A cidade de Helsínquia tinha definido, na sua estratégia para 2017–2021, que a sua ambição era ser a cidade mais funcional do mundo. O que significa isto?

A funcionalidade é baseada na igualdade, na não-discriminação, na forte coesão social e em formas abertas, inclusivas de operar. Uma cidade funcional tem muitos pontos fortes e poucas fraquezas. Todos se sentem seguros em Helsínquia. Uma cidade funcional baseia-se na confiança. Segurança e um sentimento de confiança mútua e união são uma vantagem competitiva para a cidade. A cidade é para todos. A cidade é construída em conjunto¹³.

O que se vislumbra aqui é a ambição de construir uma comunidade forte e feliz, cultivando a confiança mútua e, conseqüentemente, o sentimento de segurança. Imagina-se um futuro para a cidade, e os seus habitantes, através da construção de uma Cultura.

O relato da Joana Villaverde, apresentado no início deste texto, lembra-nos que vivemos num país de muitas assimetrias, habitado por pessoas “interiorizadas” – esquecidas, ignoradas, resignadas –, que acreditam na impossibilidade da mudança. Neste mesmo país, profissionais de diferentes áreas, incluindo da cultura, não saem da bolha dos seus gabinetes; políticos e cidadãos não valorizam nem incentivam a participação nos assuntos e discussões que deveriam ser comuns. O presente e, sobretudo, o futuro de Portugal não pertence a todas as pessoas que o habitam. É neste contexto, precisamente, que os discursos populistas encontram um terreno fértil para o cultivo da desconfiança, no sistema democrático e nas outras pessoas. Será este um país funcional? Da mesma forma que António Brito Guterres nos incentiva a sairmos dos nossos gabinetes, a pensadora e gestora cultural brasileira Marta Porto lembra-nos: “É nas praças que temos que estar e não só nas salas de espetáculos e nas galerias de museus. A luz está onde as pessoas caminham”¹⁴.

Procuremos essa luz, uma espécie de farol que possa iluminar uma visão de futuro. Ambicionemos um país capaz de ser uma comunidade de gente valorizada, feliz, inspirada e com oportunidades para participar – independentemente de quem é, de onde vem e de onde vive. Dediquemos atenção, e tempo, à capacitação de sermos uma

13. Helsinki City, 2017, p. 9

14. Porto, 2019.

comunidade de pessoas livres: livres para pensar, para confiar, para amar e cuidar; para imaginar e criar. Saibamos apreciar e celebrar a diversidade cultural do país, encarando-a como um fator de riqueza e não de ameaça. Neste momento, no nosso contexto político atual, imaginando o futuro, haverá ambição mais bonita e mais urgente, numa estratégia para a Cultura em Portugal, do que erguer esta comunidade?

Referências bibliográficas

- Arts Council England (2020). *Let's Create*.
<https://www.artscouncil.org.uk/lets-create> (acedido a 21.4.2024)
- Brito Guterres, A. (2024). "Ressentimentos".
In *Diário de Notícias*, 11.3.2024
<https://www.dn.pt/8021592668/ressentimentos/> (acedido a 19.4.2024)
- Cruz, H. (2022). "A democracia precisa da cultura e a cultura precisa da democracia".
In *Público*, 5.3.2022
<https://www.publico.pt/2022/03/05/opiniao/opiniao/democracia-precisa-cultura-cultura-precisa-democracia-1997625> (acedido a 17.4.2024)
- Cullinan, D. (2017). "Civic engagement: why cultural institutions must lead the way". In *Stanford Social Innovation Review*
https://ssir.org/articles/entry/civic_engagement_why_cultural_institutions_must_lead_the_way (acedido a 17.4.2024)
- Helsinki City (2019). The most functional city in the world: Helsinki City Strategy 2017-2021
https://www.hel.fi/static/helsinki/kaupunkistrategia/helsinki_city_strategy_leaflet.pdf (acedido a 21.4.2024)
- Periferias Centrais (2024). *Manifesto: Além da municipalização da cultura, a caminho da democracia cultural* <https://periferiascentrais.wordpress.com/manifesto-municipalizacao-cultura-democracia-cultural/> (acedido a 22.4.2024)
- Porto, M. (2019). "As urgências da sociedade, as artes e a cultura". In *Estadão*, 10.9.2019
<https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/as-urgencias-da-sociedade-as-artes-e-a-cultura/> (acedido a 21.4.2024)
- Villaverde, J. (2020). "As vidas do interior importam". In *Público*, 21.8.2020
<https://www.publico.pt/2020/08/21/culturaipsilon/noticia/vidas-interior-importam-1928572> (acedido a 17.4.2024)
- Vlachou, M. (2018). "Haverá democracia política sem democracia cultural? O lugar das "periferias" em Portugal". In ITAU Cultural, *Revista Observatório, nº 24, Arte Cultura e Educação na América Latina*.
<https://www.itaucultural.org.br/secoes/observatorio-itaucultural/revista-observatorio-24-arte-cultura-e-educacao-na-america-latina> (acedido a 21.4.2024)
- Williams, R. (1989). *Resources of Hope*. Verso
- Wilson, N., Gross, J. and Bull, A. (2017). *Towards cultural democracy: promoting cultural capabilities for everyone*. King's College London
<https://www.kcl.ac.uk/cultural/resources/reports/towards-cultural-democracy-2017-kcl.pdf> (acedido a 17.4.2024)



Viajando pelo ATOS

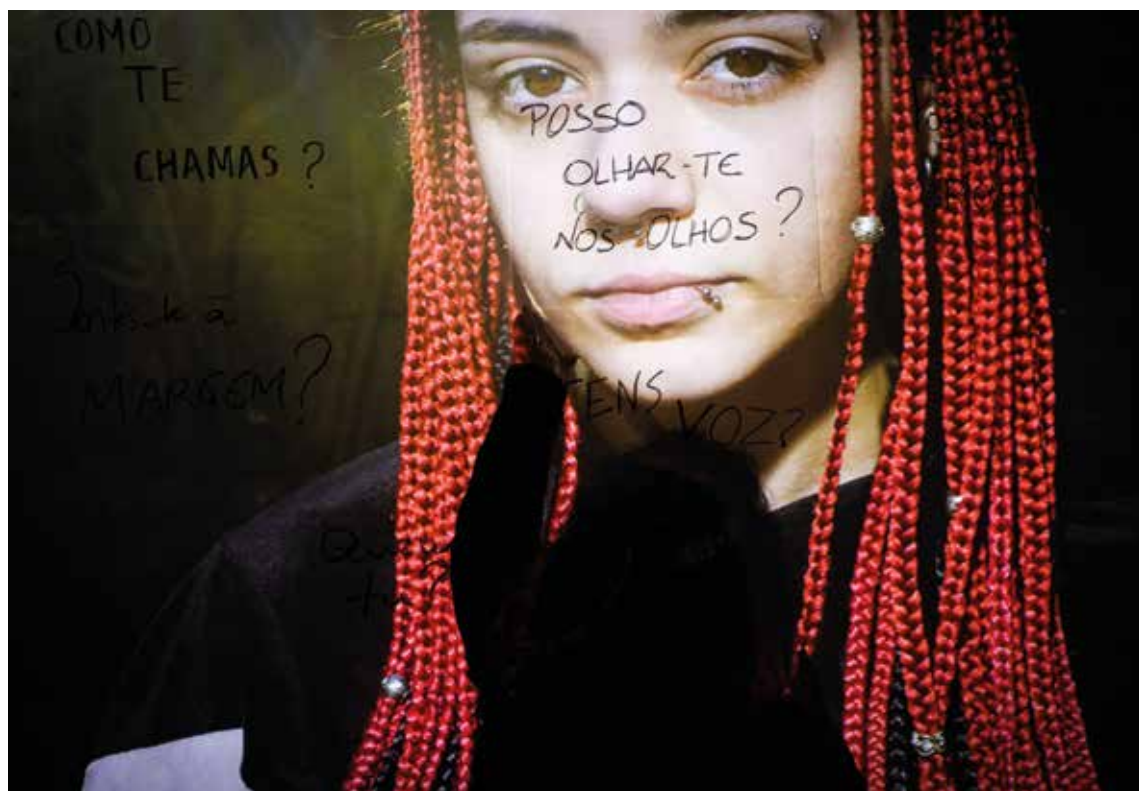
Uma narrativa
de imagens
e testemunhos
que falam por si



↑ → Vila Real *Vida Real* Ondamarela

preenche o espaço vazio





↑ → Lamego *Assembleia* Amarelo Silvestre
Torre de Moncorvo *Estórias com Memória* Limite Zero, pp. 106-107









↑ Torre de Moncorvo *Estórias com Memória* Limite Zero
→ Pombal *Estórias com Memória* Limite Zero





↑ → Paredes de Coura *Cartografia dos Desejos* Pele





↑ → Carrazeda de Ansiães *Pe_SOA: O dia em que os Ansiães celebram o Futuro* Lugar Específico



■ Nos tempos que correm não há hipótese de abdicarmos da família, dos pequenos momentos que temos. As pessoas já começam a aceitar que levemos os nossos filhos e a Ondamarela abriu as portas perfeitamente. Passámos de 30 participantes para 70, por esse facto. ¶ Foi um sítio de criação, com coisas simples, mas de muita qualidade. Que são fáceis de nós gostarmos, e até, às vezes, copiarmos e levarmos para o nosso trabalho em Vila Real e para Trás-os-Montes. Ficou a valorização de pequenas coisas que temos e que fazem parte do nosso quotidiano, que passavam despercebidas e a que agora damos valor. Falou-se muito no multibanco de Mouçós. Há pessoas que iam até Vila Real e nem se lembravam que havia multibanco em Mouçós. ¶ Também aprendemos que é importante uma preparação para o que se vai realizar: estar com o grupo, fazer um aquecimento e concentrar, as pessoas poderem falar um bocadinho do seu dia a dia, desabafarem e ficarem tranquilas e, depois, focadas no trabalho que se vai fazer e conseguirem comunicar os seus anseios.

Rui Fraquito Musicólogo popular
Vila Real

■ As pessoas realmente valorizam imenso e interessam-se muito quando estamos a retratar a história local. O tempo foi sempre um bocadinho inimigo, porque realmente era muito pouco para fazer o projeto. Entretanto, as coisas foram fluindo. Foi bastante motivador, o encontro. ¶ Efetivamente, há pessoas que não se conheciam de lado nenhum e estiveram aqui em residência artística e a amizade, e esta partilha que se desenvolveu, foram muito interessantes.

Foi muito bom, sem dúvida.

Luís Pereira Técnico superior da Câmara Municipal
Torre de Moncorvo

■ Eu não imaginava o que aquilo ia dar. Éramos um conjunto de seis embaixadores, por isso, [havia] diferentes espaços, horários e formas de estar. Curiosamente, por vezes antecipavam-se e o que eu queria mostrar já alguém tinha mostrado. E parte das fotografias que foram recolhidas tinha pouco a ver com o que eu imaginava. Nós crescemos durante o processo. ¶ Quando fomos confrontados com as imagens fiquei um bocado angustiada, davam-me um desconforto muito grande... Não é que nós não pensemos nestes problemas e questões no dia a dia, mas de certa forma estão mascarados. Então, após a troca e partilha de olhares tão diferentes, por vezes com ideias completamente opostas, chegámos a algumas conclusões em conjunto. Quando começámos a fazer perguntas, pensei: “Como se faz perguntas a uma imagem?”. A apresentação foi bastante intimista, mas com muita mensagem. Acho que a pandemia nos deixou um bocadinho adormecidos, mas temos de acordar e fazer barulho. ¶ Nós estamos cá no cantinho e abrir portas para o país inteiro é ótimo. Pôs-nos a refletir sobre problemas que dizem respeito a Lamego, mas também de âmbito nacional, como a desertificação, o envelhecimento da população. Realmente isto é a realidade, eu já sabia que

estava a acontecer, mas choca.

Mininha Quintela Professora
Lamego

■ A determinada altura senti necessidade de perceber quem fazia o quê. Para não nos sobrepormos e repetirmos tarefas. Mas conversámos e conseguimos esclarecer. É importante as equipas artísticas, de facto, virem com flexibilidade para assumirem o processo como algo que ainda não está totalmente fechado. ¶ Eu acho que correu muito bem. Conseguimos desenvolver um verdadeiro trabalho comunitário. Inicialmente não estava previsto envolver as escolas, mas depois ficou uma turma do quinto ano que funcionou bem, e acabaram por estar três grupos em simultâneo com trabalho semanal, quando à partida a ideia era congregar todos num único grupo nos ensaios comunitários. ¶ Embora na comunicação tenham sido anunciados dois dias de apresentação, a dado momento começou a não fazer sentido pedir aos grupos para virem sábado e domingo. A logística de transportes dificulta o acesso dos jovens que vivem nas freguesias; aliás, foi interessante os miúdos exprimirem como desejo: “A minha grande vontade era que houvesse mobilidade”. Chegámos ao modelo de uma caminhada, com plantação de árvores, que fez ponte com o projeto. Se não estivéssemos no ATOS, não tínhamos feito este encontro e teria sido uma pena, pois encontrámos uma solução criativa e correspondemos às expectativas do público. ¶ Participar na construção de um projeto de criação é sempre interessante para perceber como evolui, embora as exigências de logística de alojamento e de alimentação das equipas possam ser pesadas. Mas foram projetos com muita qualidade artística, que permitiram uma relação muito forte com a comunidade.

Joana Rodrigues

Chefe de divisão da Câmara Municipal
Paredes de Coura

■ Em Carrazeda de Ansiães sentimos a falta de um trabalho comunitário continuado. As senhoras do lar diziam-nos que era muito bom estarmos juntos, mas sentiam dúvidas se conseguiam fazer o que era proposto. Por outro lado, havia falta de técnicas disponíveis para as acompanhar. O projeto foi de estímulo à sensibilidade, e convite a experimentar ferramentas e perceber que podíamos criar algo em conjunto. ¶ Várias pessoas que vieram como público disseram que só então entenderam, e lamentaram não ter participado. Nós despertámos a dinamização da biblioteca, que é fundamental para a vila, e tivemos um *feedback* incrível da ativação que a equipa da biblioteca está a fazer por lá, depois da nossa passagem. Foi uma introdução a um caminho que leva tempo e requer habituação, mas a nossa estadia acabou por ter impacto.

Susana Alves e Nuno Figueira
Equipa artística Lugar Específico
Carrazeda de Ansiães

■ Começámos por partilhar o que víamos em relação ao ambiente, como é que falamos de rios. Eles têm o mérito de ter posto as pessoas a falar num ambiente descontraído. Uma sugestão de melhoria que faço é que tentem simplificar o vocabulário – não é reduzir o vocabulário mas arranjar forma de explicar. ¶ A agenda ambiental também faz parte da nossa companhia. O que eu achei interessante foi como eles ligaram a parte científica com a parte artística. Aquela mesa, que eles puseram no meio, é uma experiência científica que fizemos ali e que transformámos num objeto artístico. ¶ É justo dizer que é uma participação. Agora, o tempo de contacto com a comunidade foi curto. E, portanto, acho que não é justo esperar uma participação com mais influência no resultado final. Como se podia melhorar ou tornar essa participação mais significativa ou mais ativa? Com tempo.

Diogo Bastos Pinho Ator, músico, encenador,
diretor artístico do Teatro em Caixa
Santa Maria Da Feira



↑ Santa Maria da Feira *Observatório dos Rios* Guarda Rios

→ Mirandela e Vinhais *O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)* Formiga Atómica
Pombal *Estórias com Memória* Limite Zero, pp. 118-119









↑ Figueira da Foz *Mil e uma Noites* Umcoletivo
→ Fundação *Mapas para uma Feli(z)cidade* Gira Sol Azul





↑ Idanha-a-Nova *O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)* Formiga Atómica
→ Sardoal *Assembleia* Amarelo Silvestre





↑ → Miranda do Corvo *Parlapatório* Cassandra





↑ → Santarém *Cartografia dos Desejos* Pele
Ourém *Observatório dos Rios* Guarda Rios, pp. 128-129







■ O cronograma foi exatamente o mesmo. Em Pombal, já tínhamos a experiência de Moncorvo, que adiantou um pouco em relação à planificação. Tem de ser um processo muito rápido e interessante, por isso é importante ter o apoio de um mediador que conheça as pessoas, as suas competências, interesses e dificuldades. ¶ Estou agradecido pela confiança da nossa equipa neste projeto. Foi uma construção o mais possível em conjunto. A ideia é ouvir os participantes, as suas ideias e vontades, para concebermos e construirmos um objeto teatral. Depois, é preciso fornecer as ferramentas, partilhar o que nós, profissionais nas várias áreas, sabemos, e tentar que o processo seja apropriado para todos. ¶ Acho que as pessoas estavam super empenhadas, porque foi a partir delas que vieram as histórias, as ideias cénicas, as imagens e as músicas. Em Moncorvo partimos das memórias de infância; em Pombal utilizámos o património de lendas, alcunhas e personagens da terra. É fundamental que se construa o projeto a partir do imaginário e do património coletivos dos participantes. Por isso teria sido interessante ter um bocadinho mais de tempo, para conhecer melhor as pessoas e para o desenvolvimento do conceito.

Raul Constante Pereira Equipa artística Limite Zero
Pombal

■ O ATOS também foi uma odisseia, mas correu muito bem. Começámos sem saber ao certo que grupos iam responder ao desafio. De início contactámos com as filarmónicas todas, porque achávamos que tínhamos ali um coro de participantes muito grande e que seria interessante para eles, porque havia a parte musical. Mas depois ninguém das primeiras reuniões veio. O projeto e os grupos foram-se construindo, e as pessoas foram chegando à Casa Varela de forma autónoma e através de outros contactos. ¶ Para o grupo de teatro Treliar – que trabalha com miúdos da escola – a experiência foi muito gratificante. Para

o grupo de teatro amador de Pombal foi um projeto radiante. Eles estabeleceram relações muito próximas com a Limite Zero. Como não tivemos músicos das filarmónicas, direccionámos o convite aos responsáveis de escolas de música do concelho, e eles emolgaram-se imenso e integraram os seus alunos. Foi um projeto muito bonito e no dia da apresentação, na conversa com o público, percebeu-se que marcou a todos, a quem assistiu, mas principalmente a quem participou. ¶ Às vezes, com a dinâmica das organizações a nível de outros eventos, elas acabam por não ter o tempo devido para preparar e acompanhar os projetos que recebem. Mas isto é erro de planeamento, não é? Temos de pensar o calendário para estar, do início ao fim, a facilitar os relacionamentos no terreno. ¶ Fica a certeza de que temos de entrar cada vez mais no processo dos projetos com a comunidade. Faz sentido envolver as nossas estruturas artísticas amadoras, continuar a formação e proporcionar experiências que os grupos e a comunidade não têm.

Sónia Fernandes Câmara Municipal,
programação Teatro-Cine de Pombal
Pombal

■ O ATOS foi uma surpresa muito boa. Estou a recordar-me da primeira apresentação, foi de arrepiar. A segunda, se calhar já mais leve, apesar de ter uma intensidade muito grande. E nós estamos em contacto com a Cátia Terrinca, para darmos continuidade. Foi realmente fantástico, ficámos com muito material por trabalhar. A questão da Maria João Carvalho soube a pouco, gostaríamos muito de continuar e mostrar mais trabalho dela; a maneira como o projeto envolveu as mulheres acho que foi espetacular. ¶ Esta proposta, direccionada para espaços não convencionais, trabalhou de forma muito interessante e pragmática as questões da comunidade e conseguiu chegar efetivamente, na nossa opinião, ao objetivo principal

que era o envolvimento da comunidade, a partilha, e ser algo que representasse o nosso território. Tivemos pena de não conseguir chegar a mais pessoas e pensamos que poderíamos ter comunicado melhor internamente na Câmara e para a comunidade. Mas gostaríamos muito de replicar o projeto, que correu bem não só em termos profissionais, em termos de programação, como em termos da nossa comunidade, e isso para nós é muito relevante. Deveríamos ficar com um testemunho para partilhar e guardar em arquivo; era importante que isto não tivesse acabado aqui.

Margarida Perrolas

Diretora do Departamento de Cultura
Figueira da Foz

■ A companhia que veio cá trabalhar é fantástica, em termos de comunicação, de criar laços com as pessoas. A dada altura, já conheciam os comerciantes e toda a gente. E, na apresentação, vimos as pessoas que trabalharam com eles, e outras que estiveram presentes como público, que já era um grupo grande de amigos e foi muito bom, foi muito interessante. São pessoas muito bem-dispostas e criativas. E trabalham muito. ¶ Eu não esperava que houvesse tanta gente nas primeiras sessões. E depois construiu-se uma trama. O grupo que foi até ao fim foi mesmo muito bom, de várias idades e experiências completamente diferentes. E são pessoas que nós, depois, continuamos a ver a assistir a outras coisas. O grupo era muito opinativo e todos os dias aparecia uma ideia nova. Como o tempo era muito curto, houve uma altura em que teve de se tomar o pulso. ¶ Eu queria mesmo ter cá a experiência de um percurso, que o espectador faz até chegar ao objeto. Acho que cada vez mais precisamos que o público faça também parte de uma cumplicidade, não é? E que possa também fazer um caminho de abertura, para estar disponível a ver coisas que nunca viu, ganhar curiosidade, até, por coisas

mais difíceis. Para que no dia em que veja “aquele” espetáculo, sinta que está ali e reconheça algumas pistas, não é? Isso é bom.

Miguel Rainha Diretor artístico A Moagem
Fundão

■ A parte do teatro teve um impacto muito, muito giro. Acho que quem assistiu na pastelaria, ou na esplanada, adorou o efeito surpresa. Foi muito engraçada a reação das pessoas “e agora eles vêm lá outra vez? Será que vai haver novamente teatro?”; e ver a reação de quem estava sentado na pastelaria e era levado a interagir, ou a reação de quem só observava. São caminhos muito desafiantes para continuar e fazer alguma coisa. O documentário teve um efeito bastante sentimental, para quem participou, e para nós, que vimos. Deixou marcas nas pessoas. ¶ Acho que eram necessários 15 dias para os artistas da Formiga Atómica conhecerem melhor o território e assentarem, ou seja, haver uma preparação *in loco*, de uma semana, por exemplo. E depois avançarem com a ligação à comunidade, as filmagens, e as apresentações na semana seguinte. Até para haver maior impacto; quando a comunidade estava, de facto, a perceber o que se estava a passar (e mais recetiva à participação), eles já estavam de partida. ¶ Gostaríamos de renovar esta linha de ação no futuro. Mas com mais tempo para trabalhar e ir ao encontro das pessoas. As nossas capacidades e disponibilidade também acabam por criar alguns constrangimentos, mas com mais tempo conseguiremos ter um efeito mais duradouro e chegar melhor aos públicos. Aqui, foi um *shot*. Foi um ótimo começo. Temos muita vontade de ter este tipo de relação com uma entidade profissional. O que é que se pode fazer a partir daí realmente?

Paulo Longo

Diretor artístico Centro Cultural Raiano
Idanha-a-Nova

■ A responsabilidade começa por ser das imagens que são fornecidas. A partir delas as pessoas elaboram perguntas e dizem o que veem ou sentem. Se existem olhares diferentes, então começa uma conversa... depende de conseguirmos reunir uma pluralidade de visões; há pessoas que são mais influentes e podem levar a um consenso no grupo, o que significa que nem todos estão a pensar ou a dizer o que pensam. Sentimos dificuldade em pensar as questões num sentido mais abstrato, que nos implica a todos, e não “fulanizado”, relacionado a uma pessoa ou situação. ¶ No Sardoal a caça suscitou um debate animado e polarizado; já a pobreza e a imigração não se conseguiram aprofundar. Foi interessante ver a relação das pessoas com as perguntas que elas afixavam, sobre a projeção vídeo. Após um ciclo exaustivo de interrogações, a aplicação e ressonância da pergunta na fotografia que lhe deu origem, e a contaminação sobre outras que se seguiam, foram impactantes e reveladoras. No fim, umas pessoas quiseram levar perguntas para casa e outras quiseram que ficassem afixadas na sala, onde decorrem as assembleias municipais. Simbolicamente fica alguma coisa e isso é bonito. Agora, que efeito as perguntas vão ter ali é muito difícil de prever, não é?

Fernando Giestas e Nelson D'Aires
Equipa artística Amarelo Silvestre
Sardoal

■ Nos projetos de participação é difícil termos a disponibilidade dos grupos para dois dias, e por isso não é possível fazer dois dias de apresentações iguais. Isto desafiou-nos a pensar na coerência – o que faz sentido no dia seguinte ou no dia anterior à apresentação performativa? Em Santarém conseguimos um modelo para nós mais interessante, que é trabalhar com agentes locais – houve uma associação que dinamizou connosco oficinas comunitárias no domingo de manhã – e

assim correspondemos a uma vontade que existia no teatro, de fazer oficinas ao fim de semana para as famílias da Ribeira.

Maria João Mota e Fernando Almeida
Equipa artística Pele
Santarém

■ Em Ourém, o processo e a participação foram fragmentados e conquistados dia a dia. As pessoas iam aparecendo conforme podiam e os seus contributos vieram de um *workshop*, uma conversa ou, noutros casos, de ensaios e composições. Com um grupo coeso, que participa continuamente, cria-se uma relação de maior profundidade nos temas e métodos de trabalho, não é? ¶ Interessava-nos juntar trabalhadores do Parque Natureza do Agroal, e visitantes; mas o parque está fora da malha urbana de Ourém – o que exige mais deslocações e disponibilidade. Houve pessoas chave que nos acompanharam ao longo do processo. O professor Humberto foi um interlocutor muito disponível e colaborativo. Apresentou-nos a locais e coletivos da Freixianda, levou-nos a conhecer o rancho folclórico em Formigais, e organizou a ligação às escolas e com um grupo de escoteiros. A Daniela estabeleceu a colaboração musical da Albardeira, e a Mafalda envolveu o grupo de teatro de Seixa.

Francisco Pinheiro e Nuno Barroso
Equipa artística Guarda Rios
Ourém

■ Um lado do projeto é de investigação e re-flete-se na folha volante física, que imprimimos e partilhamos na *performance*-assembleia-instalação, e na parte de assembleia. Em Gouveia, mergulhámos nos jornais locais editados desde o final do século XIX, e traçámos uma perspetiva histórica, muito interessante, das políticas e da relação

das pessoas com a floresta. ¶ Há agora várias associações ambientais e perspectivas diferentes sobre o território. Nós falamos com muitas pessoas e fazemos recolhas que depois devolvemos, como um elemento central e de reflexão que constitui o projeto. São vozes da comunidade, que se cruzam através de gravações organizadas na folha volante física, e na *performance*-assembleia-instalação. As pessoas ouvem e identificam-se. Nos momentos de assembleia elas são escutadas, também, pelos representantes institucionais e políticos, e surgem possibilidades de diálogo, direto ou indireto, enquadrados pelo objeto artístico. Quando saímos do lugar, as ligações estabelecidas podem tornar-se palpáveis no território. ¶ Neste processo descobrimos também um talento, um rapaz que tem mais de 100 canções escritas. Ele nunca tinha cantado e tocado nada seu em público. Era uma canção de um amor a uma ribeira, que no refrão dizia: “A floresta ecoa a uma só voz”.

Joana Sá, Luís Martins, Corinna Lawrenz, Helena Maia, Lucas Tavares Equipa artística À Escuta
Gouveia

■ Reunimos 19 participantes da comunidade, com idades e origens diversas, incluindo estudantes universitários, pessoas aposentadas e profissionais no ativo. Consideramos que foi um número bastante razoável. Tivemos a presença de várias profissões, e conseguimos organizar o processo de forma a que todos pudessem participar, sem comprometer as suas atividades profissionais. ¶ Foi um mês intenso e desafiante, que exigiu a angariação de muitos materiais e a criação de conteúdo, para produzir um espetáculo. Não obstante, houve uma adesão forte ao longo de todo o processo. Na apresentação, estiveram cerca de 100 pessoas, o que consideramos uma excelente receção. ¶ O Manuel Tur trouxe um olhar externo sobre a comunidade e o território,

algo de grande relevância para nós. Numa das conversas *online*, sobre temas a trabalhar, mencionei a importância histórica significativa da Covilhã na indústria de lã. O Manuel demonstrou que é possível abordar o tema de lã sob diferentes perspectivas. Não faz sentido insistir apenas no passado, ainda sendo uma referência que não devemos esquecer. Nascido na Covilhã, sinto que a visão de uma pessoa exterior pode transpor essa herança para a arte contemporânea e para o futuro, proporcionando à comunidade um contacto com profissionais e estéticas diversificadas. Há inúmeros exemplos em Portugal de cidades que se transformaram por meio de projetos que introduziram novas perspectivas. Não podemos continuar a olhar para a Covilhã com a mesma perspectiva do passado, pois essa realidade já não existe.

Rui Sena Diretor artístico
Teatro Municipal da Covilhã
Covilhã

■ Houve um conjunto de jovens adultos que quis falar sobre antepassados e foi aos arquivos de família levantar histórias e até tabus, como a imigração e a fome. Criámos uma lista de adjetivos e sinónimos para substituir o nome real da cidade, como um código, o que se tornou um processo de análise, pois percebia-se a relação de cada um com a cidade, pela forma como adjetivava – a cidade de refúgio, a cidade de nevoeiro, a cidade-futuro. ¶ Quando se entrava no mercado o processo estava exposto nas bancas, entre as vendedoras – com mapas, livros que lemos, registos sonoros ou objetos que fomos recolhendo. O percurso culminou numa assembleia, com participantes e público, onde discutimos as muitas questões que surgiram em torno da cidade. Foi um trabalho em construção até ao último momento.

Matilde Seabra e Manuel Tur
Equipa artística Talkie-Walkie
Covilhã



† → Gouveia *Folha Volante* À Escuta





↑ Covilhã *Ato de Arrebanhar e Outras Transumâncias* Talkie-Walkie
→ Castelo Branco *Nós, Quem Somos?* Ondamarela



↑ Castelo Branco *Nós, Quem Somos?* Ondamarela

→ Alcanena *Parlapatório* Cassandra





↑ São João da Madeira *Pe_SOA: Esta Linha que nos Une!* Lugar Específico
→ Tomar *Porvir* Burilar





↑ Tomar *Porvir* Burilar

→ Oliveira do Bairro *O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)* Formiga Atômica



■ Eu fiquei admirada. Fiquei muito contente com este projeto que vocês trouxeram até à nossa cidade. E o teatro é uma coisa que diverte e a vida está tão má. Nós somos uma cidade que gosta de receber e temos muitas potencialidades. ¶ Na sessão de apresentação, disse logo que sim, que iria continuar; outras colegas minhas teriam tido muito mais facilidades, porque são mais novas. Correu bem, porque eles são acessíveis. Explicam tudo muito bem, a gente entende. Já são mais uns amigos que eu tenho. ¶ Tenho estado tão feliz, nesta hora e meia que a gente passa juntos... Sinceramente, acho que está bem coordenado. Há muita gente que gosta de ouvir a minha voz, por isso é que eu estou a tentar gravar um *CD*. Não sei se consigo, já gravei cinco temas. De certeza que muita gente há de vir ver, se Deus quiser. ¶ As pessoas não aderem é muito... enfim, é triste. Não têm interesse pela cultura. Eu fico admirada.

Antónia Carvalho

Cantora, poetisa, Universidade Sénior
Castelo Branco

■ A maior parte estava bem apreensiva no início. A professora só disse que era uma coisa que se calhar podíamos gostar e tivemos receio de experimentar. Só que foi giro. Depois o Ricardo foi bem dinâmico. A personalidade dele também está a cativar alguns de nós. ¶ Quando vi uma guitarra elétrica, comecei a imaginar música clássica com *rock*. Aquilo é um bocado nosso, eles disseram que foram trocando coisinhas de sessões com todos e deu-se o resultado onde estamos agora. ¶ Na música acho que não aprendi nada de novo, mas no sentido da atividade social, acho que nunca tinha feito aquele jogo, de estarmos numa roda a bater palmas e a dizer os nomes das pessoas à volta. Também aprendi a trabalhar com outras pessoas, não é? Aprendi a adaptar-me, a ver ou ouvir o que os outros estão a fazer e depois desenvolver

a partir daí. Depois disto acho que vou sentir-me muito vazia, muito desocupada. Vou sentir a falta.
Sara Cavallier e Tulliana Menezes, Estudantes do
Conservatório de Música
Castelo Branco

■ Há uma lógica de trazer as pessoas não só para o espaço do teatro, mas também para o espaço da política. Então, fomos com os participantes para a Assembleia Municipal no último dia. Pensámos que seria um ótimo momento para estarem num sítio onde pudessem, ainda, descobrir novas maneiras de comunicar. Mas as pessoas não se sentiram à vontade, e havia sempre a referência à Casa das Artes como espaço seguro, onde toda a gente se sentia confortável para falar. ¶ Para pessoas que não fazem teatro, a distinção entre espaço real e ficcional pode ser delicada e difícil de fazer. Uma parte delas não vai fugir àquilo que muitas vezes são as suas convicções pessoais; não vão brincar a assumir convicções do vizinho, que tem uma visão e uma postura na vida completamente distinta da delas. ¶ Quando se fala num debate de temas em assembleia, a classe social é muito importante para trazer novas formas de olhar para o mundo. E se o grupo de participantes é muito homogéneo, a forma como se olha é muito igual. Nós tentamos provocar o contraditório através de um exercício comunicacional, mas não podemos condicionar as partilhas espontâneas das realidades das pessoas.

Cassandra Equipa artística

Miranda do Corvo e Alcanena

■ Eu não acompanhei muito as oficinas e os encontros, mas assisti ao momento final. Achei a metodologia muito importante e o resultado muito engraçado. Deu-nos vontade de fazer algo parecido, de forma mais prolongada. Sobre tudo para a comunidade sénior. ¶ A mãe de uma colega que

trabalha conosco, que participou, apontou que se sentiu respeitada por ter miúdos a ouvir e a concordar com a sua opinião. Não se criou uma tensão dos opostos, acabou por se entrosar muito bem. Se calhar, para os jovens não foi tão impactante, porque há outras atividades que lhes dão espaço para falar, desabafar e opinar. ¶ Projetos como o *Parlapatório* fazem muito sentido para nós e é uma área em que temos mais dificuldade em encontrar propostas de tanta qualidade. E lá está, originando um espetáculo – como o que vamos ter agora –, é muito interessante para quem participou; percebem que o que fizeram tem um resultado artístico na forma tradicional. Quer queiramos quer não, embora o processo seja o mais importante, as pessoas sentem-se mais valorizadas. E para nós, e estou a falar enquanto programador, é o que faz mais sentido, havendo possibilidade. É uma área difícil de implementar, porque são projetos de maior custo financeiro, e este tipo de parceria pode ser

muito bom para nós.

André de Jesus Conceição

Programação Cine-Teatro São Pedro
Alcanena

■ Eu sei que me coloco num papel difícil, porque não quero controlar o processo. A comunidade é que vai ditando o caminho e deixo-me ser desafiada. Em São João da Madeira a diversidade do grupo foi uma grande riqueza. As pessoas criaram uma relação forte, parecia que já se conheciam há muito, e falaram da rapidez com que se estabeleceu uma ligação íntima. ¶ Havia uma vontade enorme de aquelas pessoas se fazerem ouvir e fazerem a diferença na comunidade, que partia de inquietações e insatisfações. Criaram-se dinâmicas de grupo a partir das reivindicações de cada um, a partir de perguntas: Que quero eu para a Casa da Criatividade? Surgiram respostas: Quero que a minha cidade seja mais participativa; quero isto mais colorido; quero mais. O nosso

objetivo era que conseguissem pôr em prática as suas ideias e reivindicarem de forma criativa e artística, mostrando que podemos usar outras linguagens para gerar a mudança.

Susana Alves e Nuno Figueira

Equipa artística Lugar Específico
São João da Madeira

■ Fui para o projeto porque sempre quis fazer teatro, desde que cheguei a Portugal, e nunca tive oportunidade. Eu já fazia teatro no Brasil. ¶ Na primeira sessão estava me sentindo um peixinho fora do aquário... muitas vezes tenho dificuldade de entendimento do sotaque de vocês, e realmente às vezes eu não pego uma frase inteira. Mas foi bem tranquilo. ¶ Eu gosto dessa coisa de encontrar, ensaiar, trocar ideia, conversar, e não consigo encontrar isso em outros locais. Então, foi algo que eu me senti muito bem mesmo. Aqui cada um sugeriu uma coisa, cada um cedeu um pouquinho e todo mundo foi bem querido, sabe? Foi bem paciente, a equipe, para receber todas as ideias e conseguir incorporar dentro do projeto. ¶ Para mim só foi difícil por causa do meu horário de trabalho. São fatores externos. Acho que foi como deveria ter sido, foi o que aconteceu. Foi muito agradável. Nunca tinha ouvido falar daquele tipo de experiência de teatro. E foi bem gratificante, porque eu estava dentro de algo que não tinha ideia de como iria se proceder, e quando eu vi a realização final, fiquei até orgulhoso.

Rafael Tolomini, Motorista, ator amador

Tomar

■ As pessoas ali não queriam falar do mar. Então estimulámos conversas que partissem do abstrato absoluto, para que elas falassem do que lhes apetecesse. E depois então ver como é que transformamos isso em resultado para apresentar. O património, neste caso, são as pessoas que lá vivem e 70% dos participantes não são de lá. Foram por seis meses e acabaram por ficar 20 anos. Trabalhámos muito a partir do improvisado, com diferentes exercícios, e as histórias são um ponto em comum – toda a gente tem. Cada um contou o que quis, ou trouxe um objeto, uma fotografia, e fomos trabalhando com o que aparecia. Foi sempre um processo de confiança total, na entrega dos participantes. ¶ Foi importante e libertador não chegar com uma ideia feita que condicionava as pessoas. Acho que de todos os textos que foram compostos, e depois cantados por todos, nenhum tem um autor só. Estávamos a falar de coisas do presente, muito subtis e poéticas, sem a carga de criar uma grande obra. Foi muito bonito acabarmos a cantar juntos, com coisas que tinham sido ditas dois ou três dias antes e que, se calhar, pareciam de pouco valor.

Rui Sousa e Pedro Bastos

Equipa artística Discos de Platão
Horta e Angra do Heroísmo

■ Decidi participar porque gosto muito de *performance*, cultura e arte. Achei que seria um desafio engraçado e aqui não há muitas oportunidades de termos pessoas formadas na área e com muita experiência profissional. Acho que decidimos fazer sem saber muito bem o que era... não estamos acostumados a lidar com essa liberdade. Resolvi continuar porque tinha curiosidade e era uma experiência que ia ganhar. ¶ Senti um apoio muito grande dos artistas. Acho que criámos uma ligação. Foi saudável e muito agradável. Eles são muito humildes, sempre dispostos a ajudar. Fiquei muito impressionada com isso. As pessoas disseram que a *performance* tinha corrido bem, eu também acho.

Quando estou em palco fico muito focada, então, tudo à minha volta quase que se eclipsou. Eu tenho ansiedade, mas houve sempre o cuidado de reconfortar, acalmar e dizer que vai correr bem. Se calhar o que aprendi foi a confiar mais no meu talento. Se pudesse fazer isso na vida, faria. Se houvesse outras iniciativas do género, provavelmente participava. ¶ Seria extremamente positivo continuar, porque conhecemos pessoas novas, vemos que somos capazes e vemos as pessoas envolvidas. Mesmo que o teatro fique pronto, que continuem as coisas mais bonitas que se pode fazer: trazer a cultura para todo o Portugal, não ficar tudo centrado nas metrópoles, não é?

Ana Oliveira Técnica superior de comunicação
Ribeira Grande

■ Isto surgiu numa altura em que a expectativa que tinha de trabalho não aconteceu e, de certa forma, a minha decisão também foi numa urgência de fazer algo que envolvesse outras pessoas, e que funcionasse como experiência diferente. E ainda bem que o fiz. O que destaco, acima de tudo, é a qualidade e o profissionalismo. Eles conquistaram o meu coração completamente. Quando olhas bem para eles e realmente os ouves, vês que têm muita experiência, sabem o que estão a fazer. E o que aqui dá muita força é ser um projeto que vem do Teatro D. Maria II. Vamos ser honestos, isto dá logo uma certa verdade e importância à natureza do projeto. ¶ Correu muito bem, muito bem. A apresentação dos exercícios foi muito intensa. Eles sabem ir ao encontro da essência de algumas histórias. Foi incrível. E, de facto, aqueles momentos de instalações... que ao mesmo tempo parecem ser pequeninas *performances*, em que o público escolhe o que quer ver e como. Com o público, o trabalho ganha uma densidade muito maior e foi mesmo muito interessante.

Tiago Correia Bailarino
Ribeira Grande

■ Pedimos ao município para nos levar às associações, como embaixadores para chegar aos núcleos que não são tão requisitados. Também nos envolvemos na mediação fazendo outros contactos, porque nos interessava criar uma rede de ilhas dentro de ilhas, dentro da ilha. Foi um processo de captação muito fluído que permitiu envolver 70 pessoas, representadas de várias maneiras, mais ou menos diretas, mas sempre na base de “só faz quem quer”, “quem quiser, pode”; deu-se um contágio na comunidade que foi crescendo. ¶ Para responder à expectativa dos participantes, entre eles alunos das escolas e artistas que faziam dança, teatro ou música, foi importante assumirmos um “espetáculo” como resultado. Isso motivou as pessoas ao longo do percurso. E fazê-lo no bairro da Nazaré permitiu não só cruzar e desmistificar, mas também distanciarmo-nos do Funchal tipificado, como lugar de eventos turísticos e de massas. Acho que o projeto foi muito feliz, por todas as peças que se encontraram e juntaram. Eu tinha dificuldade em entender como é que se poderia ser profundo e modificador em três semanas. Esta experiência provou-me um bocadinho que era possível e foi uma bela aprendizagem, pois levamos daqui um novo desenho de projeto participativo.

Nuno Preto Equipa artística
Colectivo Espaço Invisível
Funchal

■ Tive conhecimento do projeto quando a Odisseia Nacional foi anunciada e depois fui contactado pela Câmara Municipal do Funchal, para ir à sessão de abertura. Entretanto, quando percebi que o Nuno Preto estava à frente, com quem já tinha trabalhado, fez muito sentido. ¶ Do primeiro encontro retirei uma coisa de que a nova geração de artistas que está na Madeira – principalmente no pós-pandemia – fala muito: que é raro juntarmo-nos todos. E vi pessoas que não conhecia, nem sequer de ouvir falar, e que estavam a trabalhar em áreas muito semelhantes à minha. Lembro-me de sairmos todos de lá com uma sensação de “Olha que fixe, isto é possível e pode ser muito interessante o que podemos tirar daqui”, trabalhar com a comunidade, mas também entre nós, comunidade artística. ¶ No projeto eu tenho uma personagem *drag* e foi uma surpresa perceber como ela é uma ilha. Às vezes é complicado, porque há sempre uma divisão entre o que sou eu enquanto ator (no meio da cultura e arte) e o que sou enquanto *drag* (no meio do entretenimento). Foi das coisas que mais retiro do projeto, principalmente porque tínhamos pessoas mais idosas, que nunca tinham tido contacto com uma personagem *drag*, e por ver as reações e perceber como são condicionadas pelo contexto onde estamos. Foi bastante positivo e até divertido.

Zacarias Performer
Funchal



↑ → Ribeira Grande, Horta, Angra do Heroísmo *Canta Conto Conta* Discos de Platão





↑ → Funchal *Solo* Colectivo Espaço Invisível





↑ → Mértola *Penélope* Umcoletivo





↑ → Grândola *Cidade Adentro* Gira Sol Azul
Borba *Folha Volante* À Escuta, pp. 156-157









↑ → Beja *Ouvidos ao Vento* Ondamarela





↑ → Reguengos de Monsaraz *Boca p'ra que te quero* Burilar





↑ Grândola *Penélope* Umcoletivo

→ Tavira *Observatório dos Rios* Guarda Rios, pp. 164-165









↑ → Castelo de Vide Pe_SOA: A que estado é que queremos chegar? Lugar Específico



■ A equipa veio numa época complicada para um projeto com a comunidade. Pretendiam trabalhar com as pessoas ao longo do dia e em julho ninguém sai de casa antes das oito da noite. Propusemos então chamar associações que trabalhavam o tema proposto pela Umcoletivo, relacionado com a regeneração dos ecossistemas. ¶ Nas escolas as questões mais interessantes vieram do 1.º ciclo – miúdos que não estão tão formatados, sem o receio da exposição tão apurado. O trabalho da Umcoletivo suscitou perguntas e comentários, que me pareceram muito evoluídos. Eu estava a ouvir e pensei que com seis ou sete anos não levantava este tipo de questões, nem fazia este tipo de observações. O projeto tinha diferentes áreas de trabalho, e cruzou-se com diferentes entidades em vários momentos, e eu acho que tocou o público da biblioteca, o público das escolas e as pessoas das organizações que participaram. ¶ Foi o resultado que tinha de acontecer, porque estas coisas são assim. Acho que foi um trabalho muito positivo para o território. E que deixou marca. Por exemplo, o canteiro que ficou no largo do município e os ninhos da agrofloresta, que foram criados, vão continuar, porque passaram a integrar a rede que temos nas escolas e serão cuidados nesse contexto.

Rosinda Pimenta Vereadora da Câmara Municipal
Mértola

■ As pessoas que se cruzam connosco, no momento em que chegamos a um sítio, deixam sempre uma marca. E quem fica mais tempo vai dar um cunho enorme no caminho que se desenha. Em Grândola, no primeiro encontro em julho, as pessoas do município deram-nos muita informação, abriram portas e puseram muitas possibilidades em cima da mesa. Falou-se do fenómeno de especulação no litoral, que já alastra para o interior. E as pessoas e grupos que conhecemos, depois, trouxeram sempre esse tema à baila. ¶ O grupo de folclore falou-nos da valsa mandada,

dança típica da Serra, com um mandador que indica direções e mudanças. Essa ideia concretizou-se na apresentação, após um protesto sobre o desenvolvimento turístico desenfreado, que esmaga quem vive na região, e que contrasta com a história de resistência à ditadura, aquele sítio de igualdade, fraternidade e democracia, único no país, que tinha de estar presente. ¶ A música foi uma área criativa agregadora. A Beatriz montou um vídeo com animações feitas pelos participantes, e fotografias de um tempo de prosperidade e comunidade, que estavam no arquivo da biblioteca. A disponibilidade das pessoas para ultrapassarem os seus limites foi essencial, e o que fizemos juntos em duas semanas teve muito impacto. ¶ A potência da arte participativa também foi uma revelação para o público e o município. A maioria nunca tinha visto nada assim. Quando passámos a palavra ao público com a pergunta: “Se fosses tu a mandar, o que é que fazias?”, alguém disse:

“Mandava fazer mais projetos destes”.

Ana Bento Equipa artística Gira Sol Azul
Grândola

■ Sentimos muitas vezes a falta de consciência do poder que cada um de nós tem, no lugar onde vive. Pensamos sempre no poder político ou no programador, mas as pessoas e as comunidades têm muito a dizer sobre o que acontece no seu território. ¶ Em Beja, quase todos os grupos com quem reunimos estiveram presentes na sessão de apresentação e disseram logo que iam participar – isso não é nada vulgar. E a experiência que tiveram no projeto fez com que grande parte percebesse que juntos faziam coisas muito interessantes. ¶ O “ouvir” veio de uma conversa que tivemos lá – não é que as pessoas não tenham voz, nós é que não as ouvimos. E o dispositivo era só ouvir, mas pareceu sempre um projeto mais político. Ouvir parecia mais uma manifestação. Não foi premeditado, mas surgiu um lado ativista que

não senti tanto nos outros sítios. Pode ser subtil para quem vê, mas não foi subtil para as pessoas que participaram. ¶ O que mais nos entusiasma num projeto participativo é criar condições de conforto para um encontro; um novo lugar ocupado pela maior diversidade de pessoas possível.

É isso que faz falta e faz a diferença.

Ana Bragança, Ricardo Baptista e Sara Fernandes

Equipa artística Ondamarela

Beja

■ O Rui Revez, do Teatro Municipal Pax Julia, perguntou-me como é que eu podia ajudar e participar. Nós temos um grupo de teatro e eu desafiei o grupo. Na primeira sessão, eles apresentaram-se e disseram o que queriam fazer e nós logo aderimos bem. Fizemos coisas muito interessantes e ficámos entusiasmados por estar juntos nessa criação. E também tentámos ajudar como associação e perceber o que podiam ser as necessidades deles. ¶ Acho que o processo de criação foi muito interessante e, sem dúvida nenhuma, destaco também o trabalho da Ondamarela – têm uma genuína atenção para com todos, que faz as pessoas sentir que são importantes, não é? Tão diferentes, mas todas a fazer a mesma coisa. É quem precisa mesmo de carinho tem essa atenção. Para mim foi interessante perceber como eles trabalham, como interagem com facilidade, e como chegam ao produto final. É sempre uma experiência de aprendizagem, porque nós também trabalhamos com esses públicos. ¶ A apresentação final é da comunidade. O que importa mesmo é essa construção, ainda mais sendo com atores e não atores, artistas e não artistas. É preciso encontrar um equilíbrio e acho que conseguiram. Juntar os grupos é algo que aqui não acontece. As pessoas já começam a falar fora deste projeto, até para fazer outro... o Rui sugeriu o cante alentejano. E isso é bom, não?

Klemente Tsamba Ator, Chamadarte Associação

Socio-Cultural

Beja

■ Nas visitas orientadas pelo município de Reguengos, havia sempre alguém à nossa espera, que mostrava a cidade e nos contava histórias daqueles espaços. Na casa do cante conversámos bastante e recolhemos imensas coisas. A visita à fábrica dos lanifícios foi muito boa e, numa segunda visita, até vimos as pessoas a trabalhar. No mercado estivemos com os vendedores, pessoal da limpeza e o senhor que trabalha lá há 20 anos e coordena tudo. ¶ Alguns participantes foram ter connosco à biblioteca e contaram histórias de outras vivências e experiências. Como as pessoas tinham pouca disponibilidade, acabámos por trabalhar um a um. Fomos também batendo às portas, à procura de outras participações, e em São Pedro do Corval falámos com várias pessoas e recolhemos matérias importantes. Essa receptividade ajudou-nos a escolher a Casa do Barro para a instalação. ¶ Um método que já tínhamos usado – de costura de partes da manta – aqui foi essencial. A Sandra escreveu uma narrativa original, que integra todos os contributos, e que é ouvida pelo público; funciona como um lençol-dramaturgia e ajudou a construir as ilustrações e os objetos, e a escolher que sensações queríamos proporcionar, através da imaginação e dos sentidos, como o olfato e o paladar.

Lara Soares e Sandra Barros Equipa artística Burilar

Reguengos de Monsaraz

■ Em Tavira, foi o posto agrário que nos deu abrigo e trouxe algumas pessoas para participar. O contacto com as organizações ambientais foi muito importante, para nos dar um mapa de questões a abordar, e levou-nos ao encontro da Ângela Rosa, que ajudou a espalhar a palavra.

Francisco Pinheiro e Nuno Barroso

Equipa artística Guarda Rios

Tavira

■ Estava no meu local de trabalho. A minha chefe pediu-me para acompanhar o projeto e pareceu-me logo que iria ser interessante, fora da rotina. Gosto muito de fazer coisas diferentes. ¶ A primeira sessão correu bem e toda a gente participou. Acho que nos pôs a pensar. Realmente nunca tinha pensado no que gostava que houvesse cá, ou que acontecesse cá. Andamos no dia a dia e não pensamos nisso. E cada um deu a sua opinião, pessoas com idades tão diferentes, foi uma tarde mesmo bem passada. Depois acompanhei algumas entrevistas. Nunca tinha feito este tipo de trabalho. E gostei muito. ¶ Gostei de ver como a Susana Alves tem técnica e forma de pôr as pessoas a pensar. Ela fez uma coisa na Casa da Cidadania que achei extraordinária: os miúdos adolescentes, que foram ver a Casa, tinham de apontar perguntas e coisas que lhes despertavam interesse – que mais queriam eles saber além do que estavam a ver? ¶ Gostei desta abertura para acontecerem coisas diferentes no auditório – foi sempre uma vontade minha, que seja um espaço multiusos. É preciso é haver ideias, mas não é preciso grandes coisas.

Adorei ver o auditório cheio de confusão.

Vina Marques Assistente técnica da Casa da
Cidadania Salgueiro Maia
Castelo de Vide

■ Em Portel, os participantes do “Retorno ao Futuro” trouxeram duas narrativas profundas: uma sobre o Alqueva e a recente mudança na paisagem, e a outra sobre a escola e a igreja de um monte, que estão totalmente abandonadas 50 anos depois. Foram retratos muito evidentes dos lugares e as pessoas valorizaram o reconhecimento da importância do seu espaço. ¶ Em Portalegre surgiram dois testemunhos pungentes. Por sugestão da Maria José, participante, filmámos num jardim que tinha sido um importante epicentro na vida da cidade, que convocava memórias fortes em várias gerações, e cuja reabilitação, pelo programa Polis, foi muito mal recebida. A Fábrica de Lanifícios foi outro caso extraordinário – um espaço fundamental para a indústria, emprego e desenvolvimento da cidade durante décadas, que está abandonado. O “Teatro Fora de Formato”, na Rua Direita, correu bastante bem, mas é triste ver o abandono do comércio tradicional, também consequência do fecho das indústrias. ¶ Tentamos que estes momentos sejam presenciados por agentes que possam aplicar as conclusões a que se chega. Mas é raro conseguir a atenção de vereadores e presidentes de Câmara. Foram encontros muito ricos e sagazes sobre problemáticas locais, que podem galvanizar uma vontade de mudança e de ação.

Inês Barahona e Miguel Fragata
Equipa artística Formiga Atómica
Portel e Portalegre

■ A primeira parte do projeto é uma pesquisa de território, e das suas particularidades a nível de plantas endémicas, solos, clima, tradições e práticas agrícolas. Isso fizemos em todos os territórios e em Portalegre terminou com uma *performance*, em que aplicámos esses conhecimentos numa sementeira pública. ¶ O município de Montemor propôs trabalharmos com um grupo misto, que se formou com a chamada à participação, mas também com a Associação 29 de Abril – de apoio a pessoas com deficiência – e a Porta Mágica, que é uma casa de acolhimento de raparigas. Foi onde apostámos em sementes menos convencionais. Fomos à horta de um senhor que semeia espargos e tentámos semear espargos, que é uma planta praticamente espontânea. ¶ Na apresentação, foi muito bom conseguirmos ter todos os grupos representados e até algumas pessoas do bairro. O canteiro foi instalado à frente da biblioteca municipal, que é uma zona antiga e que tem muita gente mais idosa – que veio ter connosco, a perguntar o que estávamos a fazer, enquanto montávamos o canteiro –, e depois veio assistir e, entretanto, já soubemos que são os fiéis cuidadores dos canteiros em Montemor.

João P. Nunes Equipa artística Umcoletivo
Montemor-o-Novo

■ O território era muito grande e demorei algum tempo a definir o local do percurso. Acabei por escolher a ponte-escultura como base de partida, e também como ligação de duas margens completamente antagónicas, uma silvestre e outra domesticada. Um dos meus objetivos era ajudar a olhar para aquelas plantas “dos caminhos”, em que ninguém repara ou protege. Fiquei surpreendida, por nunca ter visto tantos exemplares de pilriteiro concentrados como em Ponte de Sor; é uma pequena árvore muito benéfica para nós e é muito bonita. ¶ Na primeira sessão levei fotografias de percursos artísticos anteriores, registos, para conseguirem compreender melhor do que se tratava. “Não é um espetáculo, mas provavelmente vou incluir no percurso as partilhas que fazem nestas sessões”. Como faço mediação de leitura, levei sempre livros de ilustração, de poesia etc. As alunas da Universidade Sénior gostaram disso e das experiências criativas que proporcionei, de acordo com as temáticas que íamos abordando. Por exemplo, falámos da flora espontânea que conheciam, e elas desenharam as flores com canela. Também me trouxeram artefactos de cortiça e livros ligados à botânica. Houve uma partilha muito generosa. ¶ As conversas individuais foram bastante importantes. A professora bibliotecária foi uma mais-valia, na mediação entre o município e a professora dos alunos do primeiro ciclo. Gostei muito de conhecer o Senhor Padre e aprendi muito com ele.

Marina Palácio Equipa artística
Ponte de Sor



↑ → Portalegre *Penélope* Umcoletivo



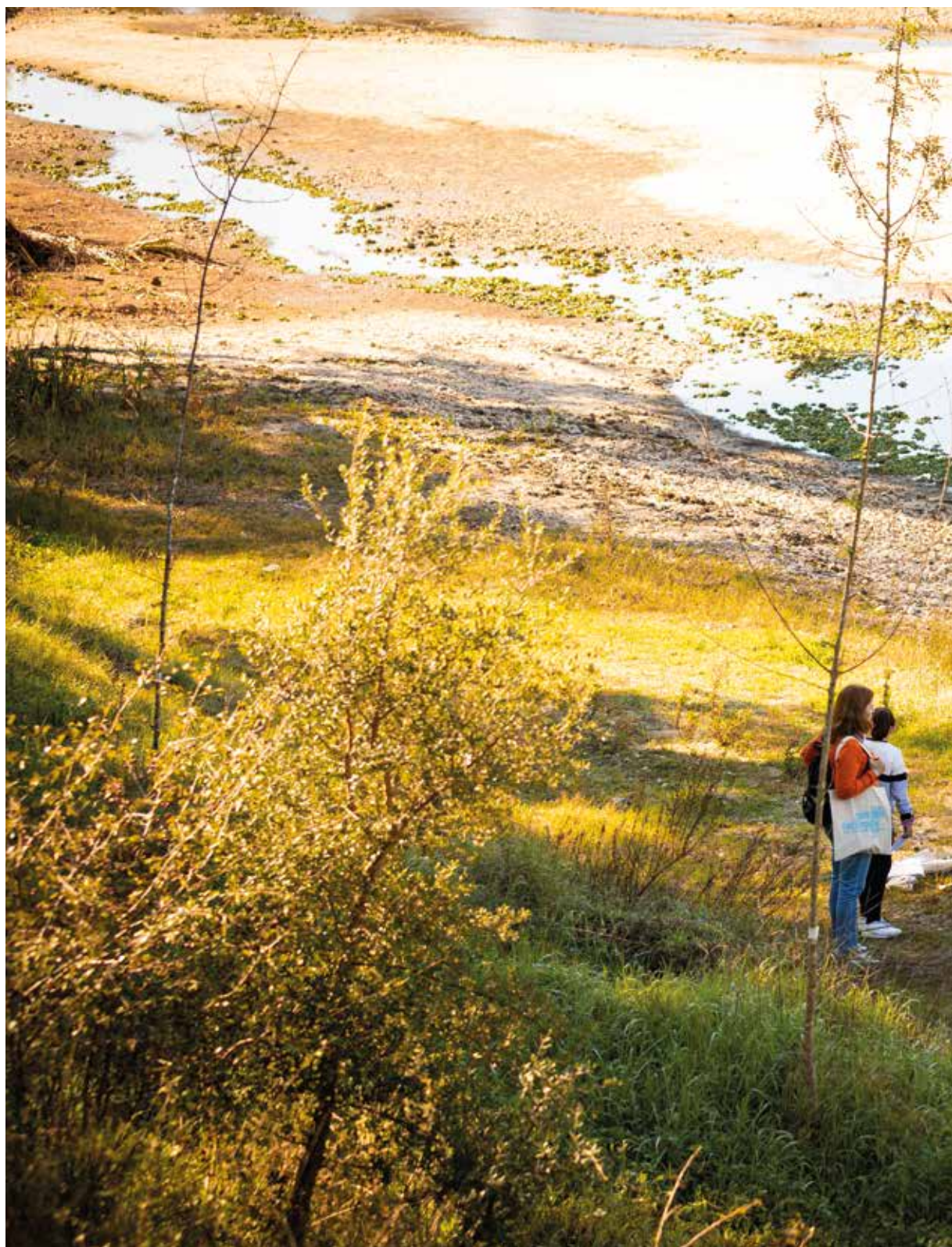


↑ Montemor-o-Novo *Penélope* Umcoletivo

→ Portalegre e Portel *O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)* Formiga Atómica

Ponte de Sor *O caminho alado dos cânticos sussurrados* Marina Palácio, pp. 176-177









↑ → Ponte de Sor *Assembleia* Amarelo Silvestre





↑ → Portimão *Cartografia dos Desejos* Pele





↑ → Faro *Ossónoba* Gira Sol Azul



■ Senti-me muito bem-vinda no grupo e o ambiente, com chazinho e bolachas, convida bastante; eram pessoas super alegres. Gosto destas conversas e atividades, que nós já temos na nossa família ou na igreja, mas aqui não conhecíamos ninguém e de repente estamos todos a falar à vontade. ¶ Foi interessante podermos conhecer a visão do artista e depois o confronto com a nossa. Eu já gostava muito de fotografia, mas agora comecei, se calhar, a olhar para o mundo à minha volta de uma maneira diferente. Vejo o lado estético da fotografia, mas também fico a pensar sobre o que aquilo me diz. Houve muitas fotografias que mexeram comigo e eu sentia emoções a despertar, mas depois é difícil colocar isso tudo em palavras. Eram imagens que não estávamos à espera que aparecessem, casas assim mais velhas, mais destruídas por dentro. Deu-nos outra perspetiva sobre a cidade. Uma fotografia serve para quê, se não nos fizer pensar? Antes captávamos momentos de família ou um evento importante, e ficavam memórias. Agora qualquer um pode agarrar no telemóvel e tirar uma fotografia. É importante pensar que a arte não é decoração, mas é *de coração*. ¶ Ontem íamos a conversar no carro: “Isto não era giro para fazermos com as nossas primas?”. É mais um jogo: cada um tira fotografias, escolhe umas preferidas e juntamo-nos para

falar, como fizemos aqui, mas em família.

Sara Vital Fisiologista do exercício
e *Daniel Vital* Militar da Força Aérea

Ponte de Sor

■ O projeto da Marina Palácio envolveu-se muito com a universidade sénior e uma turma do 1.º ciclo. As colegas do turismo gostaram imenso, e a colega do Arquivo Histórico Municipal foi uma grande mais-valia. A participação deles pareceu-me muito boa. E o percurso público foi bastante interessante. ¶ Do ponto de vista funcional, como as condições logísticas que proporcionámos aos artistas, acho que correu tudo bem. E a comunicação convosco foi sempre tranquila e perceptível. Temos muitos projetos e atividades a decorrer, e isso condiciona o acompanhamento que conseguimos dar. ¶ Para o projeto da Amarelo Silvestre fomos a todas as freguesias. Foi difícil explicar o que os artistas queriam, aos embaixadores que iam levá-los a conhecer o território. Mesmo passando a informação que vocês nos davam. Eles respondiam: “Mas como assim? É para fotografar o quê? Os museus ou marcos históricos? Os sítios onde toda a gente gosta de ir?” Sem percebermos bem o conceito, não conseguimos dar a resposta concreta que as pessoas pedem. Claro que isso deriva do projeto em si, da sua abertura, e eu gostei do resultado, foi bastante interessante para quem esteve na apresentação.

Paulo Esperança Coordenador técnico

Centro de Artes e Cultura
Ponte de Sor

■ Nós trabalhamos com o despontar imaginários, sempre numa prática de cocriação, onde as pessoas podem trazer para a discussão os seus pensamentos, as suas vontades, as suas urgências. O que fizemos foi criar provocações. Pensando a partir das ferramentas já existentes em cada grupo. ¶ Em Portimão, trouxemos coisas que permitissem a cada participante dar continuidade à proposta, com as suas capacidades e conhecimentos, e apropriar-se de outras formas de pensar e imaginar as rotinas da vida pessoal, académica ou laboral. Por exemplo, com os alunos do curso de multimédia, o princípio era trabalhar com ferramentas audiovisuais; fazer narrativas de cinema, explorações videográficas no campo documental. Exploraram de forma criativa e poética o que já estavam a aprender.

Maria João Mota e Fernando Almeida

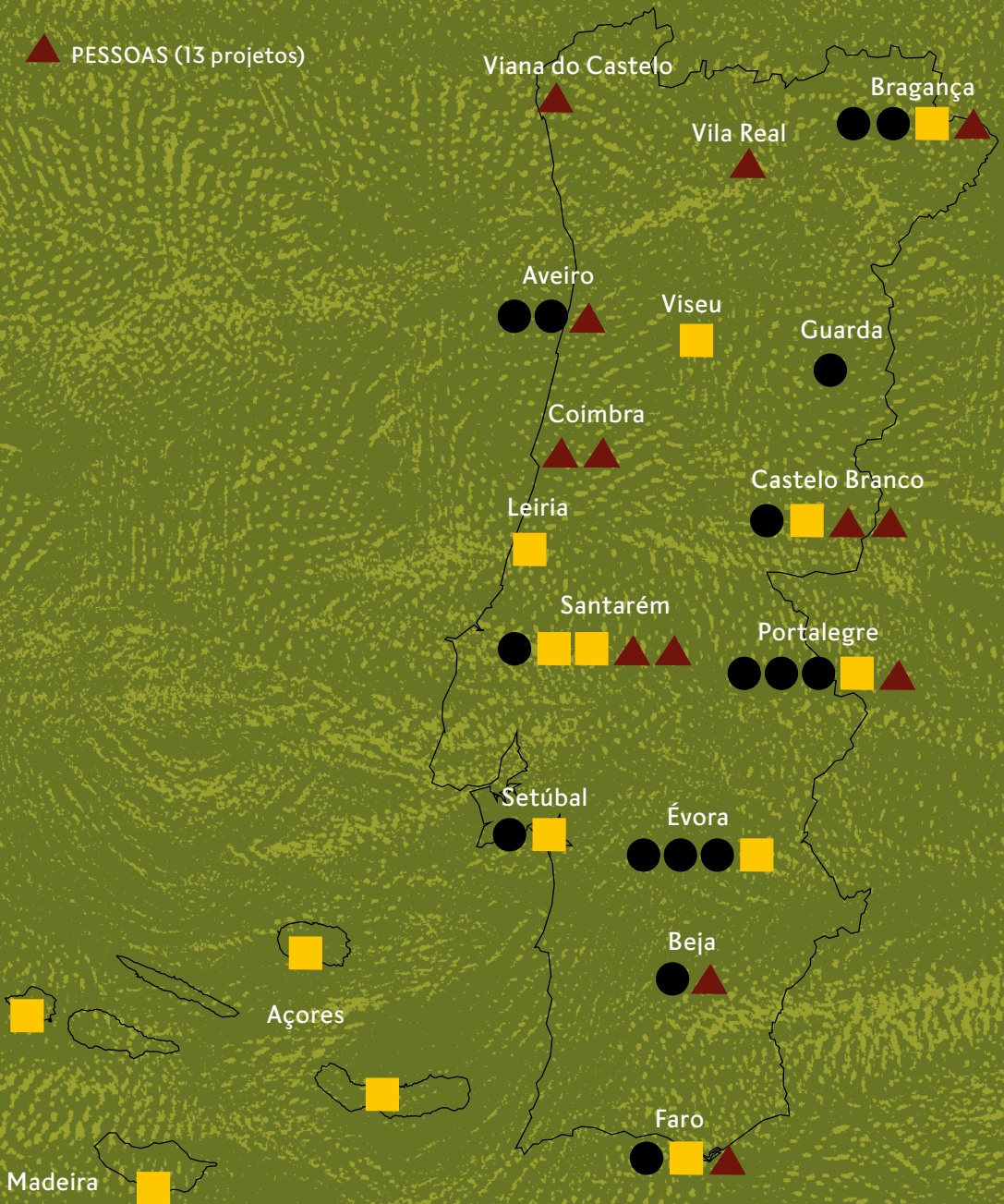
Equipa artística Pele

Portimão

● PAISAGEM (16 projetos)

■ PATRIMÓNIO (14 projetos)

▲ PESSOAS (13 projetos)



43 projetos ATOS

Resumos, números, equipas
e participantes

Biografias das estruturas
artísticas

▲ Vila Real

28 DEZEMBRO 2022 – 28 JANEIRO 2023

16 sessões no território

local de trabalho: Sala estúdio
no Teatro Municipal de Vila
Real

formato: espetáculo

local: Teatro Municipal
de Vila Real

2 partilhas públicas:

27 e 28 de janeiro, 21h30
280 espectadores

ONDAMARELA

Equipa coordenação e direção artística

Ana Bragança, Ricardo Baptista

Produção e mediação

Sara Fernandes

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Dramaturgia, encenação e interpretação

Simão Collares

Fotografia e cenografia

Lais Pereira

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Teatro Municipal de Vila Real

Direção artística Rui Araújo

Desenho de som Henrique Lopes

Desenho de luz Vítor Tuna

Produção João Nascimento

PARTICIPANTES COLETIVOS

Associação Cultural e de Desenvolvimento Local do Coro Misto de Mouços, Associação Cultural e Recreativa dos Bombos Águias da Lage, Associação Danças e Cantares da Lage, Grupo de Teatro do C.C. Lordelense

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Adozinda Carmo, Carina Sampaio, Catarina Mourão, Joaquim Ferreira, Laura Vilela, Luana Mourão, Lúcia Sousa, Matilde Miranda, Mila Brigas (Grupo de Teatro do C. C. Lordelense); Anabela Pereira, Catarina Oliveira, Dina Guedes, Ema Fontes, Gisela Parafita, Isabel Sarmento, João Ribeiro, Mia Sepúlveda, Sara Carvalho, Sara Mota (Participantes convocatória aberta); Ana Carolina Moreira Matos, Ana Margarida Carvalho Gomes, António Lourenço Dinis Lameirão, Beatriz Vieira Lameirão, Carina Dias Lameirão, Carolina Carvalho Gomes, Catarina Alexandra Gonçalves Martins, Catarina Carvalho Matos, Cátia Andreia Pereira Facote, Clara Lameirão Morgado Pires Fraguito, Cristina Isabel Matos Correia Dias, Daniel Machado da Fonseca, David Machado da Fonseca, Eduardo Alexandre Gomes Monteiro, Eva Correia Dias, Fernando Henrique Fraguito da Silva, Francisca Carvalhais Fraguito, Francisca Vieira Lameirão, Gilberto Fernando Felipe Vilela, Ilda da Conceição Martins Cruz Machado, Inês Ferreira Taveira, José Carlos da Costa Gomes, Júlia Marieta Félix Mestre, Lara Vieira Lameirão, Leandro Daniel Alves Mestre, Mafalda Santos Fernandes, Maria da Conceição Matos Morgado Fraguito, Maria de Fátima Sousa Lameirão, Maria Elisabete Cerejo de Sousa Lameirão, Paulo Filipe Viana, Gonçalves, Pedro Daniel Costa Vieira, Rafael de Carvalho Matos, Rodrigo Lima, Rui Manuel Morgado Fraguito, Rute Catarina Martins Machado, Salvador Facote Vilela, Sandra Cristina Vieira de Carvalho Gomes, Sandra Maria Lopes dos Santos Fernandes, Sara Daniela da Costa Monteiro, Sofia Cristina Gonçalves Martins, Vasco dos Santos Matos, Zita Maria Lameirão Pires

Vida Real

ONDAMARELA

Quando um grupo de pessoas se cruza para inventar os dias, para fazer cidade e vida real, de que falam? O que comem? Com que sonham? No ritual da rotina cabem muitos rituais, alguns assentes na memória, outros no futuro, outros ainda automáticos, transparentes, que ninguém parece ver. *Vida Real* vai à procura desses gestos transparentes, da rotina e das suas quebras, do onde, quando e para quê das nossas vidas reais. Como se houvesse um fio de Ariadne a que faltassem pedaços, agarrámo-nos uns aos outros e fomos preenchendo os vazios, criando um novo contínuo, vários novos contínuos, e percebendo o que de mais poético tem o jogo, a vida. E se fosse acerca do frio? E se fosse acerca de torradas? E se fosse acerca de respeito, de água, de poder? Talvez um espectador particular reconhecesse, nesse irmanar de coisas grandes e pequenas (só porque todas cabem num espaço vazio), algo real, algo de sempre, algo humano. À semelhança de Vila Real, esta é uma *performance*-colagem, uma paisagem de estratos, camadas, e cabe ao tal espectador particular fixar momentos, preencher espaços vazios, fazer a sua parte.



■ Lamego

9 – 29 JANEIRO 2023

14 sessões no território
local de trabalho e
apresentação: Centro
Cívico de Lamego

formato: assembleia

1 partilha pública:
29 de janeiro, 18h00
24 espectadores

AMARELO SILVESTRE

Direção artística Fernando Giestas

Assessoria direção artística Rafaela Santos

Produção executiva Susana Figueira Henriques

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Cocriação e fotografia Nelson d'Aires

Consultoria fotográfica Augusto Brázio

Design de Diário de uma Assembleia

e registo vídeo João Lugatte

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Chefe de Divisão da Cultura e Coordenação

Teatro Ribeiro Conceição Fernando Ribeiro

Direção artística Filipe Marado

Comunicação Filipe Peixoto

PARTICIPANTES COLETIVOS

Rancho Regional de Fafel

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

António Matos, Avelino Eira, Ema Rebelo, Horácio Colónia, João Correia, Maria Hermínia Quintela, Marisa Adegas (embaixadores) e Alita Carvalho, António Barradas, David Rodrigues, Fernando Ribeiro, Filipe Peixoto, Hélder da Mota, Joana Pinto, Joaquim Pereira Neves, Jorge da Silva, Maria Manuela Silva, Marina Neves, Marisa Costa Rodrigues, Maurício Teixeira, Pedro Taborda, Rui Pinto, Sara Fernandes

Assembleia

AMARELO SILVESTRE

Este foi um exercício de escuta e de olhar. Fotografaram-se as pessoas e o território. Envolvendo dezenas de pessoas do concelho, o processo passou pela saída de campo para recolha fotográfica e pesquisa dramatúrgica, com sete embaixadores(as)* do território; realização de assembleias para se praticar o exercício da reflexão política e da retórica crítica, a partir das fotografias recolhidas – um momento para os(as) participantes falarem de si e dos seus territórios com os olhos postos nas pessoas e nas paisagens, e com os olhos postos em si próprios(as), um momento para futurar possibilidades; e tempo de antena de domingo à tarde, para partilha pública do processo, mostrando-se as fotografias e perguntas formuladas a partir das reflexões nas assembleias. No momento da partilha pública também se distribuiu o *Diário de uma Assembleia*, jornal com fotografias e textos dos trabalhos desenvolvidos.

Assembleia, criação Amarelo Silvestre em coprodução com o D. Maria II, integra o projeto de Teatro e Fotografia *Diário de uma República* (entre 2020 e 2030), sobre as pessoas e os territórios da República no período referido.

*Alguém que olha para ver o seu próprio território.



■ Torre de Moncorvo

7 – 26 FEVEREIRO 2023

21 sessões no território
local de trabalho e
apresentação: Auditório
Celeiro

formato: espetáculo

2 partilhas públicas:
25 de fevereiro, 21h00
26 de fevereiro, 14h30
235 espectadores

LIMITE ZERO

Direção artística Raul Constante Pereira

Direção técnica Pedro Carvalho

Produção Elena Castro

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Direção musical Carlos Adolfo

Desenho de luz Pedro Vieira de Carvalho

Apoio dramaturgico Pedro Manana, Teresa Sobral

Apoio à construção plástica Albano Martins

Apoio à operação técnica Emanuel Santos

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Responsável técnico do cine-teatro Luís Teixeira

Técnicos do município Luís Pereira, Vitor Almeida

PARTICIPANTES COLETIVOS

Banda de apoio da Escola Municipal Sabor Artes,
Coro infantil da Escola Municipal Sabor Artes, Grupo
Alma de Ferro

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Abel Mesquita, Carlos Rodrigues, Esperança Moreno,
Fernando Santos, Filomena Fernandes, Hélder
Santos, Maria da Costa, Maria João Medeiros, Maria
Lopes, Rui Teixeira, Vera de Carvalho (Grupo Alma
de Ferro); Professor Jorge Pessoa (coordenação),
Professor Bruno Serra, Professor Ricardo Pereira,
Professor Rúben Santos, Afonso Branco, Beatriz
Bernardo, Leonel Branco, Luís Dias, Márcia Pires
(Banda de apoio da Escola Municipal Sabor Artes);
Ricardo Pereira (professor responsável) Afonso
Branco, Clara Oliveira, Inês Moutinho Pires, Leonor
Martins, Leticia Teixeira, Madalena Martins, Maria
Luísa Ramos, Maria Miguel, Maria Trigo, Penélope
de Matos, Sara Esteves (Coro infantil da Escola
Municipal Sabor Artes)

Estórias com Memória

LIMITE ZERO

Em *Estórias com Memória*, a Limite Zero propõe-se trabalhar o Teatro de Formas Animadas com a comunidade de Torre de Moncorvo, tendo como ponto de partida as suas lendas, os seus contos e as suas tradições. A ideia e a dramaturgia surgem a partir do imaginário dos participantes. Pretende-se desta forma valorizar a identidade local, contribuindo para o sentimento de pertença destas comunidades.

Esta atividade constitui-se como um espaço de experimentação e de diálogo, na criação da história e dos objetos e na construção sonora e musical. A utilização da forma/objeto animado é um veículo de descoberta das capacidades expressivas e de aspetos psicomotores essenciais.



■ Paredes de Coura

2 FEVEREIRO – 12 MARÇO 2023

35 sessões no território

local de trabalho e

apresentação: Centro

Cultural de Paredes de Coura

formato: *performance* teatral

e caminhada/plantação

(ponto de partida no Largo

Visconde Mozelos)

2 partilhas públicas:

11 de março, 16h00

12 de março, 09h30

135 espectadores

PELE

Direção artística Maria João Mota

Cenografia e direção de arte Fernando Almeida

Direção de produção Carina Moutinho

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Apoio à direção artística Francisco Babo, Francisco

Saraiva de Almeida, Júlia Medina

Texto Júlia Medina, a partir da criação coletiva

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Chefe de Divisão Cultural Joana Rodrigues

Serviço educativo Elisabete Magalhães

Desporto Alberto Pires de Lima

PARTICIPANTES COLETIVOS

Escola EB2/3 de Paredes de Coura, Grupo Comunitário, Grupo EPRAMI – Escola Profissional do Alto Minho, Ori-Coura Orientação – Grupo das Caminhadas

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Ana Fino, Andreina Freitas, Carolina Fernandes, Cátia Viana, David Castro, Elisa Cunha, Isabel Policarpo, Letícia Fernandes, Liliana Claro, Mariana Abrantes, Mariana Fernandes, Mariana Pereira, Matilde Rodrigues, Paulo Castro, Paulo Rosas (Ori-Coura Orientação), Sandra Rodrigues (Grupo Comunitário); Cristiano Carneiro, Cristiano Vaz, Érica Saraiva, Gabriela Fernandes, Inês Costa, José Cunha, Letícia Gomes, Mariana Cunha, Mariana Monteiro, Natália Barbosa, Rodrigo Sousa, Sara Cunha, Soraia Freitas, Yanira Vilas (Grupo EPRAMI – Escola Profissional do Alto Minho); Benedita Barbosa, Eduarda Sousa, Hugo Gachineiro, Inês Rebôlo, Lavinya Araújo, Margarida Monteiro, Maria Domingues, Marta Gomes, Martim Silva, Matilde Fernandes, Matilde Rodrigues, Miguel Barbosa, Miguel Silva, Raquel Silva, Roberto Araújo (Escola EB2/3 de Paredes de Coura)



Cartografia dos Desejos

PELE

A *Cartografia dos Desejos* convida à reflexão e manifestação dos desejos conscientes e inconscientes, como processo de construção de outro devir – enquanto movimento orgânico e permanente de passagem da potência ao ato. Propõe uma ativação da vontade de criar e desejar em coletivo, como forma urgente de construção de outros e novos futuros. “Porque é que às vezes é tão difícil definir o caminho para onde vamos?”, “Como é que fazes para saber a direção por onde seguir?” É preciso escutar o desejo! O desejo desenha linhas, e todas essas linhas juntas formam um grande emaranhado, uma rede de palavras, atos, cenas, coisas que nos misturam a todos num mundo por descobrir! É como se um mapa interior se fosse desenhando, e o mapa se transformasse num movimento que vai do coração e da barriga até à sola dos pés. Caminhamos, caminhamos, e cada ponto de chegada é sempre um novo ponto de partida. Desejo é chegada e adeus!

Em Paredes de Coura, cruzaram-se três grupos: crianças, jovens e um grupo comunitário intergeracional, num exercício de participação, experimentação e criação artística coletiva. Desenharam-se mapas onde se colocaram as vontades, os sentimentos, as cores, texturas e formas de dezenas de desejos. Desejos para o agora (cheios de comidas, sorrisos, namoros e beijos) e desejos para o que há-de-vir (descobrir mundos, passar férias na praia, descobrir o amor, ter um mundo em paz...) Estas vontades individuais que “nos empurram por dentro”, também podem ser sôfregas e devorar tudo o que está à sua volta. O que faríamos juntas/os se acordássemos num mundo sem desejos? Este foi o ponto de partida e chegada desta cartografia. Que a vontade de desejar em coletivo nos desperte para a ação, aqui e agora! Um movimento que nos inspire e se inscreva nas vidas e quotidianos de Paredes de Coura.

▲ Carrazeda de Ansiães

24 FEVEREIRO – 12 MARÇO 2023

37 sessões no território
local de trabalho e
apresentação: Biblioteca
Municipal de Carrazeda
de Ansiães

formato: instalação e
percurso performativo

2 partilhas públicas:
11 e 12 de março, 15h00
102 espectadores

LUGAR ESPECÍFICO

Direção e mediação cultural Susana Alves

Direção técnica, vídeo e imagem Nuno Figueira

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Criação artística e mediação Yola Pinto, Rita Sales,
Pedro Bravo (Boa Criação)

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

*Chefe de Divisão da Educação, Cultura, Desporto
e Turismo* Isabel Alexandra Lopes

Técnica do município Alice Machado

Bibliotecária Cristina Lima

PARTICIPANTES COLETIVOS

Associação Recreativa e Cultural de Pombal de
Ansiães, Causa 4G Projeto Social, Centro de Dia,
Escola Básica e Secundária de Carrazeda de Ansiães,
Rádio Carrazeda

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Maria Fernanda Seixas da Silva, Maria Ribeiro, Maria
Fernandes, Hannelae Lopes, Paularina Azevedo, Ana
Reis, Esmeralda Pimentel, Adriana Reis, Cristina
Lima, Manuel Pinto, Maria de Lourdes Gonçalves

Pe_SOA: O dia em que os Ansiães celebram o Futuro

LUGAR ESPECÍFICO

Este projeto começa por um “índice de incógnitas para a escuta de lugares”. Assumindo que todos os lugares ecoam os corpos que os habitam e preenchem, esta criação inicia com uma escuta das invisibilidades em cada uma das comunidades nela envolvidas. A Lugar Específico, com o seu corpo multidisciplinar, foi o estímulo para que de cada encontro emergisse o tempo e o espaço necessários para escutar ideias, necessidades e desejos. Durante várias semanas, Carrazeda de Ansiães foi a casa do coletivo artístico Lugar Específico, que criou um programa de atividades multidisciplinares dirigido à comunidade, direcionado a todas as idades, profissões e ocupações, para partir da observação e releitura do património cultural local e do resgate do convívio entre as pessoas da terra. Quisemos explorar possibilidades de cruzar saberes (tradicionais), de dançar, fazer filmes, cantar, pintar, contar histórias, tecer e criar em conjunto.

Procurámos ativar esta comunidade para ser mais participativa na construção do seu presente-futuro. *O dia em que os Ansiães celebram o Futuro* foi o processo-resultado deste trabalho feito a muitas mãos e muitos corpos. Uma criação multidisciplinar que foi partilhada publicamente, numa grande celebração, na Biblioteca Municipal de Carrazeda de Ansiães.



● Santa Maria da Feira

15 FEVEREIRO – 19 MARÇO 2023

32 sessões no território
local de trabalho:
Imaginarium Centro de
Criação

formato: instalação e
percurso performativo
local: percurso a partir
do Imaginarium Centro
de Criação

2 partilhas públicas:
18 de março, 15h00
19 de março, 10h00
140 espectadores

GUARDA RIOS

Direção artística Francisco Pinheiro, Nuno Barroso

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Apoio à dramaturgia Joana Levi

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Chefe da Divisão de Gestão Cultural Ana Carvalhinho

Programação e gestão de projetos Elsa Sousa,

Lisete Costa

Produção Miguel Ferreira

PARTICIPANTES COLETIVOS

Escola Secundária de Santa Maria da Feira,

Grupo das Tricotadeiras, Orquestra Criativa

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Adriana Couto, Aleksandar Caric, Ariana Vieira, Bruna Pinho, Carlos de Carvalho, Carolina Brandão, Daniela Sá, David Pinto, Francisco Oliveira, Gabriela Azevedo, Gabriel Monteiro da Costa, Isabel Pinto, Joaquim da Silva, Jorge Cantão, Manuel António Magalhães, Mara da Silva Ribeiro, Margarida Brandão, Maria Oliveira, Mauri Gomez, Rocco di Bernardo, Simão Cardoso, Tânia Oliveira, Valter Valente Oliveira, Vitor da Silva (Orquestra Criativa); Adriana Couto, Ana Filipa Paiva, Anita Moreira, Beatriz Magalhães, Bruna Mendes, Bruna Ferreira, Carolina Rocha, Gabriela Ferreira, Gabriela Silva, Inês Cruz, João Santos, Liliana Costa, Luana Pereira, Luana Oliveira, Madalena Fernandes, Mariana Pinto, Mariana Silva, Marta Lavrador, Marta Costa, Miguel Oliveira, Patrícia Dias, Paulo Oliveira, Simão Carmo, Vitória Silva (Escola Secundária de Santa Maria da Feira – Turma de Artes 11.ºL); Conceição Pereira, Idalina da Silva Batista, Isaura Joaquina Santos, Joana Moreira, Joana Oliveira, Joana Ribeiro Moreira, Lídia Almeida, Maria Alice Pereira, Maria Benvinda Leite, Maria Borges, Maria Cândida Pinto, Maria do Céu Maia, Maria Flora Leite, Maria Goreti Abelha, Maria Helena Murteira, Maria Ivone França, Maria Rogéria Oliveira, Sandra Teixeira, Telma Silva, Teresa Moreira, Vera Oliveira (Grupo das Tricotadeiras)

Observatório dos Rios

GUARDA RIOS

Foi desenvolvido um conjunto de peças visuais e sonoras, em colaboração com a Orquestra Criativa, o Grupo de Tricotadeiras e a turma de artes do 11.ºL da Escola Secundária de Santa Maria da Feira. Com a Orquestra Criativa dirigida por Aleksandar Caric, criámos um ambiente sonoro utilizando diferentes instrumentos, entre os quais um litofone com pedras dos rios.

Uma instalação artística e um percurso performativo foi desenvolvido em colaboração com a comunidade de Santa Maria da Feira, convidando a refletir sobre o que é um rio e a importância dos ecossistemas fluviais. Esta instalação apresentou-se no Imaginarius Centro de Criação, ponto de partida para a saída da grande marioneta inspirada numa enguia, que guiou o público por uma travessia pela cidade e que culminou na Casa do Moinho, nas margens do Rio Cáster. A água é fundamental para o planeta. Nela surgiram as primeiras formas de vida e a sua força esculpe vales e rios que possibilitam a evolução da vida terrestre. Desde a Antiguidade símbolo de fertilidade, transformação, força e purificação, a água parece vir a ser um recurso cada vez mais difícil de gerir, devido às mudanças que o planeta Terra atravessa e o modelo extrativista das atividades humanas. No entanto, os rios continuam a querer ser rios e a fazer aquilo que sempre fizeram. Entre o global e o local, o esotérico e o científico, este foi um *Observatório dos Rios* cujo manifesto se desenvolveu com a participação de todos.



● Mirandela

20 – 25 MARÇO 2023

6 sessões no território
apresentações Teatro Fora de
Formato: Mercado, Barbearia
Moderna, A Confeitaria,
Espelho d'Água

formato: documentário
Retorno ao Futuro
local: Auditório Municipal
de Mirandela

1 partilha pública:
25 de março, 15h00
150 espectadores

FORMIGA ATÓMICA

Direção artística Inês Barahona e Miguel Fragata
Produção executiva Luna Rebelo, Sofia Bernardo
Assistência de produção e mediação Beatriz Brito

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Comunicação Rita Tomás
Sociólogo Rui Telmo Gomes
Teatro Fora de Formato – encenação Miguel Fragata
Texto Inês Barahona
Assistente de encenação Beatriz Brito
Intérpretes Cuca M. Pires, Rita Delgado,
Simon Frankel, Vasco Barroso
Retorno ao Futuro – realização JUNO
Música Hélder Gonçalves
Mistura de som Nelson Carvalho

Ocupa a Rádio – pivot e curadoria Joana Guerra Tadeu
Convidados jovem conservador de direita, Raquel
Vareda, Frei Fernando Ventura, João Camargo,
Leonor Canadas, Pedro Tadeu, Ana Baleia, Capicua

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Técnico Superior de produção cultural Ricardo Pires

PARTICIPANTES COLETIVOS

Rádio Terra Quente, Escola Secundária de Mirandela

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Retorno ao Futuro Pedro Beato, Eduardo Botelho
Ocupa a Rádio vereador do Ambiente, produtor de mel
Hélder Reis, diretor do Parque Natural do Vale do Tua



O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)

FORMIGA ATÓMICA

Este projeto parte de uma profunda pesquisa no território, ao longo do ano de 2023, sobre as dimensões da geopolítica, da economia, da sociologia ou da demografia, sob a perspectiva de como a crise climática afeta a nossa compreensão do mundo, que se tem mantido relativamente estável ao longo dos últimos 50 anos.

O caminho para Terminal (O Estado do Mundo) é um projeto que pretende explorar territórios de naturezas contrastantes, que ponham em evidência, simultaneamente, as ligações globais. Como um mapa que cria novas rotas entre diferentes geografias e centralidades e que une ambientes cosmopolitas aos rurais, ou vidas intensas ao esvaziamento de aldeias esquecidas.

Na residência de uma semana em cada localidade realizam-se cinco ações. Em “Teatro Fora de Formato”, cenas breves aparecem de surpresa em espaços públicos e interrogam sobre a relação entre a crise climática e o modelo de sociedade em que vivemos, falando sobre consumo, mobilidade, pecuária, agricultura intensiva e capitalismo. No “Retorno ao Futuro”, fazem-se vídeos documentais, com os participantes, que retratam a passagem do tempo, com memórias descritas na primeira pessoa sobre lugares desaparecidos, e sublinham a metamorfose causada pela ação humana. Em “Ocupa a Rádio”, invade-se uma rádio local com notícias sobre questões climáticas, *playlists* de ecologistas e ativistas, conselhos para hábitos sustentáveis, consultório climático, previsões científicas e momentos de humor ecológico. A “Ambientalista vai à Escola” propõe uma conversa sobre sustentabilidade e alterações climáticas, para conhecer os hábitos e escolhas individuais dos jovens. Com “Quem quer mudar?” distribui-se um questionário à população, para um estudo sociológico sobre o desejo e a disponibilidade para mudar hábitos quotidianos em prol do planeta.

● Vinhais

27 MARÇO – 1 ABRIL 2023

8 sessões no território
apresentações Teatro Fora
de Formato: Rua das Freiras,
Pastelaria Santa Clara,
Barbearia, Loja Charme,
Loja de Roupa Infantil,
Ourivesarias, Loja Arco Íris

formato: documentário
Regresso ao Futuro
local: Sala do Relógio,
Centro Cultural Solar dos
Condes de Vinhais

1 partilha pública:
1 de abril, 15h00
51 espectadores

FORMIGA ATÓMICA

Direção artística Inês Barahona, Miguel Fragata
Produção executiva Luna Rebelo, Sofia Bernardo
Assistência de produção e mediação Beatriz Brito

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Comunicação Rita Tomás
Sociólogo Rui Telmo Gomes
Teatro Fora de Formato – encenação Miguel Fragata
Texto Inês Barahona
Assistente de encenação Beatriz Brito
Intérpretes Cuca M. Pires, Rita Delgado,
Simon Frankel, Vasco Barroso
Regresso ao Futuro – realização JUNO
Música Hélder Gonçalves
Mistura de som Nelson Carvalho
Ocupa a Rádio – pivot e curadoria Joana Guerra Tadeu
Convidados jovem conservador de direita, Raquel

Vareda, Frei Fernando Ventura, João Camargo,
Leonor Canadas, Pedro Tadeu, Ana Baleia, Capicua

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

responsáveis de produção cultural Fernando
Herculano, Vera Cunha

PARTICIPANTES COLETIVOS

Rádio Vinhais, Agrup. Escolas Dom Afonso III,
Vinhais - 12.º Ano

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Regresso ao Futuro : Ana M. Gonçalves,
Dina M. dos Santos
Ocupa a Rádio Artur Marques (vereador Câmara
Municipal de Vinhais), Ana Tomás (Bota um Cibo),
Mila (produtora de cuscus e fumeiro), Miguel
Fernandes (diretor do Parque Biológico de Vinhais)



O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)

FORMIGA ATÓMICA

Este projeto parte de uma profunda pesquisa no território, ao longo do ano de 2023, sobre as dimensões da geopolítica, da economia, da sociologia ou da demografia, sob a perspectiva de como a crise climática afeta a nossa compreensão do mundo, que se tem mantido relativamente estável ao longo dos últimos 50 anos.

O caminho para Terminal (O Estado do Mundo) pretende explorar territórios de naturezas contrastantes, que ponham em evidência, simultaneamente, as ligações globais. Como um mapa que cria novas rotas entre diferentes geografias e centralidades e que une ambientes cosmopolitas aos rurais, ou vidas intensas ao esvaziamento de aldeias esquecidas.

Na residência de uma semana em cada localidade realizam-se cinco ações. Em “Teatro Fora de Formato”, cenas breves aparecem de surpresa em espaços públicos e interrogam sobre a relação entre a crise climática e o modelo de sociedade em que vivemos, falando sobre consumo, mobilidade, pecuária, agricultura intensiva e capitalismo. No “Retorno ao Futuro”, fazem-se vídeos documentais, com os participantes, que retratam a passagem do tempo, com memórias descritas na primeira pessoa sobre lugares desaparecidos, e sublinham a metamorfose causada pela ação humana. Em “Ocupa a Rádio”, invade-se uma rádio local com notícias sobre questões climáticas, *playlists* de ecologistas e ativistas, conselhos para hábitos sustentáveis, consultório climático, previsões científicas e momentos de humor ecológico. A “Ambientalista vai à Escola” propõe uma conversa sobre sustentabilidade e alterações climáticas, para conhecer os hábitos e escolhas individuais dos jovens. Com “Quem quer mudar?” distribui-se um questionário à população, para um estudo sociológico sobre o desejo e a disponibilidade para mudar hábitos quotidianos em prol do planeta.

■ Pombal

6 MARÇO – 15 ABRIL 2023

50 sessões no território
local de trabalho e
apresentação: Casa Varela

formato: espetáculo

1 partilha pública:
15 de abril, 15h00
137 espectadores

LIMITE ZERO

Direção artística Raul Constante Pereira
Direção técnica Pedro Carvalho
Produção Elena Castro

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Direção musical Carlos Adolfo
Desenho de luz Pedro Vieira de Carvalho
Apoio dramaturgico Pedro Manana, Teresa Sobral
Apoio à construção plástica Albano Martins
Apoio à operação técnica Emanuel Santos

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Chefe da Unidade de Cultura e Teatro-Cine de Pombal
Sónia Fernandes
Casa Varela Diana Figueiredo
Produção e serviço educativo Diogo Moura
Teatro-Cine de Pombal André Peixoto

PARTICIPANTES COLETIVOS

ADAC Teatro, Casa Varela, Escola de Música de Abiul, Grupo Trelear, MUSICCOOL Academia de Música, Projeto 3ESC.E8G, TAP – Teatro Amador de Pombal

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Professora Conceição Sumares (mediadora), Ana Rita Gonçalves, Carlos Abreu, Carolina Gante, Eva Silva, Francisca Silva, Joana Costa (Grupo Trelear); Cremilde Pinto (coordenadora), Rodrigo Emídio (facilitador), Álvaro Maia, Augusto Emídio, Beatriz Lima, Bianca Salazar, Davi Caetano, Davi Pereira, David Santos, Elouise, Estefani Fernandez, Fernando Maia, Francisco Crisando, Gabriel Silva, Gerson Garcias, Gislene Emídio, Isabela Oliveira, João Emanuel, João Iglésias, Joel Costa, Marina Gomes, Rafael Ferreira, Ravi Pinto, Saul Emídio, Yanne Sarnaglia (Projeto 3ESC.E8G); Carlos Calika, Dália Luís, Emma dos Santos, Gabriel Bonifácio, Humberto Pinto, Ilan dos Santos, Joana Mendes, Kari Guergous, Luís Catarro, Madalena Catarro, Paulo Rodrigues (TAP – Teatro Amador de Pombal); Carlos Gonçalves (ADAC Teatro); Maria Cavalheiro (Artista residente na Casa Varela); Bernardo Gomes, Carolina Ribeiro, Eduardo Oliveira, Leonardo Pinto, Luís Martins, Maria Laura Martins, Nuno Oliveira, Sandra Coimbra (MUSICCOOL Academia de Música); Rafaela Martins (Escola de Música de Abiul)

Estórias com Memória

– Novas Lendas

LIMITE ZERO

As cidades são espaços onde habitam as pessoas que as constroem todos os dias. No nosso ATOS em Pombal viemos para ouvir e conhecer essas pessoas, criar laços com elas, escutar o seu pensar e sentir, as suas estórias e os seus desejos. Com este novo coletivo pretendemos, em conjunto, desenvolver um processo de criação e construção de um espetáculo de teatro de animação, onde se cruzam o objeto construído e o corpo humano, a tradição e o quotidiano, as memórias, as lendas e os lugares de cada um e de todos, onde se reinventam novas personagens e narrativas. É neste momento efêmero que queremos que se revelem novas capacidades e que seja uma experiência enriquecedora de pertença e de realização pessoal.



▲ Figueira da Foz

4 – 16 ABRIL 2023

12 sessões no território
local de trabalho: Casa
do Paço

formato: *performance*
local: Museu Municipal Santos
Rocha, espaço da sala do indo-
-português e pátio interior

2 partilhas públicas:
15 e 16 de abril, 17h00
122 espectadores

UMCOLETIVO

Direção artística, interpretação e investigação Cátia
Terrinca (teatro – atriz)

Dramaturgia Ricardo Boléo (escritor, teatro)

Direção de produção e direção técnica João P. Nunes
(técnico de artes performativas)

Investigação, figurinos e apoio a projetos Raquel Pedro
(figurinista)

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Interpretação Cheila Lima

Captação e mistura de som Ivo Reis

Espaço cénico e figurinos Ana Luís, Luís Costa,
Matilde Brito (alunos da Escola Artística
António Arroio)

Conceção de instant books Inês Oliveira, Joana
Teixeira (alunas da Escola Secundária Dr. Joaquim
de Carvalho)

Apoio à produção Rui Salabarda

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz
Bárbara Ferreira

Museu Municipal Santos Rocha Manuela Silva

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Maria João Carvalho, Anália Valentina, Violeta

Figueiredo, Guiomar Sousa, Virginia Baptista,

Maria Jorge, Zikas, Dulce, Mineira, Celeste Russa

Mil e uma Noites

UMCOLETIVO

Os nossos olhos dizem-nos mais do que conseguimos dizer em poucas palavras para 15 dias de experiência que também foram poucos. Poucos dias e poucas palavras para tanto. Ouvimos muitas histórias de mulheres diferentes. Mulheres que se levantaram às cinco da manhã para ir vender peixe, descalças, levando as suas crianças a pé por aí fora. Mulheres que salvaram os seus homens do lodo, uma, duas, três vezes. Mulheres que foram para a guerra e trouxeram de lá poemas que ardem nos olhos. Mulheres que aprenderam a ler fazendo teatro. Mulheres que calaram amores porque sabiam não ser o tempo de amar livremente. Mulheres que, com as suas vidas, mudaram o tempo. Mulheres solteiras, mulheres casadas, mulheres divorciadas, mulheres viúvas, mulheres com filhos, mulheres com filhas, mulheres com netos, mulheres com netas, mulheres felizes. Mulheres felizes. Felizes talvez por reconhecerem na sua vida a liberdade a amanhecer. É sempre pouco o tempo e o espaço para amar alguém. Durante estes 15 dias fomos quem nos propusemos ser: um grupo de gente que olha para dentro de si através das outras cuja pele também habitamos. As outras que éramos nós. Interrompemos as nossas vidas, que se separam umas das outras novamente em menos de dias, para um pedaço de recordação comum. Celebremos, por agora, o encontro. Logo colhemos os escombros entre diferentes medidas de saudade e aprendizagens. Talvez seja o gerúndio – esse tempo que trouxemos do Alentejo – que nos permita mudar, mudando, o mundo mundano.



■ Fundão

2 MARÇO – 22 ABRIL 2023

23 sessões no território

local de trabalho: A Moagem
– Cidade do Engenho e das
Artes (Fundão), Casino
Fundanense

formato: percurso

performativo e *podcast*

local: jardim da Capela de
Santo António até ao fundo
da Rua da Cale; Rádio Cova
da Beira

1 partilha pública:

22 de abril, 15h00

75 espectadores

GIRA SOL AZUL

Direção artística, interpretação Ana Bento,
Bruno Pinto (músicos)
Produção Sílvia Santos

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Pesquisa, texto, cocriação e interpretação
Sónia Barbosa

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

A Moagem – Cidade do Engenho e das Artes
Direção artística Miguel Rainha
Direção de produção e gestão Catarina Correia
Produção executiva Telma Marques

AUTORES CITADOS

Eugénio de Andrade, José Saramago,
Fernando Paulouro, Isabel Minhós Martins

PARTICIPANTES COLETIVOS

Academia de Música e Dança do Fundão, Clube
Tricot & Companhia do Fundão, Escola do Bombo –
Souto da Casa

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Pesquisas e construção do texto André Mota Veiga,
Bruno Fonseca, Emma Cowan, Fabiana Cardoso,
Hélia Antunes, Isabelle Mendes, Joana Bizarro, Luca
Fernandes, Lúcia Reis, Maria Antonieta Ramos, Marta
Amaro, Neuza Caires, Njiza Costa, Paulo Barbosa,
Polónia Amélia Fragoso, Pedro Salvado, Rita Boavida,
percurso Fabiana Cardoso, Hélia Antunes, Isabelle
Mendes, Maria Antonieta Ramos, Maria José
Frade, Neuza Caires, Rita Boavida, Simão Pereira,
(interpretação no percurso); Audrey Mendes, Florinda
Marques, Joana Rasgado (interpretação em vídeo);
Alberto Guedes, Alexandre Ramos (vídeo)
Rute Santos, Samuel Querido

Mapas para uma Feli(z)cidade

GIRA SOL AZUL

Todos os lugares têm uma longa história, camadas complexas feitas de pequenas histórias, muita gente dentro, paisagens, monumentos, coisas. Mas todos os lugares, mesmo os de grande destaque nos mapas, se tornam facilmente em apenas lugares-comuns de mera vivência distraída do dia a dia, naturalmente ignorados pela população em geral e pela população local em particular. E a felicidade? Como pensar e colocar a felicidade no mapa do lugar onde vivemos e na nossa própria vida? Com a palavra/o teatro como mote e a música como meio de expressão, um grupo de pessoas que vivem no Fundão envolveu-se numa odisseia (entenda-se, processo de criação) onde experimentou uma série de dinâmicas participativas, desafios individuais e experiências coletivas que pretendem contribuir para reconectar as pessoas e os lugares, que pretendem dar espaço às várias vozes que habitam a cidade. Foi assim que se construiu este percurso artístico, estes *Mapas para uma Feli(z)cidade*, desenhados a várias mãos, a várias vozes, a partir das escolhas feitas ao longo do caminho, das pessoas e dos próprios lugares sobre os quais girou esta odisseia no Fundão e, por fim (que também pode ser um começo), partilhados em jeito de festa, celebração da vida – uma redescoberta dos lugares e de nós próprios.



● Idanha-a-Nova

23 – 29 ABRIL 2023

6 sessões no território
apresentações Teatro Fora
de Formato: A Esplanada,
Pastelaria Nuvens e Glicínias

formato: documentário
Retorno ao Futuro
local: Centro Cultural Raiano

1 partilha pública:
29 de abril, 18h00
26 espectadores

FORMIGA ATÓMICA

Direção artística Inês Barahona, Miguel Fragata
Produção executiva Luna Rebelo, Sofia Bernardo
Assistência de produção e mediação Beatriz Brito

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Comunicação Rita Tomás
Sociólogo Rui Telmo Gomes
Teatro Fora de Formato – encenação Miguel Fragata
Texto Inês Barahona
Assistente de encenação Beatriz Brito
Intérpretes Cuca M. Pires, Rita Delgado,
Simon Frankel, Vasco Barroso
Retorno ao Futuro – realização: JUNO
Música Hélder Gonçalves
Mistura de som Nelson Carvalho
Ocupa a Rádio – pivot e curadoria Joana Guerra Tadeu
Convidados jovem conservador de direita, Raquel Vareda, Frei Fernando Ventura, João Camargo, Leonor Canadas, Pedro Tadeu, Ana Baleia, Capicua

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Centro Cultural Raiano
Diretor artístico Paulo Longo
Produção Sofia Espada

PARTICIPANTES COLETIVOS

Facebook Centro Cultural Raiano, Escola Básica e Secundária José Silvestre Ribeiro

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Retorno ao Futuro Catarina Cordeira Caria, Joaquim Jesus
Ocupa a Rádio presidente da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Armindo Jacinto (biorregião, Geoparque Naturtejo), Alberto Umbelino, vogal da direção do Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento (CMCD) de Idanha-a-Nova, Adalgisa Dias, arqueóloga do Gabinete de Arqueologia, Conservação e Restauro do município de Idanha a Nova e comissária responsável pelas comemorações 25 Abril, Max Ruivo, presidente da Casa do Benfica/Idanha/associativismo/dinâmicas coletivas, *chef* Mário Ramos, docente na Escola Superior de Gestão de Idanha-a-Nova, Helena Vinagre, cofundadora da empresa Aromas do Valado, João Abrantes, maestro da Filarmónica Idanhense.

O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)

FORMIGA ATÔMICA

O caminho para Terminal (O Estado do Mundo) parte de uma profunda pesquisa no território, ao longo do ano de 2023, sobre as dimensões da geopolítica, da economia, da sociologia ou da demografia, sob a perspectiva de como a crise climática afeta a nossa compreensão do mundo, que se tem mantido relativamente estável ao longo dos últimos 50 anos. Um projeto que pretende explorar territórios de naturezas contrastantes, que ponham em evidência, simultaneamente, as ligações globais. Como um mapa que cria novas rotas entre diferentes geografias e centralidades e que une ambientes cosmopolitas aos rurais, ou vidas intensas ao esvaziamento de aldeias esquecidas.

Na residência de uma semana em cada localidade realizam-se cinco ações. Em “Teatro Fora de Formato”, cenas breves aparecem de surpresa em espaços públicos e interrogam sobre a relação entre a crise climática e o modelo de sociedade em que vivemos, falando sobre consumo, mobilidade, pecuária, agricultura intensiva e capitalismo. No “Retorno ao Futuro”, fazem-se vídeos documentais que retratam a passagem do tempo, com memórias descritas na primeira pessoa sobre lugares desaparecidos, e sublinham a metamorfose causada pela ação humana. Em “Ocupa a Rádio”, invade-se uma rádio local com notícias sobre questões climáticas, *playlists* de ecologistas e ativistas, conselhos para hábitos sustentáveis, consultório climático, previsões científicas e momentos de humor ecológico. A “Ambientalista vai à Escola” propõe uma conversa sobre sustentabilidade e alterações climáticas, para conhecer os hábitos e escolhas individuais dos jovens. Com “Quem quer mudar?” distribuiu-se um questionário à população, para um estudo sociológico sobre o desejo e a disponibilidade para mudar hábitos quotidianos em prol do planeta.



■ Sardoal

25 – 30 ABRIL 2023

19 sessões no território
local de trabalho e
apresentação: Centro
Cultural Gil Vicente

formato: assembleia

1 partilha pública:
30 de abril, 16h00
36 espectadores

AMARELO SILVESTRE

Direção artística Fernando Giestas
Assessoria direção artística Rafaela Santos
Produção executiva Marlene Ramos,
Susana Figueira Henriques
Gestão administrativa e financeira Carla Ramos

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Cocriação e fotografia Nelson d'Aires
Consultoria fotográfica Augusto Brázio
Cocriação Daniel Teixeira Pinto
Assistência de cenografia Carolina Reis
Operação técnica Ricardo Loio
Design de Diário de uma Assembleia Joana & Mariana
Registo vídeo Pedro Vieira

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Técnicos superiores Gabinete de Desenvolvimento Humano e Social Paulo Jorge de Sousa,
Susana Paixão
Centro Cultural Gil Vicente Ricardo Ribeiro

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

António Aidos, Cláudia Alexandra, Manoel Luís Costa, Rafaela Alexandra, Sara Louro, Susana Paixão, Vanessa Milheiriço (embaixadores) e Adriano Martins, Ana Borges, Aníbal Lobato, Filomena Bugalho, Graça Fernandes, Henrique Silva, Joana Ramos, Maíke Bispo, Margarida Cardoso, Mário Cravo, Otávio Fernandes, Paulo Sousa, Pedro Jorge Sousa, Rodrigo Assunção, Sérgio Marques

Assembleia

AMARELO SILVESTRE

Este foi um exercício de escuta e de olhar. Fotografaram-se as pessoas e o território. Envolvendo dezenas de pessoas do concelho, o processo passou pela saída de campo para recolha fotográfica e pesquisa dramatúrgica, com sete embaixadores(as)* do território; realização de assembleias para se praticar o exercício da reflexão política e da retórica crítica, a partir das fotografias recolhidas – um momento para os(as) participantes falarem de si e dos seus territórios com os olhos postos nas pessoas e nas paisagens, e com os olhos postos em si próprios(as), um momento para futurar possibilidades; e tempo de antena de domingo à tarde, para partilha pública do processo, mostrando-se as fotografias e perguntas formuladas a partir das reflexões nas assembleias. No momento da partilha pública também se distribuiu o Diário de uma Assembleia, jornal com fotografias e textos dos trabalhos desenvolvidos.

Assembleia, criação Amarelo Silvestre em coprodução com o D. Maria II, integra o projeto de Teatro e Fotografia *Diário de uma República* (entre 2020 e 2030), sobre as pessoas e os territórios da República no período referido.

*Alguém que olha para ver o seu próprio território.



▲ Miranda do Corvo

12 ABRIL – 6 MAIO 2023

7 sessões no território

local de trabalho e

apresentação: Casa das Artes
de Miranda do Corvo

formato: assembleia
e conversa

1 partilha pública:

6 de maio, 17h00

13 espectadores

CASSANDRA

Direção artística Sara Barros Leitão

Coordenação de produção Susana Ferreira

Produção e comunicação Mariana Dixe

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Mediação da oficina Carlos Malvarez

Coordenador da pesquisa João Mineiro

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Chefe de Divisão da Cultura Margarida Mota

Técnica superior Turismo e Cultura e Casa das Artes

Alda Gonçalves

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Ana Gouveia, António Reis, António Dias, Armando Marques, Belmira Rodrigues, Cecília Pedro, Cidália Pereira, Daniela Machado, Fernanda Paulino, Florinda Cardoso, Iara Ferreira, Idalina Henriques, Isabel Lopes, João Godinho, José Mendes, Karolinne Wolfgram, Leonor Nobre, Manuel José, Manuel Rodrigues, Maria Mendes, Maria de Almeida, Maria Seco, Maria Filipe, Maria Gonçalves, Maria Santos, Maria Pereira, Milene Ferreira, Nelson Anjos, Sara Flores

Parlapatório

CASSANDRA

Parlapatório, ou como quem diz, conversa ou falatório, tem a mesma raiz de Parlamento. É uma oficina sobre a necessidade de diálogo e discórdia, que explora a teatralidade de uma assembleia ou descobre, em assembleia, o teatro.

É a democracia no espaço criativo pensada entre aqueles que viveram à espera de que ela chegasse, com aqueles que ainda não têm idade para poder exercê-la na sua plenitude. O teatro surge no jogo, na partilha, na descoberta e na escuta. Debater, incitar e pisar as geografias dos debates e os mecanismos do discurso político, através do filtro de um teatro possível onde temos a liberdade de convocar uma das muitas vozes, naturezas, perfis que temos em nós.

Durante várias semanas, a equipa da Cassandra passou os fins de tarde na Casa das Artes de Miranda do Corvo, juntando duas gerações: jovens entre os 15 e os 18 anos, e pessoas com mais de 65 anos. Ou seja, pessoas que, pela sua idade, nunca votaram, e outras que ainda têm memória de um tempo em que não havia eleições livres e nem todos podiam votar.

Desta partilha geracional, surgiram propostas de temas para discutir e debates acesos. Aborto, violência doméstica, consumo de drogas, alcoolismo, corrupção ou questões LGBTQIA+ foram apenas alguns deles.

Nada foi ensaiado, mas também não foi tudo improvisado; não foi totalmente mentira, mas também não quer dizer que se acreditasse em tudo o que foi dito. Proporcionámos uma assembleia de parlapatores, onde pudemos experimentar pensar de forma diferente.



▲ Santarém

4 ABRIL – 14 MAIO 2023

24 sessões no território

local de trabalho: Incubadora
das Artes de Santarém

formato: percurso

performativo e oficina

local: Ribeira de Santarém
a Teatro Ribeirense

2 partilhas públicas:

13 de maio, 16h00

14 de maio, 10h30

45 espectadores

PELE

Direção artística Maria João Mota

Cenografia e direção de arte Fernando Almeida

Direção de produção Carina Moutinho

Produção executiva Beatriz Brás, Lucelina Rosa

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Apoio à direção artística Francisco Babo, Júlia Medina

Texto Júlia Medina, a partir da criação coletiva

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Assistente de programação e mediação

Tiago Fernandes

PARTICIPANTES COLETIVOS

Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado
(10.ºE AV, 10.ºM PAE, 10.ºD AV, 11.ºD AV, 11.ºE AV,
12.ºF/G AV, 12.ºE AV, 12.ºN/O PAE), APPACDM
Santarém, EB1 Ribeira de Santarém, Grupo
Comunitário, participantes nas comemorações
do 25 de Abril

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Catarina Mendes, Catarina Mogas, Gabriela Santos,
Henrique Pachorra, Inês Paulino, Isa Almeida, JP,
Madalena Custódio, São Noronha (Grupo Comunitário)

Cartografia dos Desejos

PELE

Chegámos a Santarém com a primavera. Trazíamos a memória do Minho marcada nos corpos e nos desejos que se ativaram por lá. Santarém recebeu-nos de braços e sol abertos, com dias mais longos e vontade de rua. Por isso, imediatamente sentimos necessidade de colocar os desejos na Rua, no Comum – no que é de todos e não é de ninguém. Ativar o Desejo na sua dimensão mais política e poética do quotidiano desta(s) comunidade(s). Fomos escutando, sentindo o pulsar desta cidade que se desenha como uma mão acima do Tejo. Tentámos perceber os índices de desejo deste território – onde existe abundância e onde existe maior necessidade e urgência em desejar. Neste indicador, os dados foram quase unânimes: precisamos de mais desejos na Ribeira de Santarém!

O processo de criação assumiu duas linhas paralelas; encontros regulares com um grupo de base comunitária por um lado e, por outro, uma ativação de desejos através de um mapa onde mais de 200 participantes, sobretudo jovens, colocaram os seus desejos em forma de desenhos, palavras e sons... Deste exercício de participação e criação coletiva escreveu-se um Manifesto dos Desejos para ser apresentado em forma de percurso performativo e discutido no final, convocando participantes, comunidade e decisores políticos para a conversa. Olhando para o Teatro Clube Ribeirense, enquanto analogia para um exercício de Desejo coletivo na comunidade, devolvemos a reunião das diferenças e semelhanças dos nossos desejos, através de um espaço de convivência e de oficinas criativas para todos os que ousam desejar com e para a comunidade.



● Ourém

20 ABRIL – 21 MAIO 2023

13 sessões no território
local de trabalho e
apresentação: Parque
Natureza do Agroal

formato: percurso
performativo, acampamento
e instalação artística

2 partilhas públicas:
20 e 21 de maio, 15h00
37 espectadores

GUARDA RIOS

Direção artística Francisco Pinheiro, Nuno Barroso

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Apoio à dramaturgia Joana Levi

Colaboração Ana Braz, Ewelina Rosinska

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Divisão da Cultura Luísa Marques,

Helena Antunes, Manuela Lourenço

Teatro Municipal de Ourém

Produção Marta Graça, Paulo Rafael

Projeto educativo, mediação e envolvimento

da comunidade Sílvia Rodrigues, Carolina Dias

PARTICIPANTES COLETIVOS

Albardeira Associação Cultural, Alunos do 3.º

e 4.º ano do Centro Escolar da Freixianda, Grupo

Desportivo e Cultural de Seiça, Grupo de Escuteiros

da Ribeira do Fárrio, Parque Natureza do Agroal

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Beatriz Jacinto, Carlota Santos, Cristiano Marcelino,

Daniela Antunes, Guilherme Simões, Humberto

Piedade, Isabel Sousa, João Mascote, Lara Gésero,

Mafalda Cardoso Pereira, Mariana Sousa, Miguel

Aquino, Pedro Oliveira, Helena Antunes,

Luísa Marques, Manuela Lourenço

Observatório dos Rios

GUARDA RIOS

Os diferentes dispositivos do *Observatório dos Rios* foram instalados ao longo das margens do rio Nabão, no Parque Natureza do Agroal, concelho de Ourém, para que tanto os participantes como os membros do coletivo pudessem usufruir da relação com o rio e deste ecossistema natural.

Organizámos diversas sessões no âmbito do *Observatório dos Rios*, onde se explorou e questionou coletivamente a nossa relação com os rios, os ecossistemas que nos rodeiam e o nosso lugar no planeta. Os participantes também foram convidados a acampar e passar duas noites no Agroal, a participar num jantar de alimentação diacrónica organizado pelo coletivo Guarda Rios, a assistir à *performance* criada em parceria com o grupo de teatro amador de Seíça, dirigido por Mafalda Cardoso Pereira, ou a contemplar o filme *Pedras Instáveis* de Ewelina Rosinska, projetado em 16 mm nas margens do rio Nabão.

As apresentações no Agroal contaram, ainda, com a participação da artista sonora Daniela Antunes e de diversos membros da Albardeira – Associação Cultural, bem como da cesteira Isabel Sousa, que dinamizou um *workshop* de trabalho com vime, planta que tem uma relação íntima com as margens dos rios.

Ao público, foi pedida a sua participação em várias tarefas, que contribuíam para o funcionamento deste *Observatório dos Rios*, algumas delas físicas, outras sensoriais, para que num momento de celebração se pudessem projetar futuros.



▲ Covilhã

18 ABRIL – 21 MAIO 2023

25 sessões no território
local de trabalho: Teatro
Municipal da Covilhã

formato: percurso
performativo e instalação
local: Museu da Covilhã e
Mercado Municipal

1 partilha pública:
21 de maio, 17h00
45 espectadores

TALKIE-WALKIE

Direção artística Matilde Seabra

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Coautoria Manuel Tur

Cocriação João Castro, Rafaela Freitas

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Teatro Municipal da Covilhã

Diretor artístico Rui Sena

Comunidade e mediação de públicos Inês Barros

Produção e comunicação João Rocha

Administração e comunicação Rui Salcedas

Assistente de mediação de públicos e comunidade

Anabela Quelhas

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Ana Jezabel, Alice Teles, António Pinto Pires, Bernardo Silva, Carolina Belo Matias, Diana Silva, Elisabet Carceller, Filipe Serra Carlos, Filomena Ferreira, Inês Gonçalves, João Ferreira, Jorge Guerra, Maikel Antelo, Leonor Narciso, Pedro Seixo Rodrigues, Rafaela Graça, Sofia Ferreira, Sr. Santos, Teresa Reis

Ato de Arrebanhar e Outras Transumâncias

TALKIE-WALKIE

O projeto *Ato de Arrebanhar e Outras Transumâncias* na Covilhã, pretendia construir uma Assembleia em Transumância, que arrebanharia, conversando e questionando sobre o que foi e o que está para vir. Este texto é cerzido por entre citações, de quem nos ensinou sobre este lugar, e pela nossa reflexão que construía todo um argumento.

Na cova enterra-se a lã para que não apodreça (“Já vale pouco hoje-em-dia, fica pr’aquí à espera que o vento a leve de volta à serra”). No covil escondem-se os segredos (“guardo na marmita o restinho de pastel de molho, do campo ainda vou ganhar umas horas à fábrica”). Partindo de uma geografia por descobrir, desconhecida para nós, queremos arrebanhar rochedos (“estas são as aborregadas, ficaram assim pelo peso do gelo glacial”), ou pedras redondas (“os gogos, retirados da ribeira da Caia, para serem parede das casas do Paul”), e bichos (“está a parir um borrego, podemos assistir?...olha ali uma raposa a correr!”), e ervas (“trago aqui a raiz rastejante da cervum”) e pessoas, assentos (“bancos usados no tear, quando cresce a tecedeira, junta-se mais uma rodela de cortiça para não doer as pernas”), histórias e passados para uma assembleia onde todos são voz e ouvido (“desde que estou neste projeto, vi e encontrei gente que não sabia existir”). De lugar em lugar, de casa em casa, da serra para a cidade (“da faculdade para o quarto, encontrei aqui o meu refúgio”) acompanhados pela erudição ou rodeados por pessoas, seres e objetos mágicos.



▲ Castelo Branco

14 MARÇO – 28 MAIO 2023

31 sessões no território

local de trabalho: sala estúdio
no Cine-Teatro Avenida

formato: espetáculo

local: Mercado Municipal

2 partilhas públicas:

27 e 28 de maio, 18h30
163 espectadores

ONDAMARELA

Equipa coordenação e direção artística

Ana Bragança, Ricardo Baptista

Produção e mediação Sara Fernandes

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Cenografia e figurinos Patrícia Costa

Movimento Liliana Garcia

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Cine-Teatro Avenida

Programador e produtor Carlos Semedo

Técnico e desenho de som Nuno Madaleno

AUTORES CITADOS

Daniel Faria e António Salvado (poemas)

PARTICIPANTES COLETIVOS

Amato Lusitano – Associação de Desenvolvimento,
Escola de Dança ArtKompany, Escola Profissional
do Conservatório de Castelo Branco, InterrogAção,
Nós com os Outros – Escolhas 8G, Teatro Tramédia,
Universidade Sénior Albicastrense – USALBI

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Afonso Fontão, Alice Cavallier, Amir Qasemi, Ana
Leão, Ana Mota, Ana Silva, André Silva, Angélica
Silva, Antónia Dias Carvalho, Ariana Fontão, Ariana
Marques, Ariana Pedro, Catarina Reino, Clarisse
Lacerda, Daniel Morais, Dinarte Fontão, Djenifer
Correia, Ednelsia Santos, Florencia Gil Bilbao,
Germias Afonso, Grace Knisely, Grant Knisely, Inês
Belo, Isadora Ribeiro, Ivo Santos, Jailson Manuel,
Joana Dias, João Bargão, Jorge Infante, José Manuel
Fazenda, Lara Cavallier, Liliana Garcia, Lissa Varela,
Luan Infante, Maria Rodrigues, Mariana Domingues,
Mariana Poças, Matilde Morgado, Milene Gerardo,
Morsal Qasemi, Neuza Nunes, Noelia Jazmin
Cardenas, Nsimba Kamalandua, Odair Mendes,
Odete Matos Silva, Palmira Pedro, Pedro Garcia,
Pedro Severino, Pedro Sousa, Radja Assunção,
Raissa Castro, Rhuan Lima Lourenço, Ricardo Brito,
Roxane Elias, Samuel Infante, Samuel Sousa, Sofia
Alves, Temyr Ramos, Tiago Monteiro, Tiara Suyai
Cardenas, Tuliana Menezes, Vanessa Carvalho,
Vanessa Martins, Vasco Fazendeiro.

Nós, Quem Somos?

ONDAMARELA

Nós. A carga emocional, poética, desta palavra, foi o ponto de partida para o desenvolvimento deste projeto. Um sentimento que nos una, uma ação que nos aproxime, um lugar comum. A caminho de Castelo Branco esperávamos encontrar diferentes comunidades, diversos nós, e criar uma nova, de que nós próprios fizéssemos parte. Demos e desatámos nós nas conversas, nas diferentes opiniões e ideias, no som e no aspeto das coisas; demos e desatámos nós nas línguas diferentes. Como no bordado, como num tear que vai e volta quase sem parar, fomos de um lado ao outro de nós, a tecer, a unir. E então agora, quem somos? Quem está dentro e quem está fora deste nós? Ainda é possível conhecermo-nos melhor, cerzir, remendar, tecer tudo de novo? Procuramos um sentimento que nos una, uma ação que nos aproxime, uma criação que nos enleie uns nos outros.



▲ Alcanena

11 ABRIL – 3 JUNHO 2023

7 sessões no território
local de trabalho e
apresentação: Cine-Teatro
São Pedro de Alcanena

formato: assembleia
e conversa

1 partilha pública:
3 de junho, 18h00
7 espectadores

CASSANDRA

Direção artística Sara Barros Leitão
Coordenação de produção Susana Ferreira
Produção e comunicação Mariana Dixe

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Mediação da oficina Carlos Malvarez
Coordenador da pesquisa João Mineiro

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Cine-Teatro São Pedro
Direção artística e programação
André de Jesus Conceição
Produção e mediação Filipe Dias

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Aida Costa, Afonso Morais, Constança Frade,
Guilherme Vieira, Inês Lacão, Maria Fernanda Costa,
Maria João Olímpio, Tania Buchkovskiy

Parlapatório

CASSANDRA

Depois de uma primeira experiência de *Parlapatório* em Miranda do Corvo, seguimos para Alcanena, com a mala cheia de reflexões e algumas melhorias.

Voltámos a reunir um grupo intergeracional, composto por jovens entre os 15 e os 18 anos de idade e pessoas com mais de 65 anos. Os encontros aconteceram novamente no interior de um teatro, com uma cadência semanal. Não no palco, não na plateia, mas em salas amplas onde cabia uma roda de cadeiras e onde podíamos conversar sem ser ouvidos. Este conjunto de ingredientes ajudava a, por um lado, criar um lugar seguro em que o grupo criava confiança e podia sentir-se confortável para trazer temas e discussões mais desafiantes, sem medo de ser julgado, e, por outro, a proteção de estar num lugar onde se faz teatro e onde, em última análise, tudo não passava de um exercício de nos colocarmos nos sapatos do Outro, nos desafiarmos a pensar, falar e argumentar como se não fôssemos nós.

Depois de várias semanas juntos, abrimos a sessão para uma partilha pública, com quem nos quis vir visitar. Votou-se, em grupo, quais seriam os exercícios que queríamos partilhar e em que moldes o faríamos. Ficou decidido que o público entraria na nossa roda e seria convidado a participar, se assim o entendesse. Da eutanásia ao aborto, dos direitos dos animais à pornografia, muitos foram os temas que nos preencheram durante estas semanas e que, depois, trouxemos para a partilha pública.



▲ São João da Madeira

2 ABRIL – 4 JUNHO 2023

17 sessões no território
local de trabalho: Casa
da Criatividade e Paços
da Cultura

formato: *performance*,
instalação e vídeo
local: Casa da Criatividade
e Parque do Rio UL

2 partilhas públicas:
3 de junho, 17h00
4 de junho, 11h00
122 espectadores

LUGAR ESPECÍFICO

Direção e mediação cultural Susana Alves

Direção técnica, vídeo e imagem Nuno Figueira

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Movimento Yola Pinto

Apoio design gráfico e fotografia Sandra Valle

Produção Nínive Bianchi

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Casa da Criatividade

Programação e gestão Gisela Borges, Joana Galhano

Produção e comunicação Inês Brás, Sandra Santos

Técnicos Daniel Cardoso, Diogo Lopes, Filipe

Azevedo, José Nuno Lima

PARTICIPANTES COLETIVOS

Associação de Jovens Ecos Urbanos, Banda de

Música de S. João da Madeira, Associação de

Solidariedade Social dos Professores

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Carlota Ferreira, Carolina Azevedo, Edgar Dias,

Francisca Ferreira, Inês Oliveira, Luísa Ferreira,

Mariana Reis, Rita Almeida, Sofia Vilar (Associação

de Jovens Ecos Urbanos); Ana Azevedo, Faisal Abed,

Filipa Santos, João Silva, Joaquim Silva, José António

Pinho, Leonor Ferreira, Lis Pereira, Maria Ferreira,

Mauro Filipe Gomes, Natália Correia, Pedro Vieira,

Susana Célia Alves, Teresa Margarida Brandão

Pe_SOA: Esta Linha que nos Une!

LUGAR ESPECÍFICO

Este projeto começa com um “índice de incógnitas para a escuta de lugares”. Assumindo que todos os lugares ecoam os corpos que os habitam, este projeto iniciou-se pela descoberta das pessoas e dos lugares do território sanjoanense. Esta criação começa com a escuta das invisibilidades em cada uma das comunidades. Ouvir, sentir e presenciar, juntos. Encontrou-se uma cidade cheia de recursos, mas onde se ouviram ecos de isolamento e testemunhos duma inércia cidadã instalada. A proposta evolui então para a criação de um Grupo de Ativação Criativa, que pudesse perdurar para lá da presença da equipa artística e que ficasse afecto à Casa da Criatividade, em diálogo próximo e contínuo que contagiasse a cidade de vida, criatividade e reflexão. A cada encontro criou-se um espaço cívico para o diálogo, para criar laços, para questionar a cidade e o papel da Casa da Criatividade, para a experimentação, criação e ativação de ideias através de práticas artísticas, onde se atendesse aos interesses e inquietações individuais e locais, pensando em formas de dinamizar a cidade e de promover a conexão da comunidade aos espaços culturais (e vice-versa). “Esta Linha que nos Une!” foi o que resultou de um olhar – de fora para dentro – deste grupo de ativação artística, sobre a cidade e sobre a Casa da Criatividade mas foi, foi também, um convite à comunidade para que pudesse fazer parte dele.



■ Tomar

12 ABRIL – 11 JUNHO 2023

11 sessões no território
local de trabalho e
apresentação: Casa Manuel
Guimarães

formato: *performance*,
instalação e vídeo

4 partilhas públicas:
10 e 11 de junho,
17h00 e 18h00
71 espectadores

BURILAR

Direção artística e mediação Lara Soares,
Sandra Barros

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Texto coletivo com os participantes

Encenação Inês Vicente

Desenho de som, pós-produção áudio e sonorização

Quico Serrano

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Chefe de Divisão de Turismo e Cultura Ana Soares

Cine-Teatro Paraíso Paulo Duarte

Técnica de cultura e turismo Manuela Rato

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Carla Fernandes, Carla Magalhães, João Antunes,

Júlia Ceríaco, Maria da Saudade Santos, Rafael

Tolomini, Tiago Silva, Vanda Conceição

Porvir

BURILAR

Em ano de Festa dos Tabuleiros, chegámos a Tomar com o desejo de perceber como vive a cidade esta festa, reconhecida em 2023 como Património Cultural Imaterial Nacional. Interessava-nos conhecer as dinâmicas, a história e a tradição e descobrir pontos de contacto entre o trabalho que desenvolvemos e a Festa. À nossa equipa juntou-se um grupo de tomarenses, ou nabantinos, que enriqueceram a criação com as suas vozes e corpos, os seus pensamentos e reflexões – sobre a Festa, sobre Tomar e sobre o futuro. Deste processo de criação resultou uma peça para escuta e um cortejo sonoro para contar, brincar, registar e convidar a imaginar o porvir.



● Oliveira do Bairro

19 – 25 JUNHO 2023

7 sessões no território
apresentações Teatro Fora de
Formato: Pastelaria Século
XXI, florista, mini mercado,
imobiliária, cabeleireiro,
ótica, Centro Local de Apoio
à Integração de Migrante

formato: documentário
Retorno ao Futuro
local: Quartel das Artes

1 partilha pública:
25 de junho, 16h00
93 espectadores

FORMIGA ATÓMICA

Direção artística Inês Barahona, Miguel Fragata
Produção executiva Luna Rebelo, Sofia Bernardo
Assistência de produção e mediação Beatriz Brito

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Comunicação Rita Tomás
Sociólogo Rui Telmo Gomes
Teatro Fora de Formato – encenação Miguel Fragata
Texto Inês Barahona
Assistente de encenação Beatriz Brito
Intérpretes Cuca M. Pires, Rita Delgado,
Simon Frankel, Vasco Barroso
Retorno ao Futuro – realização JUNO
Música Hélder Gonçalves
Mistura de som Nelson Carvalho
Ocupa a Rádio – pivot e curadoria Joana Guerra Tadeu
Convidados jovem conservador de direita, Raquel
Vareda, Frei Fernando Ventura, João Camargo,
Leonor Canadas, Pedro Tadeu, Ana Baleia, Capicua

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Quartel das Artes
Coordenação de produção Beatriz Miranda
Produção João Galante

PARTICIPANTES COLETIVOS

Rádio Vagos (FM 88.8) – Museu Radiolândia
Instituto Profissional da Bairrada – escola profissional

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Retorno ao Futuro António Ferreira Cardoso, José
António Vela Ferreira dos Santos
Ocupa a Rádio Jorge Pato (pelouros do Planeamento
Urbano, Gestão Urbanística, Gestão do Espaço Público,
Água e Saneamento, Ambiente e Higiene Urbana,
Florestas e Agricultura, Espaços Verdes e Parques
Municipais), Melanie Abade (Sabor da Terra), Professor
Flávio Reis, João Ferreira (membro fundador do CERFFF
– Clube de Energias Renováveis Prof. Fernando Ferreira),
Ronnis e Dulce Ross (restaurante Muxima Yami), André
Fernandes (engenheiro ambiental, projeto de recolha e
valorização de biorresíduos na freguesia de Oiã)



O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)

FORMIGA ATÓMICA

Este projeto parte de um processo de pesquisa para um novo espetáculo da Formiga Atômica que irá estrear em 2024, após um périplo desta companhia de teatro por todo o país. Na residência de uma semana em cada localidade realizam-se cinco ações.

Em “Teatro Fora de Formato”, cenas breves aparecem de surpresa em espaços públicos e interrogam sobre a relação entre a crise climática e o modelo de sociedade em que vivemos, falando sobre consumo, mobilidade, pecuária, agricultura intensiva e capitalismo. No “Retorno ao Futuro” fazem-se vídeos documentais, com os participantes, que retratam a passagem do tempo, com memórias descritas na primeira pessoa sobre lugares desaparecidos, e sublinham a metamorfose causada pela ação humana. Em “Ocupa a Rádio” invade-se uma rádio local com notícias sobre questões climáticas, *playlists* de ecologistas e ativistas, conselhos para hábitos sustentáveis, consultório climático, previsões científicas e momentos de humor ecológico. A “Ambientalista vai à Escola” propõe uma conversa sobre sustentabilidade e alterações climáticas, para conhecer os hábitos e escolhas individuais dos jovens. Com “Quem quer mudar?” distribui-se um questionário à população, para um estudo sociológico sobre o desejo e a disponibilidade para mudar hábitos quotidianos em prol do planeta.

Em Oliveira do Bairro, procuramos descobrir como se vive esta realidade num município entre o mar e a serra. Que ameaças sofre? Qual a relação com a ria de Aveiro? Que papel tem hoje a tradição das marinhas de arroz e dos moinhos de água? Como se vivem as transições da paisagem? Como se propõe proteger a sua paisagem e ecossistemas? Que projetos futuros imagina para si a região? Que hábitos se dispõe a mudar para enfrentar os desafios climáticos que se anunciam? Procuramos criar raízes e laços com os habitantes, convocados previamente para participar, ou interpelados de surpresa, para alterar o quotidiano com as artes e deixar perguntas a pairar. Estes encontros alimentam-nos enquanto artistas, mas acima de tudo promovem trocas, debate, pensamento e reflexão, viagens na memória e um desenho de futuro para comunidades que ainda estão por inventar.

■ Horta

3 – 8 JULHO 2023

6 sessões no território

formato: *performance*

local de trabalho e

apresentação: Banco das Artes

1 partilha pública:

8 de julho, 21h30

63 espectadores

DISCOS DE PLATÃO

Direção artística Rui Souza (músico)

Produção e apoio à direção artística João Pedro Lopes
(músico)

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Encenação e artes plásticas Tânia Dinis

Artes plásticas e dramaturgia Pedro Bastos

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Diretor da UrbHorta e programador Teatro Faialense

Francisco Botelho

Animadora cultural UrbHorta Paula Saraiva

PARTICIPANTES COLETIVOS

Foliões do Espírito Santo da Horta, Foliões de Pedro Miguel

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Aida Alves, Álvaro Medeiros, Ana Vaz, Cláudia

Oliveira, Eva Abraham, Inês Cunha, Isabel Campos,

Maria Costa Reis, Maria Pereira, Pedro Rosa, Susana

Salema, Vanessa Santos

Canta Conto Conta

DISCOS DE PLATÃO

Há uma relação geográfica imediata para quem chega ao arquipélago – um imaginário, uma idealização, uma possibilidade de evasão –, mas há outras tantas relações diferentes para quem é açoriano ou para quem veio viver para as suas ilhas. Partimos então de um primeiro contacto com as pessoas, à procura das suas histórias e das suas memórias, através de objetos e fotografias; mas também a partir da palavra, das expressões locais que se estranham inicialmente, para depois se inter-relacionarem. Desses exercícios de lembrança e das idiosincrasias orais, fomos desenhando um mapa poético, construindo um conto, que depois se expandiu pelo espaço através desses novos objetos encontrados, dessas novas palavras, que se desconstruíram através da voz e, principalmente, da sua escuta. Então, o espaço/território adquire uma outra dimensão, que extrapola as visões estereotipadas da ilha. Ao encontrar pontos em comum entre Horta, Angra do Heroísmo e Ribeira Grande, a ideia é criar um tríptico onde brindamos à distância, provocando um ritual de aproximação.



■ Angra do Heroísmo

10 – 15 JULHO 2023

5 sessões no território

local de trabalho: Alpendre

formato: *performance*

local: Teatro Angrense

1 partilha pública:

15 de julho, 12h00

23 espectadores

DISCOS DE PLATÃO

Direção artística Rui Souza (músico)

Produção e apoio à direção artística João Pedro Lopes
(músico)

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Encenação e artes plásticas Tânia Dinis

Artes plásticas e dramaturgia Pedro Bastos

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Técnico superior da Unidade de Cultura e Ação Social

Luís Ribeiro

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

João Pedro Costa, Maria Liberdade, Paulo Cunha,

Pedro Fernandes, Ronaldo Valadão

Canta Conto Conta

DISCOS DE PLATÃO

Quando se chega ao arquipélago, há uma relação imediata com a sua geografia – um imaginário, uma idealização, uma possibilidade de evasão –, mas há outras tantas relações diferentes para quem é açoriano, ou para quem veio viver para as suas ilhas. Partimos, então, do contacto com as pessoas, à procura das suas histórias e das suas memórias, através de objetos e fotografias; mas também a partir da palavra, das expressões locais que se estranham inicialmente, para depois revelarem outros significados. As memórias pessoais misturam-se com as memórias coletivas da ilha Terceira, para desenharmos um novo mapa imaginário deste território e das suas gentes.



■ Ribeira Grande

17 – 22 JULHO 2023

5 sessões no território
local de trabalho e
apresentação: Arquipélago
– Centro de Artes
Contemporâneas

formato: *performance*

1 partilha pública:
22 de julho, 18h00
70 espectadores

DISCOS DE PLATÃO

Direção artística Rui Souza (músico)

Produção e apoio à direção artística João Pedro Lopes
(músico)

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Encenação e artes plásticas Tânia Dinis

Artes plásticas e dramaturgia Pedro Bastos

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Chefe da Divisão de Cultura, Juventude

e Desporto Sónia Moniz

Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas (CAC)

Diretor artístico João P. F. Mourão

Serviço de mediação Sofia Carolina Botelho

Produção Dalila S. Couto

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Ana Oliveira, Ana Rita Vieira, Blanca Martin-Calero,

Helena Oliveira, Luís Sousa, Margarida Melo,

Mário Moniz, Miguel Machado, Sofia Albergaria,

Tiago Correia, Mário Moura (historiador)

Canta Conto Conta

DISCOS DE PLATÃO

Quando se chega ao arquipélago, há uma relação imediata com a sua geografia – um imaginário, uma idealização, uma possibilidade de evasão –, mas há outras tantas relações diferentes para quem é açoriano ou para quem veio viver para as suas ilhas. Partimos então do contacto com as pessoas, à procura das suas histórias e das suas memórias, através de objetos e fotografias; mas também a partir da palavra, das expressões locais que se estranham inicialmente, para depois revelarem outros significados.

Em São Miguel, chegamos ao fim desta aventura, depois da Terceira e do Faial. Já não somos os mesmos, pois o arquipélago revelou-se ao longo desta viagem – de cada ilha saiu uma outra ilha desconhecida. Destas partilhas criou-se um novo mapa imaginário, onde coabitam agora as memórias e histórias presentes em todos nós.



■ Funchal

11 – 30 SETEMBRO 2023

38 sessões no território

local de trabalho: Estúdio de Criação Artística, Pousada da Juventude, Escola de Dança do Funchal, Associação Olho.te

formato: *performance*

local: Praça de basquetebol, Avenida do Colégio Militar

2 partilhas públicas:

29 de setembro, 21h00

30 de setembro, 21h00

180 espectadores

COLECTIVO ESPAÇO INVISÍVEL

Coordenação Daniela Cruz, Nuno Preto

Direção artística Nuno Preto, Samuel Martins Coelho

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Diretora do Departamento da Cultura Sandra Nóbrega

Chefe de Unidade de Produção Cultural Inês Morgado

Programadora do Teatro Municipal Baltazar Dias

Catarina Faria

PARTICIPANTES COLETIVOS

Associação Olho.te, Associação Cultural Recreativa e Artística Baile Histórico, Associação Cultural e Musical Xarabanda

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Irene Quintal, Graça Ferreira, Ana Bacalhau, Inês Costa Neves, Lara Arraiol, Cristina Gomes, Catarina Perestrelo, Énia Rodrigues, Tomás Andrade, Constança de Jesus, Sandra Cardoso, João Temes, Hugo Andrade, Ana Vieira, Ema Freitas, Zacarias Gomes, Vitória Velosa, Marisa Martins, Henrique Freitas, Sofia Henriques, José Pinho, Sandra Faria (Grupo Solo); Margarida Tanque, Eduardo Barcelos, Laura Petito, Vitória Gomes, Romeu Furtado, Alejandro Nóbrega, Guilherme Santos, Henrique Gonçalves, Matilde Sousa, Leonor Brazão, David Agrela, Afonso Barros, Alicia Agrela, Alejandro Agrela, Miguel Monteiro, Alejandra Nóbrega, José Bargante, Mónica Correia, Sofia do Mar (PercuNASA, grupo inventado de batucada da Nazaré); Iryna Cherednik, Luísa Ribeiro, Graça Ferreira, Carlos Sigrado, Rafael Gomes, Vitaly Gudkov (Associação Cultural Recreativa e Artística Baile Histórico); João Viveiros, Lígia Gonçalves, Maria dos Santos, Evangelina de Sousa, Rogério Murilho, Maria Garamito, Maria Martinha Rodrigues, João Gomes, Teresa Santos, Helena Camacho, Maria Lurdes, Lília Barros, Maria dos Anjos, Marco Nóbrega, Maria José, Maria Isabel de Sousa (letristas de “A cantiga do não fazer”, da tertúlia Xarabanda).

Solo

COLECTIVO ESPAÇO INVISÍVEL

Solo é o título do projeto, mas também foi um ponto de partida. Um ponto de partida para os nossos encontros. E foram muitos e ricos. Como se quer num solo fértil. Foi um ponto de partida para conversas, propostas, invenções, sonhos e desejos. Muito diferentes, como se deseja num solo fértil. E a partir daí inventámos regadios ou levadas que unissem estes solos. Caiu o “s” e sobrou o *Solo* comum. O que inventámos juntos feito de pessoas que acumulam em si muitas outras.

O nosso solo foi criado com encontros tão incríveis quanto simples. Palavra puxa palavra e “sem querer”, querendo muito, tínhamos uma letra com 24 quadras chamada “A cantiga do não fazer”. Palavra puxa palavra e tínhamos uma exposição numa parede. Palavra puxa palavra e fizemos uma arruada. Palavra puxa palavra e tínhamos um espetáculo feito de ilhas. Palavra puxa palavra dizemos que um projeto de comunidade para a comunidade é feito de pessoas que existem em todos os momentos e de quem chega na última hora. Porque também quem chega no fim tem alguma coisa a dizer.



● Mértola

1 JULHO – 1 OUTUBRO 2023

12 sessões no território

local de trabalho: Convento
de São Francisco

formato: apresentação

de livro e *performance*

local: Biblioteca Municipal
de Mértola e Praça Luís de
Camões

2 partilhas públicas:

29 de setembro, 18h00

1 de outubro, 18h00

40 espectadores

UMCOLETIVO

Direção artística, interpretação e investigação Cátia
Terrinca (teatro – atriz)

Dramaturgia Ricardo Boléo (escritor, teatro)

Direção de produção e direção técnica João P. Nunes

Figurinos e apoio a projetos Raquel Pedro (figurinista)

Mediação e públicos Rui Salabarda
(técnico de ação social)

Cenografia Bruno Caracol (artista plástico)

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Apoio à criação Miguel Moreira

Apoio à intervenção paisagística Herdade
do Freixo do Meio

Design David Costa

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Vereadora Rosinda Pimenta

Divisão Cultura Património e Desporto Eugénia

Monteiro, Manuel Passinhas, Olga Dâmaso

PARTICIPANTES COLETIVOS

APDM – Associação de Defesa do Património de

Mértola, Associação Montícola, Terra Sintrópica:

Agroecologia e Regeneração

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Adriana Gil, Ana Morais, Bárbara Pais, Eunice Neves,

João Romba, Laura Marques, Maria Susel Gaspar,

Marta Cortegano, Miguel Ribeiro, Nádía Torres, Nuno

Roxo, Pedro Nogueira, Rita Salles, Rui Carvalho

Penélope

UMCOLETIVO

Penélope, a partir do Volume II da obra homónima e inédita da escritora Alice Sampaio, é um objeto artístico disruptivo que propõe dois encontros entre artistas e público. Aqui, Ulisses fala-nos como a chuva. *Penélope* é um poema visual cujas raízes apelam a conhecimentos interdisciplinares da agricultura e da educação, possibilitando a criação de relação de afetividade entre os espectadores e a terra – com o objetivo maior de os colocar perante questões transversais à contemporaneidade relacionadas com as novas formas de agricultura sustentável, cujas técnicas hidropónicas permitem intervir nos solos com mais carências ao nível da água.

Penélope está além de um projeto de desenvolvimento de novos públicos, na medida em que são construídas camas de permacultura em conjunto com a comunidade, no sentido de a envolver na criação de um objeto de artes contemporâneas. Num segundo momento, os cuidadores do espaço cénico/horta recebem um poema visual, coreografado por Miguel Moreira.

Haverá, eventualmente, um terceiro momento – em que a cenografia é degustada e, a partir daí, no seu espaço vazio podem ser cultivadas outras sementes – de outros alimentos, de outras flores, de outros espetáculos.

A pergunta “De que se alimenta a espera?” é motivo suficiente para pensar a agricultura como a paisagem por excelência da esperança.



■ Grândola

4 SETEMBRO – 8 OUTUBRO 2023

37 sessões no território

local de trabalho: Cine

Granadeiro, Jardim

Municipal de Grândola,

SMFOG – “Música Velha”

– Sociedade Musical de

Fraternidade Operária

Grandolense, Estúdio da Art

Fusion, Estúdio Jovem

formato: espetáculo

local: Biblioteca Municipal

de Grândola

2 partilhas públicas:

7 de outubro, 21h30

8 de outubro, 19h00

200 espectadores

GIRA SOL AZUL

Direção artística, interpretação Ana Bento,

Bruno Pinto (músicos)

Produção Sílvia Santos

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Vídeo arte Beatriz Rodrigues

Participação no espetáculo Jasmim Pinto (trompete),

Olívia Pinto (baixo), Artur Pinto (bateria)

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Coordenador da Divisão de Cultura Alcides Bizarro

Divisão de Cultura Jorge Rodrigues, Maria Manuel

Costa, Sílvia Gomes, Miguel Pereira

PARTICIPANTES COLETIVOS

Clube de Leitura, Grupo Art Fusion, Grupo

Caminhando Cantando, Grupo de Dança Típica da

Queimada, Núcleo Pais em Rede, Sociedade Musical

de Fraternidade Operária Grandolense

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Bianca Chainho, Carolina Caeiro, Cristina Pereira, Elsa

Pereira, Joana Claudino, Joana Chainho, Maria Alves,

Mónica Silva, Sílvia Santos, Vera Máximo (Oficina de

Expressão Plástica), Inês Gamito (flauta transversal),

Matilde Sobral (clarinete), Catarina Noronha, Tomás

Santos (sax alto), Filipa Nobua, Sofia Pereira, Maria

Simões, Ana Peixeiro (trompete), Inês Viegas

(trompa), Luís Pereira e Miguel Pereira (percussão)

(Banda Juvenil da Sociedade Musical de Fraternidade Operária Grandolense), Mónica Silva, Céu Parreira, Augusta Silva, Cristina Pereira, Carolina Caeiro, Bianca Chainho, Joana Chainho, Santiago Pereira, David Pereira, Andreia Chainho (voz) (Grupo de Dança Típica da Queimada), Filomena Rosa (voz), Víctor Careta (guitarra), José Gingado (guitarra), Agostinho Pereira (cavaquinho), António Simões (baixo), Diamantina Garcia (voz), Rosa Caldeirinha (voz e pandeireta) (Grupo Caminhando Cantando), Maria Júlia Bica, Ângela Gonçalves, Maria Bernardette Proença, Diocliciano Pedro e Piedade Vital (Clube de Leitura), Sérgio Feliciano (voz e percussão) e Natacha Gomes (voz) (Núcleo Pais em Rede), Thaissa Santos, Anna Beatriz Pessin, Simão Lobato, Laura Nyogéri e Ricardo Sousa (dança e voz) e Tatiana Sousa (percussão e voz) (Grupo Art Fusion), Elsa Pereira (voz) e Maria Manuel Costa (voz e adufe)

PARTICIPAÇÃO INDIRETA CONSULTIVA

Conceição Baião, Sofia Mestre, Soraia Carqueijeiro

(Núcleo Pais em Rede), Luís Vital (maestro da

Sociedade Musical de Fraternidade Operária

Grandolense)

Cidade Adentro

GIRA SOL AZUL

Grândola, vila morena, adquiriu o estatuto poético de cidade reflexo da grandeza humana que se encontra neste lugar. Um lugar de liberdade, fraternidade e igualdade, mesmo em tempos que outrora foram de regime de ditadura. Toma-se a palavra como mote, e a música e as artes plásticas como meios de expressão, e desenvolvem-se uma série de dinâmicas participativas e desafios individuais que pretendem reconectar as pessoas e os lugares.

Pensamos na maioria das vezes democracia e liberdade como coisas adquiridas e esquecemos que estes valores são como os cravos: se não forem alimentados, murcham, secam, morrem. A reflexão sobre a História e estes valores, sobre as pequenas histórias que estão por detrás do simbolismo inspirador de Grândola, é mais que importante: é urgente!



● Borba

19 SETEMBRO – 15 OUTUBRO 2023

13 encontros

local de trabalho: Biblioteca Municipal de Borba, Igreja das Servas e Serra D'Ossa

formato: *performance-*

instalação- assembleia e caminhada à escuta

local: Igreja das Servas e Serra d'Ossa (caminhada)

2 partilhas públicas:

14 de outubro, 18h00

15 de outubro, 09h30

30 espectadores

À ESCUTA

Conceção, cocriação artística, trabalho com a Comunidade, textos, performance Joana Sá
Conceção, cocriação artística, trabalho com a comunidade, performance Luís J. Martins
Conceção, realização assembleia, criação de conteúdo, Trabalho com a comunidade, textos, performance, comunicação Corinna Lawrenz
Cocriação artística, trabalho com a comunidade, gravações vídeo e áudio, realização vídeo, performance, comunicação Lucas Tavares
Design e conceção de materiais gráficos para performance e instalação Ana Viana

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Produção executiva Helena Maia

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Técnica superior (cultura) Sara Jaques

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

António Alberto, Arnaldo Simões, Cassandra Querido, Catarina da Câmara, Catarina Silva, Céu Franco, Francisco Rijo, Jorge Russo, José Bilro, Manuel Calado, Paulo Laranjo, Paulo Velhinho, Pedro Branco (recolha de conteúdos e entrevistas), Pedro Paulo



Folha Volante

À ESCUTA

Folha Volante, da À Escuta, é um projeto que procura, através de um trabalho itinerante e fragmentário de cartografia afetiva com comunidades locais, traçar e mapear árvores do passado, do presente e do futuro, assim como as relações com elas estabelecidas. Partindo do trabalho de recolhas de áudio e vídeo com as comunidades, realizado em itinerância da equipa por várias localidades do concelho de Borba, foi criada uma cartografia de inúmeras camadas e a múltiplas vozes. Desta polifonia nasceu uma nova ideia de “folha volante” (folhetim ou panfleto efémero que passa de mão em mão e que poderá ter um carácter contagiante ou mobilizador), que questiona a hierarquia entre supostos centros e periferias. Num “mapeamento” das múltiplas questões realizado a várias vozes, do território e além dele, criam-se – folha a folha – ramos, árvores e, quem sabe, florestas. A apresentação deste trabalho foi realizada em três formatos diferentes: a *performance*-instalação-assembleia, realizada na Igreja das Servas, um (des)formato em que a construção artística (*performance*-instalação) encaminhava para momentos de reflexão conjunta (assembleia), e em que esta reflexão ia abrindo novos espaços performativos; a folha volante física, uma publicação (distribuída nas apresentações), que integra muitas das recolhas e reflexões realizadas e que, fazendo um diagnóstico do território, fica como documento de consulta e possível ferramenta de reflexão/ação cívica e/ou política; a caminhada à escuta na Serra D’Ossa, onde as ideias do primeiro dia de apresentação ressoaram com os pés já assentes na terra e nos caminhos da serra, encaminhando a reflexão para novos percursos e contando com paragens para declamações espontâneas de poemas e músicas pelos participantes, assim como partilhas do seu vasto conhecimento sobre as plantas que compõem este ecossistema serrano e os seus usos tradicionais.

17 JULHO – 12 NOVEMBRO 2023

16 sessões no território	formato: percurso	2 partilhas públicas:
local de trabalho: Pax Julia – Teatro Municipal e Sociedade Filarmónica Capricho Bejense	performativo local: Santa Casa da Misericórdia	11 e 12 de novembro, 16h30 200 espectadores

ONDAMARELA

Equipa coordenação e direção artística

Ana Bragança, Ricardo Baptista

Produção e mediação Sara Fernandes

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Cenografia e figurinos Patrícia Costa

Apoio à criação de cenografia e adereços Arruaça

Associação

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Programação e produção Pax Julia Teatro Municipal

Rui Revez, Carmen Santos

Equipa da Santa Casa da Misericórdia

Sandra Peixeiro

AUTORES CITADOS

Daniel Faria e António Salvado (poemas)

PARTICIPANTES COLETIVOS

Arruaça Associação, Cantadores do Desassossego,

Centro Social do Lidador, Cercibeja, Oficina

Os Infantes/Ressurrectos Associação Cultural,

Oficinas de Teatro da Sociedade Filarmónica

Capricho Bejense e da Universidade Sénior de Beja,

Chamadarte – Associação Sócio-Cultural

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Abdou Sall, Acácio Água-Doce, Ajay, Ana Ademar, Ana Cláudia Alves, Ana Sofia Mestre, António Casa-
ca, António Doutor, António Lebres, António Matos,
Bathy Sall, Carla Castanheira, Cheikh Abdou Daffe,
Djilene Dione Sow, Eunice Fortes, Fábio Chaminé,
Fanta Souare, Fátima Fialho, Filomena Silva, Fran-
cisco Cardoso, Francisco Mestre, Francisco Pegas,
Gertrudes Guerreiro, Gertrudes Palminha, Ibrahima
Camara, Inês Vilão, Inocêncio Viriato, Ivan Santos,
Jennifer Adaeze Ekechi, João Diogo Hermozilha, João
Mussane, Joaquim Falé, Joaquim Mósca, Jonathan
Ekene Ekechi, Jorge Balancho, José Afonso, José
Barahona, José Parreira, Klemente Tsamba, Lamine
Ndiaye, Leonor Calisto, Leonor Elias, Leonor Gomes,
Lúcia Conceição, Luís Silva, Luísa Costa, Mada-
lena Galinha, Malick Sarr, Malick Seck, Mamadou
Diagne, Manuel Barahona, Manuel Bica, Manuel
Ramos, Maria Ana Sena, Maria Casaca, Maria Susete
Esperança, Ndiaga Mbenge, Néelson Charraz, Olinda
Monteiro, Ousmane Gaye, Ousmane Thiocone, Paula
Graça, Rita Campaniço, Rita Filipe, Rita Lopes, Ro-
sinda Batista, Rui Óscar Teixeira, Rui Portugal, Saliou
Dioum, Sandra Machava, Siny Diao, Telma Carneira,
Tiago Almeida, Tiago Baptista, Vanda Rodrigues

APOIO À CONSTRUÇÃO DE ADEREÇOS

Ana Maria Correia, Carolina Modesto, Eliete Baptista,
Emília Amarante, Irene Barriga, Joaquina Pardal,
Leonor Sousa, Luísa Sousa, Manuela Guerreiro, Maria
Custódia Parreira, Maria da Consolação Colaço, Maria
das Dôres Coelho, Maria Evelina Fialho, Maria Helena
Beja, Maria Joana Varudo, Maria Joaquina Rodrigues,
Maria Leonor Sobral, Rosário Terlica, Zé Bravo (Centro
Social do Lidador)

Ouvidos ao Vento

ONDAMARELA

A voz do outro, dos outros. A minha voz com a dos outros. O que muda na minha voz quando se junta à voz das pedras e dos animais, à do vento e do sol, à do vinho, da fúria, do amor, à voz da calma, do sono, à voz do mel, à voz do corpo. Na bagagem que cada uma dessas vozes traz invoca-se o sagrado e o profano, o trabalho e a intimidade, o individual e o social. Por meio de um intenso trabalho de recolha, pesquisa, experimentação, reflexão e debate de ideias, criaremos um desassossego de ideias, com pés assentes na terra, com vozes que soam a Beja.



■ Reguengos de Monsaraz

22 SETEMBRO – 5 NOVEMBRO 2023

10 sessões no território

local de trabalho: Biblioteca
Municipal de Reguengos de
Monsaraz e Casa do Barro
– Centro Interpretativo da
Olaria

formato: instalação

performativa

local: Casa do Barro –
Centro Interpretativo
da Olaria

2 partilhas públicas:

4 e 5 de novembro, 10h30,
11h30, 15h30, 16h30
39 espectadores

BURILAR

Direção artística e mediação Lara Soares,
Sandra Barros

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Desenho e ilustração Sofia Neto
Pesquisa gastronómica Paulo Correia
Gravação e edição Rolando Ferreira – Estúdio Alfaiate

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Gabinete de Apoio à Presidência Dina Simão,
Mónica Pós-de-Mina

PARTICIPANTES COLETIVOS

Casa dos Sonhos, Universidade Popular Túlio
Espanca, Casa do Cante, Grupo Coral da Casa do
Povo de Reguengos de Monsaraz, Banda Filarmónica
de Reguengos de Monsaraz, Casa das Avós de
Motrinos, Olaria Xarazarte, Olaria Patalim, Fábrica
dos Lanifícios, Adegas José de Sousa, Mercado
Municipal, Fábrica do Tijolo Rústico

Boca p'ra que te quero

BURILAR

Boca p'ra que te quero foi uma instalação resultante das possibilidades de encontro que estar à mesa potencia – as conversas divertidas, mas também reflexões profundas; a partilha de histórias e memórias; a descoberta de gestos e sabores, mais familiares ou mais estranhos. A instalação, em formato de mesas individuais, partilhou a viagem que fizemos por entre diferentes casas, matérias e, sobretudo, histórias que fomos escutando.



● Grândola

9 JULHO – 15 OUTUBRO 2023

14 sessões no território

local de trabalho: Centro
Comunitário da Aldeia do
Pico

formato: apresentação de
livro e *performance*

local: Centro Comunitário da
Aldeia do Pico e Biblioteca
Municipal de Grândola

2 partilhas públicas:

14 de outubro, 17h00
15 de outubro, 16h00
40 espectadores

UMCOLETIVO

Direção artística, interpretação e investigação

Cátia Terrinca (teatro – atriz)

Dramaturgia Ricardo Boléo (escritor, teatro)

Direção de produção e direção técnica João P. Nunes

Figurinos e apoio a projetos Raquel Pedro (figurinista)

Mediação e públicos Rui Salabarda

(técnico de ação social)

Cenografia Bruno Caracol (artista plástico)

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Apoio à criação Miguel Moreira

Apoio à intervenção paisagística Herdade

do Freixo do Meio

Design David Costa

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Chefe de Divisão da Cultura Alcides Bizarro

Divisão de Cultura Jorge Rodrigues, Silvia Gomes

PARTICIPANTES COLETIVOS

Associação de Moradores e Amigos da Aldeia do Pico

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Alice Jesus, Gabriel Emídio, João Pereira, Mariana

Rodrigues, Rita Ferreira, Santiago Marques, Santiago

Emídio (Ludoteca); Alice Correia, António Simões,

Carolina Figueiredo, Cecília Simões, Daniel Silva,

Daniel Ventura, Diego Pereira, Leonor Resende, Lucas

Moreira, Margarida Pereira, Matilde Silva, Miguel

Sousa, Miriam Inocência (ATL da Aldeia do Pico)

Penélope

UMCOLETIVO

Penélope, a partir do Volume II da obra homônima e inédita da escritora Alice Sampaio, é um objeto artístico disruptivo que propõe dois encontros entre artistas e público. Aqui, Ulisses fala-nos como a chuva. *Penélope* é um poema visual cujas raízes apelam a conhecimentos interdisciplinares da agricultura e da educação, possibilitando a criação de relação de afetividade entre os espectadores e a terra – com o objetivo maior de os colocar perante questões transversais à contemporaneidade relacionadas com as novas formas de agricultura sustentável, cujas técnicas hidropônicas permitem intervir nos solos com mais carências ao nível da água.

Penélope está além de um projeto de desenvolvimento de novos públicos, na medida em que são construídas camas de permacultura em conjunto com a comunidade, no sentido de a envolver na criação de um objeto de artes contemporâneas. Num segundo momento, os cuidadores do espaço cénico/horta recebem um poema visual, coreografado por Miguel Moreira.

Haverá, eventualmente, um terceiro momento – em que a cenografia é degustada e, a partir daí, no seu espaço vazio podem ser cultivadas outras sementes – de outros alimentos, de outras flores, de outros espetáculos.

A pergunta “De que se alimenta a espera?” é motivo suficiente para pensar a agricultura como a paisagem por excelência da esperança.



● Tavira

1 – 21 OUTUBRO 2023

10 sessões no território

local de trabalho: Hortas

Urbanas Comunitárias de
Tavira, Ermida de São Roque,

Clube de Tavira, Centro de

Experimentação Agrária

de Tavira (CEAT)

formato: instalação

e conversa

local: Antigo Posto Agrícola

/Hortas Comunitárias

do CEAT

1 partilha pública:

21 de outubro, 15h00

27 espectadores

GUARDA RIOS

Direção artística Francisco Pinheiro, Nuno Barroso

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Apoio à dramaturgia Joana Levi

Artistas e investigadores colaboradores Ana Braz

(arqueóloga), Ana Rita de Albuquerque (artista têxtil),

Luna Gil (escultora)

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Chefe de Divisão da Cultura José Barradas

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Ana Borges, Ângela Rosa, Luís Peixoto, Luís Venâncio,

Lúisa Ricardo, Maria Fátima Santos, Mélanie Romet,

Nuno Oliveira, Paula Bento, Pia Duarte, Rosa Guedes

Observatório dos Rios

GUARDA RIOS

O *Observatório dos Rios* aconteceu nas Hortas Comunitárias do Centro de Experimentação Agrícola de Tavira (CEAT), um espaço de cultivo de alimentos, mas também lugar de encontros e de formação desta comunidade de hortelões. Num território onde as questões da escassez de água são prementes e as monoculturas absorvem grandes quantidades de recursos hídricos, pareceu-nos pertinente ir ao encontro de um projeto que questiona o modelo atual da agroindústria. Tavira relaciona-se intimamente com a Ria Formosa, um ecossistema altamente produtivo, sistemas de aquíferos cársicos, dos quais se extrai muita da água para consumo humano ou agrícola no Algarve, e estes são temas que estamos a abordar.

Tavira é uma cidade com uma vida cultural e um património histórico importantes, e por essa razão duas das nossas sessões apresentaram-se na Ermida de São Roque e no Clube de Tavira.

Este *Observatório dos Rios* recorreu a uma série de ambientes e instalações, repartidas por cinco sessões, abordando tópicos relacionados com ecologia, biologia, arqueologia, a lã e o têxtil na sua relação com os rios e a água doce. Ao longo de três semanas, os participantes foram convidados a partilhar as suas experiências e conhecimentos, narrativas que foram sendo incorporadas na dramaturgia do trabalho. O *Observatório dos Rios* apresentou-se ao público através de uma série de peças e dispositivos interativos, ativados pelos participantes e pelo público.



▲ Castelo de Vide

2 – 22 OUTUBRO 2023

15 sessões no território

local de trabalho: Cineteatro
Mouzinho da Silveira,
Biblioteca Municipal Laranjo
Coelho, Casa da Cidadania
Salgueiro Maia

formato: visita guiada

performática, documentário
e debate
local: Casa da Cidadania
Salgueiro Maia

2 partilhas públicas:

21 de outubro, 15h00
22 de outubro, 15h00
100 espectadores

LUGAR ESPECÍFICO

Direção e mediação cultural Susana Alves

Direção técnica, vídeo e imagem Nuno Figueira

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Apoio à criação Oriana Alves (Boca Editora),

Sandy Gageiro e Boca Associação Cultural

Produção Francisca Ramirez

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Casa da Cidadania Salgueiro Maia Ludovina Marques

Divisão de Turismo Patrícia Martins

PARTICIPANTES COLETIVOS

Associação Pé de Pano – Projetos Culturais,

Associação Propósito Inadiável com o intercâmbio

Erasmus +, Grupo de Teatro Amador Espalharte

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Alexandre Sousa, Amândio Patacas, Bruno Corà,
Carolina Janeiro, Carolino Tapadejo, Eli Benveniste,
Dra. Hermelinda Carlos, Iolá Estrela, Isabel Carrilho,
Joana Andrade, Joaquina Trindade, José Afonso,
José Jorge, Josefa Jorge, Ludovina Marques,
Margarida, Maria Gouzaga, Maria Lourenço, Maria
Maia, Mariana, Maya Cruz, Raquel Cabeçudo, Rosa
Barradas, Valentim Gomes, Yasmin Pereira (registo
áudio); Eduarda Carpeto, Afonso Andrade, Leticia
Sequeiro (Grupo de Teatro Amador Espalharte);
Alexandre Sousa, Amândio Patacas, João Bonacho,
Ludovina Marques, Maria Faustino, Mariana Costa,
Paco Bonato, Maria Costa, João Cunha

Pe_SOA: A que estado é que queremos chegar?

LUGAR ESPECÍFICO

Este projeto começa por um “índice de incógnitas para a escuta de lugares”. Assumindo que todos os lugares ecoam os corpos que os habitam e preenchem, cada criação procura escutar as invisibilidades em cada uma das comunidades nela envolvidas. Em Castelo de Vide pediram-nos para que o ponto de partida fosse o capitão Salgueiro Maia. Entre os meses de junho e outubro de 2023, estivemos em Castelo de Vide, terra onde nasceu Maia, a escutar a comunidade a partir desta personalidade inspiradora e incontornável do 25 de Abril.

A nossa missão foi gerar questões, inspirações e, acima de tudo, uma vontade coletiva de agir na mudança que queremos ver no mundo. Acreditamos que através da escuta, do debate e das experiências artísticas tudo isto é possível. Ao longo do processo, foram recolhidos registos áudio, pela equipa e pelo grupo de jovens que se juntou ao projeto (em formato de entrevistas espontâneas de rua, encontros intergeracionais, entrevistas feitas pela equipa, entrevistas feitas por crianças, oficinas na escola e debates) que serviram de inspiração para a equipa, e as comunidades (numa assinatura conjunta), criarem ações alinhavadas no que se sonha para amanhã: uma peça sonora (que em fevereiro de 2024 se transformou no *podcast* com o mesmo nome) para acompanhar a exposição permanente, uma sessão de partilha cultural, música e poesia, com um grupo internacional e numa *performance* apresentadas na Casa da Cidadania Salgueiro Maia.



● Portalegre

6 – 31 OUTUBRO 2023

14 sessões no território

local de trabalho: Centro de Artes do Espectáculo de Portalegre (CAE Portalegre), Cooperativa Operária Portalegrense, CERCI

formato: apresentação

de livro e *performance*
local: CAE Portalegre e Biblioteca Municipal de Portalegre

5 partilhas públicas:

30 de outubro, 10h30
14h30, 17h00, 18h30
31 de outubro, 10h30
400 espectadores

UMCOLETIVO

Direção artística, interpretação e investigação

Cátia Terrinca (teatro – atriz)

Dramaturgia Ricardo Boléo (escritor, teatro)

Direção de produção e direção técnica João P. Nunes

Figurinos e apoio a projetos Raquel Pedro (figurinista)

Mediação e públicos Rui Salabarda

(técnico de ação social)

Cenografia Bruno Caracol (artista plástico)

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Apoio à criação Miguel Moreira

Apoio à intervenção paisagística Herdade

do Freixo do Meio

Design David Costa

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Centro Artes do Espectáculo de Portalegre

Diretor artístico Joaquim Ribeiro

Técnica Anabela Fernandes

PARTICIPANTES COLETIVOS

Cooperativa Operária Portalegrense, CERCI

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Adriana Gil, André Serrote, Beatriz Henriques, Duarte Martins, José Maria Tremeço, Leonardo Sousa, Marco Fragoso, Maria do Rosário Matos, Miguel Pires, Paula Lopes, Paulo Carrajola, Pedro Serrote, Tiago Henrique

Penélope

UMCOLETIVO

Penélope parte da obra de Alice Sampaio, uma escritora que nasceu na freguesia do Mido (distrito da Guarda), no século passado. Quando ela inicia o projeto de resposta a *Ulisses*, de James Joyce, fá-lo como mulher e portuguesa, convocando um conjunto de signos que nos remetem para a Guerra Colonial Portuguesa. Começámos a ler *Penélope* como uma personagem coletiva, referente a um conjunto de mulheres que, dia após dia, se encarregou de cuidar da esperança (no regresso dos seus homens: filhos, maridos, pais, irmãos) e, simultaneamente, de garantir que a casa e a terra não morriam. Estas duas dimensões do cuidado comungam na imagem da flor. A mulher portuguesa, ao longo do século XX, foi família de plantas e crianças.

Os frutos da beleza e da ternura foram os que colhemos aqui, em Portalegre. A fase da plantação e da flor foi acarinhada pela CERCÍ Portalegre, morada da nossa *Penélope* ainda hoje. Foi também com os utentes da CERCÍ, hoje nossos amigos e cúmplices, que tomámos muitas das decisões relativas ao espetáculo. As flores floresceram e eles floresceram e nós também. Afinal de contas, somos todos feitos da matéria dos sonhos – porque é da matéria sensível que o projeto tem tratado, de nos reconectarmos com a água, com a terra, com as plantas. Este processo aconteceu-nos à flor da pele, para lá dos conceitos botânicos e agrícolas sobre os quais tínhamos pensado.



● Portalegre

30 OUTUBRO – 4 NOVEMBRO 2023

7 sessões no território

apresentações Teatro

Fora de Formato: lojas da Rua

Direita, Loja Nave Mãe, Praça da República

formato: documentário

Retorno ao Futuro

local: Centro de Artes do

Espetáculo de Portalegre (CAE Portalegre)

1 partilha pública:

4 de novembro, 17h00

20 espectadores

FORMIGA ATÓMICA

Direção artística Inês Barahona, Miguel Fragata

Produção executiva Luna Rebelo, Sofia Bernardo

Assistência de produção e mediação Beatriz Brito

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Comunicação Rita Tomás

Sociólogo Rui Telmo Gomes

Teatro Fora de Formato – encenação Miguel Fragata

Texto Inês Barahona

Assistente de encenação Beatriz Brito

Intérpretes Cuca M. Pires, Rita Delgado,

Simon Frankel, Vasco Barroso

Retorno ao Futuro – realização JUNO

Música Hélder Gonçalves

Mistura de som Nelson Carvalho

Ocupa a Rádio – pivot e curadoria Joana Guerra Tadeu

Convidados jovem conservador de direita, Raquel

Vareda, Frei Fernando Ventura, João Camargo,

Leonor Canadas, Pedro Tadeu, Ana Baleia, Capicua

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Diretor artístico CAE Portalegre Joaquim Ribeiro

Técnica município Anabela Fernandes

PARTICIPANTES COLETIVOS

Rádio Elvas, Escola Secundária Mouzinho da Silveira

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Retorno ao Futuro Gregória Meira, Maria José

Ocupa a Rádio Joana Gil Nave (Nave Mãe/Escola do

Bosque), José Janela (Quercus), Paulo Brito (Instituto

Politécnico de Portalegre)



O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)

FORMIGA ATÓMICA

Este projeto parte de uma profunda pesquisa no território, ao longo do ano de 2023, sobre as dimensões da geopolítica, da economia, da sociologia ou da demografia, sob a perspectiva de como a crise climática afeta a nossa compreensão do mundo, que se tem mantido relativamente estável ao longo dos últimos 50 anos. *O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)* é um projeto que pretende explorar territórios de naturezas contrastantes, que ponham em evidência, simultaneamente, as ligações globais. Como um mapa que cria novas rotas entre diferentes geografias e centralidades e que une ambientes cosmopolitas aos rurais, ou vidas intensas ao esvaziamento de aldeias esquecidas.

Na residência de uma semana em cada localidade realizam-se cinco ações. Em “Teatro Fora de Formato”, cenas breves aparecem de surpresa em espaços públicos e interrogam sobre a relação entre a crise climática e o modelo de sociedade em que vivemos, falando sobre consumo, mobilidade, pecuária, agricultura intensiva e capitalismo. No “Retorno ao Futuro”, fazem-se vídeos documentais, com os participantes, que retratam a passagem do tempo, com memórias descritas na primeira pessoa sobre lugares desaparecidos, e sublinham a metamorfose causada pela ação humana. Em “Ocupa a Rádio”, invade-se uma rádio local com notícias sobre questões climáticas, *playlists* de ecologistas e ativistas, conselhos para hábitos sustentáveis, consultório climático, previsões científicas e momentos de humor ecológico. A “Ambientalista vai à Escola” propõe uma conversa sobre sustentabilidade e alterações climáticas, para conhecer os hábitos e escolhas individuais dos jovens. Com “Quem quer mudar?” distribui-se um questionário à população, para um estudo sociológico sobre o desejo e a disponibilidade para mudar hábitos quotidianos em prol do planeta.

● Portel

6 – 12 NOVEMBRO 2023

5 sessões no território
apresentações Teatro Fora de
Formato: Farmácia da Misericórdia de Portel, Pastelaria A Dade, Os Borrachos Super Mercado, Esteticista Bem-me-quer, Cabeleireiro Belíssima, Florista Flores da Jesus

formato: documentário
Retorno ao Futuro
local: Auditório Municipal de Portel

1 partilha pública:
12 de novembro, 18h00
4 espectadores

FORMIGA ATÓMICA

Direção artística Inês Barahona, Miguel Fragata
Produção executiva Luna Rebelo, Sofia Bernardo
Assistência de produção e mediação Beatriz Brito

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Comunicação Rita Tomás
Sociólogo Rui Telmo Gomes
Teatro Fora de Formato – encenação Miguel Fragata
Texto Inês Barahona
Assistente de encenação Beatriz Brito
Intérpretes Cuca M. Pires, Rita Delgado, Simon Frankel, Vasco Barroso
Retorno ao Futuro – realização JUNO
Música Hélder Gonçalves
Mistura de som Nelson Carvalho
Ocupa a Rádio – pivot e curadoria Joana Guerra Tadeu
Convidados jovem conservador de direita, Raquel Vareda, Frei Fernando Ventura, João Camargo, Leonor Canadas, Pedro Tadeu, Ana Baleia, Capicua

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Auditório Municipal de Portel
Diretor técnico e produção Paulo Lopes
Comunicação e imprensa Jorge Roque

PARTICIPANTES COLETIVOS

Rádio Vidigueira, Agrupamento Vertical de Portel

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Retorno ao Futuro Francisco Guerreiro, Rosa Mata
Ocupa a Rádio Jesuíno Moedas (responsável pela Cooperativa Agrícola de Portel – onde o sector do azeite está em forte transformação), Eugénia Alinho (responsável pelo Centro de Interpretação da Natureza e do Montado, Pavilhão Temático – A Bolota), Pedro Malhadas (produtor de mel no concelho – Melaria na Amieira), Samuel Pacheco (proprietário da Herdade Monte Santos, onde está instalado o Museu do Medronho, exposição e destilaria), Willemijn de Jongh (de nacionalidade holandesa, vive há mais de 20 anos num monte próximo de Alqueva, é defensora da paisagem natural desta região, e da sustentabilidade dos montados, além de proprietária da empresa 5.^a Essência, que fazia destilação de óleos essenciais a partir de plantas silvestres da serra de Portel).

O caminho para Terminal (O Estado do Mundo)

FORMIGA ATÔMICA

Este projeto parte de uma pesquisa no território, ao longo do ano de 2023, sobre as dimensões da geopolítica, da economia, da sociologia ou da demografia, sob a perspectiva de como a crise climática afeta a nossa compreensão do mundo, que se tem mantido relativamente estável ao longo dos últimos 50 anos. Pretendemos explorar territórios de naturezas contrastantes, que ponham em evidência, simultaneamente, as ligações globais. Como um mapa que cria novas rotas entre diferentes geografias e centralidades e que une ambientes cosmopolitas aos rurais, ou vidas intensas ao esvaziamento de aldeias esquecidas.

Na residência de uma semana em cada localidade realizam-se cinco ações. Em “Teatro Fora de Formato”, cenas breves aparecem de surpresa em espaços públicos e interrogam sobre a relação entre a crise climática e o modelo de sociedade em que vivemos. No “Retorno ao Futuro”, fazem-se vídeos documentais que retratam a passagem do tempo, com memórias descritas na primeira pessoa sobre lugares desaparecidos, e sublinham a metamorfose causada pela ação humana. Em “Ocupa a Rádio”, invade-se uma rádio local com notícias sobre questões climáticas, *playlists* de ecologistas e ativistas, conselhos para hábitos sustentáveis, consultório climático, previsões científicas e momentos de humor ecológico. A “Ambientalista vai à Escola” propõe uma conversa sobre sustentabilidade e alterações climáticas, para conhecer os hábitos e escolhas individuais dos jovens. Com “Quem quer mudar?” distribui-se um questionário à população, para um estudo sociológico sobre o desejo e a disponibilidade para mudar hábitos quotidianos em prol do planeta.



● Montemor-o-Novo

31 OUTUBRO – 19 NOVEMBRO 2023

14 sessões no território
local de trabalho: Centro Juvenil, Associação 29 de Abril, Associação Porta Mágica, Cooperativa de Habitação Económica A Alentejana

formato: apresentação de livro e *performance*
local: Escola Secundária de Montemor-o-Novo e Terreiro de São João de Deus

2 partilhas públicas:
18 de novembro, 14h30
19 de novembro, 15h30
98 espectadores

UMCOLETIVO

Direção artística, interpretação e investigação

Cátia Terrinca (teatro – atriz)

Dramaturgia Ricardo Boléo (escritor, teatro)

Direção de produção e direção técnica João P. Nunes

Figurinos e apoio a projetos Raquel Pedro (figurinista)

Mediação e públicos Rui Salabarda

(técnico de ação social)

Cenografia Bruno Caracol (artista plástico)

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Apoio à criação Miguel Moreira

Apoio à intervenção paisagística Herdade

do Freixo do Meio

Design David Costa

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Divisão Sociocultural, Unidade de Cultura e Arte

Rúben Costa

Divisão Sociocultural, Unidade de Desporto

e Juventude Anabela Ferreira

PARTICIPANTES COLETIVOS

Grupo Fora d'Horas, Porta Mágica,

Associação 29 de Abril

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

André Coelho, António Carapinha, Cristina Silvestre,

Filipa Reis, Gabriel Picanilho, Manuela Rodrigues,

Maria Isabel Manet, Sílvia Mota, Ana Teresa Godo e

Constantina Peixe (Associação 29 de Abril); Andreia

Inácio, Ayshe Hasanova, Carolina Loureiro, Edna

Ramos, Gabriela Patacas, Iara Oliveira, Iara Vieira,

Madalena Bilro, Raquel Raposo (Porta Mágica);

António Gatinho, António Parreira, António Silva,

Alfredo Martins, Carlos Leal, Custódio Magro,

Custódio Palmas, Elias Mira, Inácio Valentim, Joaquim

Parreira, João Barreiros, João Barrenho, João Martins,

José Grulha, José Silva, Luís Melgão, Luís Nunes,

Luis Sampaio (Grupo Fora d'Horas); Cátia Brás, Inês

Fernandes, Pedro Magrinho, Sílvia Romão, Simone

Brás, Sofia Romão

Penélope

UMCOLETIVO

Penélope, a partir do Volume II da obra homónima e inédita da escritora Alice Sampaio, é um objeto artístico disruptivo que propõe dois encontros entre artistas e público. Aqui, *Ulisses* fala-nos como a chuva. *Penélope* é um poema visual cujas raízes apelam a conhecimentos interdisciplinares da agricultura e da educação, possibilitando a criação de relação de afetividade entre os espectadores e a terra – com o objetivo maior de os colocar perante questões transversais à contemporaneidade relacionadas com as novas formas de agricultura sustentável, cujas técnicas hidropónicas permitem intervir nos solos com mais carências ao nível da água.

Penélope está além de um projeto de desenvolvimento de novos públicos, na medida em que são construídas camas de permacultura em conjunto com a comunidade, no sentido de a envolver na criação de um objeto de artes contemporâneas. Num segundo momento, os cuidadores do espaço cénico/horta recebem um poema visual coreografado por Miguel Moreira.

Haverá, eventualmente, um terceiro momento – em que a cenografia é degustada e, a partir daí, no seu espaço vazio podem ser cultivadas outras sementes – de outros alimentos, de outras flores, de outros espetáculos.

A pergunta “De que se alimenta a espera?” é motivo suficiente para pensar a agricultura como a paisagem por excelência da esperança.



● Ponte de Sor

25 SETEMBRO – 19 NOVEMBRO 2023

20 sessões no território

local de trabalho: Centro de Artes e Cultura de Ponte de Sor, Ponte Pedonal de Ponte de Sor

formato: percurso

performativo

local: Ponte Pedonal de Ponte de Sor e margem esquerda do rio Sor

2 partilhas públicas:

18 de novembro, 15h00

19 de novembro, 10h30

26 espectadores

MARINA PALÁCIO

ilustradora, mediadora de leitura criativa,
arte-educadora, entre outros

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Coordenador Centro de Artes e Cultura

Paulo Esperança

Técnica Domicília Rodrigues

PARTICIPANTES COLETIVOS

Escola Básica João Pedro de Andrade, Universidade Sênior de Ponte de Sor – USEPS

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Anabela Castelo, Angélica Dias, Maria Margarida Lopes, Maria Isabel Barreto, Domingas Vedor, Júlia Jacinta Rosa, Maria Fernanda Antunes, Maria Helena David, Emília Prates, Teresa Bravo, Maria Lurdes Velez, Rosa Maria Pranto (Universidade Sênior de Ponte de Sor – USEPS); professora bibliotecária Paula Valamatós, professora titular Ana Cristina Roxo, António Nascimento, Ângela Silva, Bianca Espadinha, Gabriel Gonçalves, Gabriela Pinheiro, João Paulo Machado, José Baião, Laura Correia, Leandro Neves, Leonor Barradas, Luana Lourenço, Maria Inês Oliveira, Maria Natário, Matias Prates, Nadine Fresca, Otchaly Sá, Rita Belejo, Tiago Simões, Tomás Costa, Salvador Alves, Santiago Nobre, Santiago Ferreira, Sofia Traquete, Rodrigo Casimiro, Vicente Tomé (4.º C da Escola Básica João Pedro de Andrade); Ana Lopes (Câmara Municipal de Ponte de Sor)

O caminho alado dos cânticos sussurrados

MARINA PALÁCIO

Um percurso artístico para leituras poéticas, criativas e empáticas com a paisagem silvestre e humana de Ponte de Sor, numa mistura entre livro-arte-natureza.

Esta proposta cruza olhares poéticos-artísticos com conhecimentos científicos e costumes locais, colocando as pessoas na Natureza, como parte integrante dela. Pretende-se chegar a pessoas ou grupos intergeracionais, menos habituados a este tipo de proposta artística, a fim de construir uma dinâmica participativa através da relação com a ecologia, o belo, a natureza silvestre e a sustentabilidade no território.



■ Ponte de Sor

9 OUTUBRO – 19 NOVEMBRO 2023

11 sessões no território
local de trabalho e
apresentação: Centro
de Artes e Cultura
de Ponte de Sor

formato: assembleia

1 partilha pública:
19 de novembro, 16h00
19 espectadores

AMARELO SILVESTRE

Direção artística Fernando Giestas

Assessoria direção artística Rafaela Santos

Produção executiva Marlene Ramos,

Susana Figueira Henriques

Gestão administrativa e financeira Carla Ramos

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Cocriação e fotografia Nelson d'Aires

Consultoria fotográfica Augusto Brázio

Cocriação Daniel Teixeira Pinto

Assistência de cenografia Carolina Reis

Operação técnica Ricardo Loio

Design de Diário de uma Assembleia Joana & Mariana

Registo vídeo Pedro Vieira

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Coordenador Centro de Artes e Cultura

Paulo Esperança

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Ana Félix, António Fernandes, Hugo Matias, José

Rafael Silva, Laura Sousa, Maria Marques Esteves,

Marilda Pita (embaixadores); António José Pita,

Daniel Vital, David Rafael Silva, Isilda Vital, José Artur

Macedo, Natália Pina, Pedro Santos, Sara Vital

Assembleia

AMARELO SILVESTRE

Este foi um exercício de escuta e de olhar. Fotografaram-se as pessoas e o território. Envolvendo dezenas de pessoas do concelho, o processo passou pela saída de campo para recolha fotográfica e pesquisa dramatúrgica, com sete embaixadores(as)* do território; realização de assembleias para se praticar o exercício da reflexão política e da retórica crítica, a partir das fotografias recolhidas – um momento para os(as) participantes falarem de si e dos seus territórios com os olhos postos nas pessoas e nas paisagens, e com os olhos postos em si próprios(as), um momento para futurar possibilidades; e tempo de antena de domingo à tarde, para partilha pública do processo, mostrando-se as fotografias e perguntas formuladas a partir das reflexões nas assembleias. No momento da partilha pública também se distribuiu o *Diário de uma Assembleia*, jornal com fotografias e textos dos trabalhos desenvolvidos.

Assembleia, criação Amarelo Silvestre em coprodução com o D. Maria II, integra o projeto de Teatro e Fotografia *Diário de uma República* (entre 2020 e 2030), sobre as pessoas e os territórios da República no período referido.

*Alguém que olha para ver o seu próprio território.



▲ Portimão

19 OUTUBRO – 26 NOVEMBRO 2023

26 sessões no território	formato: oficina, instalação	2 partilhas públicas:
local de trabalho: Centro Comunitário do Pontal, EBI/JI de Pontal, Escola Sec. Poeta António Aleixo	- <i>performance</i> local: sede do Clube Sporting Glória ou Morte Portimonense	25 de novembro, 14h30 26 de novembro, 15h00 76 espectadores

PELE

Direção artística Maria João Mota

Cenografia e direção de arte Fernando Almeida

Equipa artística Lucelina Rosa

Direção de produção Carina Moutinho

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Apoio à direção artística Francisco Babo, Júlia Medina

Texto Júlia Medina, a partir da criação coletiva

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Chefe da Divisão de Atividades Artísticas e Culturais

Telma Veríssimo

Animadora sociocultural do Centro Comunitário do Pontal Tânia Lopes

TEMPO Teatro Municipal de Portimão

Produção Ana Águas *Técnica superior* Dora Pereira

PARTICIPANTES COLETIVOS

Centro Comunitário do Pontal, Escola Básica do Pontal, Escola Secundária Poeta António Aleixo

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS

Professora Vera Cardoso, Afonso Ferreira, Andra Flore, Benedita Henriques, Catarina Kravchuk, Cecília Mendes, Daniel Danu, Davi Gonçalves, Diana Gonçalves, Diego Monteiro, Ionut Cionca, Ivan Bourakovskiy, Junior Gyl Auguste, Kamila Mons, Katerina Yermolenko, Lucas Rodrigues, Lunara Sequeira, Lunna Ferreira, Margarida Guimarães, Marta Nunes, Miguel Brandão, Salvador Miguel, Santiago Neves, Tomás Balbino, Yasmin Sena, João Cruzio (3.ºC da Escola Básica do Pontal); Professora Carla Cadeirinhas, Ankush Rana, Bárbara Marreiros, Carolina Diniz, Constança Rocha, Daniela Falcão, Diego Duarte, Enzo Bravo, Eva Miguel, Ísis Fernandes, João Câmara, Joshua Ross, Júlia Bigodinho, Leandro Silva,

Leonor Dias, Lucas Feitosa, Madalena Romão, Maria Luz, Rafael Bulynkin, Santiago Silva, Simão Cabeça, Sophia Fagundes, Tomás Mira, Valter Nunes, Yehor Lugansky (4.ºA da Escola Básica do Pontal); professora Carla Godinho, Adina Julestean, Alexandra Oliveira, Ana Clara Almeida, Beatriz Martins, Beatriz Henrique, Bruna Noronha, Cintia Moirinho, Cleyris Nunez, David Galben, Dumitru Deacov, Eva Serra, Giulia Moura, Joana Santos, Katerina Bodnaryuk, Kayla Guerrilhas, Lara Duarte, Lara Carvalho, Luana Natividade, Lucas Nobre, Luisa Lécrivain, Margarida Serrano, Maria Sousa, Matilde Caetano, Matilde Pedro, Miguel Gouveia, Noemi Rodrigues (10.ºH do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais da Escola Secundária Poeta António Aleixo); professor Paulo Tendinha, Bernardo Rocha, Carlota Fernandes, Carolina Antunes, Denil Cortez, Guilherme Rosário, Gustavo Santos, Henrique Correia, Ian Laginha, Platon Kattsyn, Rodrigo Silva (11.ºP do Curso Profissional de Técnico de Multimédia da Escola Secundária Poeta António Aleixo); Afonso Pereira, Dário Moranu, Gonçalo Costa, Gonçalo Loução, Rickyson Cirilo, Santiago Lima, Sofia Carvalho, Teresa Varela, Tomás Encarnação (12.ºP do Curso Profissional de Técnico de Multimédia da Escola Secundária Poeta António Aleixo); América Domingos, Amparo Carmo, Ana Branca, Antónia Fernandes, Conceição Nunes, Conceição Xavier, Dânia Catita, Dores Velasques, Eliete Nunes, Ermelinda Nicolau, Fernanda Nascimento, Gabrieli, Gigolete Loirinho, Iara Duarte, Iara Martinho, Isaura Augusto, Isaurinda Morgado, Ivan Saraiva, Karim Abdelhamid, Kayla Duarte, Laurentino Lopes, Lourenço Guerreiro, Lúcia Encarnação, Luisinha Fernandes, Maria, Maria Aurora Dias, Maria do Carmo Valente, Manuela Santana, Nair Catita, Neli Reis, Rosa Brás, Susana Carvalho, Tânia Lopes, Telma Marques, Teresa, Virgínia Fernandes, Zaida Lopes (Centro Comunitário do Pontal)

Cartografia dos Desejos

PELE

Começámos a *Cartografia dos Desejos* há um ano. Ao longo deste tempo, deixámos que as pessoas, os lugares e as estações do ano nos guiassem através do caminho. Convidámos a dar forma, cor, texturas, sons e cheiros aos desejos. Desafiámos o desejar nas ruas, nas escolas, na vizinhança, no mundo... Os desejos foram encontrando diferentes formas de cartografia e manifestação, num movimento entre o simbólico e o real, o íntimo e o público. Às vezes, sentimos que o mapa de desejos era um lugar de lamento e protesto “Aqui não há nada!”.

Chegámos a Portimão na urgência de ativar os desejos como tábua de salvação, em tempos de tanta desesperança. “O que nos resta se perdermos a vontade de desejar?” (um desabafo de um dos jovens da Escola Secundária).

Num primeiro mapeamento chegámos ao Pontal, uma espécie de ilha pulsante na cidade, um bairro operário dos anos 40, rodeado pela Escola Básica e Escola Secundária. Sentimos que este era o lugar para ficar e, daqui, começar o exercício da escuta e do desejo com quem o habita, permanente e intermitentemente. E neste turbilhão de mundo, descobrimos o Centro Comunitário do Pontal. O lugar tantas vezes apontado, nas dezenas de mapas que já fizemos, como um lugar que todas/os desejamos. Um lugar na nossa rua, onde toda a gente, de todas as idades, se encontra; um lugar de porta aberta onde cabe sempre mais um/a, onde as vizinhas aparecem de pijama e com pão fresco, porque estão em casa. Um lugar de desejos (às vezes), de caos e de afetos. Um lugar que queremos levar e partilhar, numa espécie de receita para ativar desejos e esperar.



● Gouveia

19 DEZEMBRO 2023 – 18 FEVEREIRO 2024

19 encontros

local de trabalho: Mercado Municipal, Instituto de Gouveia – Escola Profissional, Sociedade Musical Gouveense “Pedro Amaral Botto Machado”

formato: *performance-*

instalação- assembleia, caminhada à escuta
local: Mercado Municipal, caminhada do Curral do Negro à Mata da Cerca

2 partilhas públicas:

17 de fevereiro, 18h00
18 de fevereiro, 10h00
101 espectadores

À ESCUTA

Conceção, cocriação artística, trabalho com a comunidade, textos, performance Joana Sá
Conceção, cocriação artística, trabalho com a comunidade, performance Luís J. Martins
Conceção, realização assembleia, criação de conteúdo, trabalho com a comunidade, textos, performance, comunicação Corinna Lawrenz
Cocriação artística, trabalho com a comunidade, gravações vídeo e áudio, realização vídeo, performance, comunicação Lucas Tavares
Design e conceção de materiais gráficos para performance e instalação Ana Viana

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Produção executiva Helena Maia

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Diretor artístico do Teatro Cine de Gouveia e secretário da Vereação Rui da Eufrazia
Assessora das áreas culturais e turísticas, responsável do Mercado Municipal Célia Paixão
Técnica superior Cláudia Alves
Arqueólogo municipal Joel Saraiva Correia
Técnicos do Teatro Cine de Gouveia Luís Miguel Sario, Marco Amaral

PARTICIPANTES COLETIVOS

Associação Cuidar, Associação Folgonatur, Associação Veredas da Estrela, Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens (CERVAS)/Associação ALDEIA, Instituto de Gouveia – Escola Profissional, MEV – Associação Cívica pelo Desenvolvimento Sustentável e Integrado da Serra da Estrela, Sociedade Musical Gouveense “Pedro Amaral Botto Machado”

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS (PERFORMANCE)

Beatriz Marques, Beatriz Sabugueiro, Benedita Torres, Constança Ferreira, João Paraíso, José Balsa, Lara Figueiredo, Marco Albuquerque, Maria Saraiva, Mariana Loureiro, Mariana Ferreira, Raquel Oliveira, Valentina Staiano, maestro Hélder Abreu (Sociedade Musical Gouveense); Esmine Lopes (Escola Profissional); Gustavo Freitas

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS (CAMINHADA)

Joel Saraiva Correia (Câmara Municipal de Gouveia) Ricardo Brandão (CERVAS)

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS (RECOLHA DE CONTEÚDO, ENTREVISTAS)

António Manuel Amaral (Associação Cuidar); Ivo Costa (Associação Folgonatur); Júlio Teles Cardoso (Associação Veredas da Estrela); Daniela Ferreira da Costa, Ricardo Brandão (CERVAS); Joana Viveiro, Joanna Peksa (MEV); Hugo Teixeira (coordenador municipal Proteção Civil); Joel Saraiva Correia (arqueólogo da Câmara Municipal de Gouveia), Leonel Freitas, Tiago Gaspar

Folha Volante

À ESCUTA

Através de um trabalho itinerante e fragmentário de cartografia afetiva com comunidades locais, este projeto procura traçar e mapear árvores do passado, do presente e do futuro, assim como as relações com elas estabelecidas. Essa cartografia afetiva de diversas camadas foi sendo criada a partir de um trabalho de recolhas de áudio e vídeo, junto das comunidades, realizado em itinerância da equipa por várias localidades do concelho de Gouveia. Paralelamente, foi desenvolvido um trabalho de criação musical com a banda da Sociedade Musical Gouveense, que refletia sobre as questões e temáticas levantadas neste processo.

Com esta polifonia foi construída uma “folha volante” (baseada na ideia folhetim ou panfleto efémero que passa de mão em mão, e que poderá ter um carácter contagiante ou mobilizador) que ganhou corpo em três formatos: uma *performance*-instalação-assembleia, que entrelaçava a música criada com as recolhas de áudio e vídeo, leituras, momentos de reflexão conjunta e a construção de um mapa coletivo de ligações afetivas com as árvores, bosques e florestas do concelho. No cruzamento entre memórias do passado e experiências do presente, imaginários de futuro começaram a soar espontaneamente a diversas vozes; a caminhada à escuta, onde os momentos de reflexão continuaram a ressoar, na ligação a lugares, realidades e preocupações em concreto. Numa caminhada lenta criaram-se, assim, novos espaços de partilha, com tempo e espaço para a escuta e o olhar atento sobre o território e as espécies que o habitam; a folha volante física, uma publicação (distribuída nas apresentações) que integra muitas das recolhas e reflexões realizadas e que, fazendo um diagnóstico do território, fica como documento de consulta e possível ferramenta de reflexão/ação cívica e/ou política, baseada na ideia de “folha volante”: folha a folha podem-se criar ramos, árvores e, quem sabe, florestas.



29 JANEIRO – 2 MARÇO 2024

21 sessões no território

local de trabalho: Escola

Secundária Tomás Cabreira,

Casa Santa Isabel, Instituto

D. Francisco Gomes, Ilha da

Culatra

formato: espetáculo

local: Escola Secundária

Tomás Cabreira

1 partilha pública:

1 de março, 16h30

58 espectadores

GIRA SOL AZUL

Direção artística, interpretação Ana Bento,

Bruno Pinto (músicos)

Produção Sílvia Santos

CONVIDADOS PELA EQUIPA

Textos Ana Bento

Poemas "Entre a parede e o silêncio" (excerto), de António Ramos Rosa e "Sinto a brisa", cocriação de Ana Maria Fati, Ana Matias, Cristiana Isabel, Ema, Flavia, Genabu, Gundo, Iulianna, Jamilly, Mad, Mika, Tatiana, Viorica

Apoio ao movimento: Catarina Keil

EQUIPA MUNICIPAL DE ACOMPANHAMENTO

Teatro das Figuras

Diretor artístico Gil Silva

Mediação cultural Patrícia Amaral

PARTICIPANTES COLETIVOS

Associação Filarmónica de Faro, União de Freguesias de Faro/Delegação da ilha da Culatra, Casa de Santa Isabel, Clube União Culatrense, Instituto D. Francisco Gomes

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS (PERFORMANCE)

Ana Maria Fati, Ana Matias, Benjamim Gonçalves, Catarina Keil, Cristiana Isabel, Ema, Flavia, Genabu, Gundo, Iulianna, Jacob Gonçalves, Jamilly, Leonardo Forra, Lourenço Costa, Mad, Mika, Nuno Guerreiro, Tatiana, Tiago Puschiu, Úrsula Pinto, Viorica, Sérgio da Cunha (trompete), Manuel Alves (bateria), Rui Cabral, Sofia Franco (clarinete), Serafina Sousa (clarinete), Rui Marreiros (clarinete), Maria Fernandes (clarinete), Pedro Guerreiro (sax tenor), Jan Garner (sax alto), Ilce Brenner (trombone), Rodrigo Costa (teclado), Rúben Martins (baixo)

PARTICIPANTES INDIVIDUAIS (RECOLHA DE CONTEÚDO, ENTREVISTAS)

Adriana Freire Nogueira; Cláudia Fontão; Amabélio Pereira (Rancho Folclórico de Faro); Ana Filipa Antunes e Eurico Bárbara (Escola Secundária Tomás Cabreira); António Barão, Catarina Vicente, Hendrik e Bacile (Instituto D. Francisco Gomes); João Melro (Associação de Músicos de Faro); Miguel Pessoa e Diana Bernardo (JAT); Paula Guerreiro (Casa de Santa Isabel); Patrícia Amaral (Teatro das Figuras), Pedro Bartilotti (Ginásio Clube de Faro); Sílvia Padinha, Madalena Conceição, Rui Conceição (Associação de Moradores da Ilha da Culatra); Cecília Conceição, Cristina Castela, Maria Adélia Menau, Rosalina Baptista, Vanda Castela (moradoras da ilha da Culatra)

Ossónoba

GIRA SOL AZUL

Ossónoba é o nome da cidade de origem pré-romana, que se encontrava aproximadamente onde hoje se encontra Faro e que, segundo se crê, significaria “armazém no sapal” (sapal, zona ao pé da ria). *Ossónoba* traduz-se numa verdadeira odisséia, que partiu da pesquisa de imaginários gerados ao longo dos tempos em Faro, nos seus lugares. Património, natureza, ciência, política, tradição, indústria, sociedade, entre outros tópicos, foram o ponto de partida de um processo que implicou olhar cada lugar com atenção, procurar percebê-lo, contemplá-lo (não fossem estas premissas fundamentais da arte teatral) e até projetá-lo num futuro possível ou imaginário. Que povos por aqui passaram ao longo de séculos e séculos? Que história é essa de uma moura diplomata que evitou uma guerra e o derramamento de sangue, deixando o seu amor refletido num ramo de aloendros vermelhos? Mas e o mar? O mar não é só pesca? Venham descobrir e pensar sobre histórias e enigmas do património vivo de Faro e, ainda, assistir a um Baile Mandado por rapazes e raparigas “from da street”.



À ESCUTA

É um coletivo de criação artística e reflexão interdisciplinar que trabalha, sobretudo, a partir de territórios do Parque Natural da Serra da Estrela. Partindo de uma noção de escuta enquanto relação de ressonância com o Outro, o coletivo À Escuta propõe com o seu trabalho o relacionamento entre comunidades locais, parceiros científicos, movimentos cívicos da região, artistas e colaboradores das mais diversas áreas. Criado em 2020 por Joana Sá e Luís J. Martins, com o projeto *à escuta: catálogo poético*, o coletivo cresceu e é composto atualmente pelos mesmos, Corinna Lawrenz, Lucas Tavares e Ana Viana. O coletivo desenvolveu dois projetos de maior duração – *à escuta: catálogo poético* (2020–2021) e *à escuta: CasaFloresta* (2022–2023) – e ainda os projetos *Folha Volante* (Borba) em 2023 e *Folha Volante* (Gouveia) em 2024. Se as questões ligadas à floresta constituíam o ponto nevrálgico mais sensível de catálogo poético, acabaram por se tornar a temática central de todos os projetos que se seguiram até hoje.

Parque Natural da Serra da Estrela · *aescuta.pt*

AMARELO SILVESTRE

Daqui vemos o mundo como em nenhum outro lado. Juntamos vozes à nossa voz e praticamos a liberdade que o teatro nos proporciona e o mundo ouvir-nos-á. O desequilíbrio que nos faz ir. Concretizamos as atividades, na companhia de teatro Amarelo Silvestre, a partir dos Hemisférios Norte e Ocidental do Planeta Terra, Sudoeste da Europa, Centro Interior de Portugal, Vila de Canas de Senhorim, com 3500 habitantes. Desde 2009 o trabalho é desenvolvido em Canas de Senhorim com o intuito de aí ter validade artística, mas também em Lisboa, Londres, Cairo, Tóquio, Nova Iorque ou Adelaide. Falamos de teatro contemporâneo criado em contexto semi-urbano, atento à Vida e às Pessoas. À valorização da existência. Move-nos iluminar o desequilíbrio e, daí, iniciar a criação caminhando para o desconhecido. Sempre praticando a liberdade que o Teatro torna possível. Nunca deixando de dar perguntas às respostas que vamos tirando da frente dos olhos.

Estrutura cofinanciada pela República Portuguesa – Cultura/Direção Geral das Artes, com apoio da Câmara Municipal de Nelas.

Canas de Senhorim, Nelas · *amarelosilvestre.com*

BURILAR

É uma cooperativa do ramo cultural, fundada em 2018 por um coletivo multidisciplinar – artes visuais, artes performativas, *design* e comunicação. Surge como resposta a um conjunto de desafios lançados por parceiros, institucionais e artísticos, e assenta no princípio de que os processos criativos potenciam a mediação de públicos nos mais diversos contextos. A Burilar – Processos Criativos na Mediação de Públicos CRL – atua em diferentes escalas, tempos e profundidades: desenvolve projetos de longo curso e projetos pontuais, dirigidos a um largo espectro de públicos ou públicos específicos; propõe experiências de fruição momentâneas ou de profunda reflexão. A Burilar não tem fórmulas – os seus projetos resultam da escuta atenta dos parceiros que cruzam o seu caminho, das suas expectativas, recursos, vontades e objetivos; é nesse encontro, nesse diálogo, que os projetos se burilam.

Vila Nova de Gaia e Guimarães · *burilar.pt*

CASSANDRA

O projeto desta estrutura artística criada no Porto em 2020 assenta na criação original de espetáculos e projetos multidisciplinares. Desde 2021, desenvolve *Heróides – Clube do Livro Feminista*, um projeto de leitura, discussão e conversa à volta de livros, com encontros mensais, que junta *on-line* centenas de pessoas. A primeira criação foi *Monólogo de uma mulher chamada Maria com a sua patroa*, que conta a história do trabalho doméstico em Portugal. Paralelamente, organizou uma exposição com os materiais que estiveram na origem desta pesquisa – *Mulheres em luta* – e co-organizou um Encontro Internacional de Trabalho Doméstico, Reprodutivo e Cuidados, com o Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Em 2023, iniciou uma nova criação, *Guião para um país possível*, a partir das transcrições de tudo o que

foi dito na Assembleia da República nos cinquenta anos de democracia. Em articulação com o espetáculo, desenvolve a oficina de mediação *Parlapatório*, que usa as ferramentas do teatro para tentar compreender o Parlamento.

Porto · www.cassandra.pt

COLECTIVO ESPAÇO INVISÍVEL

No final de 2018 o Colectivo Espaço Invisível surge enquanto estrutura organizada. A vontade de trabalhar o lugar de mediação, entre territórios materiais e imateriais, tem sido um dos alicerces de criação e programação desta estrutura, composta por artistas de diferentes áreas. O espaço invisível é precisamente este lugar de reflexão e intervenção nos diferentes territórios, e que resulta em objetos artísticos muito diferentes entre si, fortemente assentes em processos colaborativos entre artistas profissionais e comunidades que habitam os territórios de intervenção.

Porto · colectivoespacoinvisible.com

DISCOS DE PLATÃO

Editora e estrutura de criação, a Discos de Platão tem como princípio o desenvolvimento de projetos artísticos participativos e a edição de obras fonográficas de autor. Desenvolve pensamento, literatura, pesquisa e recolha sobre os territórios e a sua comunidade, com o objetivo de os valorizar e, com soluções artísticas, construir com as pessoas novas abordagens ao lugar/pessoa/social. Re-pensar, Re-significar e Re-olhar o lugar, são três dos esteios que a Discos de Platão acredita serem fundamentais para a mudança, e para o fim último daquilo que pode ser a criação de um objeto artístico final. A estrutura encontra-se em atividade desde 2018 e desenvolve projetos com as mais diversas estruturas: municípios, teatros, museus, independentes e festivais.

Guimarães · facebook.com/discosdeplatao/

FORMIGA ATÓMICA

As criações desta companhia de teatro, fundada e dirigida por Miguel Fragata e Inês Barahona, inscrevem-se em questões contemporâneas e destinam-se a todo o público. Os espetáculos

da Formiga Atómica são, habitualmente, antecedidos por períodos de pesquisa motivados pela questão e/ou públicos que abordam. Entre as suas criações destacam-se *A Caminhada dos Elefantes* (2013, mais de 150 apresentações), *The Wall* (2015), *A Visita Escocesa* (2016), *Do Bosque para o Mundo* (2016, mais de 80 apresentações), *Montanha-Russa* (2018, mais de 45 apresentações), *Fake* (2020), *O Estado do Mundo (Quando Acordas)* (2021, mais de 70 apresentações) e *Má Educação – Peça em 3 rounds* (2022, São Luiz Teatro Municipal). A companhia circula nacional e internacionalmente, tendo concebido versões francesas de três dos seus espetáculos: *La Marche des Éléphants* (2016), *Au-delà de la forêt, le monde* (2017, espetáculo de abertura do Festival de Avignon 2018) e *L'État du Monde (Un dur réveil)* (2022, coprodução Théâtre de La Ville, Paris). O espetáculo *A Caminhada dos Elefantes* circula também, desde 2020, nas versões alemã e espanhola.

Lisboa · formiga-atomica.com/pt

GIRA SOL AZUL

É uma associação que desenvolve atividades no âmbito cultural e artístico. O coletivo com o mesmo nome integra músicos que residem na região de Viseu e comporta já três gerações de músicos que se apresentam, desde 2007, nos mais diversos contextos e como suporte de vários projetos assinados pela associação. A Gira Sol Azul marca presença na programação regular da Casa da Música com concertos e oficinas para famílias. Concebe e dirige regularmente projetos com a comunidade, como a Orquestra (In) fusão e os A Voz do Rock. Ainda no contexto da pesquisa de dimensão social com a artística destacam-se os percursos artísticos sob a direção de Ana Bento, com a colaboração de Bruno Pinto. Na área da programação, a associação organiza e programa o festival *Que Jazz é Este?*, desde 2012. Em 2015 lançou um carimbo discográfico – GiraDiscos – através do qual procura apoiar a edição discográfica independente e cujo catálogo integra neste momento nove discos.

Viseu · girasolazul.com

GUARDA RIOS

O coletivo Guarda Rios reúne artistas e investigadores com práticas de pensamento diversas, que são ativadas a partir de processos artísticos participativos, envolvendo as respetivas comunidades onde o projeto se apresenta. Desde 2019 que o coletivo tem mapeado questões relacionadas com a gestão da água, ou o impacto humano sobre os ecossistemas fluviais, e partilhado esses temas em eventos, exposições e atividades, percorrendo geografias que vão do interior ao litoral, de norte a sul, dos meios rurais aos centros urbanos. Destacam-se os seguintes eventos e exposições: *Observatório dos Rios* (desde 2023), coprodução com o Teatro Nacional D. Maria II/Fundação Calouste Gulbenkian; *Centro Mutável*, Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisboa (2022); *Ilustração à Vista*, 23 Milhas, Ílhavo (2022); *Fórum Antropoceno 2021*, Presidência Portuguesa da Comissão Europeia, Museu do Côa (2021); *Não É Nada É Isto Tudo*, Instituto, Porto (2021); *Sympósion*, Tapada da Tojeira, Vila Velha de Ródão (2021); *Anthropocene Campus Lisboa: Parallax*, Culturgest, Lisboa (2020) e *Chamar os Pássaros*, Lisboa Soa (2019).

Lisboa · guardarios.org

LIMITE ZERO

Fundada em 2003, a Limite Zero Associação Cultural assume-se como organismo cultural voltado para a concretização de iniciativas em diversos domínios artísticos. A sua atividade estende-se à produção de espetáculos de teatro e de formas animadas, à produção vídeo e também à formação. Assim, não limitando a atividade à produção e promoção de eventos culturais, criou ainda um espaço de experimentação e cruzamento de diversas linguagens artísticas, nomeadamente a expressão dramática, as formas animadas e o vídeo e, mais recentemente, a modelação e impressão 3D na construção das formas animadas.

Maia · limitezero.info

LUGAR ESPECÍFICO

Dedicado à mediação cultural e à arte-educação, sediado em Lisboa, o Lugar Específico é um espaço cujos projetos propõem promover o desenvolvimento sociocultural da comunidade e o desenvolvimento das pessoas de uma forma global (física, emocional, mental), através de atividades, criações e encontros de ordem artística, educativa, cultural ou comunitária, que promovam o encontro e a interação entre as pessoas e a arte contemporânea. Procura, deste modo, contribuir para a criação de uma comunidade de seres mais justos, tolerantes, emancipados, criativos, atentos, críticos, ativos, afetivos, despetos, conhecedores, conectados e autónomos.

Lisboa · lugarespecifico.pt

MARINA PALÁCIO

Poeta-naturalista e amante de livros, lobos, pássaros, árvores e silêncio. Ilustradora, autora de banda desenhada, realizadora de cinema de animação e artista-educadora das *Oficinas de Leitura e Criatividade – Educação pelo Livro, Arte e Natureza* (desde 2009). A ligação com o Teatro Passagem de Nível, e o curso de “ator-marionetista”, reforçaram o seu interesse pela experimentação e cruzamento das expressões artísticas. Desde 2015 tem criado percursos artísticos em diversas regiões do país, a partir de residências artísticas, envolvendo as comunidades, para criar leituras poéticas, criativas e empáticas com as paisagens, cruzando, também, com literatura e características identitárias/culturais dos lugares. Criou em 2022 a editora Edições O Lobo e o Vento! – diálogos poéticos, sensíveis, silvestres/ecológicos, empáticos e imaginativos sobre a biodiversidade de Portugal e do mundo, para desenvolver os seus projetos literários e gráficos. Esta comunicação poética, que estabelece ao longo dos anos com os seres vivos, permite-lhe descobrir histórias da fauna, flora e outras formas de vida, nas madrugadas e nos crepúsculos.

Amadora · marinapalacio.blogspot.com

ONDAMARELA

Esta estrutura artística encontra nas pessoas, e nos lugares, a inspiração para o desenvolvimento dos seus projetos. A Ondamarela acredita que provocar a experiência de criar um objeto artístico totalmente novo e original – com a participação efetiva das pessoas, das suas histórias, das suas angústias, das suas vontades, na relação com os seus lugares –, gera transformações importantes no caminho de uma democracia cada vez mais forte. Sediada em Guimarães, e em atividade desde 2015, centra a sua ação em práticas participativas e criação artística comunitária, em diversos âmbitos: *performances* de comunidade (espetáculos de música, de teatro, dança, videoarte), programação/curadoria cultural, oficinas educativas, jogos, conversas, objetos de mediação e formação. Tem trabalhado com uma grande diversidade de organizações, em Portugal e no estrangeiro. A Ondamarela foi galardoada com o Prémio Acesso Cultura 2019 – Acesso Social e Intelectual. Entusiasma-se com o encontro, a escuta, o confronto, o compromisso, na partilha e na criação de novas comunidades: a comunidade como “sentimento de nós”.

Guimarães · ondamarela.pt

PELE

É um coletivo que desenvolve projetos de criação artística enquanto espaços de reflexão, ação e participação cívica e política, potenciando processos de transformação individual e coletiva. Desde 2007, a Pele procura que a sua atuação se mantenha alinhada com as urgências dos territórios e das comunidades, privilegiando a acessibilidade e a participação em múltiplas centralidades. Através do cruzamento de públicos, sectores, linguagens artísticas, territórios e parceiros, gera espaços de tomada de decisão horizontais e modelos alternativos de criação coletiva.

Porto · apele.org/pt

TALKIE-WALKIE

Esta estrutura tem divulgado a cultura arquitetónica e o conhecimento do território, através de uma programação de visitas orientadas por especialistas, percursos performativos ou *workshops* de mediação para diferentes públicos. Cada programa é desenhado a partir das especificidades do lugar, reunindo diferentes saberes populares e académicos; recorre a arquivos históricos ou ficcionais; convoca à criação artistas e pensadores com práticas multidisciplinares. Manuel Tur – encenador, ator e professor – é chamado por teatros nacionais e companhias para colaborar na direção artística e de atores, e por instituições para a conceção de visitas-performativas ou leituras encenadas. Os projetos culturais desenvolvidos pela Talkie-Walkie e Manuel Tur partem do mapeamento de paisagens e do património arquitetónico, onde existem narrativas históricas, ficcionais ou mágicas que são transmitidas pelos seus habitantes ou por quem as investiga, deixando lastro onde são implementados. Nestes processos de criação, em coautoria, acreditam que as metodologias de interação contribuem para que cidadãos ganhem uma consciência mais implicada com os lugares que habitam.

Porto · talkie-walkie.eu

UMCOLETIVO

É uma associação cultural, fundada em 2013, que desenvolve atividades no âmbito da criação artística, tendo como eixos a relação com o território, a exploração plástica da palavra e a convocação do público para o epicentro do objeto artístico – onde transversalmente se encontra uma ideia de reescrita, de tempo real e de voz. Com sede em Portalegre, no Convento de Santa Clara, a estrutura é constituída por Bruno Caracol, Cátia Terrinca, David Costa, João P. Nunes, Raquel Pedro, Ricardo Boléo e Rui Salabarda. *Ventriloquia* é o projeto mais recente da Umcoletivo, através do qual se recupera, interpreta e partilha espólio literário feminino do século XX, desenvolvendo a partir dele objetos contemporâneos.

Portalegre · umcoletivo.pt





CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Álvaro Miranda (Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas)
p. 148, 237

Filipe Ferreira (Teatro Nacional D. Maria II)
p. 189

Hugo Andrade (OAASS: Olho.te Associação Artística Solidariedade Social)
pp. 150, 151

João Vaz (Maus da Fita)
p. 239

João Versos Roldão (Teatro Nacional D. Maria II)
pp. 6, 7, 8, 9, 15, 16, 25, 26, 34, 49, 50, 65, 66, 89, 90, 99, 102 (topo), 104, 105, 106-107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 118-119, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128-129, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 152, 153, 154, 155, 156-157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164-165, 166, 167, 172, 173, 174, 175, 176-177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 191, 193, 194, 197, 199, 200, 202, 205, 209, 211, 217, 219, 221, 223, 227, 229, 230, 241, 243, 244, 247, 249, 251, 253, 255, 257, 258, 261, 263, 265, 267, 271, 273, 279, 280, 288

Lais Pereira (Ondamarela)
pp. 102 (baixo), 103

Léa Prisca López (Teatro Nacional D. Maria II)
pp. 149 (topo), 233

Maria Abrantes Alves (Teatro Nacional D. Maria II)
p. 269

Miguel Gregório
(Câmara Municipal de Angra do Heroísmo)
pp. 149 (baixo), 235

Rafael Farias (Teatro Nacional D. Maria II)
pp. 123, 139, 207, 213, 215, 255

NOTAS BIOGRÁFICAS AUTORES

LÉA PRISCA LÓPEZ

Mediadora e programadora cultural, é licenciada nas Belas Artes de Montpellier, com um mestrado de Planeamento Regional e Urbano pela Universidade de Aveiro. Desenvolve formações e projetos de mediação cultural, programando eventos em cocriação com as comunidades locais. Em 2022 juntou-se à 4iS Inovação Social, no projeto europeu Tandem – Regions of Solidarity e nos projetos de comunidades para Aveiro'24, *Baile com Brisa do Mar* e *Cinema no jardim das Flores* com comunidades vulneráveis e artísticas. É mediadora do programa ATOS do Teatro Nacional D. Maria II, e desenvolve oficinas culturais participativas em Braga'25, através da sua associação Echo Colectivo, para o projeto *Forma da Vizinhança* dos Space Transcribers.

LUÍS JERÓNIMO

Diretor do Programa Equidade da Fundação Calouste Gulbenkian. Anteriormente, foi diretor do Programa Gulbenkian Desenvolvimento Sustentável (2020–2022) e diretor do Programa Gulbenkian Coesão e Integração Social (2018–2019). Iniciou o seu percurso na Fundação Calouste Gulbenkian em 2006, tendo desenvolvido e coordenado o portefólio de projetos da Fundação nas áreas da inovação social e investimento de impacto. Foi membro do Board of Directors da European Venture Philanthropy Association, entre 2018 e 2022. É licenciado em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tendo concluído em 2013 o INSEAD Social Entrepreneurship Programme e, em 2015, o General Management Programme na Judge Business School da Universidade de Cambridge.

LUÍS SOUSA FERREIRA

Atualmente, exerce as funções de adjunto da Direção Artística do Teatro Nacional D. Maria II, com especial foco no projeto *Odisseia Nacional*. Acumula a direção artística do projeto *Aldear*, na região do Douro Tâmega e Sousa, e a atividade de docente na ESAD das Caldas da Rainha, no curso

de Programação e Produção Cultural. Em 2022, criou a Riscado, empresa dedicada a projetos de coesão territorial. Foi fundador e diretor artístico do 23 Milhas, Bons Sons e Caminhos do Médio Tejo. Trabalhou também na Braga'27, experimentadesign e CENTA (Centro de Estudos de Novas Tendências Artísticas). É cronista regular na revista *Gerador*.

MARIA ABRANTES ALVES

Cresceu numa terra de encantar, nos saltitantes campos alentejanos. A admiração pelas palavras, a oportunidade de as dizer, de questionar e contar histórias, conduziram-na ao teatro e à escrita. A sua formação passa pelo Curso Profissional de Artes do Espetáculo, pela EPTC, licenciatura em Teatro pela ESTC – ramo Atores, e mestrado em Gestão Estratégica de Eventos, pela ESHTe. Trabalhou como mediadora cultural no Teatro Nacional D. Maria II, enquanto intérprete em diferentes estruturas artísticas, e lecionou a disciplina de teatro. Atualmente exerce a sua atividade na área do Desenvolvimento Cultural, na Câmara Municipal de Mora, e é produtora e intérprete na *Metamorphose* – Centro de Divulgação Artística.

MARIA JOÃO SANTOS

Desde 2006, desenvolve projetos artísticos para instituições culturais, municípios, festivais de artes performativas e música, companhias de teatro e artistas. Atualmente, coordena o programa ATOS, dedicado à Arte Participativa, no Teatro Nacional D. Maria II. Pós-graduada em Arte e Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, e licenciada em Relações Públicas e Publicidade, frequentou o curso Major Events Management, na City University London. Bolseira do INOV-ART/Ministério da Cultura, na European Union Youth Orchestra. Cofundou a Stage One, especializada na produção e difusão de projetos artísticos; criou o festival de artes performativas *Pelo Andar da Carruagem*, no Vale do Tua, e *Do Outro Lado da Linha*, uma *performance* cocriada em parceria com Cláudia Andrade.

MARIA VLACHOU

Diretora executiva da associação Acesso Cultura. Autora dos livros *O que temos a ver com isto? O papel político das organizações culturais* (Ed. Tigre de Papel e Buala, 2022) e *Musing on Culture: Management, Communications and our Relationship with People* (Ed. Bypass, 2010) – e do *blog* homónimo. Foi diretora de comunicação do São Luiz Teatro Municipal (2006–2012) e do Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva (2001–2006). *Fellow* do ISPA – International Society for the Performing Arts (2018, 2020) e do DeVos Institute of Arts Management at the Kennedy Center for the Performing Arts (Washington, 2011–2013); mestre em Museologia pela University College London (1994).

MARTIN ESSAYAN

Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian desde 2005, sucedeu ao seu pai (neto de Calouste Sarkis Gulbenkian) na responsabilidade pelos pelouros da Delegação do Reino Unido, em Londres, e do Departamento das Comunidades Arménias da Fundação. É igualmente administrador da St. Sarkis Charity Trust, estabelecida por Calouste Gulbenkian para apoiar duas instituições por si criadas: a Igreja de St. Sarkis em Londres e a Biblioteca Gulbenkian em Jerusalém. Frequentou o Colégio de Eton (1972–1977), licenciou-se em Engenharia pela Universidade de Cambridge [Emmanuel College (1978–1981)] e obteve um MBA pela Harvard Business School (1986–1988).

NARCISA COSTA

Gestora de projetos de Arte Participativa e Acesso à Cultura, na Fundação Calouste Gulbenkian. Formada pela Escola Superior de Dança (Lisboa) e pela Hogeschool voor the Kunsten/European Dance Development Center (Arnhem), desenvolveu grande parte da sua atividade profissional como produtora e gestora de projetos artísticos e culturais, tais como: Festival Danças na Cidade, Companhia Re.Al/João Fiadeiro, Espaço do Tempo, Companhia Clara

Andermatt, Alkantara Festival, Arena Ensemble, Festival de Música de Setúbal e outros. Nos últimos anos, o seu interesse orientou-se para a promoção da participação e do acesso às artes e cultura, fundamentais para a criação de sociedades mais justas.

PAULA VARANDA

Doutorada em Estudos Artísticos pela Middlesex University (Londres) e licenciada pela Escola Superior de Dança (Lisboa), é autora de diversos artigos científicos e de cultura e dos livros: *70 Críticas de Dança* (Caleidoscópio, 2020) – escritas para o jornal *Público*; *Dançar é Crescer – Aldara Bizarro e o Projeto Respira* (Caleidoscópio, 2012) e *Nu Kre Bai Na Bu Onda* (Alkantara, 2010). Dirigiu o projeto Dansul no sudeste alentejano (2008–2015). Foi diretora geral das Artes (Ministério da Cultura, 2016–2018). É investigadora do Instituto de História da Arte e professora do Mestrado em Artes Cénicas (FCSH/ Universidade Nova de Lisboa) desde 2019. Dirige a Companhia Maior desde 2020. Em 2023 começou a ensinar nas licenciaturas de Dança e Teatro do Instituto Politécnico de Lisboa.

PATRÍCIA SILVA SANTOS

Doutorada em Sociologia pelo ISCTE-IUL e responsável pela área de monitorização e avaliação das atividades no Teatro Nacional D. Maria II. Desde 2004 que coordena, desenvolve e avalia projetos na área da educação em Organizações Não Governamentais (Contato CRJ – Brasil, CIDAC, Atelier 3). A partir de 2011 passou a integrar projetos de investigação na área da sociologia no Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES-IUL), tal como equipas de avaliação (A3ES, Associação A3S). Autora de diversas publicações e artigos científicos na área da sociologia da ciência, educação e conhecimento.

PEDRO PENIM

Nascido em Lisboa, é encenador, ator e dramaturgo. O seu trabalho estende-se também à programação, às conferências, à tradução e ao ensino, tendo já sido apresentado por todo o território português, bem como em diversos países da Europa, América do Sul, Ásia e Médio Oriente. É licenciado em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema, e tem um mestrado em Gestão Cultural pelo ISCTE. Fundou em 1995 o coletivo Teatro Praga, companhia emblemática da criação contemporânea, e em 2013 o espaço cultural Rua das Gaivotas 6. Em novembro de 2021 foi nomeado diretor artístico do Teatro Nacional D. Maria II.

RUI CATARINO

É atualmente presidente do Conselho de Administração do Teatro Nacional D. Maria II e docente da Escola Superior de Teatro e Cinema. Gestor e produtor cultural, trabalhou, ao longo de 25 anos, no São Luiz Teatro Municipal (diretor executivo), OPART (administrador), Fundação de Serralves (assessor da Direção-Geral), Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura (equipa de direção executiva) e Fundação GDA (consultor), entre outros. Foi assessor da vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa e do secretário de estado da Cultura. Estudou no Conservatório Calouste Gulbenkian, em Braga, é licenciado em Economia pelo ISEG, pós-graduado em Gestão Cultural pelo ISCTE-IUL e Fellow Alumn do Institute of Arts Management at the Kennedy Center, em Washington.

SOFIA CAMPOS

É atualmente vogal do Conselho de Administração do Teatro Nacional D. Maria II. No seu percurso de gestora e produtora cultural destaca o trabalho na Companhia Nacional de Bailado (diretora artística), no Alcantara Festival (diretora geral e assessora artística), na RE.AL/João Fiadeiro (diretora de produção e responsável de difusão), no Festival Danças na Cidade (produtora executiva) e a consultoria a estruturas, artistas e projetos nas áreas da dança, teatro, artes visuais e vídeo. Formada em Dança (Escola Superior de Dança), pós-graduada em Gestão das Artes na Cultura e na Educação (Escola Superior de Educação Jean Piaget) e mestre em Práticas Culturais para Municípios (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

SÓNIA TEIXEIRA

Tem desempenhado funções na área financeira e de gestão ao longo de toda a sua carreira de 26 anos. Foi vogal do Conselho de Administração do Teatro Nacional D. Maria II de janeiro de 2021 a junho de 2024. Atualmente é vogal do Conselho de Administração da Museus e Monumentos de Portugal. Foi de 2016 a 2019 técnica especialista financeira no gabinete da secretária de estado da Cultura e do ministro da Cultura (XXI Governo Constitucional). Antes, foi consultora da UTAM — Ministério das Finanças, e diretora administrativa e financeira do OPART, Organismo de Produção Artística, EPE. Licenciada em Economia e pós-graduada em Finanças, concluiu em 2012 o MBA pelo Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente

António M. Feijó

Administradores executivos

Martin Essayan, Guilherme D'Oliveira Martins,
António Cruz Serra, Cristina Casalinho

Administradores não executivos

Graça Andersen Guimarães, Pedro Norton,
Jorge Vasconcelos, Isabel Capelo Gil

PROGRAMA EQUIDADE

Diretor

Luís Jerónimo

Gestores de projeto

Anabela Salgueiro, Bruno Macedo, Hugo de
Seabra, Inês Henriques, Luís Correia, Louisa
Hrabowy, Narcisa Costa

Divulgação

Patrícia Fernandes, Sofia Byrne

EQUIPA PROGRAMA ATOS

Coordenação

Narcisa Costa

Acompanhamento e monitorização dos projetos no território

Catarina Claro (Madeira)
Fátima Alçada (Norte e Centro)
Paula Varanda (Alentejo e Algarve)
Rita Serra e Silva (Açores)

Comunicação

Elisabete Caramelo, Luís Proença, Sara Ramos

Marketing

Nuno Prego, Susana Prudêncio, Clara Vilar,
Ana Lopes, Andreia Constantino, Pedro Relvas

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

DIREÇÃO ARTÍSTICA

Pedro Penim

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Rui Catarino, Sofia Campos

FISCAL ÚNICO

Amável Calhau & Associados, SROC, Lda.

Adjunto direção artística

Luís Sousa Ferreira

Assessoria direção artística

Sandra Azevedo

Secretariado

Marina Almeida Ricardo

Motorista

Filipe Guerreiro

ELENCO RESIDENTE

João Grosso, José Neves, Manuel Coelho

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Carla Ruiz

Produção executiva

Pedro Pires (coord.), Bruna Antonelli, Eva Nunes,
João Lemos, Paula Fernandes, Pedro Pestana,
Rita Forjaz, Sara Caeiro

DIREÇÃO DE CENA

André Pato

Diretoras/es de cena Andreia Mayer,

Carlos Freitas, Catarina Mendes, Isabel Inácio,

Pedro Leite, Sara Cipriano

Guarda-roupa Aldina Jesus (coord.),

Ana Martins, João Pinto, Sílvia Galinha

Auxiliares de camarim Carla Rodrigues,

Nádia Gama, Paula Miranda

Adereços Nuno Costa

Assistente direções de cena e técnica Sara Villas

DIREÇÃO TÉCNICA

Rui Simão

Coordenação técnica Daniel Varela

Maquinaria e mecânica de cena Frederico

Godinho (coord.), Jorge Aguiar, Lindomar Costa,

Marco Ribeiro, Miguel Carreto, Paulo Brito,

Reginaldo Silva

Iluminação Feliciano Branco (coord.), Alexandre

Costa, Cláudio Marto, Filipe Quaresma, Gonçalo

Morais, Luís Lopes, Pedro Alves

Som/Audiovisual João Pratas (coord.), André

Dinis Carrilho, João Francisco Silva, João Neves,

Margarida Pinto, Rui Dâmaso

Motorista Carlos Luís

DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO E *MARKETING*

João Pedro Amaral

Assessoria de imprensa Élia Teixeira

Digital Joana Bonifácio, Mariana Santos

Edição de conteúdos Diogo Seno

Produção de comunicação Catarina Freire,

Matilde Navas

Secretariado Paula Martins

DIREÇÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Luís Cá

Controlo de gestão Diogo Pinto

Contabilidade Susana Cerqueira (coord.),

Carolina Lemos, Sophie Tomás

Compras Eulália Ribeiro

Contratação pública Rute Presado (coord.)

Tesouraria Sofia Ventura

RECURSOS HUMANOS

Lélia Calado, Luísa Araújo, Madalena Domingues

DIREÇÃO DE MANUTENÇÃO

Susana Dias

Coordenação de manutenção Albertina Patrício

Manutenção geral Raul Rebelo (coord.),

Eduardo Chumbinho, Tiago Trindade

Sistemas de informação Carlos Dias (coord.),

Nuno Viana

Limpeza Ana Paula Costa, Luzia Mesquita

DIREÇÃO DE RELAÇÕES EXTERNAS

E FRENTE DE CASA

Ana Ascensão

Parcerias, desenvolvimento e fundraising

Ana Pinto Gonçalves, Joana Grande

Mediação e projetos de continuidade Carolina

Villaverde Rosado, Daniela Matos, Léa Prisca

López, Maria Abrantes Alves, Maria João Santos,

Mariana Gomes

Avaliação e monitorização Patrícia Silva Santos

Bilheteira Rui Jorge (coord.), Carla Cerejo,

Sandra Madeira

DIREÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO E PATRIMÓNIO

Cristina Faria

Produção executiva Patrícia Romão

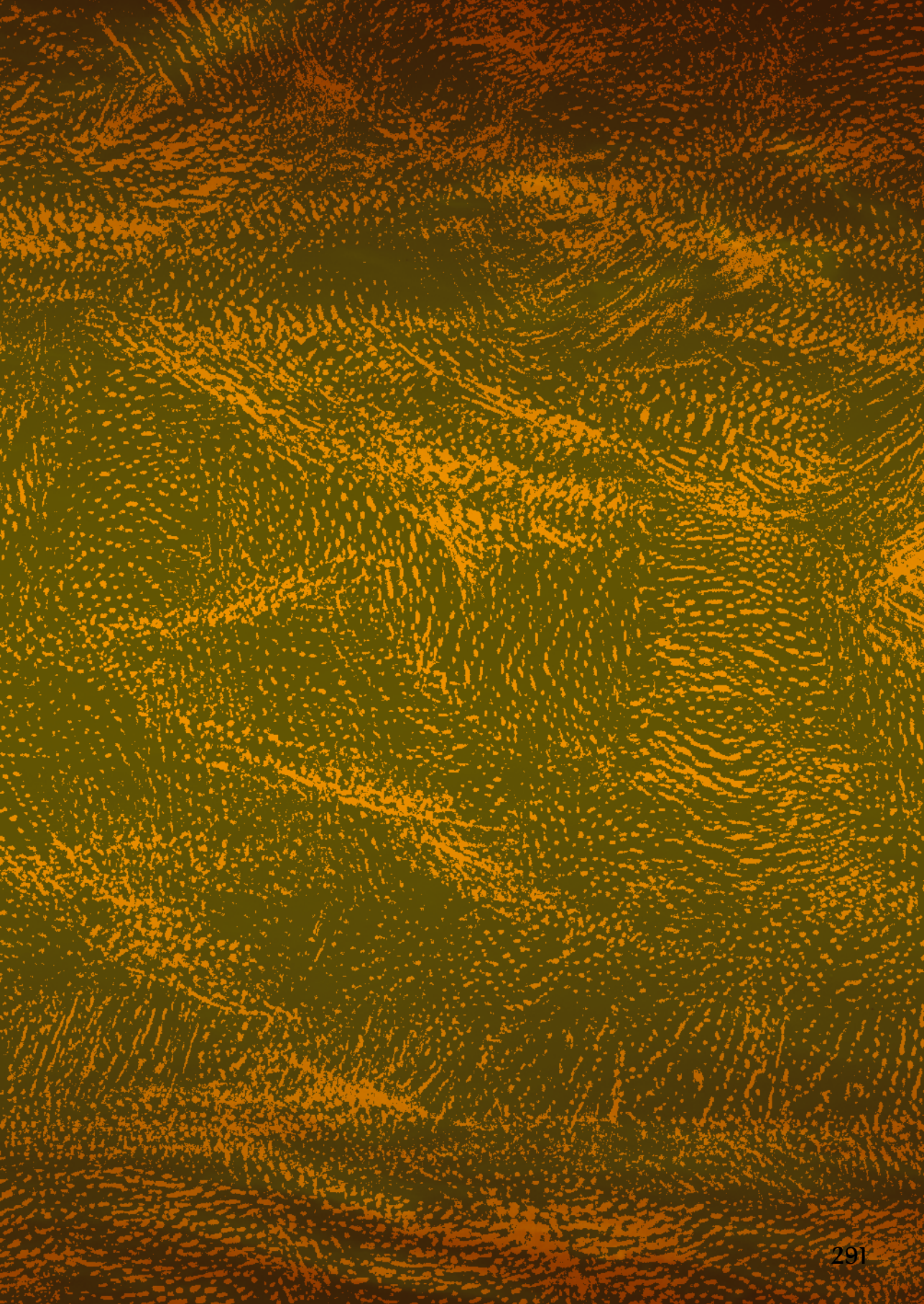
Acervo Rita Carpinha

Biblioteca/Arquivo Catarina Pereira,

Ricardo Cabaça, Vera Azevedo

Livraria Maria Sousa





O programa ATOS foi concebido para promover práticas artísticas de participação com as comunidades de 40 municípios de norte a sul de Portugal continental, Madeira e Açores. Inaugurado em 2023, o ATOS foi concretizado numa parceria entre a Fundação Calouste Gulbenkian e o Teatro Nacional D. Maria II, no âmbito da iniciativa Odisseia Nacional. Este livro relata e analisa uma experiência rica de encontros entre pessoas e lugares, bem como os processos de trabalho que geraram 43 criações ou iniciativas cidadãos nos municípios. Conjugam-se diferentes olhares sobre um percurso inédito que nos oferece um retrato do país e que servirá, também, para refletir e avançar na concretização de uma efetiva democracia da cultura.